

CARLOS FALCÃO DE MATOS

A EVOLUÇÃO DO SER ESPIRITUAL DAS TREVAS PARA A LUZ

ESPÍRITOS DE LUZ E ENTIDADES TREVOSAS, REENCARNAÇÕES E
CARMAS, CHAKRAS, MEDIUNIDADE, FENÔMENOS PARANORMAIS,
CORPOS SUTIS, MUNDOS ESPIRITUAIS, SERES EXTRA-FÍSICOS



A LUZ DO SER
edições

**A EVOLUÇÃO
DO SER
ESPIRITUAL**

Título:

A Evolução do Ser Espiritual

Autor:

Carlos Falcão de Matos

Editora:

A Luz do Ser - Edições

Direitos reservados:

© A Luz do Ser

ISBN:

978-65-00-23034-5

Título e Original protegidos por lei

MINISTÉRIO DA CULTURA

Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Escritório de Direitos Autorais/Rio de Janeiro

Nº Registro: 616.256

Livro: 1.182

Folha: 118

Proibida a reprodução ou duplicação desta obra, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, distribuição na Web etc.), sem prévia permissão escrita da editora.

Carlos Falcão de Matos

(Em anterior edição foi usado o pseudônimo Alexandre Mattos)

A EVOLUÇÃO

DO SER

ESPIRITUAL



A Luz do Ser

edições



*Ao Criador, nosso amado Deus, com
infinita gratidão pela sua benevolência.
Aos nossos Anjos e Guias espirituais,
pela sua proteção e valiosos conselhos.
À minha amada esposa, Cleonice Matos,
musa inspiradora e alma gêmea, pelo
seu amor, companheirismo e incentivo.*

Índice

[Introdução](#)

[A Reencarnação](#)

[Oportunidades iguais](#)

[O planejamento reencarnatório](#)

[É aqui que se aprende](#)

[Ressurreição ou reencarnação?](#)

[A reencarnação na igreja primitiva](#)

[A reencarnação na Antiguidade](#)

[A reencarnação na Bíblia](#)

[Os cristãos e a reencarnação](#)

[A maioria da humanidade acredita na reencarnação](#)

[A Ciência e a reencarnação](#)

[O despertar do espiritismo](#)

[Crianças com memórias de vidas passadas](#)

[A morte: um ato de libertação](#)

[Experiências de quase-morte \(EQMs\)](#)

[Terapias de vidas passadas \(TVP\)](#)

[Os sempre céticos...](#)

[Uma Ciência mais espiritualizada](#)

[Os Carmas](#)

Dívidas cármicas

Temos memórias cármicas?

Os mortos não dormem...

A força do perdão

Todo o delito é cobrado

Reencarnar por amor

Resgatar todos os carmas

Vidas cruzadas

Espíritos simpáticos

Almas gêmeas

[Curas milagrosas](#)

[O livre-arbítrio](#)

[A Mediunidade](#)

[Ser-se médium requer uma conduta exemplar](#)

[Mediunidade é transtorno mental?](#)

[A mediunidade nos animais](#)

[Uma prova de amor](#)

[Salva pela cadela](#)

[As Antenas](#)

[da Mediunidade](#)

[A Glândula Pineal](#)

Os Chakras

Chakra básico

Chakra sacro

Chakra plexo solar

Chakra cardíaco

Chakra laríngeo

Chakra frontal

Chakra coronário

Fenômenos Supranormais

Mediunidade ou animismo?

Existe mediunidade sem animismo?

Fenômenos Anímicos e Mediúnicos

Anagnosia

Apport

Audiência

Autoscopia

Bilocação

Biopausia

Canalização

Clariaudiência

Clariolfatismo

[Clarividência](#)

[Combustão humana espontânea](#)

[Criptomnésia](#)

[Déjà vu](#)

[Endoport](#)

[Estigmatização](#)

[Fenômenos de poltergeist](#)

[Fotogénese](#)

[Hiperestesia](#)

[Imantação](#)

Incombustibilidade

Inspiração

Intuição

Levitação

Materialização de espíritos

Médium de cura

Médium de efeitos físicos

Médium de incorporação

Médium de incorporação consciente

Médium de incorporação semiconsciente

Médium de incorporação inconsciente

Médium de transporte

Necromancia

Parapirogenia

Passista

Pictografia

Pirovasia

Pneumatofonia

Pneumatografia

Premonição

Projeção da consciência

[Psicocinesia](#)

[Psicofonia](#)

[Psicografia](#)

[Psicometria](#)

[Sematologia](#)

[Sonambulismo](#)

[Soniloquia](#)

[Telepatia](#)

[Telecinesia](#)

[Terceira visão](#)

[Tiptologia](#)

[Transfiguração](#)

[Viagem astral](#)

[Vidência](#)

[Xenoglossia](#)

[Zoantropia](#)

[Corpos Sutis](#)

[Corpo físico](#)

[Corpo etérico](#)

[Corpo astral](#)

[Corpo mental](#)

[Corpo causal](#)

[Corpo búdico](#)

[Corpo átomico](#)

[A Aura](#)

[O ESPELHO DA ALMA](#)

[Fotografia Kirlian](#)

[A Leitura de Aura](#)

[Vampirismo energético](#)

[Universo Setenário](#)

[Universo Setenário](#)

[Os sete planos vibratórios](#)

O plano físico

A morte física

Despertar no outro mundo

O plano astral

Regiões inferiores

PLANO ASTRAL

Umbral: um verdadeiro inferno!

Sofrer eternamente?

Tiranos e escravos

As trevas: as regiões abissais do Umbral

[Expulsos do planeta](#)

[As equipas de resgate](#)

[Táticas de aliciamento](#)

[A crosta terrestre](#)

[Colônias espirituais](#)

[REGIÕES INFERIORES E SUPERIORES](#)

[Campo de Paz](#)

[Nosso Lar](#)

[Aruanda: onde há paz e amor](#)

[Os espíritos de Luz já foram índios ou escravos negros?](#)

[Regiões superiores](#)

PLANO ASTRAL

Plano mental

Seres Físicos e Extrafísicos

Seres humanos

ENCARNADOS

Mestres espirituais

Médiuns

Técnicas de apometria

Pessoas comuns

Feiticeiros

[Um bruxo convertido](#)

[Seres humanos](#)

[DESENCARNADOS](#)

[Desencarnados](#)

[ENTIDADES DO BEM E ESPÍRITOS COMUNS](#)

[Mestres e missionários](#)

[Guias espirituais](#)

[Desencarnados comuns](#)

[Restaurar a consciência](#)

[A morte violenta](#)

[O regresso ao lar](#)

[Desencarnados](#)

[ENTIDADES DO MAL E ESPÍRITOS INFERIORES](#)

[Magos Negros](#)

[Quiumbas](#)

[Pelos atalhos do Umbral](#)

[Um caso de obsessão](#)

[Os suicidas](#)

[Déspotas e assassinos](#)

[Os reféns do vício](#)

[Obsessores sexuais](#)

[Parasitismo ovoide](#)

[Os egoístas](#)

[Seres não-humanos](#)

[ANJOS E SERES ANGELICAIS](#)

[Os Anjos no cristianismo](#)

[Os Anjos nas outras religiões](#)

[O Anjo da guarda](#)

[Os Orixás](#)

[Seres não-humanos](#)

[SERES ENCANTADOS](#)

[As Mouras Encantadas](#)

Encantados que nunca encarnaram

Humanos que viraram Encantados

Seres não-humanos

ESPÍRITOS DA NATUREZA

Qual é a origem dos Elementais?

Os Reinos dos Elementais

REINO DA ÁGUA, DO AR, DA TERRA, DO FOGO

Reino da Água

Sereias

Ondinas

[Ninfas](#)

[Reino do Ar](#)

[Silfos](#)

[Fadas](#)

[Reino da Terra](#)

[Gnomos](#)

[Duendes](#)

[Reino do Fogo](#)

[Salamandras](#)

[Seres não-humanos](#)

[CRIATURAS ARTIFICIAIS](#)

[Formas-pensamento](#)

[Miasmas ou larvas astrais](#)

[Elementais artificiais](#)

[Implantes de elementais artificiais](#)

[Sombras e Cascões astrais](#)

[Invólucros vitalizados](#)

[PUBLICADOS](#)

[Bibliografia](#)

Introdução

A Evolução do Ser Espiritual é um aliciante roteiro pelos misteriosos mundos das dimensões espirituais – desde os planos mais escusos aos mais elevados – incluindo as múltiplas criaturas humanas e não humanas que fazem parte do prodigioso Universo criado por Deus.

O leitor é convidado a entender o porquê dos carmas e das reencarnações, a desvendar os mistérios dos planos extrafísicos que nos permeiam, a compreender a importância da evolução do espírito, a identificar os seres etéreos que nos ajudam ou nos prejudicam e, como corolário, a encarar a vida terrena como uma simples passagem para um mundo melhor, para o qual nos devemos preparar agora, procurando sermos mais felizes connosco e vivermos em paz e harmonia com os outros.

Numa linguagem simples e didática, os conteúdos são apresentados de forma progressiva, à medida que se vai adicionando informação, havendo recurso a notas de rodapé quando necessário.

Sobre o autor

Carlos Falcão de Matos foi editor de livros didáticos, paradidáticos e infantis, entre outras publicações e coautor de manuais escolares de ciências naturais. Também foi autor de livros infanto-juvenis, destacando-se a agenda pedagógica A MINHA AGENDA, com desenhos de Zé Manel e parceria comercial com a RTC/RTP (Rádio Televisão Portuguesa). Essa publicação foi durante onze anos uma importante referência editorial devido ao seu sucesso junto dos jovens (e menos jovens) leitores.

Na sua longa carreira profissional de mais de três décadas como editor, o autor fez parte de prestigiadas editoras portuguesas, como a PLÁTANO EDITORA, de que foi sócio fundador em 1972 e diretor de produção. Em 1975 foi sócio, administrador e diretor-geral da DIDÁTICA EDITORA, empresa fundada em 1944 por três sócios, entre os quais o seu avô, o insigne professor e autor didático Alves de Moura.

Em 1979 fundou a EDITORIAL O LIVRO, uma empresa pioneira em muitos projetos didáticos inovadores e que alcançou uma invejável posição no mercado do livro escolar. Nessa época foi igualmente diretor da revista pedagógico-recreativa A TURMA X com cento e vinte mil assinantes, constituídos na sua maioria por alunos e professores das escolas do ensino médio.

A residir no Brasil desde 2005, o autor tem-se dedicado à fotografia de Natureza e à escrita de livros sobre o meio ambiente e a vida animal. Os fenômenos paranormais e outras manifestações das esferas espirituais têm sido, também, motivo de estudo e reflexão por parte do autor que sempre se sentiu atraído por um tema que tem tanto de fascinante, quanto de misterioso e transcendente.

Já radicado em terras brasileiras, o autor foi convidado a realizar alguns trabalhos no estrangeiro, nomeadamente em Angola e Moçambique, com reportagens fotográficas de regiões do interior, do litoral e de centros urbanos, para recolha de material iconográfico e conteúdos didáticos destinados a manuais escolares adotados nesses países.

A Reencarnação

Capítulo I

Reencarnarmos quando regressamos à vida terrena com um novo corpo – tal como uma Fénix¹ que renasce das cinzas –, mas agora mais preparados para iniciar um novo projeto de vida.

Na verdade, somos seres imortais, porque a alma é eterna, mas o espírito retorna ao mundo físico para crescer e aprimorar-se, corrigir erros passados, cumprir tarefas, tomar decisões – certas ou erradas – e aprender as muitas lições que irá receber na escola da vida, de forma a ganhar progresso espiritual e procurar ter vidas futuras mais felizes.

Algumas lições são fáceis de aprender e proporcionam uma existência mais tranquila, como viver em paz e harmonia connosco e com os outros.

Outras lições requerem mais aprendizagem, que poderá ser lenta e gradual, pois tudo se processa como a água de uma nascente que, antes de ser límpida e refrescante, passou por intensa lavagem nas entranhas da terra.

Assim será connosco um dia, quando aprendermos todas as lições que o regresso ao mundo físico nos proporciona, até nos convertermos num espírito puro, expurgados do mal e da ignorância e, finalmente, libertos dos ciclos reencarnatórios.

Oportunidades iguais

A existência do Céu e do Inferno como destino final das almas – num gozo eterno para uns e numa expiação sem salvação para outros – é uma visão deprimente e desprovida de bom senso.

Vejamos, seria justo que Deus, na sua infinita bondade, condenasse perpetuamente um filho às labaredas do Inferno por este se ter desviado dos caminhos da virtude e da fé, simplesmente por ter nascido num meio familiar sórdido, em que as referências que colheu desde tenra idade foram a marginalidade, a miséria e a imoralidade?

E, em contrapartida, faria algum sentido existir outra alma que ascendesse aos Céus, depois de uma vida reta e tranquila, apenas porque teve o privilégio de viver no seio de uns pais maravilhosos que lhe deram amor, educação e bons exemplos de convívio familiar e social?

Que diríamos, então, de um irmão que nascesse diminuído fisicamente e que levasse uma vida virtuosa, mas infeliz na sua invalidez e totalmente dependente dos outros? Ganhava o Céu, naturalmente, não pela sua incapacidade física, mas devido à integridade do seu carácter.

E um outro, identicamente digno, que nascesse saudável e tivesse levado uma existência feliz e despreocupada? Também o Céu lhe estava garantido, porque tinha tido igual merecimento. No entanto, enquanto este último havia usufruído de uma vida privilegiada, o outro, provavelmente, tão boas recordações poderia não levar na hora do desencarne...

Por outro lado, seria razoável admitir que o destino de toda a humanidade fosse pré-definido, para que nascessem e coexistissem num mesmo lugar, homens sãos e outros doentes, uns bons e outros maus, alguns inteligentes e outros estúpidos... como resultado de uma programação insensata, esvaída de quaisquer critérios de avaliação moral?

Ou será que a vida de cada um de nós, sendo boa, razoável ou má é obra do acaso, como defendem os materialistas? Se assim fosse, então, tudo isto seria um jogo, uma espécie de lotaria em que haveria irmãos com mais “sorte”, outros com mais “azar” e outros “assim-assim”, para não falarmos dos “super-sortudos” ou dos “super-azarentos”!

Reconheçamos, seria verdadeiramente absurdo admitir qualquer uma destas hipóteses, pois a obra do Criador é sumamente perfeita e nada é feito ao acaso! Como referiu Einstein, num contexto porventura diferente, mas deveras adequado a este assunto: “Deus não joga aos dados”.

Então, reencarnamos para termos uma nova oportunidade de resgate e evolução, quando falhamos ou não cumprimos totalmente os propósitos que anteriormente nos trouxeram ao plano físico.

O planejamento reencarnatório

As reencarnações e os carmas ² – entendidos como consequência das nossas ações – estão intimamente ligadas entre si, pelo que é por força destes últimos que o espírito reencarna. Essa relação termina quando deixa de haver matéria cármica devedora, ficando o espírito desobrigado de regressar à vida terrena.

Na maioria das reencarnações, os responsáveis pelo planejamento reencarnatório, um órgão constituído por espíritos de elevada hierarquia espiritual, ajustam com o futuro encarnado novos planos de vida, que lhe irão proporcionar oportunidades de resgate cármico – reparação de erros de vidas anteriores – e de crescimento moral e intelectual.

Tudo decorre como uma espécie de “negociação amigável”, pois essas bondosas entidades apenas pretendem que o reencarnante tenha sucesso nos propósitos da sua nova existência ao renascer num novo corpo físico.

Outros planos reencarnatórios, porém, processam-se de modo diferente, consoante o contexto e a situação cármica do desencarnado, podendo mencionarse como exemplos extremos:

– Os espíritos missionários que reencarnam voluntariamente para cumprir trabalhos ou missões de grande importância para a humanidade.

– Os espíritos rebeldes, profundamente atrasados e devedores cármicos contumazes, que são reencarnados compulsivamente.

Na obra “Missionários da Luz ³”, psicografada por Chico Xavier⁴, o Espírito Alexandre acompanha o Espírito André Luiz numa digressão no plano astral onde existe uma colônia de planejamento reencarnatório. Nessa colônia não há modelos padronizados nos sistemas de reencarnação, pois «a reencarnação é o curso repetido de lições necessárias (...) E o amor, por intermédio das atividades “intercessoras”, reconduz diariamente ao banco escolar da carne milhões de aprendizes (...) A reencarnação de Segismundo ⁵ obedece às diretrizes mais comuns, porquanto o nosso irmão pertence à enorme classe média dos espíritos que habitam a Crosta, nem altamente bons, nem conscientemente maus».

Nessa dimensão do Astral trabalham espíritos altamente especializados em áreas científicas como biologia, embriologia e genética, entre outras, que analisam e organizam cada um dos processos reencarnatórios devidamente ajustados ao novo ser que vai nascer.

Ainda de acordo com o Espírito Alexandre, a origem do novo organismo «provém do corpo dos pais, que lhes dá a vida, porém, as tendências que cercam cada um desde os primeiros dias, pelo ambiente a que foi chamado a viver ou pelo tipo de corpo com que nasceu, afeta-o mais ou menos, pela força do livre-arbítrio».

Não se herdam qualidades, mas tendências. Um espírito reencarnante e com inclinações viciosas, ao reencontrá-las numa nova vida, vê-se inclinado a desenvolvê-las, pelo que terá de empregar nobres esforços para não se deixar tentar.

Todas as provas a que o novo ser se vai sujeitar ao reencarnar – tipo de família e de meio social, corpo que irá possuir, eventuais acidentes, doenças graves ou não e tantas outras circunstâncias que irão fazer parte da sua nova existência – são necessárias para o espírito procurar “pôr em dia” a sua contabilidade cármica e,

sendo possível, acrescentar-lhe novos créditos espirituais.

Como a maioria daqueles que vão reencarnar acompanharam o planejamento reencarnatório e concordaram com a sua execução, «ninguém se pode queixar de forças destruidoras ou circunstâncias asfixiantes do círculo em que renasceu», esclarece o Espírito Alexandre.

Ao projetarem o futuro corpo do reencarnante, os espíritos responsáveis por esse planejamento têm especial cuidado por cada um dos elementos que vai constituir o seu organismo. É o que sucede com a elaboração do mapa genético que, entre outras particularidades, poderá incluir moléstias de origem cármica, caso as haja – como expiação de faltas cometidas em vidas passadas – e que poderão ser de nascença ou advirem mais tarde.

Mas, mesmo nesses casos, devido à misericórdia de Deus, são disponibilizados meios que permitem, em muitas circunstâncias, regenerar ou desativar uma doença programada, pelo que o bom ou mau desempenho do encarnado nas suas decisões reflete-se no tipo de vida que vai ter. Na realidade, segundo o citado Espírito, quando o encarnado tem como principal referência o amor, «emite forças equilibrantes e restauradoras para os trilhões de células de seu próprio organismo; quando perturbado, emite raios magnéticos de alto poder destrutivo para estas mesmas células».

Percebe-se, então, como o destino pode mudar. Se esse novo ser resistir ao apelo de sentimentos condenáveis e pautar a sua conduta por valores elevados, como o amor e a caridade, reduzirá o risco da emissão dos raios “de alto poder destrutivo” – causadores de doenças graves – e que poderiam fazer parte do seu atual plano reencarnatório.

Não menos importante é que esse comportamento irá traduzir-se em claro

benefício da sua evolução espiritual e, muito provavelmente, de uma futura existência terrestre mais tranquila, pois tudo o que se é numa nova existência é fruto da sementeira que foi feita no passado.

É aqui que se aprende

O aprendizado na escola da vida é feito, essencialmente, através das muitas lições que são dadas no plano físico, quando a alma renasce na carne para viver mais uma etapa da sua longa aprendizagem espiritual.

Os espíritos mais evoluídos têm consciência desse fato, de quão importante é o regresso ao mundo terreno para aperfeiçoar conhecimentos, ajudar os que lhes estão mais próximos e reparar situações que, em vidas anteriores, ficaram por resolver. É devido a esse sentimento de amor e de objetivos a cumprir, que voltam a reencarnar, pois intentam ganhar progresso espiritual, embora saibam que vão trocar temporariamente uma vida de paz e benquerença no Astral, por uma existência muitas vezes difícil no plano físico.

Acerca da maturidade moral que é comum nos espíritos mais evoluídos, vou relatar um caso que sucedeu comigo numa sessão espiritualista. Uma entidade manifestou-se na forma de uma inocente criança, rindo e agitando a cabecinha, de um lado para o outro, com imensa graciosidade.

Momentos antes tinha sido avisado por um Guia Espiritual que iria ter uma surpresa – um evento raro, salientou – pelo que, quando a criança desceu – incorporando na minha mulher –, estranhei, pois parecia ser um Erê ⁶, tanto mais que começou por me tratar por “titio” e pediu a bênção, estendendo os dedinhos – é costume agirem dessa forma.

Fazendo-se passar por um Erê, a inesperada visitante – era uma menina – manteve a brincadeira por algum tempo, rindo muito devido ao meu embaraço por não ter a certeza de quem era. Na verdade, julgava falar com uma das crianças que descem no centro e, como são muito brincalhonas, tanto podia ser a

Aninha, como a Rosinha, pois costumam brincar com a sua identidade, como num jogo, até eu descobrir qual delas é que está diante de mim.

Mas havia algo de diferente nesta menina, tanto mais que, se era um “evento raro”, não faria nenhum sentido ser uma das nossas queridas amiguinhas. No entanto, continuava na ideia de que era uma das nossas Erês, a Aninha ou a Rosinha. A certa altura, a criança, batendo as mãozinhas, riu-se muito e gritou: – «Não, titio, não sou nenhuma delas!» e começou a falar. Explicou-me ao que vinha. Tratava-se de um assunto particular.

Nas palavras que proferia, ditas num modo infantil, demonstrava profunda sabedoria – própria de um espírito desenvolvido – mas, nas expressões do rosto e nos gestos, aparentava ser uma menininha de uns cinco a seis anos, irrequieta e feliz na sua exuberante alegria. Fiquei fascinado com aquela criança, que mais parecia um anjinho, tal era a pureza que irradiava.

Quando, a partir de certa altura, me confessou que iria reencarnar em breve, senti-me angustiado ao imaginar aquele ser puro – como que vindo do Céu – renascer num mundo tão imperfeito como o nosso... tanto mais que a sua candura tocava o coração. Estremeci com a ideia!

Sem me conter, procurei demovê-la desse intento, alegando que este mundo não era lugar para ela – como se, naquele momento, tivesse esquecido tudo o que aprendi sobre o aperfeiçoamento do espírito através da reencarnação.

A criancinha olhou-me benevolmente e, num tom de voz onde havia imensa serenidade, comentou, sorrindo:

– «Mas, titio, é aqui que se aprende!»

– «Sim, na verdade, é aqui que se aprende...» – reconheci de imediato, desarmado pelo inesperado argumento.

Pouco depois a garotinha despediu-se e dirigiu-se ao altar, onde se prostrou com impressionante devoção diante da imagem de Jesus Cristo, aí representado por um crucifixo.

Ao observar aquela cena tão espiritual, recordei-me das suas sábias palavras e pensei como são diferentes os propósitos que nos animam quando estamos do “lado de lá”, precisamente porque o Espírito, livre de vícios e apelos inferiores, vê mais longe os verdadeiros caminhos que deve percorrer, aqueles que conduzem à verdadeira felicidade, mesmo que impliquem algum sacrifício passageiro, como o retorno à vida carnal.

Ressurreição ou reencarnação?

De acordo com as Igrejas Cristãs nem tudo termina com a morte. A alma, que é imortal, separa-se do corpo quando este termina o seu ciclo vital e receberá de Deus a recompensa ou a punição pelas obras realizadas em vida. No fim do mundo, anunciado nas Escrituras, renascerão todos os corpos que se irão unir às almas a que pertenceram em vida. Então, será feito o julgamento final por Jesus Cristo, onde os prémios ou as penas serão decretados por toda a eternidade, considerando as obras virtuosas ou pecaminosas feitas pelo homem durante a sua existência carnal.

No entanto, a ressurreição da carne à luz do raciocínio científico e do senso comum é materialmente impossível. Se os restos do corpo humano, conforme nos explica Allan Kardec⁷, se dispersam pela decomposição «para servir à formação de novos corpos, de tal sorte que uma mesma molécula, de carbono, por exemplo, terá entrado na composição de muitos milhares de corpos diferentes» e que uma pessoa poderá ter no seu corpo ou ingerir com os alimentos moléculas orgânicas provenientes de outros indivíduos, entretanto falecidos; e existindo «em quantidade definida a matéria» e tendo em conta que são imensas as suas combinações, como seria possível reconstituírem-se os corpos com os mesmos elementos que tinham anteriormente?

Do ponto de vista material, é impossível, pelo que «não se pode admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbólica do fenómeno da reencarnação», conclui Kardec.

Como é fácil de ver, jamais seria possível a retomada física dos corpos que outrora os espíritos possuíram, quer uma pessoa tivesse morrido há um século, ou há cinco mil anos ou em qualquer outro momento da longa evolução do homem.

Dissemos evolução do homem e não criação do homem, porque o criacionismo também deve ser entendido como uma alegoria, mas sem fundamento científico. É fato comprovado pela evidência fóssil que o gênero humano não surgiu na Terra tal como o conhecemos atualmente, mas é o resultado de uma evolução biológica de incontáveis milhões de anos, assim como todas as formas de vida conhecidas.

O mesmo se poderia dizer relativamente aos “sete dias da criação do Mundo” ou do “Universo ter seis mil anos de idade”, igualmente referidos no Velho Testamento, que são formas alegóricas que pretendem explicar a gênese do nosso planeta e do Cosmos à luz do conhecimento de épocas e culturas muito antigas, portanto, sem rigor histórico ou científico, no sentido que lhes é hoje atribuído.

Nada disso, porém, põe em causa a natureza divina de muitas passagens das Sagradas Escrituras, bastando recordar, por exemplo, a perene atualidade dos “Dez Mandamentos” anunciados por Moisés no Monte Sinai e, quinze séculos depois, sintetizados por Jesus Cristo nesta admirável sentença: «amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo».

Presentemente, para muitos cristãos e judeus, certas passagens bíblicas, nomeadamente no Velho Testamento, não devem ser levadas à letra, mas consideradas no sentido figurado, contrariamente a algumas correntes fundamentalistas cristãs que defendem – contra todas as evidências científicas – a tese criacionista, a formação do Universo em seis milénios e a leitura literal da Bíblia.

A reencarnação na igreja primitiva

A Bíblia é um maravilhoso testemunho da relação de Deus com o homem desde épocas muito remotas. Difundida por tradição oral e recolhida e escrita pelo próprio homem, as Sagradas Escrituras revelam os princípios civilizacionais que têm norteado a nossa evolução moral ao longo dos tempos, descrevendo as admiráveis vidas de ilustres profetas e, sem dúvida, do mais notável de todos, de Jesus Cristo.

Foi a existência humilde e virtuosa de Jesus, a profunda e sempre atual sabedoria dos Seus sermões, parábolas e pregações, o amor fraterno pelo próximo, a misericórdia perante os pecadores, a extrema devoção a Deus, os prodigiosos milagres que realizou e a Sua crucificação para a nossa Salvação que constituem o fundamento, o exemplo e a doutrina moral de muitas religiões e correntes espiritualistas que fazem do Evangelho a sua principal fonte inspiradora.

Acredita-se que a Bíblia tenha sido escrita por várias dezenas de autores de diferentes regiões e em dois períodos distintos, num total de 1.600 anos aproximadamente. O primeiro, relacionado com o Antigo Testamento, foi provavelmente escrito entre os séculos XV a.C. a V a.C., enquanto o referente ao Novo Testamento deverá ter sido entre os séculos I e II d.C.

A Bíblia, ao longo dos séculos, foi objeto de diversas traduções e transcrições, algumas menos isentas, assim como foram excluídos vários textos considerados apócrifos ⁸ por parte de alguns Concílios Ecumênicos. Como resultado das mutilações que sofreu, a pureza de certos testemunhos foi retirada ou adulterada, de tal forma que não deixa de ser curioso referir que, nas atuais Bíblias, alguns livros classificados como canônicos ⁹ pelos católicos são tidos como apócrifos por judeus e protestantes.

Um dos temas mais “mexidos” foi o respeitante à reencarnação. Na verdade, nos primeiros séculos do Cristianismo, esse conceito parece ter sido assumido por muitos cristãos, ou seja, por parte daqueles que estavam mais próximos dos tempos de Jesus Cristo e que foram os verdadeiros alicerces da primitiva Igreja Cristã, da qual se ergueu a atual Igreja Católica Romana.

De entre os primitivos cristãos nasceu o gnosticismo (séculos II e III d.C.), que foi um movimento religioso esotérico¹⁰ com posições bastante diferentes das outras correntes cristãs, embora professasse o Cristianismo.

Os gnósticos dirigiam a sua relação com Deus a partir do conhecimento (gnose) como um estado de consciência superior que lhes dava acesso aos divinos mistérios ocultos. Face aos Patriarcas da Igreja, a escritora Elizabeth C. Prophet¹¹ refere que os gnósticos «divergiam em relação a várias coisas, inclusive se Jesus era um ser humano ou um ser divino. Mas costumavam concordar a respeito de temas como (...) o processo de salvação e a existência da reencarnação (...). Os gnósticos diziam possuir a interpretação completa, baseada nos ensinamentos secretos de Jesus que lhes foram transmitidos pelos apóstolos».

Os primeiros cristãos sofreram quase três séculos de perseguição nos vastos territórios ocupados pelo Império Romano, perecendo inúmeros inocentes apenas por apregoarem as palavras de um único Deus justo e bom, legadas por Jesus Cristo na sua curta vida em terras da Palestina. O Seu apostolado espalhou-se largamente, cobrindo em poucos séculos imensas regiões do Ocidente e de outras partes do Mundo.

Perante a crescente influência cristã no Império Romano em detrimento do paganismo e da idolatria, Constantino, o Grande – por motivos políticos ou por inspiração divina –, foi o primeiro imperador romano a professar o Cristianismo, decretando-o como religião oficial do Estado. No entanto, no ano 325, determinou que fosse excluído das Sagradas Escrituras tudo o que se

relacionasse com a reencarnação.

Mais de dois séculos decorridos foi ratificada a decisão de Constantino no atribulado II Concílio de Constantinopla, em 553. Nesse concílio, realizado sem a presença do Papa, foram propostos pelo Imperador Justiniano quinze anátemas, que também incluíam a reencarnação, tendo sido subscritos unanimemente pelos bispos presentes. O primeiro dos anátemas decretava que se «alguém afirmar a fabulosa preexistência das almas e a monstruosa restauração que dela se segue, que seja anatematizado».

E foi desta forma – por decreto imperial – que a reencarnação, à revelia da obra do Criador, foi excomungada pelo homem, apenas para salvaguardar interesses profanos de ordem política e pretensamente religiosa.

Na realidade, a reencarnação sempre foi temida pelo poder dominante. Para uma Igreja em forte crescimento, mas também confrontada com crises internas, essas ideias constituíam uma ameaça premente, pois davam demasiado tempo aos crentes para encontrarem a sua salvação, afastando-os do medo do castigo eterno. Para os soberanos e a nobreza em geral, a difusão da tese reencarnacionista punha em risco a “autoridade moral” dos poderosos da época – da sua linhagem aristocrática supostamente indissolúvel – já que, numa vida posterior e segundo as leis do carma, arriscavam-se a perder o “sangue azul” e a serem servos de quem os servia agora.

No entanto, para muitos antigos cristãos, a reencarnação era comumente aceite, destacando-se Orígenes de Alexandria (185-253), que foi um teólogo e filósofo assaz respeitado pela sua elevada cultura, fato que lhe granjeou invejável notoriedade.

Orígenes, na sua obra “De Principiis”, defende que cada alma «vem a este

mundo fortalecida pelas vitórias ou fraquezas de sua vida anterior. O seu lugar neste mundo (...) é determinado pelos seus méritos ou deméritos prévios. Seu trabalho neste mundo determina a sua vida num mundo futuro».

Mais adiante, Orígenes esclarece que as almas são destinadas para o «lugar, região ou condição» de acordo com as virtudes ou erros que cometeram «antes da vida atual». Ao criar o Universo, Deus fê-lo de acordo com «o princípio de uma retribuição totalmente imparcial», não criou «com favoritismos», mas deu corpos aos espíritos «de acordo com os pecados de cada um».

Ainda na referida obra, o autor de “De Principiis”, levanta uma questão que, embora já tivesse sido colocada a Jesus pelos apóstolos, provavelmente não terá passado despercebida a nenhum cristão: «Se as almas não existiam previamente, porque encontramos cegos de nascença que nunca pecaram, enquanto outros nascem sãos?», sendo o próprio Orígenes a responder: «É claro que alguns pecados existem [foram cometidos] antes das almas [possuírem corpos] e, como resultado, cada alma recebe a recompensa de acordo com o seu mérito».

As condições e características da vida de um indivíduo quando reencarna são, segundo esse brilhante teólogo, consequência das ações cometidas em vidas anteriores.

A reencarnação na Antiguidade

O homem sempre se interrogou sobre o que seria a morte e o que poderia haver depois dela, se era a extinção pura e simples de tudo o que se referia ao indivíduo em si, como o apagar de uma vela, ou se seria uma viagem sem regresso do espírito, rumo a um mundo distante onde se manteria vivo, mas numa forma e num meio que lhe era totalmente desconhecido.

Para quem acreditava na imortalidade, a ideia de qual poderia ser o destino da alma depois de abandonar o corpo, era considerada sob diferentes pontos de vista, conforme as épocas e as regiões onde esses povos viviam. Para uns, as almas seriam encerradas numa caverna tenebrosa, guardada por ferozes criaturas mitológicas – como Cérbero, o monstruoso cão policéfalo ¹² – num cativado sem fim; para outros, os espíritos iriam viver num mundo maravilhoso, repleto de jardins, com flores, lagos e animais em liberdade, como um Paraíso resplandecente de beleza e poesia.

Entre essas concepções extremas, como um Érebo ¹³ ou um Éden, seriam cabíveis inúmeras hipóteses sobre o destino das almas, cada uma delas mais excêntrica do que as outras.

A verdade é que essa questão sempre preocupou a humanidade, fato patente nas construções megalíticas europeias, como os dólmenes – que eram túmulos coletivos – e que remontam a mais de 7.000 anos de idade; nos achados arqueológicos de adornos e objetos pessoais em sepulturas nas civilizações orientais; nas construções, múmias e artefactos das culturas pré-colombianas; e nas colossais pirâmides do Egito, entre muitas outras manifestações relacionadas com o culto dos mortos que, desde os tempos mais primitivos, sempre existiram em todas as regiões habitadas pelo homem.

Relativamente ao Antigo Egito – com os seus mistérios e ritos sagrados, apenas permitidos a iniciados ¹⁴ – a religião foi o elemento cultural mais influente nessa milenar civilização, nomeadamente, o culto às divindades e os preparativos para a vida além-túmulo. Para os reis e altos dignitários, chegado o momento da morte e depois da mumificação do cadáver e de complexas cerimónias fúnebres, era feita a “pesagem da alma” por Osíris, senhor do mundo infernal e juiz dos mortos, o qual determinava o destino final da alma.

Vários milénios atrás, no Paleolítico Médio, o Homem de Neandertal (extinto há 30.000 anos) já cultuava os mortos, abrindo cavidades nas rochas ou no solo onde, junto ao corpo sepultado, depositava alimentos e objetos pessoais, como colares e utensílios de caça.

Grânulos de pólen fossilizado também foram achados nesses locais, sugerindo a deposição de flores nas sepulturas, como uma última homenagem ao defunto. Nalguns casos, havia o cuidado de colocar o corpo na posição fetal, o que aventa a hipótese de uma crença no renascimento do morto, como se este retornasse ao seio do seu clã numa outra vida.

A reencarnação como uma realidade post-mortem sempre esteve presente em muitas religiões e correntes filosóficas espalhadas por todo o mundo antigo, sucedendo que grande parte delas se tem mantido ao longo dos séculos e continuam presentes nos tempos modernos. São exemplos marcantes, entre outros:

– As religiões orientais, quase todas milenares, como o Hinduísmo, o Budismo, o Taoísmo e o Jainismo, a que se juntaram posteriormente novos cultos, como o Siquismo (Séc. XV) e o Caodaísmo, de origem vietnamita (Séc. XX).

– As tradições animistas¹⁵ de diferentes povos africanos, sendo que alguns aceitam a reencarnação em corpos não humanos.

– As religiões de origem ameríndia, como as de diversas tribos do continente americano e dos Inuits – o povo esquimó – que nas suas crenças consideram as crianças como reencarnações dos seus antepassados.

– As civilizações europeias greco-romanas da Antiguidade Clássica (séculos VIII a.C. a V), consideradas no mundo ocidental como o expoente máximo das artes, da medicina, da literatura, do direito e da filosofia, entre outras áreas do saber. Com a posterior expansão do Império Romano em torno do Mediterrâneo e por vastas regiões da Europa, essas referências culturais assumiram-se como um marco relevante na construção dos valores civilizacionais do Ocidente e de grande parte do Mundo.

Diversos filósofos e sábios das civilizações gregas e romanas acreditavam na sobrevivência do espírito após a morte física, assim como no fenómeno da reencarnação e na evolução da alma para planos mais elevados, conforme os seus méritos em vida.

O célebre filósofo e matemático Pitágoras, nascido no século VI a.C., foi um dos primeiros pensadores gregos a defender a reencarnação, revendo-se como tendo sido guerreiro, comerciante e agricultor em vidas passadas, além de prostituta – a mudança de sexo é um conceito bastante comum nos reencarnacionistas.

No contexto dessa profícua riqueza cultural, outros filósofos notáveis, como os gregos Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) e seu discípulo Platão (427 a.C.-347 a.C.), deram enorme contributo ao estudo e divulgação das teses espiritualistas, pelo que são considerados por muitos espíritas como precursores do moderno Espiritismo.

Embora haja autores que discordem dessa “paternidade”, a verdade é que esses filósofos acreditavam na existência da alma como algo separado do invólucro carnal, assim como na eternidade do espírito e na reencarnação como via de evolução espiritual.

Em Platão, a teoria da alma (ou psicologia) atribuía à psique ¹⁶ o sentido da vida – o princípio vital que dá e conserva a vida; o sentido da consciência – o princípio da vida mental e espiritual; e o sentido da individualidade – a imortalidade do espírito. Essa concepção de cariz metafísico já provinha do Pitagorismo ¹⁷ e de outras tradições místicas de origem grega.

Como se confirma nos diálogos de Fédon ¹⁸ – uma das principais obras de Platão em que são descritos os momentos finais de Sócrates – a alma era tida como imortal. Este filósofo também defendia que era por meio de várias reencarnações «que as psiques [almas] se individualizam e se diferenciam, cada uma com o seu carácter individual».

Por meio dessa evolução o espírito teria passado por muitas existências – acumulando imensos conhecimentos – pelo que poderia servir-se de recordações de vidas anteriores, na medida em que «contemplou todas as coisas existentes tanto na Terra como no Hades (mundo dos mortos) e por isso não há nada que ele desconheça (...) logo, nada impede que ao nos lembrarmos de uma coisa – o que nós, homens, chamamos de saber – todas as outras coisas ocorram naturalmente à nossa consciência».

A existência de um mundo imaterial separado do mundo físico também foi sustentada por Sócrates e Platão, entre muitos outros pensadores que tanto contribuíram para o desenvolvimento da Filosofia.

O seu discípulo Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) seguiu-lhe inicialmente os passos, afastando-se posteriormente do postulado do mestre, acabando por se opor à imortalidade e à reencarnação. Tornou-se, por outro lado, o precursor de uma nova corrente filosófica que vingou até aos dias de hoje. Juntamente com Sócrates e Platão, Aristóteles é considerado como um dos fundadores da filosofia ocidental.

A reencarnação na Bíblia

Os católicos, os protestantes e a maioria dos judeus rejeitam nos seus fundamentos o conceito reencarnacionista, considerando-o contrário às escrituras, embora a Cabala (conjunto de textos sagrados hebraicos) admite que «algumas almas retornam duas ou três vezes a esse mundo em outro corpo até acabar de cumprir a sua missão. A Cabala é a única corrente dentro do judaísmo que defende o conceito de reencarnação»¹⁹, ideia igualmente partilhada pelos judeus chassídicos²⁰.

Os primitivos cristãos, como os gnósticos, fundamentavam-se em passagens bíblicas que, proferidas por Jesus Cristo, podiam ser claras alusões à reencarnação, como o fato de o Mestre ter dito que o profeta Elias «já veio, e não o conheceram», referindo-se a João Batista e, também, sobre a necessidade de se «nascer de novo», no diálogo com Nicodemos.

Essa tese apoia-se em várias passagens do Novo Testamento, de que são exemplo os seguintes trechos:

O Anjo Gabriel anuncia o retorno de Elias: «Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração: Isabel, tua mulher, dar-te-á um filho, e chamá-lo-ás João (...) ele converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, e irá adiante de Deus com o espírito e poder de Elias para reconduzir os corações dos pais aos filhos». (Lucas 1:13-17)

Noutra passagem, João Batista é claramente identificado como sendo o profeta reencarnado, quando os apóstolos perguntam a Jesus sobre o regresso de Elias: «Por que dizem os escribas que Elias deve voltar primeiro? Jesus respondeu-lhes: Elias, de fato, deve voltar e restabelecer todas as coisas. Mas eu vos digo

que Elias já veio, mas não o conheceram; antes, fizeram com ele quanto quiseram. Do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem. Os discípulos compreenderam, então, que ele lhes falava de João Batista». (Mateus 17:10-13)

Em outra passagem bíblica, Jesus volta a referir-se a João Batista como sendo o espírito do profeta Elias: «Desde a época de João Batista até o presente, o Reino dos céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam. Porque os profetas e a lei tiveram a palavra até João. E, se quereis compreender, é ele o Elias que devia voltar. Quem tem ouvidos, ouça». (Mateus 11:12-15)

O diálogo entre o Mestre e Nicodemos (fariseu e amigo de Jesus, posteriormente venerado como São Nicodemos pela Igreja Católica) é tido igualmente como um testemunho da crença do processo reencarnatório: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo não poderá ver o Reino de Deus. Nicodemos perguntou-lhe: Como pode um homem renascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no seio de sua mãe e nascer pela segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é espírito. Não te maravilhes de que eu te tenha dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento sopra onde quer; ouves-lhe o ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito». (João 3:3-8)

Para muitos defensores reencarnacionistas, estas passagens do Evangelho representam matéria suficientemente clara para atestar que Jesus Cristo a ela se referiu várias vezes. Inclusive, de acordo com alguns autores, Ele próprio teria revelado aos apóstolos o conceito da reencarnação e de outros mistérios que deveriam permanecer secretos.

Além de Orígenes, o maior erudito da Igreja antiga, segundo o escritor e teólogo Johannes Quasten (1900-1987), diversos Doutores da Igreja Católica defenderam igualmente o conceito reencarnacionista, como foi o caso de São

Jerónimo (347-420).

Este ilustre Santo, Padre e Doutor da Igreja, afirmava que a “transmigração das almas” fazia parte das doutrinas esotéricas apenas reveladas a uns poucos de iniciados. Foi encarregado pelo Papa Dâmaso I de traduzir a Bíblia do texto grego para o latino – a “Vulgata” –, sucedendo que esta edição ainda hoje é considerada como o texto bíblico oficialmente reconhecido pela Igreja Católica.

A tradução da “Vulgata”, segundo alguns autores, teve trechos adulterados por São Jerónimo, em obediência às instruções do Sumo Pontífice, conforme ele próprio revela nesta passagem: «Obrigas-me fazer de uma Obra antiga uma nova (...) da parte de quem deve por todos ser julgado, julgar ele mesmo os outros, querer mudar a língua de um velho e conduzir à infância o mundo já envelhecido».

A seguir, interroga-se se haverá algum erudito ou ignorante que lendo apenas uma vez essa obra e «vendo que se acha em desacordo com o que está habituado a ler, não se ponha imediatamente a clamar que eu sou um sacrílego, um falsário, porque terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa nos antigos livros?».

Mais adiante, o tradutor da Vulgata reconhece-se aliviado desse peso, pelo fato de ter sido o próprio Papa a ordenar que o fizesse: «vós que sois o soberano pontífice me ordenais que o faça».

Santo Agostinho (354-430), bispo, filósofo e escritor, foi um dos teólogos mais importantes na expansão do cristianismo no Ocidente. Nas “Confissões”, uma obra vista como autobiográfica, faz algumas reflexões que, para muitos investigadores, são consideradas como de alguém que acredita na reencarnação: «Não terei eu vivido em outro corpo, em alguma outra parte, antes de entrar no

útero de minha mãe? (...) a minha infância sucedeu a outra idade já morta? (...) E antes desse tempo, quem era eu (...)? Existi, porventura, em qualquer parte? Era Eu, por acaso, alguém?»

Outro teólogo defensor das ideias reencarnacionistas foi o Cardeal Nicolau de Cusa (1401-1464). Considerado o pai da filosofia alemã, foi figura central na transição das ideias medievais para as correntes inovadoras do Renascimento. Sendo um filósofo de visão cosmológica, amplamente conceituado nos meios intelectuais e religiosos, defendia o conceito reencarnacionista e a existência de outros mundos habitados, sendo ouvido nos salões do Vaticano.

A reencarnação para muitos dos primitivos cristãos era uma questão tida como natural. Algumas passagens do Evangelho, como vimos, demonstram claramente essa ideia. Atente-se, por exemplo, na dúvida dos discípulos de Jesus quando, diante de um mendigo cego, assim o questionam: «Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?». Ao que Jesus responde: «Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele». (João 9:2)

Com essa pergunta os discípulos só queriam saber quem era o responsável pela cegueira daquele homem, se o mendigo ou os seus pais, pois se tinha nascido cego era porque um deles tinha pecado. Um pecado que, como é óbvio, teria ocorrido antes do próprio cego ter nascido.

A resposta do Mestre foi inequívoca, ninguém era culpado, provavelmente “para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele”, através do milagre de Jesus Cristo que curou o homem da cegueira.

No entanto, a pergunta dos apóstolos, feita com tanta naturalidade e limitando a resposta apenas a uma das duas hipóteses – o filho ou os pais são responsáveis

pelo pecado –, só teria lugar se acreditassem que eles pudessem ter vivido em existências anteriores e que agora, nesta vida, a punição pelo pecado de um deles era cumprida com a cegueira do filho.

Este caso confirma o conhecimento, diríamos mesmo, a familiaridade do fenómeno da reencarnação, um conceito culturalmente admitido pela sociedade da época ou, no mínimo, por Jesus Cristo, seus apóstolos e uns quantos iniciados.

Por outro lado, e ainda de acordo com a questão posta pelos discípulos, parece claro que um inocente – o cego, caso não fosse o autor do pecado –, poderia resgatar o pecado de outrem – os pais. Assim sendo, então, a negociação cármica e o assumir de dívidas cármicas de terceiros – por amor, por exemplo – também poderia ser um conceito considerado normal nesses remotos tempos bíblicos.

Quase um milénio depois de a reencarnação ser expurgada dos cânones da Igreja, uma significativa comunidade cristã – os cátaros ou albigenses, que viveram no sul de França e norte de Itália (sécs. XII e XIII) – continuava a defender a reencarnação, entre outras ideias consideradas heréticas.

Fortemente perseguido, o movimento Cátaro acabou por desaparecer da cena europeia no século XIV.

Os cristãos e a reencarnação

A maioria dos consulentes que recorrem aos centros espiritualistas, nomeadamente às mesas kardecistas ²¹ e terreiros umbandistas ²², são católicos e protestantes, fato que não impede a requerida e generosa assistência que lhes é prestada.

Um princípio que é sagrado nas religiões que trabalham com entidades de Luz é a prática da caridade, sem quaisquer obrigações que não sejam a satisfação de ajudar na cura ou alívio dos males que afetam o paciente, assim como na evolução do médium e dos espíritos que a ele assistem, sucedendo que todos ganham crescimento espiritual com esses trabalhos.

A caridade, o amor e a fraternidade são a única moeda de valor nas dimensões espirituais, já que a outra, a cobrança por esses serviços, corrompe frequentemente o homem e desvia-o dos caminhos de Deus e dos espíritos benfeitores que não querem saber de recompensas materiais e se afastam, pelo que serão os espíritos mais atrasados que, dessa fraqueza do médium ou do dirigente religioso, se poderão aproveitar. Esse fato torna certos "gurus" e "profetas" um sério risco para os seus seguidores mais fanáticos.

O admirável trabalho dos Guias e Protetores espirituais a favor dos irmãos mais necessitados – sob a responsabilidade das hierarquias superiores regidas por Jesus Cristo – através de curas físicas e espirituais, consultas e tantas outras manifestações de amor e caridade, têm proporcionado um significativo aumento de simpatizantes das religiões e doutrinas espiritualistas.

A maioria da humanidade acredita na reencarnação

Para estas correntes de pensamento, os carmas e as reencarnações são mais um testemunho da infinita sabedoria de Deus, pois a todos concede oportunidades de crescimento de acordo com os seus méritos, sem favoritismos, nem castigos eternos. Deste modo, as reencarnações são vistas como um instrumento indispensável para o progresso do espírito, sendo que essa crença é partilhada pela maior parte da humanidade, conforme resulta de diversos estudos publicados.

Segundo uma pesquisa encomendada em 1991 pela Arquidiocese de Belo Horizonte – capital do Estado de Minas Gerais, no Brasil – e divulgada no boletim informativo “Construir a Esperança” nº 7, mais de 60% dos católicos acreditam na reencarnação. De acordo com esse estudo «a crença na vida eterna, imortalidade da alma e vida após a morte parece bastante confusa, mesmo para os católicos. É mais forte entre umbandistas e espíritas, que acreditam na reencarnação, crença partilhada também por mais de 60% dos católicos e 20% dos protestantes»²³.

Poder-se-á alegar que essas conclusões não devem ser extrapoladas, pois se baseiam em casos atípicos como o Brasil, porquanto é um país multicultural, devido à miscelânea de crenças e tradições de vários povos – europeus, africanos e asiáticos –, além das populações ameríndias com os seus cultos próprios, como a Pajelança²⁴ e que já existiam nessas terras antes da chegada dos portugueses.

Essa mistura cultural poderá ter facilitado a assimilação de determinados conceitos espiritualistas – como a reencarnação – que, embora rejeitados pelas Igrejas Católica e Protestante, nunca foram abandonados pela maioria dos seus fiéis, pois estes mantiveram vivas algumas das suas crenças tradicionais.

Esse seria um tipo de argumento que poderia validar essa tese – de ser um fenômeno circunscrito ao Brasil –, não fosse o fato de haver pesquisas de opinião que abrangem extensas regiões do planeta e que demonstram que a reencarnação é um conceito universalmente aceite.

Tratando-se essa crença de um fenômeno transversal a todas as culturas e religiões, mesmo aquelas que são avessas a essa ideia, como é o caso das Igrejas Católica e Anglicana, torna-se oportuno referir os resultados de dois estudos da responsabilidade dessas igrejas. O primeiro foi divulgado pela Rádio Vaticano – a emissora de rádio da Santa Sé –, e o segundo, resultou de uma pesquisa promovida pela Igreja Anglicana de Inglaterra, uma igreja cristã de inspiração protestante.

A Rádio Vaticano, no seu site de 2006, publicou um editorial em que reconhece ser «cada vez maior o número dos que, mesmo sendo católicos, aceitam a reencarnação. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Gallup revelou que 33% dos entrevistados acreditam na reencarnação. Na Europa, 40% da população demonstra interesse por essa crença. Mas, é no Brasil que se concentra o maior número de simpatizantes».

Mais adiante, o referido órgão faz referência a outra pesquisa, desta vez realizada pelo Vox Populi. Nesse estudo ficou constatado «que 59% da população brasileira acredita que já teve outras vidas, apesar de somente 3% se declararem espíritas». Finalmente, reconhece-se nesse editorial, que a «fé na reencarnação constitui, então, um fenômeno mundial».

Abrangendo quase todos os países do mundo, são ainda mais surpreendentes as conclusões de outra pesquisa levada a cabo pela Igreja Anglicana de Inglaterra. A enciclopédia “Word Christian Encyclopaedia” – que pertence a essa igreja e é editada pela “University of Oxford” – assinala que depois de um trabalho de campo que envolveu «500 pesquisadores e 121 consultores» em quase todos os países do Mundo, a população da Terra no ano 2000 iria atingir «6.260.000 de

habitantes e que dois terços dessa população, isto é, cerca de 4.000.000 de pessoas, seriam reencarnacionistas ²⁵».

Pela credibilidade das instituições que elaboraram essa pesquisa, pelo fato de não comungarem ideias reencarnacionistas e pela recolha de dados à escala mundial, é impressionante concluir-se que dois em cada três habitantes do nosso planeta acreditam na reencarnação.

A Ciência e a reencarnação

O avanço das ideias materialistas que já se manifestavam em épocas anteriores, colheu solo fértil no século XIX.

A corrente materialista de então, no combate ao espiritualismo e ao universo dos diferentes credos religiosos, viu reforçada a sua expressão com o contributo intelectual de cientistas e filósofos que, com os seus trabalhos inovadores, quebraram barreiras culturais até aí vigentes.

Podemos referir, como alguns dos mais significativos exemplos, a publicação da genial obra “A Origem das Espécies” de Charles Darwin, que derrubou o mito criacionista do homem ao propor a teoria evolucionista da seleção natural; e a visão revolucionária de Marx e Engels, propugnadores da luta de classes e da utopia de uma sociedade igualitária, totalitária e ateísta, ferozmente contrária a qualquer tipo de liberdade e de crença espiritual.

O despertar do espiritismo

Foi nesse ambiente hostil, de puro materialismo e ceticismo religioso, que começaram a surgir em diferentes pontos do Globo diversas manifestações de espíritos, oferecendo ao Prof. Hippolyte Rivail – mais conhecido sob o pseudónimo de Allan Kardec (1804-1869) – a oportunidade de estudar esses fenómenos.

Corria o ano de 1854 quando Kardec ouviu falar pela primeira vez das “mesas giratórias”, um tipo de manifestação mediúnica bastante popular na época, em que os espíritos respondiam às perguntas através de golpes e movimentos de mesas, em redor das quais as pessoas se sentavam. Só no ano seguinte, movido pela curiosidade, é que Hippolyte Rivail passou a ser um frequentador assíduo das reuniões onde se manifestavam esses fenómenos.

Antes de se consagrar ao espiritismo – ao qual se dedicou profundamente até ao final da sua vida –, Rivail distinguiu-se como pedagogo e autor de manuais escolares, além de tradutor de diversas obras. Foi insigne membro de instituições de grande prestígio científico, como a “Académie Royale des Sciences d’Arras” e a “Société des Sciences Naturelles”, entre outras.

O pseudónimo Allan Kardec foi adotado por Hippolyte Rivail quando um espírito lhe revelou que ambos tinham vivido entre os druidas (sacerdotes) na Gália e que, nesses tempos recuados, o famoso Grande Codificador tinha esse nome.

Fundador da “Revista Espírita” e da “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, Allan Kardec ficou imortalizado para a posterioridade como o Grande Codificador da Doutrina Espírita, tendo publicado diversas obras que constituem

um marco fundamental na investigação e conhecimento do Espiritismo, salientando-se, entre outros trabalhos, “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Céu e o Inferno”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e “A Gênese”.

Adotando rigorosos métodos científicos para a validação dos fenômenos observados, Kardec revela na obra “A Gênese” que o «Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação», pelo que só houve progressos importantes nas ciências «depois que seus estudos se basearam [no] método experimental; até então, acreditou-se que esse método só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas».

Contemporâneo e amigo de Allan Kardec, o francês Camille Flammarion (1842-1925) foi um eminente cientista, astrônomo e espírita, que também teve inestimável desempenho na divulgação popular da astronomia, através de publicações escritas numa linguagem acessível – como a “Astronomia Popular”, uma das suas obras mais conhecidas. Homenageado com a “Légion d’honneur” pelos trabalhos de divulgação em prol da astronomia, Flammarion veio a fundar o “Observatoire de Juvisy-sur-Orge” e, anos depois, a “Société Astronomique de France”, da qual foi presidente.

Da sua obra “O Desconhecido e os Problemas Psíquicos”, resultado de décadas de recolha e organização de mais de 4.000 relatos sobre fenômenos considerados sobrenaturais, Flammarion retirou diversas conclusões, nomeadamente:

– A alma existe com identidade própria, sendo independente do corpo e dotada de faculdades ainda desconhecidas da Ciência, podendo agir e perceber à distância, sem recorrer aos sentidos.

– Os acontecimentos futuros são previamente preparados e decididos de acordo

com os motivos que os provocaram – em que o conceito de causa-efeito ou carma está aí bem explícito. A alma, já encarnada, apercebe-se disso algumas vezes.

Após o falecimento do seu amigo Kardec, as obras de Flammarion passaram a revelar uma visão espiritual mais profunda sobre as ciências da religião. No livro “Narrações do Infinito” – uma obra que defende a eternidade do espírito e a reencarnação –, Camille Flammarion refere formas de vida existentes em outros planetas, mundos superiores e vidas passadas, almas em seres vivos menos evoluídos do que o homem, entre outros assuntos que são nos dias de hoje objeto de estudo de diversos investigadores.

Na senda dos trabalhos de Allan Kardec, os franceses Léon Denis (1846-1927) e Gabriel Delanne (1857-1926), dedicaram-se ao estudo e divulgação do espiritismo, tendo este último fundado a União Espírita Francesa e colaborado com Charles Richet nas suas pesquisas mediúnicas. O médium e filósofo Léon Denis, devido às suas profundas relações com a FEB (Federação Espírita Brasileira), foi nomeado Presidente honorário dessa instituição.

O italiano Ernesto Bozzano (1862-1943), professor da Universidade de Turim, foi um dos mais ilustres investigadores dessa época, tendo dedicado grande parte da sua vida à recolha e sistematização de fenómenos relacionados com o mundo espiritual. Publicou dezenas de monografias em que cada um dos trabalhos está relacionado com um determinado tipo de fenómeno supranormal. Trata-se de uma obra memorável, com inúmeros casos recolhidos, muitos deles objeto da investigação direta do autor.

Ao longo do seu profícuo trabalho, este pesquisador sempre se preocupou em ser rigoroso nos métodos de validação científica dos fenómenos observados. Ironicamente, antes de se converter ao espiritismo, Ernesto Bozzano era considerado um cético irreductível e um materialista convicto.

O médico e cientista francês Charles Richet (1850-1935), Prémio Nobel de Fisiologia/Medicina em 1913, foi um brilhante investigador que deu um largo contributo ao conhecimento de diversos fenómenos psíquicos, como a produção de ectoplasma ²⁶, termo criado por esse pesquisador para a substância difusa emanada por médiuns dos chamados “efeitos físicos”, como a italiana Eusápia Paladino (1854-1918), uma das mais famosas médiuns de todos os tempos.

Na sequência dos seus trabalhos, Charles Richet apresentou à “Académie des Sciences”, em 1922, o “Tratado de Metapsíquica ²⁷”. Esse novo ramo científico – a Metapsíquica – que procurava desvendar o misterioso mundo dos fenómenos anímicos e mediúnicos ²⁸, deu origem à Parapsicologia, ciência que estuda as manifestações paranormais, nomeadamente a percepção extrassensorial e a psicocinesia, que é o estudo do movimento de objetos através da ação da mente.

Crianças com memórias de vidas passadas

O psiquiatra canadiano Ian Stevenson (1918-2007) é reconhecido internacionalmente como uma das figuras mais relevantes no âmbito das investigações científicas relacionadas com a reencarnação. Além desse fascinante tema, dedicou-se igualmente ao estudo de diversos fenômenos supranormais, como as aparições no leito de moribundos, as experiências de quase morte – indivíduos dados como clinicamente mortos e que “ressuscitaram” depois do espírito atravessar o portal entre a vida e a morte e retomar o corpo físico – e a xenoglossia ²⁹, entre outros assuntos.

O trabalho que o consagrou, porém, deveu-se essencialmente à recolha e escrupulosa análise de milhares de casos relacionados com crianças que tinham “recordações de vidas passadas”. Esses testemunhos provinham das mais diferentes regiões do mundo, como o Sri Lanca, Índia, Alasca, Turquia, Mianmar (antiga Birmânia), Líbano, África, América do Sul etc.

Stevenson visitou pessoalmente muitos desses locais, recolhendo dados, entrevistando crianças e familiares, anotando sinais de nascença e registros médicos, entre outras informações consideradas necessárias. Fez-se acompanhar em algumas viagens pelo magnata Chester Carlson – que financiou muitas dessas investigações, contribuindo também com importantes donativos para que os seus trabalhos tivessem continuidade – e por Tom Shroder, editor do “Washington Post” que, mais tarde e perante os fantásticos casos de que foi testemunha, publicou o livro “Almas Antigas”.

Relativamente às inúmeras ocorrências estudadas, tornou-se claro para o investigador canadiano que as recordações das crianças eram mais nítidas entre os dois e os quatro anos de idade. No entanto, curiosamente, por volta dos sete aos oito anos deixavam de ter essas memórias. Outro dado, que parecia prevalecer nessas vidas do passado, era o fato de as crianças terem morrido,

quase sempre, de forma violenta, havendo abundância de detalhes sobre esses casos.

Os trabalhos de Stevenson destinavam-se preferencialmente à comunidade científica, tendo publicado centenas de artigos e vários livros, sendo um deles composto por dois tomos com mais de 2.000 páginas, cuja leitura era excessivamente técnica para o leitor comum. Posteriormente, publicou “Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação”, uma obra de leitura mais acessível. Em 1967 foi nomeado “Diretor do Sector de Estudos da Personalidade” e, durante algum tempo, ficou como responsável do “Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virgínia”.

Embora recetivo à crítica construtiva, porque lhe permitia corrigir ou aperfeiçoar os seus métodos de trabalho, relativamente às críticas malévolas de alguns colegas preconceituosos, Stevenson, numa palestra proferida na “Southeastern Louisiana University”, em 1989, não se coibiu de comentar: «Para mim, tudo em que os cientistas acreditam agora, está aberto a mudanças, e eu fico consternado ao perceber que muitos aceitam o conhecimento atual como algo imutável (...) Se os hereges pudessem ser queimados vivos nos dias de hoje, os cientistas – sucessores dos teólogos, que queimavam qualquer um que negasse a existências das almas no século XVI – hoje queimariam aqueles que afirmam que elas existem».

O testemunho de Tom Shroder revelou-se igualmente precioso, por ter convivido de perto com o cientista canadiano nas diversas viagens que efetuaram por vários países do mundo. Numa entrevista conduzida pelo jornalista e investigador brasileiro Gilberto Schoereder, Tom Shroder confessa que não imaginava «como seria afetado emocionalmente, se (...) fosse obrigado a concluir que não havia uma explicação normal para tudo que as crianças estavam dizendo e fazendo», comentando a seguir que «os mistérios do mundo são muito maiores do que aquilo que conhecemos».

Referindo-se aos inúmeros casos investigados por Stevenson, o autor de “Almas Antigas” não deixa de observar que essas ocorrências «fornecem relatos específicos sobre um passado recente (...) em que crianças bem jovens fazem muitas afirmações específicas sobre nomes, lugares, datas e eventos que batem com a vida de uma pessoa recém-falecida e comprovadamente estranha à família daquela criança».

Nessa entrevista é descrito um acontecimento extraordinário, como muitos outros estudados por Ian Stevenson e que foi presenciado por Tom Shroder numa viagem que ambos fizeram à Índia. Tratava-se de uma investigação sobre uma menina chamada Preeti que, quando aprendera a falar, dissera aos irmãos que a casa era deles e não dela e, referindo-se aos progenitores, que eles não eram seus pais, mas sim, pais deles. Depois, dirigindo-se à irmã, disse: «Você só tem um irmão, eu tenho quatro».

A seguir identificou-se com o nome de Sheila e indicou os nomes daqueles que considerava serem os seus pais, implorando para ser levada para a cidade de Loa-Majra, onde estes viviam. Os atuais pais ficaram espantados com o que ouviram, tanto mais que nunca estiveram nessa cidade. Não deram, porém, grande importância ao assunto.

Passados uns tempos – estava Preeti com quatro anos – uma mulher que era de Loa-Majra informou conhecer os pais de Sheila, confirmando que tinham perdido uma criança com esse nome e que ela havia sido atropelada mortalmente por um automóvel. Essa história, acrescida de outros fatos, acabou por ir parar à vila onde tinha vivido Sheila e aos ouvidos do então pai da criança, o qual decidiu visitar Preeti.

De acordo com o atual pai de Preeti, esta reconheceu de imediato o homem que a foi visitar e, posteriormente, outras pessoas da vila onde vivera anteriormente como Sheila. Respondendo à pergunta de como tinha morrido, Preeti disse: «Caí do alto e morri (...) Estava sentada à beira do rio. Estava a chorar. Não

conseguia achar uma mamã, então, vim para você (referindo-se à atual mãe)». A afirmação de ter caído do alto deixou os investigadores intrigados, porquanto tinham informação de que Sheila tinha sido atropelada.

Quando Stevenson e Shroder passaram por Loa-Majra, tomaram conhecimento através de uma antiga notícia publicada sobre a morte da menina que esta, ao sofrer o acidente, foi projetada a mais de três metros de altura, circunstância que dava todo o sentido à expressão “caí do alto e morri”. Outro dado curioso é que a criança tinha uma marca de nascença na coxa, aparentemente no mesmo local onde Sheila tinha sido lesionada.

Stevenson sempre procurou ser cauteloso na forma de comentar ou de dar alguma opinião pessoal sobre os mais de 3.000 “estudos de caso” pesquisados, referindo-se-lhes como casos sugestivos de reencarnação. Essa prudência justifica-se pela forma rigorosamente profissional com que fazia o seu trabalho, vinculando-se exclusivamente à pesquisa minuciosa e objetiva, própria de um cientista que não se deixa contagiar pelo entusiasmo, mas que investiga, analisa e apresenta fatos.

Um texto no “Journal of Scientific Exploration” revela um pouco da opinião desse grande vulto da Ciência sobre uma área que lhe ocupou a maior parte da vida: «Todos nós morremos de alguma doença. O que determina a natureza dessa doença? Acredito que a busca da resposta (...) pode derivar, pelo menos em parte, de nossas vidas passadas. Os casos de crianças que afirmam lembrar-se de vidas passadas e que descreveram marcas e defeitos de nascença sugerem isso. Algumas dessas crianças relataram doenças internas». E remata esse artigo, admitindo, numa confissão humilde de quem tem, realmente, grande sabedoria: «Não deixe ninguém pensar que eu conheço a resposta. Ainda estou à sua procura».

Um outro conhecido investigador de casos de crianças com memórias de vidas passadas foi o Prof. Hemendra Nath Banerjee (1929-1985), diretor do

“Departamento de Parapsicologia da Universidade de Rajasthan”, na Índia. À semelhança do seu colega canadiano Ian Stevenson, este investigador de origem indiana dedicou grande parte da sua vida à pesquisa de fatos relacionados com a reencarnação, chegando a catalogar três mil casos.

No seu livro “Vida Pretérita e Futura”, Hemendra Banerjee refere que passou mais de vinte e cinco anos a estudar casos de reencarnação em todo o mundo, tendo publicado vários trabalhos sobre esse assunto e que os fatos «são tão impressionantes, que agora a comunidade científica passou a considerá-los como dignos de pesquisa».

Ainda relacionado com essa obra, o autor garante que os casos descritos «não se baseiam no ouvir dizer nem em histórias de jornais». Fundamentaram-se em pesquisas realizadas com rigorosos métodos científicos e que os estudos sobre a reencarnação foram concebidos «à luz de várias hipóteses, tais como, a fraude, a captação de lembranças através de meios normais e a percepção extrassensorial».

A morte: um ato de libertação

A psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross (1926-2004) celebrizou-se pelos trabalhos de investigação sobre fenómenos supranormais e como escritora de inextinguível talento. Através dos seus livros e do trabalho maravilhoso que praticou como médica, ajudou com palavras de amor e de esperança milhares de doentes e familiares, aliviando a dor de muitas crianças com doenças terminais, seropositivos e idosos.

Voluntária nos campos de concentração na Polónia do pós-guerra viu-se confrontada naquele cenário de horror com situações de extremo sofrimento e que marcaram decisivamente a sua vida. O carinho e o sentimento fraterno que soube transmitir às pessoas que estão prestes a abandonar este mundo, assim como a mensagem consoladora de que a morte não é o fim de tudo, mas a passagem para uma vida melhor, tornaram-na mundialmente conhecida, sendo muito amada e admirada por todos os que a conheceram de perto e pelos milhões de leitores dos seus cativantes livros.

Um pequeno trecho de Elisabeth Kübler-Ross transmite-nos a ideia da morte não como algo terrífico, mas “como um ato de libertação”, uma reconfortante mensagem de esperança dirigida a pacientes terminais e seus familiares e amigos: «Depois de passar por todas as provas (...) podemos sair do nosso corpo (...) e ficarmos livres da dor, livres dos medos e livres das preocupações (...) voltando para casa, para Deus... Em um lugar (...) onde estamos com aqueles a quem amamos e cercados de mais amor do que jamais poderemos imaginar».

Na realidade, para Kübler-Ross, a morte é uma passagem para o renascer de uma vida mais feliz e, quando as pessoas lhe perguntam como é a morte, responde que “é sublime” e que é “a coisa mais fácil que terão que fazer”. A autora acrescenta, a seguir, que a vida é como uma escola, em que se recebem muitas lições, pelo que é dura e nos obriga a lutar para sobreviver.

Esta psiquiatra de excepcional compaixão para com os enfermos de doenças incuráveis, publicou em 1969 o livro “Sobre a Morte e o Morrer”, uma obra ímpar no gênero e que a notabilizou mundialmente, dado constituir-se como uma referência indispensável para médicos e terapeutas que lidam de perto com pacientes irremediavelmente condenados. Nesse livro, Kübler-Ross refere um caso extraordinário que a deixou vivamente impressionada.

Uma certa Sra. Schwartz, que foi dada como morta durante 45 minutos de tentativas de reanimação num hospital, finalmente, manifestou sinais de vida e foi salva, tendo vivido mais um ano e meio. No decurso dessa curta existência, a Sra. Schwartz colaborou num ciclo de palestras dirigidas por Kübler-Ross e pelo reverendo Gaines na “Universidade de Chicago”, relatando para o público aí presente a pungente experiência que viveu.

Cerca de dez meses após o falecimento da Sra. Schwartz, a psiquiatra suíça – depois de uma conferência sobre “A Morte e o Morrer” – estava decidida a terminar com aquele seminário, discutindo esse assunto com o reverendo Gaines, colaborador nesse programa. Ambos encaminhavam-se para um elevador que o reverendo iria tomar, quando Kübler-Ross se apercebeu da presença de uma mulher, cujo aspeto lhe pareceu familiar. Assim que Gaines entrou no elevador, a mulher, descrita pela autora do livro como sendo “um pouco transparente”, abordou-a e perguntou se poderia acompanhá-la até ao seu gabinete de trabalho.

Nesse preciso momento, Kübler-Ross reconheceu a falecida Sra. Schwartz. Foi um tremendo choque que a deixou completamente desorientada, indagando-se se não estaria a ser vítima de alucinações visuais, tal como alguns dos seus pacientes esquizofrênicos!

Numa cena totalmente surrealista – de indescritível espanto e confusão – Kübler-Ross encaminhou-se para o seu gabinete ao lado da Sra. Schwartz, uma velha

amiga que já não fazia parte do mundo dos vivos... há mais de dez meses!

Segundo a psiquiatra suíça: «Este foi o passeio mais longo da minha vida (...) Eu até toquei na pele dela para ver se estaria fria ou quente, ou se a pele desapareceria quando eu a tocasse. Foi o passeio mais incrível que já fiz (...) Eu era tanto a psiquiatra observando, quanto o paciente».

Ao chegarem ao gabinete, a Sra. Schwartz disse a Kübler-Ross que estava ali para lhe agradecer, assim como ao reverendo Gaines, pela ajuda que lhe deram e, também, para pedir que não acabassem com o programa “A Morte e o Morrer”. Entretanto, ainda não refeita do choque, a psiquiatra tocava nos objetos mais próximos – na escrivaninha, na cadeira, numa caneta – como querendo certificar-se de que tudo aquilo era real.

«Eu estava esperando que ela desaparecesse», confessou a psiquiatra. «Mas ela não desapareceu. Ela lá permanecia e amorosamente disse: Dra. Ross, você escutou-me? Seu trabalho não está terminado. Nós ajudaremos você. Você saberá quando for a hora, mas não pare agora. Promete?».

Esforçando-se por superar o estado de perplexidade que tomara conta de si, perante uma situação de todo em todo inusitada, Kübler-Ross pediu à Sra. Schwartz que escrevesse umas linhas para o reverendo Gaines. Na verdade, o que porventura mais desejaria naquele momento era uma prova para si própria, pois o que estava a acontecer ali, no seu gabinete, parecia-lhe absolutamente irreal. A estranha visitante concordou simpaticamente e escreveu um pequeno texto num papel. Depois, levantando-se, disse: «Dra. Ross, você promete» ao que Ross respondeu, «prometo». Dito isto, a Sra. Schwartz desapareceu, como que se volatizando no ar.

Ainda confusa com os incríveis acontecimentos vividos, a psiquiatra guardou o

texto destinado ao reverendo e contou a vários amigos a insólita experiência que tinha acabado de passar.

A mensagem posteriormente entregue a Gaines dizia o seguinte: «Olá, vim aqui para ver a Dra. Ross. Uma das duas pessoas que está no topo da minha “lista”. A outra é você. Eu nunca acharei ou conhecerei alguém para tomar o lugar de vocês dois (...) estou em paz e em casa (...) você muito me ajudou». O pequeno texto terminava com um profundo agradecimento a Ross e a Gaines.

Naturalmente que este caso, vivenciado diretamente por Elisabeth Kübler-Ross, reforçou imenso a sua fé e deu-lhe enorme alento para prosseguir nos seus trabalhos de preparação espiritual para as pessoas que, em breve, iriam iniciar uma longa viagem para uma “outra vida, mais feliz”.

Esta psiquiatra suíça – que foi o ombro amigo e afetuoso de milhares de doentes terminais – converteu-se numa das mais reputadas cientistas de sempre a escrever, com sensibilidade e muito amor, mensagens consoladoras sobre a morte que, no dizer dela, é «simplesmente uma desfolhação do corpo físico, assim como a borboleta que escapa de seu casulo (...) É uma transição para um estado mais alto da consciência no qual você continua a sentir, a entender, a rir e a poder crescer».

Experiências de quase-morte (EQMs)

Outro tipo de fenômeno supranormal que não deixa de surpreender a comunidade científica, e para o qual não há uma explicação plausível no contexto dos atuais conhecimentos da medicina, são as experiências de quase-morte (EQMs). Reportam-se a doentes e sinistrados em estado grave que, nos hospitais, recuperam inesperadamente as suas funções vitais, quando já eram dados como clinicamente mortos, como se, por milagre, regressassem à vida que pareciam ter deixado momentos antes.

Ao despertarem dessa inesquecível experiência, alguns “ressuscitados” referem ter entrado numa espécie de túnel longo e escuro de onde irradiava, ao fundo, uma luz muito branca. Nessa passagem, uns poucos chegaram ao final do túnel, sendo recebidos por um ou vários seres de intensa luminosidade, que transmitiam uma sensação de profundo bem-estar e serenidade, não sendo raros alguns doentes relatarem que foram acolhidos com grande amor por familiares falecidos, anjos e, até, pelo próprio Cristo.

Sem dor, nem medo, nem ansiedade, independentemente da gravidade da doença ou das lesões de que padeciam, e gozando de imensa paz interior, os visitantes que estiveram do “outro lado” não tinham nenhuma vontade de regressar quando se apercebiam, ou lhes era comunicado, que tinham de o fazer, pois ainda não era chegada a sua hora.

Aí, sentiam-se subitamente arrastados para o mundo físico – como num filme às avessas, mas rodado a grande velocidade – e regressavam ao corpo inerte, vendo à sua volta médicos e assistentes a lutar desesperadamente para o reanimar ou que já o davam como morto. Se o estado de saúde do doente se caracterizava por intensas dores, então elas retornavam, acutilantes, à medida que o corpo ia readquirindo as suas funções e despertava dessa viagem maravilhosa, mergulhando novamente para a vida carnal.

O testemunho dos pacientes nessas ascensões astrais incluem, por vezes, detalhes que lhes seriam totalmente inacessíveis, como o fato de referirem que observaram do alto da sala o seu próprio corpo deitado na sala de operações, com médicos e enfermeiras em volta a empregarem meios de recuperação; dos diálogos travados entre eles; dos instrumentos usados e, o mais espantoso, da descrição pormenorizada de quartos, equipamentos e pessoas em diferentes pisos do hospital, precisamente à mesma hora em que o corpo jazia inconsciente no bloco operatório ou na sala de reanimações, fatos posteriormente comprovados por médicos e assistentes.

Quem passou por uma EQM reconhece, regra geral, que ocorreu uma profunda mudança na sua vida, tornando-se uma pessoa mais tranquila e desapegada das questões materiais e problemas do dia a dia e bastante mais inclinada a assuntos de natureza espiritual. Por outro lado, para essas pessoas, a morte deixou de significar uma fatalidade irreparável. Aperceberam-se que a “morte” – que conheceram de perto – não é mais do que a antecâmara da “verdadeira vida” que as espera do outro lado, quando chegar a hora de abandonarem o corpo físico e fluírem para o plano astral.

Um dos mais notáveis investigadores de EQMs, quando não o mais famoso, é o psiquiatra norte-americano Raymond Moody Jr. (1944), autor de diversos livros, sendo o mais conhecido a “Vida Depois da Vida”, publicado em 1975. Nessa obra, Raymond Moody relata dezenas de casos vividos por pacientes que, considerados clinicamente mortos, voltaram a viver e descreveram fatos surpreendentes, que demonstram que a vida continua para além da simples existência no mundo terreno.

Ainda na referida obra, o autor conclui que é habitual ocorrerem nove estágios diferentes numa EQM, nomeadamente, zumbido nos ouvidos, ausência de dor e sensação de paz, flutuar fora do corpo, viajar num túnel, elevar-se pelos céus, reencontrar familiares falecidos, deparar com seres espirituais, rever a própria

vida como um filme rapidíssimo e, finalmente, sentir grande relutância em voltar à vida, em sobreviver, portanto.

O termo experiência de quase morte foi criado por esse investigador, cujos estudos e obras publicadas muito contribuíram para uma pesquisa mais alargada deste fascinante assunto e que mereceram o aplauso de conceituados médicos e cientistas, como Kübler-Ross e Brian Weiss, entre outros.

Conforme referiu Moody, nos diversos casos analisados, existem elementos comuns e que transcendem fronteiras, culturas ou conhecimentos acadêmicos das pessoas que vivenciaram uma EQM, na medida em que tem recebido informações «de pacientes e médicos que estudaram inúmeros casos» similares. De acordo com esse psiquiatra, existem «antropólogos que encontraram EQMs em populações que nem sequer conheciam a escrita. As experiências eram muito parecidas com aquelas que são presenciadas nos prontos-socorros das grandes cidades» e tinham origem em países como a Índia, o Japão e a China, entre outros.

Igualmente dignas de interesse são as revelações publicadas no seu livro “Instantes da Eternidade”. Nessa obra, o autor refere que as experiências de quase morte são passíveis de serem partilhadas por outras pessoas quando alguém, cuja morte se aguarda, expira o último sopro. O espírito de familiares ou amigos muito próximos – em certos e raros casos – também sai do corpo e, como se tivesse desencarnado, flui com a alma do defunto, acompanhando-o até ao limiar do “outro lado”, regressando depois ao seu corpo, vivendo aquilo que Moody chama de uma EQM partilhada.

Outra autoridade no campo das EQMs é a investigadora e escritora norte-americana P. M. H. Atwater (1937), com mais de 4.000 casos estudados, tendo ela própria passado, em 1977, por três experiências de quase-morte.

Com várias obras publicadas, entre as quais a referente à experiência que ela própria viveu (I Died Three Times in 1977 – The Complete Story), relata alguns fatos curiosos relacionados com indivíduos que passaram por uma EQM, nomeadamente, de curas instantâneas, como de «pessoas que, repentinamente, ficaram livres do cancro; [de] tumores cerebrais [que] desapareceram; [de] um homem com AIDS [que] emergiu da experiência sem um sinal da doença». Refere, ainda, que quem sobrevive a uma EQM passa «por uma transformação tão grande que ficam parecendo estranhos para aqueles que os conheciam antes; até as fotografias tiradas antes e depois podem mostrar essa diferença».

Ainda de acordo com Atwater, há importantes modificações fisiológicas por parte de quem passou por uma EQM, como, por exemplo, maior sensibilidade à luz e ao volume do som, melhoria nos processos digestivos e da saúde em geral e aumento de capacidades curativas por imposição das mãos, entre outros aspetos.

Terapias de vidas passadas (TVP)

Outro tema que tem merecido a atenção de vários investigadores é o tratamento de um largo espectro de enfermidades cujas causas remontam a pretéritas existências do paciente. O emprego dessas técnicas de cura – designadas por terapias de vidas passadas (TVP) – tem permitido a muitos doentes libertarem-se de situações patológicas consideradas incuráveis, como fobias e dores de origem desconhecida, e que tiveram origem em traumas, doenças ou acidentes ocorridos em vidas anteriores.

O psiquiatra norte-americano Brian Weiss Ph.D. (1944), diplomado pela “Universidade de Medicina de Yale” é mundialmente conhecido como um dos mais conceituados investigadores em TVP. A reencarnação, progressão a vidas futuras e imortalidade do espírito após a morte física são outras áreas a que este conhecido psiquiatra, pesquisador, palestrante e prolífero autor se tem dedicado.

Autor dos livros “Muitas Vidas, Muitos Mestres” e “A Divina Sabedoria dos Mestres”, entre outras obras de sucesso, Brian Weiss, por meio de técnicas de regressão – mediante hipnotismo e relaxamento – tem curado milhares de doentes que, pelos processos da medicina convencional, não conseguiam resolver os seus problemas de saúde.

Nas TVP o doente orientado pelo terapeuta, viaja pelo tempo e vê-se confrontado com a vívida recordação dos acontecimentos que deram origem a essas síndromes, normalmente mais associadas a situações de pânico e fobias relacionadas com mortes violentas ou com grande sofrimento.

Tal como numa terapia psicanalítica, a busca e a identificação das causas remotas que deram origem ao mal que afeta o paciente – retidas na memória do

Espírito –, podem reduzir drasticamente os efeitos indesejáveis da doença e, na maioria dos casos, levar à cura total do paciente.

Na verdade, o doente, quando retorna de uma regressão – para a qual foi previamente hipnotizado – em que se viu confrontado com situações dolorosas de uma vida passada, fica geralmente liberto do medo ou da dor que o atormentava. É como se o fato de reviver esse acontecimento – pelo efeito de catarse – constituísse a chave para se desfazer desse trauma, remetendo-o para o passado como um assunto morto, sem importância, pelo que deixa de ter qualquer influência na vida atual do paciente.

As terapias de vidas passadas, no entanto, não devem ser usadas como instrumento de mero entretenimento, como algo que está na moda, ou seja, sem utilidade terapêutica. Essas técnicas – que devem ser praticadas por especialistas idôneos – apenas possibilitam o acesso a pequenos fragmentos de vidas anteriores e estão dependentes do consentimento das hierarquias espirituais, que analisam se a regressão é útil para o paciente.

Tal como Kardec admitia, em meados do século XIX, ainda bem longe do atual uso generalizado dessas terapias, «às vezes [o espírito], tem uma vaga consciência disso [das vidas passadas] e elas podem até mesmo lhe ser reveladas em algumas circunstâncias. Mas é apenas pela vontade dos Espíritos Superiores que o fazem (...) com um objetivo útil e nunca para satisfazer uma curiosidade vã»³⁰.

Essa autorização para aceder a vidas passadas depende, naturalmente, dos compromissos eventualmente estabelecidos no programa reencarnatório do paciente, pois há moléstias que poderão ser cármicas, mais precisamente, reportarem-se à expiação de faltas cometidas em vidas anteriores, pelo que o acesso a essas memórias poderá não ser permitido.

Os sempre céticos...

O conceito da sobrevivência do espírito e de que o amor é a energia pura do Cosmos – porque Deus é amor – tem atraído um número crescente de pessoas que buscam auxílio espiritual para os seus problemas ou uma resposta que as faça crer que a vida tem um significado mais profundo que a sua atual e curta existência.

É graças ao admirável trabalho destes dedicados investigadores que milhões de pessoas encontram consolo e esperança no coração, muitas vezes devassado pela dor, pelo desalento, pela doença ou pela irremediável perda de entes queridos.

Naturalmente que esta perspetiva redentora – a imortalidade do espírito – alicerçada não apenas na fé, mas na evidência dos fatos, continua a ser alvo da obstinada resistência de alguns intelectuais e cientistas avessos à renovação de seus modelos académicos.

Para esses irreduzíveis conservadores, recordemos as sábias palavras de Ian Stevenson, quando se lhes referiu: «Para mim, tudo (...) está aberto a mudanças, e eu fico consternado ao perceber que muitos aceitam o conhecimento atual como algo imutável».

Uma Ciência mais espiritualizada

A evolução moral e intelectual do homem, em grande parte como resultado do nascimento de gerações espiritualmente mais evoluídas – como as crianças Índigo e Cristal e, mais recentemente, as crianças Arco-íris ³¹ – tem conduzido aos primeiros passos de uma investigação científica mais moderna e humanizada, facilitando um clima de aproximação entre Ciência e Religião, melhor dizendo, entre Investigação e Espiritualidade, porque Deus não vê diminuída a Sua Glória pelo fato do conhecimento humano ser cada vez maior em todas as áreas do saber, muito pelo contrário.

A própria Igreja Católica, através do Papa João Paulo II, na encíclica “Fé e Razão”, confirma não existir «contradição entre a verdade que Deus nos revela em Jesus Cristo e as verdades pela filosofia. Deus não tem nada a temer com a descoberta progressista dos segredos da natureza. Não existe oposição (...) mas uma complementaridade indispensável».

Na verdade, todas as prodigiosas descobertas do homem apenas confirmam a grandeza divina porque, a cada nova descoberta, novas questões se colocam ao cientista, e assim sucessivamente, já que o saber não tem limites e, muito menos, a onisciência do Criador.

Como admitiu Sócrates, há vinte e cinco séculos atrás, numa curta frase de muita sapiência e humildade: «Só sei que nada sei», em resposta ao Oráculo de Delfos que o reconhecia como o mais sábio de todos os homens, sendo que o citado filósofo afirmava que a sua «sabedoria estava limitada à sua própria ignorância».

Entretanto, as ciências não evoluíram apenas no conhecimento científico e tecnológico, mas também agregaram valores deontológicos, tendo-se criado uma

nova cultura – a bioética – que orienta médicos, biólogos e investigadores científicos a assumirem um comportamento eticamente responsável na sua atividade profissional.

A par dessa tomada de consciência por parte dos investigadores, não deixam de ser surpreendentes as descobertas científicas das últimas décadas, nomeadamente na genética, na medicina, na psicologia transpessoal ³², na biologia evolucionista, na astrofísica e, sobretudo, nas revelações de áreas científicas como a física quântica – que demonstra haver integração entre os fenómenos físicos e os espirituais.

Constituem acontecimentos revolucionários de enorme repercussão cultural, que têm vindo a criar no homem moderno, mais atento aos novos tempos, a consciência da sua real natureza e da existência de algo muito superior e que o transcende inteiramente, sendo cada vez maior o número de cientistas, físicos, médicos e filósofos que creem na existência de Deus e na imortalidade da alma.

É como se uma nova revolução do conhecimento humano começasse a integrar esses conceitos, tudo indicando que Ciência e Religião caminharão de braços dados nos desafios que o século XXI irá reservar a uma humanidade mais amadurada em conhecimento e espiritualidade.

Essa perspetiva é defendida no livro “A Linguagem de Deus” por um dos mais conceituados cientistas da atualidade, o norte-americano Francis Collins (1950), diretor do “Projeto Genoma Humano” e um dos responsáveis pelo mapeamento do ADN humano, que acredita ser «possível compreender as verdades fatuais sobre a origem do Universo e da vida e, ao mesmo tempo, viver uma crença religiosa profunda», acrescentando que ambas se podem juntar «num todo harmonioso, cuja validade pode até não ser passível de prova como uma teoria científica, mas que tem uma base fundamentalmente racional».

Ainda no decorrer dessas páginas, Collins confessa que, ao cursar medicina, se via cada vez mais «surpreendido pela fortaleza espiritual das pessoas com uma crença, mesmo perante as piores tragédias». Mais adiante, esse famoso cientista conclui «que o nosso Universo, regido por leis finamente ajustadas e favoráveis à vida, poderia ser considerado a obra-prima de uma mente divina».

O rol de cientistas que aceita a existência de uma inteligência divina não para de crescer, contrariando a rígida postura de uma ciência materialista e de tradição ateuista. E, fato curioso, parece ser a própria Ciência que se tem vindo a encarregar, com as suas admiráveis descobertas, a dar crédito àquilo que, décadas atrás, classificava de superstições e mitos religiosos.

É o caso, entre muitos outros, do norte-americano Allan Sandage (1926-2010), um dos cosmógrafos mais influentes do século XX e que foi assistente do astrónomo Edwin Hubble. Após a morte desse famoso astrofísico, Allan Sandage deu continuidade ao seu programa de pesquisas. Alguns dos contributos mais notáveis que Sandage deu à Ciência foram o de calcular com grande precisão a idade do Universo e o valor da constante de Hubble.

Considerado um dos astrónomos mais respeitados da comunidade científica, Allan Sandage era um ateu convicto. Surpreendentemente, converteu-se ao cristianismo aos 50 anos de idade, pois, conforme veio a confessar: «Foi o meu trabalho que me levou à conclusão de que o mundo é muito mais complicado do que pode ser explicado pela Ciência. Só através do sobrenatural consigo entender o mistério da existência».

Mais adiante, interroga-se, por que razão «os eletrões têm todos a mesma carga e a mesma massa?», acrescentando que a Ciência apenas responde a questões do género «o quê?», «como?» e «quando?», mas jamais explica o «porquê?», por muito avançado que o conhecimento científico possa ser. Esse “porquê?” encontrou-o Allan Sandage na religião cristã.

O físico e escritor Paul Davies (1946) é outra figura mundialmente conhecida no meio científico. Possuidor de um invejável currículo acadêmico, este investigador britânico tem sido homenageado com diversos galardões de prestigiadas instituições internacionais. Atualmente dedica-se à astrobiologia, cosmologia e teoria quântica de campos, sendo professor de Filosofia Natural na Macquarie University em Sydney e figura de destaque da “SETI – Search for Extra-Terrestrial Intelligence”, da Arizona State University, nos Estados Unidos.

Da sua vasta obra, o livro “A Mente de Deus”, Paul Davies analisa o percurso da ciência e da filosofia numa perspetiva histórica, acabando por concluir que tudo no Universo mostra intenção e consciência, pelo que, segundo o autor, «as leis da Natureza são engenhosas e criativas (...) A vida é apenas um aspeto disso. A consciência é outro. Um ateu pode aceitar essas leis como um fato bruto, mas para mim elas sugerem algo mais profundo e intencional».

Outro cientista de renome que defende que Ciência e Religião são diferentes aspetos da mesma realidade é o físico inglês John Polkinghorne (1930), um investigador com mais de duas décadas e meia de brilhante carreira como professor catedrático no departamento de Física de Cambridge. Colega do célebre cosmólogo Stephen Hawking, este cientista foi presidente do prestigiado “Queens - College” de Cambridge. Abandonou a carreira académica para se converter ao Anglicanismo, tendo sido posteriormente ordenado pastor.

Para este investigador, a física quântica e a matemática do caos, são teorias que demonstram que a imprevisibilidade existe em toda a Natureza, mas que esse fato não deve «ser interpretado como uma infeliz ignorância de nossa parte e sim como sinal de que os processos físicos são muito mais abertos do que a mecânica de Newton sugeria (...), [pelo que] existem outros princípios causais em ação, acima e além das trocas de energia que a física descreve».

Perante tão abundantes testemunhos de proeminentes cientistas que creem em “algo mais profundo e intencional” do que a simples matéria, não será difícil adivinhar que o futuro – já não tão distante – confirmará a bela predição do fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878): «Tempo virá em que o sábio, o pensador, o padre e o poeta falarão a mesma língua»³³.

Os Carmas

Capítulo II

A palavra carma – de origem sânscrita – representa um princípio de causalidade, em que uma ação gera sempre uma reação, quer na vida presente, quer numa futura reencarnação.

Trata-se de um conceito que integra diversas religiões do Oriente, nomeadamente o Hinduísmo, o Jainismo e o Budismo, tendo entrado posteriormente no léxico de correntes espiritualistas ocidentais, como a Teosofia³⁴, a Umbanda e o Kardecismo, entre outras.

Nas religiões e doutrinas reencarnacionistas sempre se entendeu que existe uma lei de causa e efeito, porque o que somos nesta vida é frequentemente resultado do que fizemos de bem ou de mal em existências passadas, umas mais recentes, outras mais distantes na escala do tempo.

A reparação dos erros é feita por meio das reencarnações, quando o espírito gerado num novo corpo físico regressa ao plano terrestre para procurar ressarcir-se das dívidas cármicas que atrasam o seu progresso espiritual.

Carmas e reencarnações, na realidade, são indissociáveis do ser humano enquanto criatura em evolução, pelo que só depois de aprender todas as lições – em que o amor e o perdão são a tónica dominante – e reparar os erros cometidos é que o espírito ficará liberto do retorno à carne e livre para, finalmente, ascender a planos mais elevados.

Até chegar a esse estado de pureza muitas reencarnações terão de ocorrer, grande parte no seio daqueles onde há questões mal resolvidas, para que os erros gerados no passado possam ser corrigidos em novas oportunidades de vida, o que nem sempre sucede da melhor forma.

É por esse fato que muitas das desavenças entre indivíduos de um mesmo grupo social – família, colegas de trabalho, vizinhos, etc. – estão mais relacionadas com questões que vêm de vidas passadas do que aquelas que, atualmente, parecem estar na sua origem. Ou seja, têm precedentes cármicos.

Dívidas cármicas

A maioria dos espíritos quando reencarna procura fazê-lo junto daqueles que lhes são mais próximos, com quem já tiveram um histórico relacional, pelo que a tendência é agruparem-se em famílias que poderão ser ou não de sangue.

As ligações das famílias cármicas³⁵, porque complexas e numerosas, implicam o cruzamento dos seus membros em várias reencarnações, sendo certo que nem todos estarão presentes na mesma época, no mesmo ciclo social ou no mesmo espaço geográfico. Se uns reencarnam no seio de grupos com os quais têm afinidade – por amor ou por quererem ajudar –, outros será por força de acordos assumidos no plano astral, nomeadamente para reparar erros do passado e desligarem-se dos carmas que impedem a sua evolução.

É o que sucede, frequentemente, quando ofendidos e ofensores entram num novo plano de vida para acertarem as suas contas, as quais, naturalmente, deverão ser resolvidas pela via positiva, isto é, pela reparação e reconciliação.

Esse fato, porém, exige uma reforma íntima que não está presente em muitas situações, nomeadamente quando a mágoa criou profundas feridas no coração de quem foi seriamente prejudicado. É comum, então, o ofendido alimentar ressentimentos e, caso não os supere pela via do perdão, há o sério risco de querer exercer essa cobrança, ou seja, de se vingar.

A tendência para esse “ajuste de contas” reflete-se, amiúde, no relacionamento problemático entre pessoas que têm laços de parentesco muito próximos.

Tomemos como simples exemplo dois irmãos, em que um deles, a irmã, maltrata o caçula a pretexto seja do que for. Injuria-o, trata-o com desdém, deprecia-o constantemente e, em certas circunstâncias, até parece odiá-lo. Consideremos, ainda, que os pais sempre demonstraram o mesmo sentimento de amor com os filhos, pelo que a hipótese da primogénita reagir por ciúmes é de excluir.

Então, de onde poderá vir esse rancor se, aparentemente, não há razões para semelhante comportamento? No contexto desta vida, na verdade, nada parece justificar esse fato, mas muito do que passamos agora é, normalmente, fruto da sementeira que fizemos no passado.

De um passado cujas raízes podem remontar a épocas distantes e reportarem-se a vidas precedentes mal resolvidas. Seria o caso do citado exemplo: a irmã mais velha foi a infeliz companheira de um marido bruto e libertino – o atual irmão mais novo –, que infernizou a vida da pobre esposa, quando a deveria ter amado e protegido.

Nesta reencarnação, essa mulher reencarnou como irmã do antigo marido, para que ambos tivessem oportunidade de sair de um processo cármico que, provavelmente, já contaria com anteriores vidas conflituosas.

Se a ideia era a libertação cármica do antigo casal – mediante uma nova relação que tinha condições para ser fraterna, como é suposto suceder entre irmãos –, essa intenção frustrou-se, já que, no foro íntimo da antiga mulher persistiam sentimentos de revolta, de velhas contas a cobrar... pelo que o amor, mais uma vez, cedeu ao rancor.

É no seio de um grupo social mais restrito, geralmente unido por laços de sangue, que a maioria dos espíritos procura solução para os seus problemas de ordem cármica, sendo que alguns deles têm históricos muito tristes.

Há casos bastante delicados, como o revelado pelo Espírito São Agostinho, na obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Alan Kardec. São Agostinho fala-nos das inquietações de um espírito que pretende nascer numa determinada família, onde existe uma séria questão cármica com um dos seus futuros pais.

Um espírito quando desencarna, explica-nos São Agostinho, «leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no espaço, ou permanece estacionário, até que deseje receber a luz. Muitos, portanto, se vão cheios de ódios violentos e de insaciados desejos de vingança», outros, pelo contrário, quando mais adiantados espiritualmente, têm oportunidade de avaliar «as funestas consequências de suas paixões e são induzidos a tomar resoluções boas. Compreendem que, para chegarem a Deus, uma só é a senha: caridade. Ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade sem perdão, nem com o coração tomado de ódio».

Quando a esses espíritos lhes é dada a possibilidade de superar essa ferida pela via do amor e do perdão, de início se revoltam com essa ideia, pois «amarem [aqueles] que lhes destruíram (...) os haveres, a honra, a família», é uma empreitada muito difícil de aceitar, quase impossível. No entanto, se decidirem que esse é o caminho certo, «oram a Deus [e] imploram aos bons Espíritos que lhes deem forças, no momento mais decisivo da prova».

Que prova é essa? É de todas as provas, a mais difícil, mas também é a que mais rapidamente pode pôr termo a mais vidas perdidas em inimizades e inútil sofrimento: reencarnar no seio da família que se odeia. Então, decidido a fazê-lo, «após anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo em preparo (...) e pede aos Espíritos (...) para ir preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se».

Ao reencarnar, interroga-se São Agostinho, «qual será o seu procedimento na

família escolhida?», sendo ele próprio a responder, «dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O incessante contacto com seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual não raro sucumbe, se não tem ainda bastante forte a vontade. Assim, conforme prevaleça ou não a resolução boa, ele será o amigo ou inimigo daqueles entre os quais foi chamado a viver».

Compreende-se, então, que o repúdio instintivo e as manifestações de ódio por «parte de certas crianças e que parecem injustificáveis», sem que nada possa estar na sua origem, têm como causa fatos que se reportam ao passado, um passado que ocorreu numa outra vida, naturalmente.

O citado Espírito de Luz apela seguidamente para que compreendamos «o grande papel da Humanidade [porque] quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa recebereis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados e a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Lembrai-vos de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus: Que fizestes do filho confiado à vossa guarda?».

Seguidamente faz um sério aviso a esses pais que não foram zelosos, referindo que se um filho se «conservou atrasado» por culpa deles, terão «como castigo vê-lo entre os espíritos sofredores, quando [deles] dependia que fosse ditoso». Então, atormentados pelos remorsos, esses pais imploram por outra reencarnação conjunta com a do filho, para se ressarcirem dessa falta e cumprirem com carinho e afetividade esse relacionamento, o qual será retribuído pelo amor do filho.

Para a mãe que se sente rejeitada pelo filho, São Agostinho explica que nada é feito por acaso e que «um ou outro já odiou muito, ou foi muito ofendido», mas «que um ou outro veio para perdoar ou para expiar».

Sentimentos de ódio, ciúme e vingança, apenas atrasam a nossa evolução espiritual e acarretam vidas muito dolorosas. Para quê sofrer e alimentar ressentimentos, quando o caminho é e sempre será o do amor e do perdão?

Quantas pessoas que fazem parte do nosso atual ciclo afetivo – mesmo aquelas que mais amamos – não terão sido, em existências anteriores, uns simples desconhecidos, umas pessoas repulsivas ou mesmo uns perigosos adversários?

E em futuras reencarnações, então, será que o inimigo de hoje poderá vir a ser o bom amigo de amanhã ou, até mesmo, a mulher que nos vai dar à luz?

O conhecido monge tibetano Dalai Lama, numa das suas preleções, referiu que todos nós «renascemos muitas e muitas vezes e (...) é possível que todas as criaturas tenham laços familiares entre si».

Temos memórias cármicas?

Ao reencarnamos, as memórias de vidas passadas deixam de fazer parte do nosso conhecimento ³⁶, nem mesmo os episódios mais afortunados ou os de maior sofrimento constituem exceção. Ficamos limpos de toda a informação consciente, sendo que esses dados permanecem arquivados na memória do nosso Espírito, mas são-nos vedados enquanto vivermos no mundo físico.

Na realidade, como encarnados, seria extremamente constrangedor termos à nossa disposição toda essa gigantesca informação, além de a mesma passar a exercer uma influência tão grande no nosso livre-arbítrio, que este deixaria de ser um instrumento livre das nossas decisões.

Sendo assim, como é possível ter simpatia ou antipatia por alguém que nunca nos fez nem bem nem mal? E que mal conhecemos? E se essa pessoa nos ajudou ou prejudicou numa vida do passado, como se pode ter agora, nesta vida, consciência desse fato?

Consciência desse fato não temos, mas reagimos instintivamente, impelidos por uma espécie de intuição que se manifesta em determinadas circunstâncias, nomeadamente no tipo de sentimentos que certas pessoas nos inspiram.

Essa intuição avisa-nos quando há cruzamentos de vidas com pessoas com quem temos um histórico relacional, que tanto poderá ser amigável como litigioso. É bom lembrar que, como seres humanos em permanente evolução, tivemos inúmeras vivências, sendo que, em algumas delas, também cometemos ações pouco ou nada abonatórias e que ainda não foram reparadas.

Daí, o elevado risco de nos depararmos em qualquer momento com um cobrador cármico e sermos apanhados de surpresa se essa intuição não funcionar ou, o que é mais provável, não lhe dermos a devida atenção.

O nosso passado – e a subsequente matéria cármica das nossas ações – está presente nas mais diversas circunstâncias da nossa vida. No entanto, não se pode inferir que todas as situações boas ou más que se nos deparam no dia-a-dia têm origem cármica.

Na verdade, muitos dos problemas que nos afetam, resultam de atos que nós praticamos agora, nesta vida, sendo que alguns deles poderão gerar contas a regularizar noutras reencarnações, ou seja, de novos carmas.

Os mortos não dormem...

Não havendo progresso moral que elimine os débitos pendentes, é quase certo que credores e devedores se voltem a encontrar em futuras reencarnações. Isto, numa forma linear, pois nem sempre as reencarnações ocorrem em tempos de vida coincidentes.

Existem, por conseguinte, sérias hipóteses do espírito perseguidor não reencarnar na mesma época daquele que é objeto do seu ódio e perambular pelo mundo imaterial por muito tempo, podendo tornar-se um obsessor deveras perigoso, agindo em todas as áreas da vida do encarnado.

Na realidade, não é com a morte física dos nossos inimigos que nos libertamos da sua perseguição, já que a maioria dos casos de obsessão ocorrem com o seu desencarne, pois «o espírito mau espera que aquele a quem quer mal esteja encerrado em seu corpo, e assim menos livre, para mais facilmente o atormentar³⁷».

Como os mortos não dormem, estará sempre pronto a prejudicá-lo – provocando intrigas e despertando ódios – nas relações conjugais, nos negócios, na roda de amigos e familiares e, conseqüentemente, na própria saúde física e mental do obsidiado.

Há casos de espíritos vingativos que, errando no submundo da crosta extrafísica, são perseguidores implacáveis – durante séculos –, tornando-se verdadeiras maldições nas diversas reencarnações que a vítima ou os seus familiares venham a ter.

E tudo isto, por quê? Porque as paixões humanas, como o ódio e os desejos de vingança, “falam mais alto” do que os sentimentos elevados que nos regeneram. Enquanto esses apegos existirem como máculas inferiores, as pessoas envolvidas nessas tramas não conseguem sair de um ciclo de constante sofrimento, arcando muitas vezes com planos de vida difíceis e sem qualquer progresso espiritual.

Para os obsessores que, movidos por vingança, preferem vaguear nas dimensões sombrias do Astral como algozes enraivecidos, o quadro não será melhor. Sofrem com o ódio que os alimenta, num ilusório gozo doentio de torturar quem perseguem, sem jamais se sentirem saciados e, muito menos, aliviados. Apenas acrescentam débitos às suas já sobrecarregadas contas cármicas.

A força do perdão

A maioria dos problemas, se não mesmo todos, resolve-se pela via do perdão, mas do perdão dado com sinceridade. O perdão também é um meio poderoso que abre numerosas portas, como as da alegria e felicidade na nossa vida carnal, porque perdoar é tornar o nosso coração mais puro, mais liberto e disseminar sementes de amor, que poderão germinar, crescer e dar bons frutos...

Pelo contrário, remoer uma vingança como uma fixação doentia, além de nos tornar infelizes e de ser um potencial agente de nefastas patologias, apenas serve para afastar os nossos protetores espirituais e criar perigosas frestas que atraem energias negativas e toda a casta de obsessores, fato que nos poderá levar à prática de atos condenáveis de que nos viremos a arrepender, como é o caso de se procurar fazer “justiça” com as próprias mãos.

Perdoar, então, é lavar a alma de sentimentos de revolta, de vingança e de ódio. É distanciarmo-nos emocionalmente da fervura que nos vai no sangue e reagir com mais serenidade relativamente às afrontas de que somos vítimas.

Se perdoar aos nossos inimigos é um ato de grande nobreza e de superação do nosso orgulho ferido, pedir perdão pelo que fizemos de errado – com verdadeiro arrependimento –, então, é algo de sublime, é um gesto de extrema humildade e de coragem perante aqueles que ofendemos.

Assumir essa postura com honestidade, além de nos valorizar espiritualmente, converte-se num escudo protetor contra as forças do baixo astral, porque deixamos de ser um alvo fácil das suas investidas, sobretudo daqueles que, quando desencarnarem, não terão fundamento moral para nos importunar.

O perdão e o arrependimento são um forte entrave à atuação de “cobradores por conta própria”, na medida em que a regra de perdoar para ser perdoado é um princípio sagrado, tantas vezes apregoado por Jesus Cristo no seu apostolado de Luz, fato que não facilitará a espíritos transviados a prática impune de vinganças. Tal como nos ensinou esse maravilhoso Mestre há dois mil anos nesta sublime oração consagrada ao nosso Pai: «Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos ofendeu».

Se Deus, na Sua infinita bondade, nos pode perdoar, quem é que se Lhe pode opor? Há alguma força que possa evitar a Sua proteção?

Sim, na verdade, há... apenas nós próprios, porque se Deus nos deu o livre-arbítrio para decidirmos as nossas escolhas, é pelas escolhas erradas que sofremos e damos entrada às forças trevosas.

É na negatividade dos nossos pensamentos e nas atitudes reprováveis, tantas vezes alimentadas por orgulhos mesquinhos, que reside esse risco. Logo, é fundamental que perdoemos a quem nos ofendeu e peçamos perdão pelas nossas faltas, ainda vivos, porque, como nos lembrou um Espírito de Luz³⁸: “ninguém está de malas aviadas p’ra partir”...

A morte não se faz anunciar e, por via desse fato, não estamos preparados para o desencarne. Aproveitemos, então, e vamos perdoar a quem nos ofendeu e pedir perdão pelas nossas ofensas... sem demora, pois nunca se sabe quando é a hora de partir!

Todo o delito é cobrado

Quando se cometem faltas geram-se dívidas que, por maiores ou menores que sejam, terão de ser ressarcidas nesta vida ou em futuras encarnações.

De acordo com Allan Kardec, no livro “O Céu e o Inferno”, a «reparação [das faltas] consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros numa existência (...), achar-se-á numa existência ulterior em contacto com as mesmas pessoas», de tal forma que terá de mostrar arrependimento e compensar o mal que lhes fez, por igual bem que lhes terá de fazer. Nisso consiste a Justiça Divina pela qual se pautam as leis do carma.

Nem todas as faltas, porém, provocam danos a terceiros, isto é, não criam vínculos cármicos com outras pessoas. São faltas que podem resultar de comportamentos errados, como no desrespeito pelo meio ambiente – poluindo-o – ou na falta de amor com os animais – maltratando-os –, entre outras condutas impróprias de um ser civilizado.

No entanto, é mais comum essas faltas estarem relacionadas com o incumprimento do encarnado face a determinados objetivos do seu plano reencarnatório, tais como não ser caridoso quando devia ser bondoso, ser ingrato quando devia ser grato ou ser orgulhoso quando devia ser mais humilde, entre outras mudanças necessárias para o seu aperfeiçoamento moral.

Nenhum ato errado mantém-se impune – sem reparação – e enquanto o infrator não aprender as lições que a vida lhe proporciona e delas retirar proveito, como arrepender-se pelo mal que fez e procurar corrigir os seus erros, a tendência será para ter vidas mais sofridas.

Compreende-se, então, que uma determinada pessoa lesada por outra possa vir a perdoá-la – fato meritório e de grande elevação moral –, mas esse gesto poderá não evitar que o transgressor fique liberto do castigo que lhe é devido, porque é pelos erros e pelas lições que se aprende... Mas será que ele aprendeu? Reconheceu que agiu mal ao ter prejudicado essa pessoa? Demonstrou arrependimento e procurou corrigir esse erro? Provavelmente, não...

A justiça do homem também é um meio pelo qual pode ser executada a cobrança cármica. Quando um crime é cometido, seja qual for a sua natureza, produz-se um dano que requer reparação. Sendo o delito descoberto e o criminoso condenado, a pena já por si pressupõe uma forma de expiação, que pode anular ou reduzir essa dívida, mas tudo depende das circunstâncias e sempre que haja arrependimento.

Essa avaliação, assim como as demais relacionadas com os carmas, é feita pelo Conselho Cármico – também designado por Assembleia Cármica –, um órgão formado por espíritos altamente evoluídos a quem Deus confiou a nobre missão de reger o progresso espiritual da humanidade, assim como das questões relacionadas com as consequências favoráveis ou desfavoráveis da nossa conduta quando encarnados, entre outras importantes competências.

As leis do homem, no entanto, são imperfeitas, pois nem sempre conseguem evitar que os delinquentes mais poderosos – apoiados por astutos advogados – escapem às malhas da justiça e continuem livremente na senda do crime. Outros delitos, a maioria deles horrendos, são cometidos com extrema frieza e sem que jamais se descubram os seus autores. Infelizmente, não é uma situação incomum, nomeadamente nos casos de rapto, estupro e assassinato, por exemplo.

O clima de impunidade que muitos criminosos julgam ter, por sempre escaparem da justiça – ludibriando os tribunais ou não deixando rasto –, é um erro grosseiro

em que incorrem, pois nada escapa ao crivo da Justiça Divina, pelo que serão punidos no momento certo, provavelmente quando desencarnarem e tiverem de prestar contas no “outro lado”.

Aí, nesse plano espiritual, não existem falácias, nem artimanhas, nem segredos, nem poderosos, nem compadrios, porque «Deus, em Sua infinita misericórdia estabeleceu na morte o grande nivelador universal», conforme declarou numa sessão kardecista um espírito de elevada hierarquia ³⁹, ao comentar o clima de preconceito racial aí manifestado.

Na verdade, é depois da vida carnal que são avaliados os méritos e desméritos de cada um de nós e, naturalmente, aqueles que tiverem um déficit cármico muito grande, sofrerão punições mais pesadas, quer no plano astral, quer no plano físico, ao reencarnarem.

Nem todos, porém, vão reparar os seus erros numa próxima reencarnação. Algumas almas arrependidas, que querem progredir e redimir as suas faltas, podem ser autorizadas a trabalhar no mundo espiritual, se o doutrinamento a que forem submetidas em centros próprios do Astral oferecer suficientes garantias de reabilitação.

Como “nada é por acaso”, os trabalhos de caridade promovidos por esses espíritos incluem, frequentemente, proteção e auxílio àqueles que foram suas vítimas ou, na falta destes, aos seus familiares, cumprindo-se assim, as leis do carma, não pela via do sofrimento, mas pela via da compensação, entendendo-se, no entanto, que qualquer uma dessas vias é sempre de reparação, desde que haja sincero arrependimento por parte do infrator e vontade de progredir.

O arrependimento e a conversão são a chave da salvação – entenda-se, da evolução espiritual –, conforme a parábola de Jesus Cristo aos pecadores e

publicanos ⁴⁰: «há mais alegria no céu por um pecador que se arrependa do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento». (Lucas 15:7)

Outras situações, porém, requerem que o espírito para se ressarcir dos seus erros e retirar proveito das experiências por que vai passar, se veja forçado a cumprir parte da sua pena no plano extrafísico, mas em condições diferentes das que foram referidas.

Foi o que se passou com um desencarnado que incorporou numa sessão espírita em que participei.

Devido à natureza dos seus erros – não especialmente graves, mas necessitados desse tipo de corretivo –, esse irmão viu-se obrigado a trabalhar na limpeza astral de um terreiro umbandista.

Como resultado dos trabalhos dos médiuns e espíritos benfeitores na desobsessão dos consulentes que aí recorriam, assim como na remoção de miasmas ⁴¹ e desmanchos de magia negra, entre outras infâmias perpetradas pela mente humana, eram exsudadas nessas sessões grandes quantidades de lixos e energias deletérias. Devido ao seu elevado grau de periculosidade, esses lixos tinham de ser recolhidos e despachados para locais apropriados.

Nessa penitência algo invulgar, esse espírito acabou por ser uma testemunha invisível nesse ambiente inquinado e, por vezes, no meio de criaturas imundas e de Quiumbas ⁴², que aí ocorriam para pilhar restos de material infecto, como moscas varejeiras em volta de carne putrefacta. O infeliz lixeiro trabalhou sem cessar durante longos meses a fio, recolhendo resíduos tóxicos e fluidos astrais pestilentos, além de testemunhar o sofrimento das pessoas que aí ocorriam em busca de auxílio, o que, para esse pobre espírito, constituiu uma dura lição.

A experiência foi tão repugnante que, quando autorizado a sair desse meio atroz, procurou desesperadamente um médium de passagem ⁴³, implorando para ser transportado e cumprir o resto da pena longe daquele pesadelo.

Aí, nesses breves instantes em que aguardava a chegada de um Guardiã ⁴⁴, foi impressionante ouvir o desabafo exausto e doloroso desse irmão, devastado por tão amarga experiência em que conheceu de perto um dos piores lados da humanidade – o das pragas, demandas e bruxarias – e que, seguramente, jamais voltará a cometer erros que mereçam tão amarga lição, porque esta lhe serviu de emenda.

Neste caso houve colaboração do espírito ao aceitar o castigo com total resignação e dele tirar proveito, arrependendo-se, fato que o irá beneficiar numa futura encarnação.

No entanto, há almas infratoras que oferecem resistência às medidas que têm de ser aplicadas, como aquelas que recusam ser doutrinadas ou reencarnar para resgatar as suas dívidas. Nessas circunstâncias, naturalmente, fazem-no de forma compulsiva.

Outras criaturas que cometeram faltas graves e que se mostraram rebeldes no desencarne, são desterradas para as profundezas do Umbral – uma espécie de Inferno na concepção cristã – até ao dia em que lhes será permitido ter uma nova oportunidade para se redimirem, o que poderá levar décadas ou séculos de terrível sofrimento.

A região do Astral para onde será destinado um espírito e qual o acolhimento que lhe será dispensado, resulta da avaliação dos méritos e deméritos que teve

na vida terrena – da sua contabilidade cármica –, fato que abre um infindável leque de possibilidades sobre o destino das almas que partem para os planos espirituais.

Reencarnar por amor

O reencarne, por vezes, não é uma necessidade do espírito para se ressarcir dos seus carmas, podendo já estar liberto desse ciclo. Sucede que essa alma ao fazê-lo, poderá querer assumir um trabalho de grande importância na Terra, como missionário, por exemplo, ou para saldar dívidas cármicas de entes queridos, tendo nessas condições, normalmente, um período de vida relativamente curto.

É o caso que a seguir transcrevemos do livro “Muitas Vidas, Muitos Mestres”, do psiquiatra norte-americano Brian Weiss, quando por intermédio de Catherine, os Espíritos Mestres lhe transmitem esta mensagem: «O teu pai está aqui, e o teu filho, que é uma criança pequena, também. O teu pai diz que o reconhecerás porque o seu nome é Avrom, e a tua filha tem o seu nome. A sua morte também foi por causa do coração (...) por amor [o teu filho] fez um grande sacrifício por ti. A sua alma está muito avançada... A sua morte expiou as dívidas dos seus pais».

O filho do Dr. Brian Weiss, de seu nome Adam, faleceu vinte e três dias depois de nascer com uma doença muito rara, deixando os pais dilacerados pela dor.

Anos depois dessa tragédia, através daquela comovente revelação, Brian Weiss veio a saber que o seu filho Adam e o seu pai Avrom estavam “vivos”, embora noutra dimensão – no plano espiritual – e que Adam se tinha sacrificado naquela encarnação para resgatar os carmas dos pais, num gesto de grande amor, próprio de um espírito muito evoluído.

Resgatar todos os carmas

Sucedem, por vezes, que um ou outro espírito ao “negociar” os termos de uma nova encarnação, se proponha assumir um plano de vida bastante penoso, querendo libertar-se de todas as dívidas cármicas numa única existência, no propósito de abreviar ou acabar com futuros ciclos reencarnatórios e antecipar, deste modo, a sua caminhada para planos espirituais mais elevados.

Quando essa questão é colocada, as entidades responsáveis pelo planejamento reencarnatório analisam o caso e, se considerarem a empreitada arriscada, procuram demover o espírito desse propósito, alertando-o para o perigo de soçobrar nesse intento e sem qualquer vantagem para o seu desenvolvimento. Geralmente recusam esse plano, aconselhando-o a seguir caminhos menos turbulentos.

Outros casos, porém, quando relacionados com espíritos já bastante desenvolvidos e que desejam apressar o seu progresso espiritual – assumindo grandes sacrifícios numa próxima reencarnação – poderão ser autorizados a ingressar num novo plano de vida nessas condições. Trata-se de situações pouco comuns, pois sofrer tamanho martírio com total resignação e sem maldizer a sua sorte, não é desafio que possa ser superado por qualquer mortal.

Esse espírito ao reencarnar – tal como qualquer outro encarnado – deixou de ter conhecimento do que ficou negociado “para trás” – no plano espiritual –, restando-lhe umas vagas reminiscências de ordem intuitiva.

Vale-lhe, no entanto, uma natureza moral muito forte, mesmo estoica, quando o seu estágio evolutivo é bastante avançado, pelo que os padecimentos da carne que irá assumir ser-lhe-ão mais leves de suportar e o êxito do seu sacrifício mais

garantido.

Vidas cruzadas

Os novos planos de vida são, na maior parte dos casos, acordados entre as entidades de Luz que regem os carmas e o espírito que vai encarnar, considerando na mesma roda reencarnatória aqueles que já estão no plano físico e os que irão reencarnar posteriormente, quase sempre no seio da mesma família cármica em que há resgates a pagar, lições a aprender e trabalhos em conjunto.

Em épocas diferentes, por diversos caminhos e por maiores ou menores períodos de tempo, muitos farão parte da caminhada do novo ser. Outros se cruzarão com ele em vidas futuras.

O planejamento reencarnatório terá de ter tudo isso em conta, desde os projetos de vida de cada um dos intervenientes até às possíveis combinações daí resultantes.

Trata-se de um trabalho logístico extremamente complexo e que prevê grande diversidade de hipóteses, nomeadamente por força do livre-arbítrio, fator presente nos cenários projetados, os quais incluem, naturalmente, os objetivos que fazem parte dos planos de vida do futuro encarnado e que comportam, frequentemente, o reencontro com espíritos simpáticos.

Espíritos simpáticos

O que são espíritos simpáticos? São as almas amigas e virtuosas que nos abeiram? Não, nem sempre, pois a simpatia deve ser percebida como afinidade. Segundo Kardec, os espíritos simpáticos «são os que se nos ligam por uma certa analogia de gostos e pendoros [que] podem ser bons ou maus».⁴⁵

Os espíritos, então, atraem-se por afinidade, por comungarem preferências e tendências que lhes são comuns, que tanto podem ser de cariz benigno como maldoso.

Os sentimentos bons e agradáveis, de natureza benigna, que temos com os espíritos simpáticos revelam-se pela identificação afetiva pelas pessoas com as quais nos sentimos bem, em sintonia, porque ficamos cativados pela sua presença, pela atmosfera de harmonia e confiança que esse convívio nos proporciona, podendo-se, assim, construir ou reforçar laços de profunda amizade.

O mesmo tipo de afeição está presente nos casamentos bem-aventurados – de muito afeto entre os cônjuges –, de grande cumplicidade e que prosseguem nesse clima carinhoso pela vida fora; nas relações de amizade e camaradagem entre dois amigos; ou, ainda, nas preferências que uma determinada mãe possa ter relativamente aos filhos, sendo mais apegada a uns do que a outros.

Estes são alguns exemplos de reencontros de encarnados que tiveram, em outras vidas, intensos laços afetivos. São almas simpáticas que se sentem espontaneamente atraídas uma pela outra. Pode ser por amor, por amizade, por gratidão, por admiração ou por qualquer outro sentimento, desde que se traduza em profunda harmonia. Em suma, tem de haver boas vibrações, ao contrário dos

espíritos antipáticos que deixam uma sensação de desconforto, de rejeição e até de mal-estar, porque não há qualquer tipo de afinidade.

Os sentimentos de afeição, confiança e plenitude, que são comuns nos espíritos simpáticos, não se podem confundir com emoções, como viver uma grande paixão.

Esses estados emocionais podem ocorrer no decurso de relações mais íntimas entre espíritos simpáticos, como fases ou percursos de uma mesma caminhada, mas não são um objetivo em si. O aspeto sentimental terá sempre de sobressair sobre as emoções, o que não levará muito tempo a revelar-se. O fogo da paixão apaga-se, o do amor perdura...

Almas gêmeas

Inserido no grupo dos espíritos simpáticos vamos falar do que são almas gêmeas, um termo habitualmente conotado com a ideia de uma admirável história de amor, tão vivenciada por duas pessoas apaixonadas que, como num pacto sagrado, se voltam a reencontrar em futuras encarnações, num relacionamento tão ardente e tão longo como a duração do próprio tempo.

É uma ideia algo romântica, mas irreal, já que as almas gêmeas são espíritos que, quando encarnam, vêm cumprir em conjunto missões e trabalhos de ordem espiritual que assumiram no plano astral.

Vinculados por grande afinidade, esses espíritos podem ter uma relação muito próxima entre si, mesmo amorosa, é um fato, mas as almas gêmeas também surgem na vida do outro “par gêmeo” em diferentes situações e sob diversas formas, como primos, irmãos, amigos e, até, como simples desconhecidos que se poderão manifestar, mais cedo ou mais tarde, na longa marcha da vida.

A boa harmonia entre espíritos simpáticos que se amam ou que têm grande afetividade e partilham propósitos comuns, pode evoluir e convertê-los, também, em almas gêmeas, sendo possível essa união nascer no próprio mundo físico em que vivem, sem que tenha havido necessariamente um prévio compromisso no plano astral.

Quando as dificuldades da vida são superadas em conjunto, se eliminam dívidas cármicas e se desempenha um papel ativo na prática do bem e da caridade, a utilidade desse trabalho poderá ir para além de uma existência física, propagando-se essa parceria em futuras reencarnações.

As almas gêmeas nem sempre são aos pares – como um casal ou dois amigos –, porque um indivíduo na mesma vida terrena pode ter compromissos com mais do que uma alma gêmea, embora as situações e as finalidades não tenham de ser obrigatoriamente idênticas. Não é tão invulgar como se poderia imaginar.

Curas milagrosas

Muitas doenças do foro físico e mental, assim como deficiências congénitas ou surgidas ao longo da vida, devido a enfermidades ou acidentes, são muitas vezes de origem cármica, na medida em que podem ser formas de expiação.

É um fardo difícil que o encarnado terá de suportar e que, devido à fragilidade da sua saúde ou mesmo invalidez, condiciona a vida dos familiares e amigos mais próximos, provocando dor e pesar a todos e, quase sempre, obrigando-os a grandes sacrifícios. Essas situações relacionam-se, frequentemente, com compromissos assumidos pelos intervenientes no plano espiritual e que agora são repartidos na proporção dos seus carmas, sendo que para uns as dificuldades serão maiores, para outros menos duras.

Nessas condições de amargura e desespero, é natural que ninguém se conforme com o sofrimento do enfermo e dos que lhe estão mais próximos, na tristeza e privações por que estão a passar, pelo que, esgotadas as esperanças de cura, recorrem muitas vezes à religião e aos Santos a que são devotos, suplicando por auxílio divino, por um milagre que Deus, na sua infinita benevolência, possa vir a conceder.

Esses pedidos, feitos com extrema Fé e grande devoção, estão na origem de muitas curas milagrosas, libertando da morte ou da invalidez doentes considerados clinicamente incuráveis, sendo inúmeros os casos comprovados por testemunhos idóneos a que não faltam insuspeitos relatórios médicos. Em todas as culturas, em todas as religiões e em todas as épocas, sempre ocorreram fatos considerados milagrosos, isto é, de origem divina.

Para que a Espiritualidade Superior, que age em nome de Deus, venha a

considerar um determinado tipo de cura, por exemplo, de uma doença terminal prevista no programa cármico de um encarnado, os eventuais “prós e contras” da regeneração dessa doença são cuidadosamente analisados pelo Conselho Cármico.

O referido conselho analisa com desvelo a situação do enfermo, sempre na perspectiva que lhe poderá ser mais favorável, avaliando se a cura não irá pôr em causa a sua evolução espiritual, eventualmente condicionada por carmas inegociáveis. Caso a doença seja cármica e a cura obrigue o indivíduo a recomeçar tudo numa vida futura, por força de dívidas que deveriam ser resgatadas agora – tornando a sua atual existência inutilmente produtiva –, quase certamente que não será curado.

Um caso curioso, porque relaciona esta questão com o próprio fundador da Umbanda – uma entidade de elevada hierarquia espiritual que utiliza a designação de Caboclo das Sete Encruzilhadas e que foi responsável por muitas curas milagrosas de cegos, paralíticos e de outros enfermos –, foi o fato do hino desta religião ter sido criado por um invisual, de seu nome José Manuel Alves, de origem portuguesa que, em 1929, se radicou no Brasil, na cidade de S. Paulo.

Tudo começou quando, no início dos anos sessenta, esse talentoso músico e compositor foi procurar ajuda para a sua cura na “Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade” onde trabalhava o Caboclo das Sete Encruzilhadas, entidade incorporada por Zélio de Moraes.

Relativamente a José Manuel Alves a cegueira era cármica – de natureza irrevogável – pelo que, nesse caso, a cura não seria possível. Este músico, entretanto, apaixonou-se de tal maneira pela Umbanda que criou o maravilhoso hino que, ainda hoje, continua a encantar todos os que o escutam.

Refira-se que José Manuel Alves se tornou um afamado compositor, escrevendo dezenas de músicas para intérpretes famosos, além de compor diversos hinos e pontos cantados para terreiros de Umbanda. Ingressou na banda musical do Exército brasileiro como regente de orquestra, tendo-se aposentado vários anos depois com o posto de capitão.

O livre-arbítrio

Tem-se falado ao longo destas páginas da importância do livre-arbítrio na vida de cada um de nós. Na verdade, é através dele que traçamos o caminho que percorremos. Como sabemos, as decisões que tomamos se forem erradas, acarretam sofrimento e, até carmas, que poderão ser cobrados nesta vida ou em próximas reencarnações. Se forem corretas, proporcionam uma existência mais tranquila e futuros planos de vida mais felizes.

Mas como avaliar se as decisões que tomamos são as melhores, sendo que o livre-arbítrio é como o leme de um barco, ao qual lhe falta o sentido do rumo certo? Podemos manobrar o barco para qualquer lado, mas será que o caminho que escolhemos nos vai levar a um porto seguro?

Certa vez, numa sessão espiritualista, o Espírito Vovó Maria Conga ⁴⁶, naquele seu jeitinho de vovó velhinha e humilde, mas cheia de amor e sabedoria, sussurrou-me com ternura: – «O Nosso Pai é muito bondoso, deu aos filhos a liberdade de escolherem o seu caminho...» – fez uma pequena pausa e concluiu – «...e ainda lhes deu uma “luzinha” para os guiar».

A “luzinha” – é fácil de perceber – é a nossa intuição, a nossa consciência ou o nosso Anjo da guarda, tanto faz, o importante é que se trata da revelação de uma sabedoria superior que, como um farol, alumia o caminho certo por onde devemos levar o nosso barco, desviando-o das sombras que escondem perigosos escolhos... No entanto, ocorre perguntar, quantas vezes não desprezamos essa “luzinha”, decidindo pelo lado errado – naufragando na ilusão e na dor –, quando sentíamos que esse não era o caminho certo, mas o outro, talvez menos fácil, mas necessariamente mais seguro?

Na obra “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec registra os comentários de Santo Agostinho que, entristecido pelos erros de um encarnado que protege, assim o repreende «Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!»

A “voz da verdade” foram os bondosos conselhos dados por esse Espírito de Luz e que o seu protegido não quis ouvir... esse apelo ao bom senso também é a maravilhosa “luzinha” anunciada pela vovó que, como uma bússola de navegação, nos habilita a dirigir o leme para chegarmos a bom porto, com poucos riscos.

Na citada obra de Kardec fala-se, ainda, da importância dos espíritos imperfeitos como instrumentos de avaliação, pois colocam à «prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como espírito [é preciso] progredir (...) Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho, [quando] sobre ti atuam influências más, é [porque] as atraís, desejando o mal; porquanto os espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal».

Feitas estas recomendações, o referido Espírito acrescenta que, em compensação, os espíritos bons «também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos».

Como vimos, mais uma vez se apela para o correto uso do livre-arbítrio, ferramenta que Deus nos confiou e que, graças à “luzinha” e ao concurso dos espíritos bons – quando os queremos ouvir – nos orientam na escolha de qual é o melhor caminho que devemos percorrer.

A Mediunidade

Capítulo III

Sempre existiram pessoas dotadas de capacidades prodigiosas, tais como invocar os mortos, curar os doentes, proteger as colheitas e, entre outros feitos admiráveis, prever o futuro.

Sendo bastante respeitados, esses homens e mulheres – curandeiros, magos e videntes – possuíam “poderes mágicos” que lhes permitiam lidar com o sobrenatural, pois eram interlocutores privilegiados entre o mundo terreno e as forças ocultas da Natureza.

Tais mensageiros do Além não eram mais do que médiuns e, como tal, podiam receber e interpretar mensagens ou comunicações de Espíritos e seres Elementais ⁴⁷ que, na crença desses povos, eram tidos como deuses.

Mas não são apenas os indivíduos com faculdades extrassensoriais que podem ser médiuns, pois todo o ser humano possui algum tipo de mediunidade, nem que esteja latente ou se possa manifestar em determinadas circunstâncias. A

mediunidade também não é um dom exclusivo do ser humano, pois ocorre em algumas espécies animais mais evoluídas, como se tem observado nos mamíferos.

No homem, os sintomas mediúnicos podem caracterizar-se por momentos de sonolência sem aparente explicação, irritabilidade, taquicardia, dores no corpo, variações de humor, crises de choro, insónias e suores frios, entre outras sensações desconfortáveis. Se os exames médicos descartarem a hipótese de doenças do foro físico ou psiquiátrico, é quase certo que os portadores desses sintomas são médiuns que precisam de trabalhar a sua mediunidade.

Não a exercendo por ignorância, preguiça ou medo, com o passar do tempo essa situação tenderá a agravar-se, podendo provocar doenças graves, como a depressão. Esse quadro patológico é, quase sempre, a antecâmara de obsessores e demais espíritos inferiores que conseguem levar o médium a crises de angústia, de desespero e, em casos extremos, ao suicídio.

De uma maneira geral, os médiuns têm uma sensibilidade acima do normal, no que poderíamos chamar de excessiva vulnerabilidade aos choques emocionais do dia a dia – contrariedades, decepções etc. – e, naturalmente, à influência dos seres espirituais que o possam abeirar, que tanto poderão ser almas de cariz benigno como maléfico.

Resulta, então, que os médiuns se não estiverem devidamente protegidos, incorrem no elevado risco de serem alvo das investidas do baixo astral, precisamente por terem um canal aberto entre os mundos físico e extrafísico.

Esse canal é a mediunidade. Não a desenvolvendo, não se podem amparar nos seus guias e protetores espirituais, ficando expostos a todas as influências do mal.

E por que acontece isso? Porque um médium, antes de reencarnar, assumiu com entidades do plano astral vários compromissos para a prática do bem e reparação de carmas, para que todos – médium e espíritos – pudessem ganhar créditos na sua evolução espiritual. O esquecimento ou o desinteresse desses compromissos, para os quais o médium foi previamente preparado ⁴⁸, conduz frequentemente a uma “espécie de cobrança” que abre caminho a doenças e obsessões de cariz espiritual.

Essa cobrança, um termo vulgarmente utilizado nestas situações, não é feita pelos Espíritos de Luz, como se reivindicassem os seus “direitos contratuais”, castigando o faltoso. Nada disso! O que se passa é que quando os canais mediúnicos estão franqueados – sem protetores, portanto – são um claro convite para a entrada de visitantes indesejáveis...

Nestas condições, o médium deve honrar os seus compromissos, disponibilizando-se a ser mediador das entidades que pretendem trabalhar na caridade a favor de encarnados e desencarnados, pelo que é aconselhável procurar um bom centro espírita ou uma religião espiritualista vinculada aos princípios do amor cristão.

Aí, nesse ambiente espiritualmente protegido, irá desenvolver a sua mediunidade com a ajuda dos responsáveis da casa e das entidades espirituais que, entretanto, começarem a manifestar-se.

Ser-se médium requer uma conduta exemplar

Há vários tipos de mediunidade, mas a incorporação ⁴⁹ é, provavelmente, uma das mais utilizadas, dado que permite o diálogo direto entre os espíritos incorporados no médium e os pacientes que os vão consultar.

A incorporação dos Guias espirituais ⁵⁰ exige por parte do médium uma conduta moral irrepreensível, para não cair nas malhas de espíritos enganadores, sofredores e outros bem piores, como os Quiumbas, que são espíritos que se deleitam com o mal e que são atraídos por ele, conforme a lei das afinidades, segundo a qual os semelhantes atraem-se...

Os pensamentos, as palavras e o comportamento de um médium no seu dia a dia estão na razão direta do tipo de espíritos que nele se manifestam, pelo que a sua conduta não se deve limitar apenas aos locais de culto onde faz o seu trabalho espiritual. Tem de estar presente nas suas relações com o mundo em que vive, nomeadamente a sociedade – família, amigos e desconhecidos – e, naturalmente, no respeito que deve ter pelos seres vivos e pelo meio ambiente.

A incorporação, assim como outros fenómenos mediúnicos, implica dispêndio de ectoplasma, substância fluídica que o espírito vai buscar ao médium, ao cambono – também chamado de médium de sustentação ⁵¹ – e até aos assistentes. Quando se faz necessário, o espírito combina-o com outros fluidos da Natureza e dos planos extrafísicos.

Esse é um dos motivos pelo qual o médium, após as sessões mediúnicas de incorporação, se sente mais fatigado que o normal, sendo recomendável que faça a ingestão de líquidos – água, sumos, refrigerantes –, alimente-se bem e procure descansar.

Em certas circunstâncias, os espíritos precisam de grandes quantidades de ectoplasma, devido às características dos trabalhos ou da própria densidade vibratória da entidade. Nos terreiros, que são os locais de culto umbandista, o congá ou altar, devido à força espiritual nele concentrada, é um precioso depósito de boas energias mentais e ectoplasmáticas.

Mediunidade é transtorno mental?

A mediunidade é um dom maravilhoso concedido pela Graça Divina e que permite aos espíritos trabalhadores e seus médiuns auxiliarem encarnados e desencarnados na sua caminhada evolutiva – minimizando os seus sofrimentos e amparando-os com os seus sábios conselhos –, além de promoverem o seu próprio progresso espiritual, mediante a caridade que praticam.

Os espíritos manifestam-se em todos os locais onde se faz necessária a sua presença, mesmo nas religiões que dizem rejeitar a existência e intervenção benéfica dessas entidades, como no catolicismo e no protestantismo.

Basta atentarmos, por exemplo, nas práticas exorcistas levadas a cabo por padres católicos – com recurso a crucifixos, benzeduras e água benta – ou nos rituais protestantes – em que ocorrem transes com possessão e crentes a falar línguas desconhecidas –, para se comprovar que nessas igrejas há a presença de médiuns e de espíritos que trabalham em prol do amor e da fraternidade, encaminhando sofredores e obsessores para os lugares de que se fazem merecedores.

Não há nenhum culto religioso ligado ao divino que não tenha ao seu serviço – explícita ou implicitamente – espíritos bondosos que vêm do mundo astral para trabalhar com os seus médiuns, sejam eles espíritas, pastores, xamãs, padres ou monges. Entende-se, então, que a mediunidade é uma aptidão natural, porque o que é considerado sobrenatural, na verdade, faz parte integrante da Natureza – da obra do Criador –, seja na dimensão física em que vivemos, seja nos planos espirituais de onde viemos e para onde partiremos na hora do desencarne.

Apesar do maravilhoso trabalho que os médiuns e os seus guias espirituais têm feito a favor do amor e da caridade, continuam a ser objeto de perseguição de

alguns setores mais atrasados da sociedade. É o que se passa com certos dirigentes religiosos que caluniam quem não perfilha as suas ideias – especialmente se forem espíritas –, esconjuram supostos demónios de outras religiões – para júbilo de uma plebe delirante – e apelidam os beneméritos trabalhos espirituais de “obras satânicas”, proporcionando por via desses desmandos, cenas degradantes que em nada prestigiam a religião que dizem defender...

Esses pobres irmãos, na verdade, ao explorar tão cinicamente a insipiência dos seus crentes, manipulando-os pelo terror para lhes extorquir dinheiro ou dar azo à sua insanidade e sectarismo, mais parecem “agentes satânicos” – usando um termo que lhes é caro ⁵² – do que pessoas de bem, constituindo-se como exemplos de intolerância religiosa, totalmente incompatíveis com os ensinamentos legados pelo nosso bondoso e amado Mestre Jesus Cristo.

É uma triste forma de pensar que relembra os tempos infames da Inquisição – tanto católica como protestante –, em que os cidadãos viviam submetidos a uma religião de Estado, a qual, para melhor se implantar e defender os seus interesses, recorria ao terror, à tortura e à fogueira. Qualquer ideia diferente da religião instituída por essas teocracias soava a grande heresia – a bruxaria – e o coitado do herege incorria em impiedosos castigos. Quantos milhares de inocentes por via dessa “caça às bruxas” foram torturados e arrastados para as piras de lenha, para serem imolados pelo fogo.

Nenhuma religião se pode sacramentar pela via do ódio, da violência ou da intolerância, porque Deus é a suprema bondade e indulgência, assim como nenhuma religião tem o exclusivo da verdade, porque a verdade pode estar em todas as doutrinas que se revejam no amor e na caridade. Todas as religiões são vias que conduzem ao Criador – se houver mérito nos seus princípios e na sua prática –, pelo que não faz nenhum sentido renegarem-se outras crenças que não sejam aquelas que perfilhamos e, muito menos, defender que uma determinada religião, seja ela qual for, é a única que tem legitimidade para O representar, como fazem algumas seitas que se assumem como cristãs.

A par da intolerância religiosa de que falámos, os que creem no espiritismo e, particularmente, os médiuns, também estão na mira de outra categoria de “iluminados”, dos chamados materialistas que em nada acreditam, nem em Deus, a não ser neles próprios, ou talvez nem isso...

Se crer ou não crer é um direito de qualquer um, mesmo dos ignaros, já rotular os médiuns de analfabetos ou de alucinados, como fazem alguns dos seus opositores, é erro que merece reparo.

Deste modo, torna-se oportuno fazer referência a um trabalho pioneiro realizado na região de São Paulo e cuja elaboração obedeceu a rigorosos métodos científicos. Apresentado como tese de doutoramento pelo psiquiatra Alexander de Almeida ⁵³, esse estudo foi examinado por um conselho de conceituados professores universitários, psiquiatras, geneticistas e neurologistas e abrangeu um universo de cento e quinze médiuns.

No referido trabalho, relativamente ao grau académico dos médiuns, concluiu-se que «46,5% tinham escolaridade superior ou superior com pós-graduação (...) e que o Espiritismo é a única religião em que a proporção de adeptos aumenta quanto maior for o nível educacional do segmento estudado», fato que desmente a argumentação falaciosa de que os médiuns são incultos ou analfabetos.

Ainda como resultado dessa tese – que mereceu os melhores encómios de colegas e investigadores científicos –, no que respeita a doenças mentais, «a prevalência de problemas psiquiátricos entre os médiuns estudados foi menor que o encontrado na população em geral» e, quanto à esquizofrenia, os médiuns «são até mais saudáveis» do que a maioria das pessoas.

Infere-se, então, que muitos dos detratores da mediunidade e da fenomenologia paranormal pertencem ao grupo dos que são mentalmente menos saudáveis e, também, menos cultos do que os indivíduos que são médiuns...

Esse magnífico trabalho, entre muitas outras informações de carácter científico e de interesse cultural, religioso e sociológico, refere que 76,5% dos médiuns são do sexo feminino, sendo que a média de idades é de 48 anos e de 16 anos na prática do espiritismo e que as pessoas objeto desse estudo possuíam mais de três tipos de mediunidade.

Finalmente, o referido estudo menciona as manifestações mediúnicas mais frequentes: Incorporação: 72%, Psicofonia: 66%, Vidência: 63%, Audiência: 32% e Psicografia: 23%.

A mediunidade nos animais

Diversas espécies animais – como cães, cavalos e gatos, os casos mais comuns – também podem manifestar capacidades mediúnicas em determinadas circunstâncias. É natural que esse fato possa suscitar alguma estranheza junto daqueles que, pela escassez de conhecimentos na área espiritual ou devido à influência cultural de dogmas religiosos, só aceitam que o homem, em todo o Cosmos, é o único ser vivo que Deus dotou com alma.

Se assim fosse, então, tratava-se de um privilégio admirável para a espécie humana, tendo em conta que o Universo é provavelmente infinito e está repleto de milhões de galáxias, cada uma com milhões e milhões de estrelas e ainda muitos mais milhões de planetas! Mesmo que a esmagadora maioria desses planetas fossem inóspitos – sem hipótese alguma de existirem organismos vivos –, ainda assim, seriam incontáveis os restantes mundos com condições favoráveis para a presença de diferentes formas de vida. Umas serão bastante evoluídas, outras muito primitivas, outras, ainda, situar-se-ão num estágio evolutivo relativamente próximo ao do nosso planeta.

Além do Universo, tal como o conhecemos no plano físico, existem múltiplas dimensões nas esferas espirituais, povoadas de numerosas formas de vida e cujos mistérios mais ocultos, nem mesmo aos mais esclarecidos iniciados é permitido conhecer, conforme ouvimos de uma entidade de Luz num centro espiritualista: «Mesmo para nós, espíritos, há muitos mistérios que desconhecemos...».

Deste modo, atribuir unicamente ao homem a existência do espírito, é pretender limitar os propósitos do Criador à escala da vaidade humana. Trata-se do mesmo pensamento preconceituoso que, tempos atrás, considerava o homem como o único ser racional, sendo todos os outros animais irracionais, pois apenas reagiam por instinto.

Qualidades afetivas, como amor e lealdade com os donos, solidariedade entre grupos da mesma espécie – especialmente nos primatas – e capacidades cognitivas na criação de ferramentas, assim como na compreensão e resolução de problemas, foram durante milhares de anos amplamente constatadas no convívio das comunidades humanas com os animais silvestres e com os que, entretanto, foram sendo domesticados. Tornou-se patente para o ser humano que os animais, sobretudo os mamíferos, não obedeciam apenas a padrões instintivos, mas que tinham diversas formas de inteligência, pelo que não poderiam ser irracionais.

No entanto, esse fato apenas foi reconhecido pela Ciência quando esta, finalmente liberta de padrões escorados por preconceitos antropomórficos, admitiu que a massa encefálica desses seres vivos não servia apenas para fins fisiológicos e para dar vazão a impulsos instintivos... mas que também servia para raciocinar!

Atualmente, poucas pessoas duvidarão que os animais não tenham inteligência, podendo ser mais desenvolvida ou mais rudimentar, conforme o grau evolutivo da espécie em questão. Assim será um dia, relativamente ao reconhecimento de que os animais também têm um corpo espiritual, uma “alminha”, no sábio dizer de Pai Joaquim de Angola, referindo-se a um cãozinho gravemente doente e que, por seu intermédio, foi curado, pois «a alminha não se desprende do corpo».

A “alminha” que anima a existência física das espécies mais evoluídas, apresenta algumas características semelhantes às do homem, como o fato de reencarnar, de tender a progredir espiritualmente e de poder apresentar capacidades mediúnicas. Naturalmente que o convívio dos animais domésticos com o ser humano, particularmente das espécies mais inteligentes, facilita a sua própria evolução e permite ao homem cumprir a sua parte como espírito mais evoluído.

São relativamente frequentes os casos de aparições de animais que se manifestam no local onde morreram, normalmente vítimas de morte violenta. A ocorrência desse fenómeno é maior quando existem intensos laços afetivos com os donos. Por vezes, sucede que uma pessoa sonha com o sofrimento atroz do seu animal de estimação, como se estivesse a morrer e a implorar por auxílio. Ao acordar, constata que no momento em que teve esse pesadelo, o animal se debatia entre a vida e a morte, acabando por perecer devido a acidente.

Os fenómenos supranormais com animais manifestam-se de diversos modos, como a brusca parada de um cavalo – como se algo terrífico se lhe interpusesse no caminho –, recusando-se a avançar; o tenebroso “uivar de morte” dos cães que, em certos casos, é um mau augúrio, pois poderá ser um acontecimento funesto que vai atingir – ou já atingiu – alguém de uma família ou de uma comunidade; a súbita agitação de animais que, sem qualquer explicação natural, apresentam comportamentos anómalos, que poderão ser prenunciadores de uma calamidade, etc.

O investigador e escritor italiano Ernesto Bozzano, na sua obra “Animali e Manifestazioni Metapsichici”, apresenta cerca de cento e trinta casos de manifestações mediúnicas de diferentes espécies animais. Bozzano adverte que esses fenómenos, embora de extraordinário interesse científico, são mais modestos do que os ocorridos com os seres humanos, dependendo das «capacidades intelectuais das espécies animais em que os casos se produzem (...) Entre esses fenómenos encontram-se (...) episódios telepáticos».

Mais adiante refere a ocorrência de «episódios relativos aos animais que percebem, ao mesmo tempo que o homem, entidades e outras manifestações paranormais (...), finalmente, episódios em que os animais percebem, tal qual o homem, as manifestações que se produzem em lugares assombrados (...). [As] aparições post-mortem de fantasmas de animais identificados (...) [são fatos que fundamentam] a hipótese da sobrevivência da alma nos animais».

Face aos cétricos que defendem a impossibilidade de os animais terem alma, Bozzano adverte que os que creem na imortalidade da alma e que defendem «que o espírito dos animais é tão [imperfeito] que não sobrevive à morte do corpo», estão a colocar em risco o conceito da própria existência do espírito humano. Na verdade, prossegue o investigador, se «reconstituirmos a história da espécie humana (...) atingiremos um ponto em que o homem da mais remota antiguidade pré-histórica se confunde com as formas animais mais evoluídas».

Deste modo, interroga-se Bozzano, os nossos antepassados «seriam suficientemente evoluídos espiritualmente para merecer o dom da imortalidade da alma», enquanto um animal que morre «para tentar salvar uma criança que se afoga, ou que definha de saudade junto à sepultura de seu dono, terá que desaparecer definitivamente, por não ter alcançado essa suposta barreira dos imortais?» E os humanos que não têm essa natureza moral, seriam premiados com a imortalidade? Seria uma tremenda injustiça se assim fosse.

Da mesma forma é insensato «admitir (...) que um quadrúpede, um réptil ou um pássaro tivessem que permanecer como tais eternamente». Logo, conclui-se que «as formas animais (...) assim como as variações da raça humana, só podem ser consideradas como formas transitórias pelas quais todos os seres vivos terão de passar; sem o que a vida no Universo não se explicaria e seria sem finalidade, assim como não existiria nenhuma justiça no mundo».

A infinidade de seres vivos existentes, segundo Bozzano, só pode ser «a expressão das manifestações da alma nas suas etapas progressivas de evolução espiritual. Aquilo que se tornou atual no homem, graças a uma mais longa evolução, permanece em potencial nos seres inferiores».

A seleção natural, a sobrevivência dos mais aptos e a influência do meio «são apenas os acessórios mais indispensáveis» para a evolução do espírito, mas, a «verdadeira causa da evolução dos seres vivos é interior e chama-se “Espírito”», conclui o ilustre cientista.

Uma prova de amor

A maioria das aparições de animais de estimação ocorre junto das pessoas com quem esses amiguinhos tiveram intensos laços afetivos. Foi o que sucedeu alguns anos atrás, comigo e com Cleo, a minha mulher.

Tínhamos uma cadelinha Chiuaua chamada Nina e um cachorrinho vira-lata de seu nome Scooby, que tivemos de doar a um casal amigo, a Regina e o António, devido às nossas prolongadas ausências no estrangeiro. Como se tratava de uma família que gostava de cães, sabíamos que ficavam bem entregues, tanto mais que os dois animais eram muito unidos e bastante meigos.

Sempre que visitávamos esses amigos, os cachorrinhos corriam alegremente ao nosso encontro, enquanto estacionava o carro e Cleo fechava o portão. Nina, mais afoita, pulava em volta da minha mulher e Scooby ficava um pouco mais afastado. Dirigíamo-nos depois para as traseiras da casa ao encontro dos nossos amigos, sempre escoltados pelos simpáticos cãesinhos.

Era o acolhimento que Nina e Scooby habitualmente nos faziam. Reconheciam o ruído do veículo ao entrar na propriedade e vinham saudar-nos, brincalhões e carinhosos como sempre. Na verdade, existia uma relação afetiva muito forte entre nós e esses pequeninos seres.

Num final de dia, já era praticamente noite, fomos visitar esse casal que não víamos há algum tempo. Como de costume, Nina e o seu fiel companheiro aguardavam-nos. Desta vez, porém, foi Scooby que correu ao encontro da minha mulher que, como era hábito, fechava o portão que separava a área do jardim e moradia, da propriedade em volta.

Estranhamente, nesse dia, Nina ficou perto da entrada principal, postada na varanda térrea que ladeava totalmente a residência. Ao virar o carro, fiquei de frente à cadela que se mantinha imóvel e a olhar-me, a uns dois a três metros de distância, de orelhas espetadas e com os olhos arregalados, que brilharam como coriscos quando os faróis a alumiarão. Parecia aguardar-nos, mas mantinha-se quieta, não reagindo aos apelos da minha mulher que chamava por ela.

Cleo, acompanhada por Scooby, à medida que se aproximava, continuou a chamar pela cadelinha, enquanto batia com as mãos nas coxas e gritava – «Nina! Nina! Anda cá! » – até que desistiu, refilando – «Ah, cadela, você parece que está parva, mas se não quer vir, então que fique aí!»

Dito isto, aparentemente amuada com a indiferença da Nina, Cleo passou ao lado da minúscula cadela que permanecia na mesma posição, postada no piso da varanda e com as orelhas bem levantadas. Apenas aqueles olhos globosos é que não deixavam de nos fitar. Nina era uma cachorra de pequeno porte, de pelo negro e talvez a mais pequena que vimos até hoje, e sempre foi muito apegada a nós, sobretudo à minha mulher, pelo que aquele comportamento não deixava de ser estranho.

E foi nesse final de tarde que Scooby, que sendo o mais tímido, acabou por fazer as honras da casa, acompanhando-nos até chegarmos à zona de lazer nas traseiras da moradia, onde Regina e António, entre outros amigos, se encontravam sentados à volta de uma mesa. Já estávamos acomodados e em ameno convívio quando, repentinamente, Nina apareceu em grande correria em direção à cozinha, quase roçando nos pés de Cleo.

Ao ver a pequena Chiuaua passar rente a si, com toda aquela pressa e sem lhe dar nenhuma importância, a minha mulher interrompeu a conversa com a dona da casa e voltou a chamar pela cachorrinha – «Nina, Nina, vem cá!» – depois,

virou-se para as amigas e desabafou, desconsolada – «O que se passa com a Nina? Ela hoje está parva, não me liga nenhuma!»

Elas entreolharam-se espantadas e Regina, não disfarçando um certo embaraço, exclamou com grande espanto – «Uai? A Cleo não sabe?»

Encolhendo os ombros, Cleo perguntou – «Não sabe o quê?»

– «O que aconteceu com a Nina...» – respondeu Regina.

«O que poderá ter acontecido com a Nina, se eu vi que ela está bem?», comentou para si, enquanto continuava a chamar pela cadela. Entretanto, Regina, visivelmente confusa, virou-se para a amiga, interpelando-a – «Mas ela não sabe?»

Sem entender nada do que se passava, a minha mulher perguntou – «Mas o que aconteceu com a Nina?» – ao que as duas responderam quase ao mesmo tempo – «A Nina morreu!»

«Não é possível!» – reagiu Cleo, dizendo para si, «como são distraídas... a cadela está viva e julgam que morreu! Meu Deus, como podem ser tão distraídas!»

Nesse momento, Cleo, na tentativa de uma explicação para aquele imbróglio, ainda admitiu que Nina se tivesse perdido por um ou dois dias no jardim ou pelos campos ao redor. Ou que se tivesse ferido e desaparecesse, regressando

curada e sem que ninguém se apercebesse. Enfim, não podia haver outra explicação, tanto mais que tínhamos visto o animalzinho vivo e com saúde e, momentos atrás, passara ao seu lado, veloz como uma seta.

Então, movida pela curiosidade e desistindo de chamar pela cadelinha, perguntou sem esconder uma certa ironia quando é que a Nina tinha morrido, divertindo-se a imaginar a resposta disparatada que iria ouvir.

– «Tem mais ou menos um mês que ela morreu» – respondeu a amiga com ar pesaroso, explicando que a pobre cadela fora vítima de um trágico acidente. Dito isto, começou a entrar em detalhes sobre a morte do animal.

Para Cleo era um absurdo a amiga insistir que Nina tinha morrido, quando acabara de a ver bem viva, a aguardar-nos na varanda e, a seguir, a correr para casa... Mas começou a ficar inquieta com a voz emocionada e a expressão consternada com que Regina falava, à medida que ia acrescentando fatos a uma história que se começava a afigurar como uma cruel realidade.

Chamou-me. Estava um pouco mais afastado, na área do jardim. Ao ficar a par da notícia, também não escondi a minha perplexidade, pois se minutos antes a Nina estava à minha frente quando arrumei o carro, como poderia ter morrido há um mês? Porém, logo a seguir, apercebemo-nos que não havia engano possível.

A nossa querida Nina, infelizmente, já não pertencia a este mundo e tinha sido a sua alminha que nos veio visitar numa aparição íntima e fugaz, num último adeus para nós...

Salva pela cadela

Em países como o Canadá e o Japão têm sido treinados cães para a detecção de doenças cancerosas através do faro. Infelizmente, esse processo que exige várias técnicas no treino desses animais, além de levar muito tempo para se obterem resultados satisfatórios, é bastante dispendioso e pouco prático, pelo que a sua utilização é extremamente limitada.

Por não estar relacionado com o referido treino de cães, citamos uma notícia publicada no jornal britânico “Daily Mail” e que se insere, tudo leva a crer, num caso de mediunidade animal. Trata-se de uma cadela que detetou um tumor no seio da dona, a Sra. Brenda Jones, de nacionalidade inglesa. Durante uma semana, a cachorra Murphy teve comportamentos fora do normal, até que assinalou o local preciso de um tumor com uma patada na mama doente de Brenda Jones, o que lhe provocou grande dor, quando nunca sentiu nada de especial nos seios. Surpreendida, descobriu uma mancha e um caroço no local assinalado pela cadela.

No dia seguinte, dirigiu-se ao GP (“General practitioner”, uma espécie de médico de família), que lhe diagnosticou um tumor de terceiro grau, tendo sido imediatamente submetida a uma cirurgia de emergência e, posteriormente, a tratamentos de quimioterapia. Segundo Brenda Jones, a cadela «estava sempre sentada ao meu colo, algo que não fazia normalmente. Aninhava-se contra o meu peito e ficava a olhar para mim (...) após uma semana com este comportamento, ela saltou para o sofá e tocou com a sua pata no meu seio esquerdo, enquanto eu estava sentada. Estou convencida de que Murphy notou que eu tinha um tumor. Sem a sua “patada” naquele dia, ele não seria diagnosticado». Rematando a entrevista, Brenda Jones reconhece que a cadela lhe “salvou a vida”.

Sobre este caso é difícil admitir que tenha havido coincidência de fatos. Como poderia o animal saber que se tratava de uma doença grave, precisamente

localizada nesse local? E como explicar o seu estranho comportamento nos dias que antecederam a “patada” decisiva que levou Brenda Jones a consultar o médico?

Tudo indica que se trata de um caso de mediunidade animal, em que o espírito da cadela se apercebeu da doença da dona e transmitiu da forma que a própria Brenda Jones atrás descreveu, com raciocínio canino, mas eficaz!

As Antenas

da Mediunidade

Capítulo IV

O conhecimento dos chakras – que são vórtices do corpo espiritual por onde se manifestam as energias cósmicas – assim como as mais recentes pesquisas sobre a glândula pineal – o órgão biológico da mediunidade –, têm-se revelado preciosas ferramentas de investigação da fenomenologia mediúnica, tal como na terapia de muitas doenças que estão fora da alçada da medicina convencional.

A sabedoria milenar das propriedades energéticas dos chakras faz parte de diversas religiões e filosofias orientais, assim como de doutrinas e correntes espiritualistas ocidentais, como a Teosofia, a Umbanda, o Rosacruzianismo ⁵⁴ e o Kardecismo, entre outras, além desse conhecimento ser de grande utilidade nas técnicas de desdobramento da Apometria ⁵⁵, nas terapias de Reiki ⁵⁶, nos trabalhos de cura na Leitura de Aura ⁵⁷ e no Yoga ⁵⁸.

A Glândula Pineal

O ÓRGÃO FÍSICO DA MEDIUNIDADE

Para que ocorra comunicação entre o plano espiritual e o mundo material, os médiuns são providos de determinadas propriedades físicas que permitem esse intercâmbio extrassensorial.

Todas as pesquisas indicam que a componente física da mediunidade se encontra no cérebro, permitindo a interação comunicativa entre o corpo biológico, as esferas espirituais e o nosso próprio espírito.

Referimo-nos concretamente à glândula pineal, a qual está intimamente relacionada com o chakra da coroa, situado no duplo etérico – que é uma cópia energética do corpo físico e que o reveste inteiramente.

A pineal, também chamada de epífise, é uma pequena glândula endócrina ⁵⁹ localizada entre os dois hemisférios cerebrais. A convicção de que essa glândula é uma espécie de “antena espiritual” da mediunidade, existe desde há milhares de anos em várias religiões e cultos místicos. Já o famoso filósofo, físico e matemático francês René Descartes (1596-1650) a ela se referia como «o local onde a alma se fixaria mais intensamente».

Essa glândula desempenha um papel fundamental em qualquer tipo de mediunidade, sobretudo nos chamados efeitos psíquicos, como na telepatia, clarividência ⁶⁰ e xenoglossia, entre outros.

Do ponto de vista da ciência médica, a pineal regula os ciclos circadianos, que são períodos de aproximadamente 24 horas em que ocorrem diversas ações biológicas do corpo humano, como a digestão, o sono, a vigília e a produção e renovação das células, entre outras funções. Também se atribui à pineal um papel relevante no desenvolvimento sexual e no metabolismo do homem, considerando-se, ainda, que esta glândula comanda nos animais os mecanismos de procriação sazonal, de hibernação e de migração nas aves.

A pineal segrega a melatonina, que é uma hormona com propriedades antioxidantes e que, além de melhorar a qualidade do sono, estimula as defesas imunológicas e protege o sistema nervoso central.

Além dessas propriedades fisiológicas, a melatonina é de crucial importância no processo mediúnico. Como a sua produção aumenta quando diminui a claridade, os ambientes escuros são mais favoráveis para os trabalhos de natureza espiritual. É por esse motivo que as sessões mediúnicas se realizam em condições de fraca ou quase nula luminosidade.

Segundo o psiquiatra e investigador espírita Sérgio F. de Oliveira⁶¹, o processo mediúnico é uma propriedade biológica «que acontece pelo funcionamento da pineal, que capta o campo eletromagnético, através do qual a espiritualidade interfere. Não só no espiritismo, mas em qualquer expressão de religiosidade, ativa-se a mediunidade, que é uma ligação com o mundo espiritual».

Seja qual for a religião, continua Sérgio de Oliveira, quem «estiver fazendo uma prece, está ativando sua capacidade de sintonizar com um plano espiritual. Isso é o que se chama mediunidade, que é intermediar. Então, isso não é uma bandeira religiosa, mas uma função natural, existente em todas as religiões. E isso deve acontecer através do campo magnético, sem dúvida. Se a espiritualidade interfere, é pelo campo eletromagnético, que depois é convertido, pela pineal, em estímulos eletroneuroquímicos».

Relativamente à conexão da pineal com os chakras, o escritor e psiquiatra Jorge Andréa – uma das mais respeitadas figuras do movimento espírita brasileiro – comenta que o chakra coronário «liga-se materialmente à epífise ou pineal que é a glândula da vida espiritual do homem», sendo que esse chakra é «o ponto de interação entre as forças determinantes do Espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas».

Sabe-se que essa pequena glândula contém cristais de apatita, um mineral do grupo dos fosfatos e que os médiuns mais dotados apresentam maior abundância desses cristais, fato que facilita uma melhor captação do campo eletromagnético, através do qual as entidades espirituais se manifestam.

Na realidade, tem-se constatado na autópsia de cadáveres de praticantes de yoga, que esses indivíduos apresentam um maior volume da pineal, muito provavelmente relacionado com o elevado potencial psíquico dos adeptos dessa milenar filosofia.

Os Chakras

RETRANSMISSORES DE ENERGIA PRÂNICA

O termo chakra tem origem sânscrita e significa roda. Os chakras – também chamados de centros de força – encontram-se intimamente relacionados com a nossa própria existência como seres vivos, pois é através deles que recebemos os recursos vitais indispensáveis para o bom funcionamento e equilíbrio do nosso corpo físico. Estão localizados no duplo etérico e apenas são observáveis pela clarividência.

Esses centros de força, com diâmetros que variam entre os 5 e os 10 cm – conquanto existam chakras ainda menores –, funcionam como retransmissores, permitindo que a atividade energética dos corpos espirituais se interligue ao corpo físico através dos plexos ⁶², transferindo-lhe vitalidade, força e sensibilidade.

Os chakras, sempre em rotação, com maior velocidade angular nas regiões superiores do corpo, apresentam diferentes colorações e são formados por vórtices de intensas energias de origem cósmica constituídas por prana ⁶³. O prana ou fluido vital, é absorvido pelos plexos nervosos e distribuído pelas glândulas endócrinas, conferindo ao corpo os indispensáveis recursos energéticos para o manter vivo e de saúde.

É por meio da respiração que os seres vivos obtêm a maior parte do fluido vital, sendo a alimentação e o consumo de água outras fontes de abastecimento. Na obra “Energia”, de Robson Pinheiro ⁶⁴, sob a orientação dos espíritos Alex Zarthú e Joseph Gleber, o autor faz referência à importância da respiração na captação do prana, sendo que esta «é a forma mais comum de o ser humano manter-se ligado à fonte de vitalidade, que provém diretamente do núcleo do Sol

(...) a fonte mais importante de absorção desse fluido vital, em nosso organismo, passa a ser a respiração».

Devido à influência hormonal que têm no sistema endócrino, os chakras são igualmente responsáveis pelas nossas alterações de humor e, conseqüentemente, das mudanças comportamentais.

O abastecimento das energias prânicas no corpo físico é processado pelos nadis, que são finíssimos canais etéreos que irradiam dos chakras, formando uma complexa rede energética que interliga todos os centros de força. Os nadis, em elevadíssimo número – 72.000, segundo a tradição yoga –, conduzem o prana para o sistema nervoso, as glândulas endócrinas e, finalmente, para o sangue, de forma a alimentar o corpo físico desse manancial de energia cósmica.

Os nadis estão subordinados ao sushumna, um canal energético central que pertence ao grupo dos catorze principais nadis. Localizado no interior da coluna vertebral, sushumna estabelece a ligação entre os chakras coronário e básico, percorrendo os restantes chakras intermédios, os quais se ramificam e conectam com outros menores, até cobrir toda a extensão do corpo etérico, formando uma espécie de tela de finíssimos canais fluorescentes.

À exceção dos chakras coronário e básico, que são unitários, os restantes chakras situam-se à frente e atrás do duplo etérico. Quando em pleno equilíbrio – devido à harmonia reinante nas componentes física, mental e espiritual – os chakras apresentam as sete cores do arco-íris.

No ser humano existem sete chakras principais – embora tenhamos milhares de chakras secundários –, sendo que todos eles transmitem energia prânica para o corpo físico.

Analisemos de seguida algumas características dos sete principais chakras:

Chakra básico

1º CHAKRA – BÁSICO OU RAIZ

Designação hindu: Muladhara. Elemento: Terra. Glândulas: Suprarrenais.
Localização: Base da coluna vertebral, na zona do cóccix. Cor: Vermelho.
Pétalas etéreas ⁶⁵: 4. Plexo: Sagrado.

Sem bloqueios: Ligado à nossa existência no mundo terreno, a tudo o que é físico, à nossa energia e à nossa vontade de viver no mundo material. É o chakra do nascer e renascer, o portal da vida e da morte, como é conhecido no Oriente. Determinação, predisposição física e equilíbrio perante os desafios da vida. Em boa harmonia produz maior energia física.

Com bloqueios: Excessiva agressividade ou pacifismo exagerado, falta de paciência, egocentrismo, histeria, desânimo, tendência para a obesidade, medo de viver, dependência etc.

Chakra sacro

2º CHAKRA – SACRO OU SEXUAL

Designação hindu: Svadhisthana. Elemento: Água. Glândulas: Gónadas.
Localização: Entre o osso púbico e o umbigo. Cor: Laranja. Pétalas etéreas: 6.
Plexo: Mesentérico.

Sem bloqueios: Profunda ligação entre o corpo e o espírito. É o chakra relacionado com a reprodução, prazer sexual, emoções, criatividade, curiosidade e alegria de viver. Fácil relacionamento com as pessoas. Gosto pelas relações afetivas e pelas artes etc.

Com bloqueios: Imprudência, aversão ao próprio corpo, impotência, frigidez, mania do excesso de higiene, isolamento, fobias de ordem sexual etc.

Chakra plexo solar

3º CHAKRA – PLEXO SOLAR

Designação hindu: Manipura. Elemento: Fogo. Glândulas: Pâncreas e Baço.
Localização: Zona do estômago, entre o umbigo e a base do esterno. Cor: Amarelo. Pétalas etéreas: 10. Plexo: Solar interno, médio e externo.

Sem bloqueios: Poder criativo, sentido da justiça e generosidade. É o chakra da sabedoria, da vontade, da ação e do poder pessoal. Naturalidade e elegância no relacionamento social. Segurança, vigor físico e mental. Sensibilidade a percepções e intuições. Suscetível a influências externas de energias negativas ou positivas.

Com bloqueios: Insegurança, egoísmo, complexo de inferioridade, perda de capacidades cognitivas, megalomania etc.

Chakra cardíaco

4º CHAKRA - CORAÇÃO OU CARDÍACO

Designação hinduísta: Anahata. Elemento: Ar. Glândula: Timo. Localização: Centro do peito, na zona do coração. Cor: Verde. Pétalas etéreas: 12. Plexo: Cardíaco.

Sem bloqueios: Poder do conhecimento e da sabedoria. Humildade e amor incondicional. Tolerância, afetividade, bondade e piedade, estando relacionado com sentimentos superiores. Sendo ponto de encontro de todos os chakras, o cardíaco representa o equilíbrio emocional e energético, e é o mais importante nos processos de cura.

Com bloqueios: Paixões obsessivas, sentimentos doentios, egoísmo, violência, soberba, incapacidade de amar, etc.

Chakra laríngeo

5º CHAKRA - GARGANTA OU LARÍNGEO

Designação hindu: Vishuddha. Elemento: Éter. Glândulas: Tireoide e Paratireoide. Localização: Garganta e pescoço. Cor: Azul celeste. Pétalas etéreas: 16. Plexo: Laríngeo.

Sem bloqueios: É o chakra da comunicação clara e objetiva, da facilidade oratória e da presença em público. Desenvolvimento do sentido de responsabilidade em todas as áreas, desde as materiais às de ordem espiritual. Este chakra também está vocacionado para a comunicação espiritual, como a psicofonia (transmissão das mensagens dos espíritos por meio da fala). Quando bem preparada, a nossa caminhada espiritual inicia-se por este chakra.

Com bloqueios: Receio de condenação social, dificuldade em se apresentar em público, problemas de comunicação, gaguez etc.

Chakra frontal

6º CHAKRA - FRONTAL OU DA TERCEIRA VISÃO

Designação hindu: Ajna. Elemento: No mundo físico não existe elemento correspondente. Glândulas endócrinas: Pituitária ⁶⁶ ou hipófise. Localização: Na testa, entre as duas sobrancelhas. Cor: Azul índigo ou violeta. Pétalas etéreas: 96. Plexo: Frontal.

Sem bloqueios: É o chakra da intuição, da inteligência mais elevada do ser, da visão de poder “ver” através do “terceiro olho”. Conhecimento psíquico, intuição e percepção extrassensorial. Clarividência, telepatia (transmissão de pensamento) e psicometria (faculdades mediúnicas ao tocar em objetos). Espírito de liderança. Poder da palavra, respeito e firmeza.

Com bloqueios: Leviandade, inércia, vida instável, fobias, fanatismo, falta de sentido crítico etc.

Chakra coronário

7º CHAKRA - CORONÁRIO OU DA COROA

Designação hindu: Sahasrara. Elemento: No mundo físico não existe elemento correspondente. Glândula endócrina: Pineal ou epífise. Localização: Topo da cabeça. Cor: Branco ou lilás. Pétalas etéreas: Conhecido entre os hindus por lótus de mil pétalas. Na verdade, são 972 pétalas (960 principais e 12 menores, no centro). Plexo: Coronário.

Sem bloqueios: Através deste chakra é possível alcançar o mais elevado grau de meditação e de ligação com os Guias e Protetores espirituais. Em equilíbrio proporciona fé e paz. É por ele que o indivíduo alcança a visão global do Cosmos, adquirindo conhecimento, consciência universal, espiritualidade e a comunhão superior com Deus. A pineal recebe as energias dos chakras e distribui-as por todo o sistema endócrino.

Segundo Charles Leadbeater⁶⁷, «no homem muito evoluído, o chakra coronário fulgura com tanto esplendor, que cinge a sua cabeça como uma verdadeira coroa». As entidades de superior espiritualidade, como os Santos representados na iconografia cristã, possuem um halo luminoso em torno da cabeça. A coroa dos médiuns ⁶⁸ também se localiza no topo da cabeça.

Com bloqueios: Perspetiva materialista da vida, insensibilidade espiritual e crises de fúria. Puberdade tardia.

Fenômenos Supranormais

Capítulo V

Não existem fronteiras físicas que possam impedir o fluir livre da força do pensamento ou barrar a manifestação de seres espirituais.

Somos emissores e recetores de elevada potência, em que ideias e emoções se propagam a uma velocidade alucinante, transpondo os limites da matéria, porquanto é pela essência do espírito que os pensamentos se manifestam, assim como é por seu intermédio que ocorrem os fenômenos supranormais.

A mediunidade é uma característica inata de todos os seres humanos e é, como sabemos, um meio de comunicação entre o mundo físico e os diversos planos espirituais.

Na maioria das pessoas, porém, esse dom jamais se manifesta claramente, pelo menos de forma consciente para o próprio indivíduo, podendo ocorrer esporadicamente uma ou outra vez ao longo da vida.

Mediunidade ou animismo?

Alguns fenômenos considerados mediúnicos são, na realidade, anímicos, porquanto a mediunidade apenas sucede quando um ou mais espíritos utilizam um médium que, de forma passiva, deixa o corpo físico servir de veículo às comunicações das entidades que lhe são externas.

Nos fenômenos anímicos, também chamados de psíquicos, é o Espírito do próprio indivíduo que se revela de forma ativa, através de faculdades que lhe são próprias e independentes da interferência de outros espíritos. O Espírito demonstra, ainda, aptidões que estão muito acima das capacidades intelectuais do encarnado, ou seja, do seu corpo físico, pois procedem de planos de consciência mais elevados, da sua individualidade ou do seu Eu espiritual.

Todas as experiências por que passamos, nas inúmeras vidas que já tivemos, estão registradas em alguns corpos sutis, nomeadamente no corpo mental – que se extingue com o final dos ciclos de reencarnação – e nos corpos causal e búdico – que são imortais. Esses corpos formam um extraordinário banco de dados a que o Espírito recorre, fato que lhe confere um excepcional poder psíquico, com conhecimentos e capacidades que lhe permitem, inclusive, agir sobre a matéria.

Essa excepcional sabedoria é um fato que Platão já conhecia há vinte e cinco séculos atrás, ao assegurar que «não há nada que ele desconheça», referindo-se aos imensos conhecimentos acumulados pelo Espírito nas numerosas reencarnações por que passou.

Existe mediunidade sem animismo?

Não existe nenhum ato mediúnico que não possua algo de anímico, por pouco que seja. O pesquisador espírita Hermínio C. Miranda (1920-2013), prolífico autor com mais de quarenta livros publicados, refere que «não há fenômeno espírita puro, de vez que as manifestações de seres desencarnados (...) precisam do médium encarnado, ou seja, precisam do veículo das faculdades da alma (espíritos encarnados) e, portanto, anímicas». ⁶⁹

Refletindo sobre o mesmo tema, Ernesto Bozzano defende que «ambos são indispensáveis (...) e não podem separar-se, pois que são efeitos de uma causa única, e esta causa é o espírito humano que, quando se manifesta, em momentos fugazes durante a encarnação, determina os fenômenos anímicos e, quando se manifesta mediunicamente durante a existência “desencarnada”, determina os fenômenos espíritos (mediúnicos)».

Sempre ocorre algum tipo de animismo nos fenômenos mediúnicos. No entanto, nos trabalhos de incorporação de entidades que se vão manifestar através do médium, se este não for vigilante, o animismo pode interferir no sentido da mensagem mediúnica, contaminando-a.

Esse fato pode ocorrer sem que o médium se dê conta disso. Neste caso, por se pretender que seja um fenômeno mediúnico e não anímico, a designação animismo passa a ter um significado pejorativo, embora não se trate de mistificação, porque o médium fê-lo de forma involuntária, sem intenção de enganar.

Há mais de uma centena de diferentes tipos de fenômeno anímicos e mediúnicos, sendo que há sensitivos que são portadores de ambas as faculdades, assim como

o fato de alguns desses fenômeno poderem suceder em ambas as categorias.

É o caso, por exemplo, da levitação que tanto é provocada pela força psíquica do próprio encarnado – fenômeno anímico –, como pela intervenção de um espírito junto de um médium – fenômeno mediúnico.

Fenômenos Anímicos e Mediúnicos

Anagnosia

Capacidade muito rara de ler textos ocultos. Fazem parte deste fenômeno anímico:

– Paragnosia (leitura de um texto através de contacto físico, como o teor de uma carta fechada num envelope);

– Perianagnosia (leitura de um escrito num local próximo, sem que esteja visualmente exposto);

– Proanagnosia (conhecimento antecipado de um texto ainda não redigido);

– Teleanagnosia (capacidade de ler um texto a grande distância).

Apport

Fenômeno de efeitos físicos em que um médium introduz objetos em caixas, móveis e espaços completamente fechados, sem recurso a quaisquer outros meios que não sejam os da sua força psíquica.

Um fenômeno similar, mas nada tranquilizante, é o chamado endoport, que se caracteriza pelo aparecimento de objetos no corpo humano, como agulhas, pregos e alfinetes, sem que a pele e os órgãos internos da vítima sejam perfurados. Alguns autores consideram este tipo de ocorrência como sendo produzida por espíritos obsessores.

Qualquer um destes fenômenos é considerado muito raro.

Audiência

Capacidade que alguns médiuns têm em ouvir ruídos, vozes, sons e palavras através da mente e sem recorrer ao órgão auditivo (ver clariaudiência).

Autoscopia

Especial aptidão de um indivíduo relativamente à percepção visual dos órgãos internos do seu corpo físico, podendo, inclusive, detetar lesões e anomalias provocadas por doenças. Este fenómeno também se designa por autovisão.

A autoscopia significa igualmente um «desdobramento apenas esboçado, em que a pessoa percebe o seu próprio fantasma a distância (...) embora [continue] a guardar [de forma] integral a própria consciência», segundo Ernesto Bozzano.

Bilocação

É um fenômeno raríssimo, mas assaz relatado desde os tempos mais antigos, a ele se referindo diversos autores clássicos. Caracteriza-se pelo fato de determinadas pessoas terem a capacidade de aparecer simultaneamente em dois lugares diferentes.

Na bilocação, o indivíduo entra em estado de transe e desdobra-se para outro local, apresentando-se de forma tangível – com a sua aparência real – podendo, até comunicar fisicamente com as pessoas que aí se encontram.

Observado em locais diferentes e ao mesmo tempo, muitas vezes a centenas ou milhares de quilómetros de distância, esse fenômeno ocorre essencialmente nas pessoas dotadas de elevada condição espiritual, sendo permitido por Deus que assim procedam face a determinadas situações. Esse feito de notáveis faculdades supranormais também é designado por bicorporeidade.

São bem conhecidos vários casos de bilocação, nomeadamente os ocorridos com diversos Santos e que a Igreja Católica reconheceu como milagres. Para quem conhece os critérios rigorosos que o Vaticano utiliza na validação dos fenômenos milagrosos não restam dúvidas da seriedade com que estes são analisados. Relatemos, como exemplo de bilocação, um caso ocorrido com Santo António de Lisboa, também conhecido como Santo António de Pádua.

Achava-se o frade franciscano António na cidade italiana de Pádua quando, de forma misteriosa, teve conhecimento que o seu pai estava a ser julgado em Lisboa, acusado de um homicídio de que era inocente. O frade, mais tarde canonizado Santo, apareceu subitamente em Lisboa para tomar a sua defesa em tribunal.

Por falta de provas que o libassem da acusação, Santo António deslocou-se ao cemitério onde jazia a vítima do crime. Através de um milagre, ressuscitou o morto que, perante o assombro dos juízes, declarou a inocência do condenado, regressando de seguida ao seu descanso eterno. Provavelmente não teria sido um caso de ressuscitação, tal como é comumente considerado, mas de evocação do espírito do morto, o qual se apresentou no seu corpo astral com a tangibilidade de um encarnado.

O frade, no dia seguinte, encontrava-se novamente em Pádova. Nessa longínqua época – reportamo-nos ao séc. XIII – para se realizar uma viagem tão longa, seriam necessários cerca de três meses...

Biopausia

O poder da psique humana manifesta-se particularmente neste fenômeno que possibilita ao sensitivo grande controlo sobre os seus órgãos e funções vitais.

Yogues, faquires e outros indivíduos que desenvolveram estas capacidades, apresentam enorme domínio sobre o corpo físico, podendo alterar o metabolismo, anular a dor, permanecer por longos períodos sem respirar, sem comer e outras proezas inimagináveis nos comuns mortais.

Há casos, devidamente comprovados, de indivíduos que permaneceram vários anos sem ingerir qualquer alimento, à exceção de chá sem açúcar, ou seja, sem propriedades nutritivas.

A fonte energética que mantém o corpo desses indivíduos em atividade – normalmente mestres de elevada espiritualidade – provém do fluido vital e da energia solar.

Canalização

Existe canalização quando o médium recebe mensagens, revelações ou instruções de entidades de Luz, de forma clara e direta. As mensagens são transmitidas mentalmente e têm sempre uma finalidade útil. Este fenômeno apresenta muitas semelhanças com a clariaudiência, mas é mais objetivo na comunicação e, normalmente, reveste-se de maior conteúdo informativo e doutrinário.

Essas mensagens podem conter informações de interesse público, pelo que deverão ser divulgadas; ou referirem-se a situações concretas relacionadas com o médium, como a realização de trabalhos espirituais em que as entidades se servem desse meio para orientar os passos a seguir, como num trabalho de magia, por exemplo.

A canalização apresenta indiscutível vantagem relativamente a muitas outras formas de comunicação, não apenas pela economia de ectoplasma, mas também por apresentar baixo risco de interferência. É como se fosse uma linha direta entre o Espírito e o médium.

Clariaudiência

Capacidade mediúnica de um indivíduo em ouvir vozes, ruídos, sons e palavras através da mente e sem recorrer ao seu órgão auditivo. Esses sons não são escutados por mais ninguém, pelo que não têm existência no mundo físico.

Este fenômeno, também chamado de audiência, permite ao sensitivo ouvir as comunicações dos espíritos, podendo reconhecer, por vezes, se a fala é masculina ou feminina, se é amistosa ou não, assim como o tom de voz em que as entidades se exprimem.

Clariolfatismo

Capacidade que permite ao médium captar cheiros não oriundos do nosso mundo e que provêm das correntes astrais, nomeadamente de seres espirituais.

Aromas doces e delicados indicam a presença de espíritos amigos, em sintonia com os bons pensamentos e o amor. Quando são sentidos odores fétidos – como cheiro a urina, a fezes ou carne podre –, o sensitivo reconhece a presença hostil de desencarnados maléficos ou de energias negativas oriundas do baixo astral.

Clarividência

A clarividência é a faculdade que permite ao seu possuidor ter imediato acesso a imagens visuais ou mentais de espíritos e outros seres extrafísicos, entre outros fenômenos que estão fora dos limites da nossa compreensão, isto é, exteriores aos nossos sentidos.

Trata-se da visão feita pelo próprio Espírito – sem o auxílio de outros espíritos – e que entende a realidade tangível e intangível numa esfera mais vasta e elevada. Também se dá o nome de emancipação da alma a este fenômeno quando associado ao sonambulismo – clarividência sonambúlica.

A clarividência é igualmente conhecida como dupla-vista e terceira visão, na medida em que não são os olhos físicos que veem os objetos, pessoas ou coisas, mas é o Espírito que, pelo chakra frontal tem o poder de “ver” através da terceira visão. Esta capacidade confere ao sensitivo a faculdade de ver, ouvir e sentir para além dos sentidos e, quando bem desenvolvida, pode despertar a premonição.

Combustão humana espontânea

Fenômeno raríssimo e assaz terrífico em que o corpo de uma pessoa começa a arder até se consumir num monte de cinzas, sem que haja uma causa que, aparentemente, possa justificar esse fato (ver parapirogenia).

Criptomnésia

Revelação de acontecimentos ocultos encerrados na memória espiritual de um indivíduo e relacionados com épocas passadas (ver telepatia).

Déjà vu

Esta designação tem origem no francês e significa “já visto”. Trata-se do sentimento de se ter conhecimento prévio de experiências, objetos, situações ou locais jamais vistos ou visitados pelo próprio indivíduo, o qual, diante deles, imediatamente os reconhece como lhes sendo familiares. É o caso, por exemplo, de termos a nítida sensação, logo a seguir confirmada, de que vamos encontrar um determinado edifício ao virar da esquina – uma igreja, por exemplo – numa cidade que nos é totalmente desconhecida.

Estes fenômenos poderão ser atribuídos a reminiscências de vidas passadas que se desenrolaram nesses locais; assim como de memórias de viagens astrais realizadas durante o sono e que, por algum motivo, incluíram esses roteiros no seu trajeto; ou, ainda, quando ocorre comunicação do Espírito do próprio indivíduo, que se antecipa à percepção visual do corpo físico.

Alguns casos de “déjà vu” podem ser enquadrados como decorrentes de uma disfunção cerebral – entre a percepção e a memória –, mas nada explica, do ponto de vista científico, que um indivíduo possa ter a sensação de já ter vivenciado algo que está a ocorrer naquele momento e referir, antes de acontecer, outros fatos que se irão manifestar de seguida.

Dermografia

Fenômeno supranormal que se caracteriza pela formação de feridas na pele que surgem repentinamente e desaparecem da mesma forma (ver estigmatização).

Desdobramento

É a capacidade que o espírito tem de sair do corpo por períodos relativamente curtos (ver viagem astral; ver bilocação).

Endoport

Fenômeno de efeitos físicos que se caracteriza pelo aparecimento de objetos no corpo humano, como agulhas, pregos e alfinetes (ver apport).

Estigmatização

Trata-se de um fenômeno de efeitos físicos de extrema raridade – que tanto pode ser de origem anímica como mediúnica – e que se caracteriza pelo aparecimento de diferentes chagas na pele, como sinais, vergões, letras e feridas abertas com escorrimento de sangue. Essas manifestações, para as quais não há a mínima explicação científica, provocam imensas dores no estigmatizado.

É frequente a estigmatização ocorrer em períodos regulares, como os relacionados com eventos religiosos e, nessas circunstâncias, o estigmatizado apresentar feridas correspondentes às chagas sofridas por Jesus Cristo na crucificação, sendo que as cicatrizes se mantêm depois de deixarem de sangrar.

Ao aparecerem os primeiros estigmas no paciente, têm sido referidos casos de emanção de uma delicada fragrância – geralmente semelhante à da flor de jasmim – e que é considerada como o “aroma da santidade”. Noutros casos, porém, ocorre a formação de úlceras de aspeto repugnante e de odor pestilento, sem que esse fato tenha necessariamente a ver com a natureza moral do estigmatizado.

São bem conhecidas centenas de ocorrências, sendo talvez as mais famosas as de São Francisco de Assis (1186-1226), de Teresa Neuman (1898-1962) e do Padre Pio da Pietralcini (1887-1968).

A explicação desses fenômenos não é consensual. Há pesquisadores que alegam que esses casos são atribuíveis a indivíduos que, ao reencarnar, vieram carregados de remorsos por algo muito grave que fizeram numa vida anterior como, por exemplo, terem cometido faltas em nome de Jesus.

Esses sentimentos de culpa, levados a um ponto extremo, ficam de tal modo gravados no seu espírito que, de forma inconsciente, acabam por se converter numa dolorosa penitência que o estigmatizado arrasta consigo ao reencarnar, num processo de inútil autoflagelação, como se esse sofrimento remediase aquilo que, no entender do sujeito, tivesse constituído uma falta imperdoável.

Algumas situações desse tipo podem ser estimuladas por espíritos inferiores e até cobradores cármicos que se deleitam com o padecimento dos estigmatizados. Sobre o risco dos excessos de mea culpa, recordemos o que disse Bezerra de Menezes ⁷⁰, na obra “Recordações da Mediunidade”, psicografada por Yvonne do Amaral Pereira ⁷¹ : «O remorso é um dos mais avassaladores sentimentos».

Outros investigadores, relativamente à estigmatização, argumentam que as capacidades do cérebro sobre o corpo físico são imensas, pelo que o poder da mente num processo de autossugestão, intimamente associado a uma crença fervorosa – de puro fanatismo religioso –, poderia estar na origem desse fenómeno, nomeadamente quando o estigmatizado se sente obrigado a partilhar a dor da santidade que venera.

O que é certo, no entanto, é que muitos dos estigmatizados apresentam faculdades supranormais extraordinariamente desenvolvidas, como levitação, clarividência, xenoglossia, bilocação e cura de enfermos, pelo que as suas causas poderão ter diversas origens, não sendo possível considerar uma única procedência para essas ocorrências.

Na sua forma de se manifestar, a estigmatização apresenta uma variante designada por dermatografia, quando essas feridas surgem repentinamente e desaparecem da mesma forma. É o caso, por exemplo, da Sra. Seymour, uma norte-americana que, nas sessões espíritas, recebia na pele do seu braço a assinatura do espírito que fazia a comunicação. O nome aparecia em relevo e ao

fim de uns vinte minutos desaparecia, sem deixar qualquer marca. A referida sensitiva submeteu-se ao exame meticoloso de comissões constituídas por pessoas idóneas, entre as quais médicos, sem que alguma vez tivesse havido quaisquer indícios de fraude.

Fenômenos de poltergeist

Palavra de origem alemã que significa “fantasma ruidoso” ou “brincalhão” e que se aplica às manifestações físicas de um espírito perturbado ou perturbador. Por vezes, esse espírito manifesta-se com grande violência, com a quebra de objetos, arremesso de pedras, bater de portas, incêndios em roupa e camas etc. Em certas circunstâncias, objetos muito pesados e de grandes dimensões, como automóveis e móveis, são deslocados misteriosamente para lugares mais afastados, sem deixarem rastros no chão.

Para que estes fenômenos ocorram, é necessária a presença de um médium de efeitos físicos que faculte suficiente ectoplasma para um tão elevado dispêndio de energia. É frequente estes fenômenos estarem associados à presença de uma criança, normalmente do sexo feminino, não havendo uma explicação consensual sobre a causa desse tipo de ocorrência.

O investigador Ernesto Bozzano revela na obra “Povos Primitivos e Manifestações Supranormais”, que os fenômenos de poltergeist já eram conhecidos por indígenas de diferentes regiões do mundo. Manifestações como deslocação de objetos, ruídos inexplicáveis e queda de pedras, ocorriam em lugares onde, segundo esses povos, os espíritos se manifestavam.

Fotogénese

Fenômeno que se caracteriza pelo aparecimento de intensa luminosidade no corpo de um indivíduo, o qual, muitas vezes, fica inundado de luz deslumbrante, como se fosse fosforescente. Um dos casos mais notáveis deste tipo de manifestação foi o de Francisco Lins Peixoto (1905-1966), o “Peixotinho”, tido como o mais prodigioso médium brasileiro de materializações e efeitos físicos.

O investigador e autor espírita R. A. Ranieri (1919-1989), na obra “Materializações Luminosas”, descreve uma sessão a que assistiu em que o médium Peixotinho estava deitado na cama como se estivesse morto. O corpo do médium encontrava-se «todo iluminado interiormente. Víamos a superfície de suas mãos, braços e barriga, embora estivesse vestido de pijama, como se fosse de vidro e dois ou três centímetros abaixo, interiormente dessa superfície, luminosidade igual à do vaga-lume (pirilampo), saindo de dentro para fora».

Na continuação dessa singular manifestação, o citado autor observou que na «região do plexo solar a luz era intensíssima e nas mãos notavam-se os clarões verdes interiores. Transformara-se a cabina (sala) numa doce claridade de luar.»

Hiperestesia

Capacidade inerente a certos indivíduos que lhes permite, ao tocar na superfície externa de um qualquer objeto – mala, caixa etc. –, identificar o seu conteúdo, sem que para isso tenha havido prévio conhecimento do que aí estava contido. Trata-se de uma faculdade extremamente invulgar.

Hipertermia

Aptidão que certos sensitivos têm em elevar a sua temperatura corporal acima de valores considerados no limite da tolerância biológica, ou seja, superiores à capacidade de resistência do corpo humano.

Esse processo está presente no aumento de temperatura corporal que alguns monges das regiões frias do Tibete conseguem produzir voluntariamente, permitindo-se ficarem desnudos nesses climas gélidos e, inclusive, secarem lençóis molhados apenas com o calor emitido pelo corpo.

Vários exemplos destes feitos incomuns foram registrados em personalidades religiosas, como a mística e curadora Santa Catarina de Génova (1447-1510) que, ao mergulhar a mão num recipiente de água fria, conseguia deixá-la a ferver. Outro caso conhecido, é o de Padre Pio (1887-1968), elevado a Santo pela Igreja Católica como São Pio Pietrelcina e que foi um prodigioso sacerdote franciscano responsável por muitas curas milagrosas.

Em determinadas circunstâncias a temperatura corporal de Padre Pio atingia a

temperatura de 48° o que, em qualquer organismo comum, significaria hipertermia não reversível, dado que o corpo humano, a partir de 42° – apenas 5° acima do normal –, entra em colapso e morre.

Imantação

Transmissão de energia de um médium de cura – chamado passista – para um paciente. Quando ocorre intermediação de espíritos benfeitores, essa energia (conhecida por magnetismo animal) fica enriquecida com fluidos provenientes das esferas espirituais, potenciando enormemente a sua ação.

A imantação também é o processo utilizado pelas entidades de Luz que trabalham nos centros espiritualistas, quando imantam objetos para a proteção de médiuns e consulentes, nomeadamente guias e rosários. Este procedimento é em tudo idêntico ao ato dos padres católicos quando, a pedido dos seus fiéis, abençoam objetos religiosos.

Incombustibilidade

Capacidade de insensibilidade e incombustibilidade ao fogo (ver pirovasia).

Inspiração

Esta capacidade do médium permite que receba das esferas espirituais mensagens, avisos e pensamentos de forma espontânea, sem que se faça necessário invocar esse auxílio.

A inspiração, como fenômeno mediúnico, é um tipo de comunicação que se estabelece entre um ser espiritual e um médium, o qual pode receber ideias ou mensagens relacionadas com o mundo da criatividade e das soluções inovadoras.

Normalmente transmitida por entidades espiritualmente evoluídas, a inspiração manifesta-se no seu recetor com a leveza de um delicado sussurro – mas sempre brilhante e oportuna –, tal como a sugestão do toque artístico que falta na tela do pintor, a rima certa no poema em construção, a descoberta revolucionária na investigação científica, assim como em tantas e diversificadas situações que fazem parte das Artes, Ciências e Cultura da humanidade.

Em síntese, poderemos dizer que a intuição é uma sugestão mental, estabelecida por via mediúnica e que estimula a criatividade ou reporta-se à solução de um problema, sem condicionar a própria liberdade do sujeito que a recebe.

Intuição

A intuição é como que um conhecimento imediato e instintivo de que alguma coisa vai “correr bem” ou “correr mal”, sem que o sensitivo consiga entender as razões que fundamentam essa ideia.

O médico e espírita Dr. Bezerra de Menezes, na obra “A Loucura sob Novo Prisma”, a propósito da intuição, cita esta reflexão de Platão suficientemente clara para definir esse conceito: «Antes de virmos a esta vida, já tivemos outras, e no tempo intermediário, que passamos no mundo dos Espíritos, adquirimos o conhecimento das grandezas a que somos destinados; donde essa reminiscência, a que chamamos intuição de um futuro, que mal entrevemos, ficar envolto no véu da carne».

Na verdade, esse conhecimento advém do próprio Espírito e está inequivocamente relacionado com as experiências que o indivíduo teve ao longo das suas muitas vidas, quer no mundo físico, quer no plano astral, assim como de alguns dos objetivos que lhe estão destinados no futuro, pelo que a intuição é, essencialmente, um fenômeno anímico.

Para não cometer erros, o sensitivo deve estar atento aos impulsos que julga serem intuitivos, pois é um dos meios mais usados pelos obsessores e espíritos enganadores.

Levitação

A levitação é um fenômeno que tanto pode ser atribuído às capacidades extrassensoriais do sensitivo – sendo um fenômeno anímico –, como provocado por um desencarnado – apresentando-se, então, como um fenômeno mediúnico.

Os casos de levitação são muito raros e contrariam aparentemente as leis gravitacionais, na medida em que, através dessa aptidão, o corpo humano – tal como os objetos – pode erguer-se, ficando a pairar, como se flutuasse no ar à revelia das leis da gravidade. Na verdade, essas leis não são afetadas, pois a força gravitacional opõe-se-lhe uma outra, mas de sentido contrário e de valor relativamente idêntico, permitindo ao corpo flutuar.

Alguns monges tibetanos, entre outros iniciados de relevante desenvolvimento espiritual, como os yogues, são os casos mais conhecidos em que se manifesta este fenômeno.

Uma das mais famosas personalidades neste tipo de manifestação supranormal foi São José Cupertino, um frade franciscano que viveu em Itália, no séc. XVII. Bastava ouvir os nomes de Jesus ou de Maria e «entrava em levitação. Passeando um dia com outro frade nos jardins do convento, este lhe disse: “Irmão José, como criou Deus um tão belo céu!” Ao ouvir estas palavras, José deu um grito, voou e colocou-se de joelhos sobre uma oliveira».

Além dessa extraordinária capacidade, que se manifestava publicamente nos próprios locais de culto, este Santo «carente de capacidade intelectual (...) mas cheio de luzes sobrenaturais, discorria em profundidade sobre temas teológicos e resolvia intrincadas questões que lhe eram apresentadas». ⁷²

Outro caso notável é o do médium escocês Daniel Douglas Home (1833-1886), que na época se tornou mundialmente conhecido pelas centenas de sessões públicas, muitas delas à luz do dia, de fenômenos de levitação, de aparições, de manipulação de fogo e carvão em brasa, sem se queimar, entre outros feitos prodigiosos. Nunca cobrou pelos seus trabalhos e demonstrações, alegando que veio com essa «missão para demonstrar a imortalidade».

Sobre esse extraordinário médium, Allan Kardec escreveu na Revista Espírita (Fevereiro de 1858) que sob a sua influência «os mais estranhos ruídos se fazem ouvir, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, se erguem, se transportam de um lugar a outro através do espaço, instrumentos de música fazem ouvir sons melódicos, seres do mundo extracorpóreo aparecem, falam, escrevem e, frequentemente, vos abraçam até causar dor. Ele mesmo foi visto, várias vezes, em presença de testemunhas oculares, elevado sem sustentação a vários metros de altura (...)».

Mais adiante, Kardec salienta a “mediunidade excepcional” de Home em comparação com outros médiuns, ao conseguir provocar os ruídos «mais retumbantes, [que] se fazem ouvir», revirar todo o mobiliário de um quarto, ficando «os móveis montando uns sobre os outros (...)». Além dos «objetos inertes, ele próprio é elevado até o teto (levitação), depois desce do mesmo modo (...)».

Outras manifestações supranormais que podem ser incluídas nos fenômenos de levitação são a paracinesia e a telecinesia. A paracinesia é quando existe contacto físico entre o médium e o objeto a levitar, enquanto a telecinesia é quando o movimento do objeto – a curta ou a longa distância – é feito sem que o médium toque no objeto.

Materialização de espíritos

A materialização de espíritos é um fenômeno de efeitos físicos extremamente raro. O próprio Chico Xavier participou em algumas materializações, até ao momento em que o seu Mentor espiritual, Emmanuel ⁷³, pediu-lhe «a suspensão (...) dessas reuniões», alegando que o tempo do seu pupilo seria espiritualmente mais útil se dedicado à produção literária, conselho que o médium acatou respeitosamente.

O médium Francisco Lins Peixoto, conhecido pelos prodigiosos fenômenos de fotogênese que o tornaram internacionalmente conhecido, também realizou impressionantes materializações de espíritos. Numa dessas sessões, em que estava presente o autor espírita A. Ranieri, o médium Francisco Peixoto materializou a falecida filha de Ranieri, que ofereceu ao atônito e emocionado pai, uma delicada flor, a qual, acabada de colher, ainda estava aspergida de orvalho.

Em determinadas circunstâncias os espíritos materializados podem trazer os mais inesperados objetos – como uma flor, conforme vimos –, libertar fragrâncias agradáveis e, ao adensar o perispírito, tornarem-se tangíveis ao tato, fenômeno passível de ser observado por qualquer uma das pessoas presentes no local onde se manifestam.

Essas demonstrações exigem o ectoplasma de um médium de efeitos físicos – assim como o da assistência, quando a há –, ao qual o espírito vai juntar fluidos das esferas superiores do Astral e da própria Natureza.

Allan Kardec, na obra “O Livro dos Médiuns”, refere que o espírito quando quer – e quando autorizado –, aparece «revestido (...) de uma forma ainda mais

nítida, tendo todas as aparências de um corpo sólido, ao ponto de [se pensar] que se está diante de um ser corporal. Em alguns casos (...) a tangibilidade pode tornar-se real, quer dizer, pode-se tocar, apalpar, sentir a mesma resistência, o mesmo calor como da parte de um corpo vivo, o que não impede de se desvanecer com a rapidez do relâmpago».

As sessões de materialização, de acordo com o Espírito André Luiz⁷⁴, obrigam a um «serviço de elevada responsabilidade, porquanto, além de exigir todas as possibilidades do aparelho mediúnico, há que movimentar todos os elementos de colaboração dos companheiros encarnados, presentes às reuniões destinadas a esses fins». Se nessas reuniões, continua André Luiz, «pudéssemos contar com valores morais espontâneos e legitimamente consolidados no espírito coletivo, essas manifestações seriam as mais naturais possíveis, sem qualquer prejuízo para o médium e assistentes».

Porém, como tal não sucede na grande maioria dos casos e «na incerteza de colaboração eficiente, as sessões de materialização efetuam-se com grandes riscos para a organização mediúnica e requisitam número dilatado de cooperadores do nosso plano». Esse é, provavelmente, um dos motivos que explica o fato de estes fenômenos serem cada vez mais raros.

Médium de cura

Médiuns de cura ou passistas são indivíduos que têm a capacidade de curar doentes que, muitas vezes, não seriam passíveis de tratamento por meio da medicina convencional. Tudo isso sem necessidade do médium ter conhecimentos clínicos e podendo prescindir de fármacos.

No processo de cura o passista costuma executar gestos à frente, ao lado ou ao longo do corpo do paciente que é objeto de tratamento espiritual. Os passes poderão ser rápidos e enérgicos, como suaves e morosos, quando destinados a aliviar ou curar uma parte do corpo.

Cada passista recorre às técnicas que lhe são próprias, sendo que cada uma delas depende dos tipos de problemas que afetam o consulente. Estes tratamentos podem ser feitos presencialmente ou à distância, quando o paciente não pode estar presente.

Naturalmente que o fluido magnético do médium é fundamental nos processos de cura, mas não restam dúvidas de que, na maioria dos casos, há o concurso de entidades especializadas na área da saúde, nomeadamente de espíritos que foram médicos e cirurgiões quando encarnados. Muitos deles são entidades altamente evoluídas que vêm das linhas do Oriente.

Alguns espíritos que incorporam para realizar trabalhos de cura, nomeadamente das linhas do Oriente, por vezes cantam, falam e rezam em línguas completamente estranhas ao médium, fenómeno conhecido por xenoglossia.

Muitos dos espíritos que trabalham nas mesas espíritas, nos terreiros umbandistas, nas referidas linhas orientais e em outras correntes espiritualistas e credos religiosos, são de médicos e cirurgiões que se distinguiram pelo carinho e humanidade com que se dedicaram aos seus doentes quando viveram como encarnados. É o caso, entre outros, do Dr. Sousa Martins ⁷⁵ (1843-1897), do Dr. Bezerra de Menezes (1831-1900) e de uma entidade que usa a denominação de Dr. Fritz, não se sabendo ao certo de quem se trata.

Um dos aspetos mais salientes nas curas espirituais é o poder da fé e da oração, fato amplamente comprovado, inclusive, por meio de experiências feitas em hospitais ⁷⁶.

No entanto, nem sempre um médium de cura – mesmo que seja dos mais qualificados – consegue ser bem-sucedido no seu trabalho, nomeadamente quando se trata de um doente com provação compulsória, ou seja, com carmas de natureza irrevogável.

Médium de efeitos físicos

É um termo que engloba vários fenômenos físicos que se manifestam de forma ostensiva, como levitação, telecinesia, tiptologia (ruídos e batimentos), psicocinesia (mover e distorcer objetos com a força da mente), fotogénese, materialização de espíritos etc. Estes fenômenos caracterizam-se pela atuação direta dos espíritos sobre a matéria, sem que haja por parte do sensitivo qualquer tipo de ação mecânica.

Alguns médiuns de efeitos físicos – neste caso, também chamados de médiuns de transporte – têm a muito rara e extraordinária capacidade de deslocar objetos de um lugar para o outro e fazê-los aparecer no local de destino, como se do nada surgissem, apresentando-se com a mesma forma e matéria que tinham antes de ocorrer o fenômeno.

As manifestações de efeitos físicos tanto podem ser de origem mediúnica, como anímica e obedecerem à vontade do médium. Também ocorrem de forma involuntária, como os fenômenos de poltergeist.

O espírito ou espíritos que se manifestam nos médiuns de efeitos físicos recorrem a grande quantidade de ectoplasma, retirando-o do médium e dos assistentes, caso os haja.

O Espírito Erasmo, na obra “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, explica que um espírito para produzir fenômenos de efeito físico precisa de «ter consigo médiuns [chamados] sensitivos, isto é, dotados, no mais alto grau, das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar abundantemente, em torno de si, o fluido animalizado que

lhes é próprio», sendo que esse fluido é o ectoplasma produzido no duplo etérico.

Deste modo, com um médium «se obterão [facilmente] os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos inteligentes e mesmo a suspensão, no espaço, da mais pesada matéria inerte». No entanto, os fenômenos de transporte físico «reclamam sempre maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que não podem ser obtidos senão com médiuns superiormente dotados, com aqueles, numa palavra, cujo aparelho eletromediúnicos é o que melhores condições oferece», sendo estas manifestações extremamente raras.

Para que estes fenômenos ocorram, refere o Espírito Erasmo, é necessário que haja entre o espírito e o médium «certa afinidade, certa analogia; em suma: certa semelhança capaz de permitir que a parte expansível do fluido (...) do encarnado se misture, se una, se combine com o do espírito que queira fazer um transporte. Deve ser tal esta fusão, que a força resultante dela se torne, por assim dizer, uma (...), para que estes fenômenos se produzam, necessário se faz que as propriedades essenciais do espírito motor se aumentem com algumas das do médium; é que o fluido vital (aqui, no sentido de ectoplasma), indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é apanágio exclusivo do encarnado e que, por conseguinte, o espírito operador fica obrigado a se impregnar dele».

À laia de conclusão, o Espírito Erasmo comenta que «os fenômenos de tangibilidade são frequentes, mas os de transporte são muito raros, porque muito difíceis de se realizar são as condições em que se produzem. Conseqüentemente, nenhum médium pode dizer: a tal hora, em tal momento, obterei um transporte, visto que muitas vezes o próprio espírito se vê impedido na execução da sua obra. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque quase sempre, entre este, se encontram elementos energeticamente refratários, que paralisam os esforços do espírito e, com mais forte razão, a ação do médium».

Finalmente, o referido Espírito, esclarece que «na intimidade, os ditos fenômenos se produzem quase sempre espontaneamente», quase sempre independentes do médium e «sem premeditação, sendo muito raros quando esses se acham prevenidos».

Médium de incorporação

Incorporação é a capacidade que têm certos médiuns em emprestar o seu corpo físico para que um espírito – guia, protetor ou outra entidade – se possa manifestar.

Através da incorporação os espíritos têm total liberdade para comunicar, pois permite-lhes o relacionamento direto com os consulentes, através do diálogo, dos gestos e passes que eventualmente irá fazer, além das “vestimentas” que o espírito assume como seu arquétipo, ou seja, a personalidade de ordem física e psicológica com que a entidade pretende ser caracterizada.

Existem três tipos de médiuns de incorporação: conscientes, semiconscientes e inconscientes.

Médium de incorporação consciente

É quando o médium ouve, sente e vê tudo em volta, tendo pleno domínio de quase todas as suas funções físicas. Nestas circunstâncias existe elevado risco do médium interferir animicamente na comunicação da entidade que incorpora.

Médium de incorporação semiconsciente

Neste tipo de incorporação, o médium tem os sentidos despertos, podendo ouvir, ver e sentir o que se passa em torno de si, assim como entender o que a entidade está a dizer. Não consegue, porém, dominar o seu corpo físico e, na maioria dos casos, a seguir às sessões de trabalho espiritual, não se lembra do que foi dito durante as consultas, nem é capaz de reconhecer os pacientes que consultaram as entidades. Poderá reter umas vagas recordações que, com o tempo, se diluem, ou conservar fragmentos que não consegue reconstituir.

Nas incorporações é frequente o médium permanecer com os olhos semicerrados ou fechados, enquanto a entidade consulta os pacientes. O mesmo poderá suceder ao se movimentar no decurso dos seus trabalhos. Agindo assim, o médium poupa ectoplasma e não se afadiga excessivamente. Quando trabalha de olhos fechados, sem recurso ao órgão físico da visão, a percepção visual das pessoas e do ambiente em volta é proporcionada pelo controlo que o próprio Guia exerce no corpo do médium.

A incorporação semiconsciente apresenta amplas vantagens sobre as demais, na medida em que o médium não interfere na comunicação da entidade, mas não perde o sentido crítico, pois tem capacidade de intervir – interrompendo a consulta, se necessário –, caso se aperceba de pedidos absurdos do consulente ou se está a ser vítima de um espírito enganador.

Médium de incorporação inconsciente

Na incorporação inconsciente, o médium é inteiramente dominado pelo espírito. Fica com os sentidos adormecidos ou inativos e o corpo incapaz de reagir. Durante e após a incorporação não se recorda de nada do que foi dito ou feito.

Trata-se de um tipo de incorporação cada vez mais raro e praticamente inexistente nos médiuns mais jovens. Segundo o testemunho do Espírito Vovó Maria Conga atualmente «não reencarnam mais médiuns inconscientes». ⁷⁷

A chamada mediunidade inconsciente aconteceu, sobretudo, nas primeiras décadas do século passado, quando se fazia necessário esse tipo de incorporação devido aos preconceitos da época, para que médiuns e consulentes não se sentissem constrangidos nas consultas e, desse modo, não afetassem os trabalhos espirituais.

Médium de transporte

Designação que também é utilizada para a capacidade que têm certos médiuns – os de efeitos físicos – em deslocar objetos de um local para o outro, por vezes de grande porte e a longas distâncias (ver médium de efeitos físicos).

Este termo aplica-se identicamente à passagem do espírito de um sofredor ou obsessor através de um médium, daí também se designar por médium de passagem ou de transporte. O médium, auxiliado pelos guias, além de outros médiuns que fazem parte da corrente mediúnica, incorpora o espírito que, através do seu corpo físico, será transportado para o “lugar de que se faz merecedor”.

O médium de transporte serve, assim, de ponte de ligação ou de passagem da alma rebelde para o plano extrafísico que lhe está destinado. Estes médiuns são muito utilizados nos centros espíritas, especialmente na Umbanda, para descarrego dos consulentes que aí vão em busca de auxílio, nomeadamente para se livrarem de obsessores e de trabalhos de magia negra.

Necromancia

É a arte da adivinhação por meio da invocação e consulta de almas desencarnadas. Os mortos, assim chamados, prestar-se-iam a dar informações sobre o futuro e a vida além-túmulo de quem lhes solicita esses préstimos, entre outras revelações.

Trata-se de uma prática nada aconselhável pelos perigos em que incorrem os seus autores, sobretudo se destas artes não tiverem amplo conhecimento.

Do mesmo modo, a tábua de Ouija – pequena peça de madeira com letras, números, símbolos e um ponteiro móvel – é usada pelas necromantes, para comunicarem com os espíritos. Esse pequeno artefacto que, para muitos, constitui mais um entretenimento social do que um veículo de comunicação espiritual, é um objeto potencialmente perigoso, passível, inclusive, de atrair espíritos inferiores que podem obsidiar os participantes dessas sessões.

O termo necromancia, entretanto, generalizou-se a praticamente todos os meios de adivinhação, tais como: quiromancia (adivinhação pelas linhas das palmas das mãos); cartomancia (adivinhação através de cartas, como o tarot) e, entre outros, cristalomancia (adivinhação com bola de cristal ou com pedras semipreciosas).

Parapirogenia

Trata-se de um fenômeno realmente aterrador e, felizmente, muitíssimo raro, em que o corpo de um homem ou de uma mulher, sem nenhuma causa aparente, começa subitamente a arder como se fosse matéria inflamável, até ficar quase todo reduzido a um monte de cinzas.

Geralmente é poupada uma parte do corpo, como as extremidades dos membros e o vestuário correspondente, que se mantêm intactos – como um pé ou a meia e o sapato, por exemplo.

Este fenômeno, também chamado de combustão humana espontânea, jamais foi observado em animais, embora sejam conhecidos vários casos de combustão espontânea não-humana, como os misteriosos incêndios de objetos e mobiliário, estando estes últimos relacionados, muito provavelmente, com os fenômenos de poltergeist.

Totalmente inexplicável, a parapirogenia – documentada em fotografias, testemunhas oculares e relatórios médicos e policiais – é um fenômeno espantoso, pois o ser humano jamais poderia gerar uma tão elevada temperatura que pudesse destruir o corpo em tão pouco tempo e, caso o fizesse, nunca sobriam roupas e objetos intactos em torno dele, como sucede em muitos dos fatos relatados.

Um dos poucos casos ocorridos na presença de testemunhas familiares foi o de Jeannie Saffin, uma inglesa sexagenária que, repentinamente começou a arder. De acordo com o pai, Jack Saffin, tudo começou quando, em companhia da filha, se apercebeu de um clarão semelhante ao de um flash fotográfico na sala onde se encontravam. Ao virar-se para Jeannie para perguntar se tinha visto esse estranho

clarão azulado, ficou aterrado ao vê-la arder como um archote, com labaredas azuis a irromperem sobretudo da boca e da barriga.

Ela não se movia, enquanto o corpo se consumia em chamas. Jack conseguiu apagar o fogo, no momento em que o enteado, Don Carroll, entrou na cozinha a tempo de ver a pobre mulher a arder. Os esforços para extinguir as chamas que provinham do interior da vítima, não evitaram danos irreparáveis no seu corpo, fato que conduziu posteriormente à sua morte.

«Saíam labaredas da sua boca como um dragão e faziam enorme barulho», descreveu o enteado. «A sala não sofreu nenhum dano, mas o seu cardigã (casaco de malha) derreteu. As investigações nunca chegaram a nenhuma conclusão, mas eu sei o que vi».

Esses fenômenos ocorrem com intensa rapidez, sendo que os corpos das vítimas são consumidos como se fossem fardos de palha. Conforme experiências realizadas em cadáveres pelo Dr. Wilton Krogman da “Universidade da Pensilvânia”, a cremação de um corpo durante oito horas, a uma temperatura de 1.093° C (2.000° F) não é suficiente para o destruir totalmente, nomeadamente os ossos, o que deixa os pesquisadores perplexos quando se sabe que, nos fenômenos de parapirogenia, a combustão é fulminante, ao reduzir tão rapidamente uma pessoa a um monte de cinzas. ⁷⁸

Este estranho e assustador fenômeno, que surge do nada – como um terrífico demônio medieval – e que não deixa rasto, a não ser um pequeno amontoado de cinzas e alguns pedaços intactos do corpo – braços ou pernas – parece incidir, principalmente, nas pessoas idosas, particularmente as do sexo feminino.

Uma eventual explicação para este terrífico fenômeno poderá residir no imenso poder da kundalini – o fogo serpentina – que irrompe pelo chakra de raiz na base

da coluna vertebral. Esta poderosa energia ígnea, se despertada de forma descontrolada, ascende com enorme intensidade ao longo do nadi sushumna (grande canal energético) – emitindo fortíssimas torrentes de fogo –, percorrendo os chakras intermédios até chegar aos chakras frontal e coronário.

A libertação dessa energia, expandindo-se de dentro para fora com grande violência, seria suficientemente poderosa para reduzir tão rapidamente um corpo humano a um punhado de cinzas.

Passista

Pessoa que tem a capacidade de curar com as mãos mediante passes (ver médium de cura).

Pictografia

Trata-se de um fenômeno que tanto pode ter origem anímica como mediúnica e que permite a um indivíduo desenhar ou pintar, sem que para isso tenha qualquer tipo de habilidade inata. A pictografia também é conhecida por pneumatografia figurada.

Pirovasia

Capacidade supranormal de insensibilidade e incombustibilidade ao fogo. Um exemplo deste fenômeno é o ritual praticado por diversos povos silvícolas que caminham com os pés descalços sobre brasas incandescentes, sem sentirem dor ou apresentarem queimaduras.

Outro exemplo de pirovasia, também chamada de incombustibilidade, foi o caso do já citado médium escocês Daniel Douglas Home que segurava brasas nas suas mãos sem se queimar. Certa vez, numa sessão em que se encontravam personalidades de inquestionável idoneidade, enfiou a cabeça dentro de uma lareira, sujeitando-a às intensas labaredas que daí se desprendiam, sem sofrer qualquer dano, inclusive, sem que a sua farta cabeleira se chamuscasse.

Pneumatofonia

Fenômeno relacionado com a emissão de gritos, vozes e todo o tipo de sons vocais próprios do ser humano, podendo ocorrer no ar ou mesmo muito próximo de nós e sem recurso do aparelho fônico do sensitivo. Este tipo de manifestação surge habitualmente de forma espontânea.

Por vezes, a voz é interior, como se saísse de dentro da própria pessoa; outras vezes, porém, as palavras ressoam exteriormente, de forma tão natural e distinta, como se fossem proferidas por alguém que estivesse ao lado.

Pneumatografia

Sem dúvida que este é um caso invulgar de mediunidade e que, quando Allan Kardec o estudou, deixou-o profundamente intrigado. A pneumatografia é a escrita direta feita pelo espírito, sem intermediários e não recorrendo a lápis, caneta ou qualquer outro instrumento de escrita.

Segundo Kardec, «bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, para que, ao cabo de alguns minutos, se achassem nele grafadas letras (...) sendo certo que ninguém forneceu ao Espírito essa substância [lápis], segue-se que ele próprio a compôs».

Ao se comunicar desta maneira, o espírito não se serve dos nossos recursos físicos, pois «ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos (...) tirando, para isso, os materiais precisos, do elemento primitivo universal que, pela ação da sua vontade, sofre as modificações necessárias à produção do efeito desejado». ⁷⁹

Premonição

Especial aptidão de um indivíduo para captar informações ou conhecimentos que estão além do que lhe é dado ver ou conhecer, isto é, fora dos seus limites sensoriais, reportando-se estes casos, normalmente, a futuros eventos. Esta faculdade também é designada como prenúncio, presciência, presságio, pressentimento, precognição, etc.

A profecia inclui-se nesta classificação, embora se reporte normalmente a acontecimentos futuros de interesse coletivo, nomeadamente quando a predição é de inspiração divina.

Quando a premonição se refere ao próprio, chama-se autopremonição que, na maioria dos casos, permite o conhecimento antecipado de fatos importantes que lhe dizem respeito, como um acontecimento trágico, por exemplo.

Projeção da consciência

É a capacidade que o espírito tem de sair do corpo por períodos relativamente curtos. Ver Viagem astral.

Psicocinesia

Propriedade supranormal que um indivíduo tem em atuar sobre a substância física, movimentando um objeto ou modificando-lhe a forma, sem lhe tocar. Essa capacidade confere-lhe o poder de entortar colheres e parar relógios, entre outros fenômenos semelhantes, apenas com a força psíquica da sua vontade.

Alguns casos tidos como psicocinéticos não têm nada de supranormal. Ou se reportam a fraudes cometidas por charlatões que querem passar por médiuns ou são, simplesmente, truques de prestidigitação levados a cabo por artistas em espetáculos de pura recreação.

Psicofonia

Fenômeno pelo qual um espírito comunica por meio das cordas vocais do médium – o chamado médium falante. É consciente quando o médium se apercebe dessa comunicação e inconsciente se o médium não se dá conta do que diz.

As entidades espirituais que incorporam nas sessões de trabalho umbandista e kardecista, além de se movimentarem e adquirirem a vestimenta que caracteriza o seu arquétipo, falam pela boca do médium usando a psicofonia.

Psicografia

Através da psicografia um espírito dita mensagens ou textos que são redigidos pela ação mecânica do braço e das mãos do sensitivo. O médium passa a não ter domínio nos movimentos que executam a escrita, sendo estes totalmente controlados pela entidade comunicante, daí designar-se este fenômeno por psicografia mecânica ⁸⁰.

A psicografia também pode ser inspirativa ou intuitiva, quando não é escrita de modo mecânico, mas precede da comunicação do espírito junto do médium que a redige conscientemente. A psicografia inspirativa, como não é um processo mecânico, apresenta a desvantagem de poder ser influenciada pela opinião do próprio médium.

Os médiuns polígrafos são os que escrevem de acordo com o estilo literário do espírito comunicador e, bastante mais raro, aqueles que conseguem reproduzir a própria letra que o indivíduo tinha quando encarnado.

Foi o caso de Chico Xavier em alguns processos criminais, quando os falecidos através de mensagens por si psicografadas, ilibaram inocentes de serem condenados por atos que não cometeram.

Em 1976, Chico Xavier psicografou o depoimento de uma pessoa morta durante um jogo de roleta russa. No mesmo ano, psicografou uma outra carta de um indivíduo que sofreu um acidente fatal provocado por um amigo. Em ambos os casos os réus estavam acusados de homicídio, mas perante os depoimentos póstumos das vítimas foram absolvidos pelo júri.

Psicometria

Capacidade extrassensorial de um indivíduo para captar sensações e recordações registradas em objetos vulgares, mediante o simples contacto com os dedos. Esse fenômeno está relacionado com a imantação energética que o objeto captou do seu proprietário ou de quem o utilizou.

É como se fosse uma espécie de DNA energético, em que algo do sujeito fica gravado no referido objeto, permitindo ao sensitivo colher informações de fatos, pessoas e situações com ele relacionadas.

Na verdade, quando uma pessoa toca em alguma coisa, seja ela qual for, a sua energia fica-lhe impregnada, como uma marca pessoal. Se o seu estado emocional for de grande excitação, como num assassinato, esse registro vibratório crava-se com intensa energia na aura do objeto do crime – uma faca, por exemplo –, ou da vítima ou de qualquer outro elemento presente no local do homicídio, como se uma imagem da cena e da própria mente do criminoso aí ficasse gravada.

É por essa invulgar aptidão que em diversos países, nomeadamente nos Estados Unidos, esses médiuns são frequentemente solicitados nas investigações policiais, sobretudo na descoberta de homicidas, quando há escassez de pistas para os identificar.

Estes sensitivos recolhem dados contidos na aura dos objetos relacionados com o crime. Mediante a captação dessas energias, também conseguem, por vezes, aceder telepaticamente à psique do próprio assassino, agregando informações que acabam por fornecer pistas que levam à sua detenção.

Sematologia

Designação dada aos sinais provocados pelos espíritos no sentido de manifestarem a sua presença, como ruídos, movimento de objetos e batidas, entre outros. Quando é por meio de batidas, esse fenômeno é designado por *tiptologia* (ver *tiptologia*).

Sonambulismo

Nas correntes espíritas o sonho é considerado uma espécie de sonambulismo imperfeito. No sonâmbulo a alma apresenta-se quase totalmente livre, vivendo antecipadamente a vida do espírito desencarnado com uma lucidez extraordinariamente apurada. Neste Fenômeno – que pode ser natural e espontâneo ou induzido magneticamente – o espírito torna-se mais perspicaz, podendo assumir dons de clarividência e comunicar com outros espíritos, encarnados ou não.

O sonâmbulo também pode ver a sua alma e o seu corpo a conversarem entre si, como se fossem dois seres independentes, não percebendo por vezes que é ele próprio. Devido à superioridade evolutiva do ser espiritual – com liberdade de acesso à memória das suas pretéritas existências –, o ser corporal, limitado pela condição física de encarnado, pode retirar amplo proveito desses diálogos, como informações e conhecimentos que se situam muito acima das suas atuais aptidões intelectuais.

Esse fato não garante, contudo, que um sonâmbulo possua elevação espiritual e erudição suficientes para usar corretamente esse atributo, porque tal mérito resulta do progresso moral e intelectual do seu espírito, que poderá ser pouco desenvolvido.

Essas imperfeições poderão ser superadas mediante o auxílio de um espírito bom. No entanto, se o sonâmbulo for moralmente atrasado e não obtiver ajuda de um espírito evoluído, corre o risco de ser presa fácil de espíritos levianos, mentirosos e mesmo maus, que o conduzem ao engano.

Soniloquia

Bastante comum, esta propriedade é inerente aos indivíduos que falam quando estão a dormir – os soníloquos. Trata-se de um estado de libertação do espírito, uma fase intermédia entre o sonambulismo e o sono.

Telepatia

Também designada por criptestesia e diapsíquica, a telepatia refere-se à comunicação direta entre espíritos, um fenômeno vulgarmente conhecido como transmissão de pensamento. Inclui-se nesta categoria a telepsiquia, quando os espíritos comunicantes se encontram separados por grande distância, por vezes até em diferentes continentes.

Essa capacidade que possibilita a “leitura da mente” relaciona-se por vezes com eventos ocorridos em tempos ou épocas passadas, sendo, então, um fenômeno de criptomnesia, porque faz parte dos conhecimentos ocultos encerrados na memória espiritual do indivíduo observado.

Telecinesia

Designação dada ao fenômeno supranormal que movimenta um objeto a curta ou longa distância sem que haja qualquer contato físico por parte do médium (ver levitação).

Terceira visão

Acesso a imagens visuais ou mentais de espíritos e outros seres extrafísicos (ver clarividência).

Tiptologia

Trata-se de um fenômeno mediúnico de efeitos físicos. Como todos esses fenômenos é necessário que haja um ou mais médiuns de efeitos físicos para que um espírito se possa manifestar.

A tiptologia é uma forma de comunicação que resulta numa série de pancadas ou batidas curtas feitas em algum material duro, normalmente madeira, produzindo ruídos. Trata-se, pois, de uma forma de sematologia.

Essa forma de comunicação foi o meio utilizado nas primeiras manifestações dos espíritos na época de Allan Kardec em que uma certa quantidade de pancadas significava "sim" e uma outra quantidade "não". Posteriormente, essa forma primitiva de comunicação, evoluiu para a tiptologia alfabética, na qual o número de pancadas correspondia a uma determinada letra do alfabeto ou a um determinado algarismo.

São chamados de “espíritos batedores” aqueles que se comunicam por meio de pancadas (ver sematologia).

Transfiguração

A transfiguração, igualmente conhecida por endometaplasia, é um dos mais extraordinários, raros e menos estudados casos do psiquismo experimental. Este fenômeno tanto pode ser de origem anímica como mediúnica.

Ernesto Bozzano, na obra “A Morte e os Seus Mistérios”, cita um caso testemunhado pelo Rev. Will J. Erwood, numa sessão em Hale, Manchester, com o médium de transfiguração Sra. Bullock, durante a qual ocorreram manifestações por demais notáveis: «A Sra. Bullock se achava sentada em plena luz, de maneira que se faziam visíveis os mais minuciosos detalhes das manifestações e, no espaço de uma hora e meia, apareceram nada menos de 50 rostos diferentes, sobrepostos ao rosto do médium».

O Rev. Erwood observa: “Era como se o rosto do médium fosse uma massa elástica moldável à vontade e modelada, ademais, com assombrosa perícia e rapidez, por um exímio mestre na arte, o qual, com fervor inesgotável, passara de uma a outra efígie (...), apareceram todas as espécies de rostos e, entre eles, fisionomias de orientais e hindus, calmos, graves e espirituais».

Ainda de acordo com a descrição do citado reverendo, o que mais o impressionou, «foi a personificação de uma menina paralítica, conhecida [por ele] nos Estados Unidos da América. Todo o corpo do médium, juntamente com seu rosto, se havia contraído e transformado em forma radicalmente distinta do aspeto normal da mesma, representando, com toda a exatidão, as lamentáveis condições em que se encontrara aquela pobre vítima da paralisia.»

Através da modificação do corpo astral, a transfiguração faz com que o indivíduo assumira uma aparência totalmente diferente, quando não monstruosa,

relativamente ao seu aspeto normal. É por um processo similar que, provavelmente, certas criaturas tidas como lendárias – como o lobisomem – se podem converter em realidade.

Num trabalho que fiz na região centro-oeste do Brasil para o livro *Contos do Arco da Velha* (edições *A Luz do Ser*) que relata experiências paranormais contadas por quem as viveu, tive oportunidade de conhecer detalhadamente um incrível caso de transfiguração, em que um homem se transformou numa horrenda criatura em forma de lobo. O rosto, peludo como o de um feroz canídeo, terminava num repugnante focinho de porco... Algo verdadeiramente atroz!

Esse fato ocorreu na década de 1980 numa pequena cidade do interior de Goiás, tendo como vítima desse pesadelo uma jovem que, após passar por essa horrível experiência, ficou com sequelas psicológicas muito difíceis de curar (ver zoantropia).

Viagem astral

É a capacidade que o espírito tem de sair do corpo por períodos relativamente curtos, ocorrendo quase exclusivamente durante o sono.

A viagem astral ou projeção astral – também chamada de desdobramento ou projeção da consciência – permite que o corpo astral saia do corpo físico adormecido e se desloque pelas dependências da casa, pelos arredores do local onde vive ou para grandes distâncias, podendo, inclusive, visitar diferentes dimensões espirituais.

Nessas circunstâncias, torna-se possível reencontrar pessoas que já desencarnaram e que lhe são muito queridas ou com as quais tem algum tipo de afinidade. Se tiver uma boa índole poderá dedicar-se a trabalhos de caridade com entidades de Luz. Se, no entanto, for um espírito moralmente atrasado, vê-se tentado a participar em atividades maléficas com desencarnados trevosos, o que ocorre frequentemente.

Nessas viagens, a ligação do psicossoma ao corpo físico é estabelecida pelo cordão de prata, que se pode esticar e estreitar de forma inimaginável, à medida que o corpo astral se afasta, sem que o cordão jamais se rompa. Caso se torne necessário o urgente regresso ao corpo físico, este ocorre instantaneamente.

A viagem astral é um fenômeno anímico quando praticada exclusivamente pelo espírito do indivíduo e mediúnico quando assistido ou amparado por outros espíritos – na condição de encarnados ou desencarnados –, como ocorre, por exemplo, nas técnicas apométricas.

Vidência

Com esta faculdade o médium apercebe-se da presença de entidades desencarnadas e, até, de outros seres dos planos extrafísicos. Trata-se de um fenômeno mediúnico que, em certos casos, permite conhecer a verdadeira identidade dos espíritos que incorporam nas sessões de trabalho, permitindo, deste modo, desmascarar os médiuns mistificadores e os espíritos enganadores. No entanto, é extremamente invulgar a mediunidade de vidência que possibilita conversar diretamente com os espíritos.

Há pessoas que só têm vidência no estado sonambúlico. A vidência também se manifesta através de sonhos – os sonhos premonitórios – que podem revelar acontecimentos que ocorrerão no futuro.

Dado que a vidência e a clarividência apresentam características similares, há autores que consideram tratar-se do mesmo fenômeno. No entanto, na vidência, é muito raro o médium possuir esse dom de forma permanente; na clarividência – que é uma aptidão muito mais desenvolvida – a visão do mundo espiritual e dos espíritos é algo assaz natural para o sensitivo, já que se serve do próprio Espírito.

Xenoglossia

Propriedade mediúnica que permite ao sensitivo falar, escrever e entender línguas que não são do seu conhecimento, através de um ou vários espíritos que assim se manifestam. Também se designam por médiuns políglotas os indivíduos dotados dessas capacidades.

Este fenômeno é extremamente raro e pode ocorrer, também, em adultos e crianças muito novas, através da manifestação do seu Espírito. Neste caso, trata-se de um fenômeno anímico, porque oriundo do espírito da própria pessoa que, recorrendo às memórias de suas vidas passadas, exprime-se nas línguas que lhe foram familiares, ou seja, das regiões onde viveu. As crianças que têm essa capacidade, regra geral, deixam de a manifestar no decurso do seu crescimento.

O psiquiatra Brian Weiss refere no seu livro “Muitos Corpos, Uma só Alma”, vários casos de xenoglossia que ocorreram no decurso das técnicas de regressão aplicadas em alguns dos seus pacientes. Para esse autor, os pacientes, ao se exprimirem em línguas que lhes eram totalmente desconhecidas, estavam a recordar distantes episódios das suas vidas passadas, fato que não apenas comprova a veracidade desses fenômenos, como fundamenta a tese da reencarnação.

Zoantropia

Este fenômeno caracteriza-se pela deformação do corpo astral, o qual, devido à sua plasticidade, em certas e raras circunstâncias, pode adquirir formas monstruosamente inusitadas, como as de animais antropomórficos – meio homens, meio animais –, sendo a mais comum a que se manifesta com a aparência de lobo – licantropia (ver *As Trevas: As Regiões Mais Abissais do Umbral*, no capítulo VI e *Transfiguração*, neste capítulo).

Essa transfiguração – pois é disso que se trata – tanto pode ocorrer em desencarnados, como em encarnados, sendo certo que é sempre provocada por espíritos moralmente muito atrasados, quando não extremamente perversos. Muitos deles são obsessores, outros, ainda, apenas são movidos para a prática do mal, independentemente das vítimas escolhidas. Parece haver, também, nesse quadro de profunda deformação perispirítica, casos relacionados com a prática de poderosas manipulações da chamada magia negra.

Dada a singularidade deste fenômeno, tantas vezes presente no imaginário popular e considerado por muitos como pura alienação mental – que também a há –, referiremos dois casos que parecem não suscitar dúvidas quanto à sua veracidade.

O primeiro, ocorreu com o italiano São Geraldo Maiella (1726-1755), venerado como Santo pela Igreja Católica. Foi vítima de frequentes assédios de desencarnados do baixo astral, que se assumiam como demónios e criaturas com monstruosas formas animais. São Geraldo era um religioso de muitas virtudes, pelo que, como muitos outros homens igualmente devotos, tornara-se um alvo preferido pelas forças trevosas que pretendiam pôr em causa a sua fé e o seu amor cristão. Teve uma vida muito sofrida, mas jamais vacilou.

Certa vez, à noite, conforme nos conta a sua hagiografia (biografia dos santos), «ao abrir a porta da igreja, viu Geraldo na obscuridade os enormes olhos esbraseados de um cão que avançou como se quisesse saltar-lhe ao pescoço (...) Compreendeu, todavia, que aquele cão descomunal, que se encontrava dentro do templo, não era um animal como os demais. Entrou, tomou água benta e fez o sinal da cruz. O macabro assaltante retrocedeu e, dando horroroso uivo, desapareceu como por encanto».

Posteriormente, vivendo noutra convento, São Geraldo continuou a ser perseguido por outros seres malignos que lhe surgiram «com enormes chifres, fisionomia repugnante, pele vermelha ou negra e rabo descomunal. Executavam ataques simulados e davam gritos e uivos capazes de gelar o sangue a um cristão (...), disfarçados em enormes cães pretos e lobos medonhos, atacavam a Geraldo como querendo devorá-lo».

Incapazes de o intimidar, as demoníacas criaturas não se coibiram, a partir de certa altura, de o atacar fisicamente, deitando-lhes as «suas asquerosas mãos, lançaram-no por terra e maltrataram-no de tal maneira que, no dia seguinte, não pode levantar-se do leito. Outra noite, precipitaram-se sobre ele dois lobos gigantes, com uivos selvagens e, agarrando-o pela batina, arrastaram-no pelos corredores, saíram com ele para a horta e lá no fundo, tendo-o arrastado por pedras e lama e quanta imundície havia, lá o deixaram semimorto». ⁸¹

Esses fenômenos não ocorrem apenas com desencarnados. É o caso relatado pelo Coronel Edynardo, na obra “A Próxima Parada”, em que um indivíduo, manipulado por uma entidade malévola, transfigurava-se num macaco com «fúria animalesca [e que] procurava morder quem dele se aproximasse. Não falava, guinchava. Sua expressão fisionômica era simiesca. Coçava a barriga exatamente como fazem os macacos. Sua força era superior à de vários homens juntos».

Após três sessões de intenso trabalho num centro espírita, a vítima «recuperou o

aspecto humano e o comando da mente», fato presenciado num dia de sessão pública por mais de cem assistentes que «viram o final dessa trágica metamorfose». Esse fato ocorreu em 1983, numa cidade do Ceará, no Brasil.

Corpos Sutis

Capítulo VI

Um conceito geralmente defendido pelas filosofias e religiões reencarnacionistas é o Universo estar organizado segundo um sistema setenário
82.

Esse sistema pressupõe a existência de sete planos em todo o Cosmos. Consequentemente, o ser humano, como elemento integrante do Universo, é igualmente constituído por sete planos, designados por corpos sutis ou planos de consciência.

Esses corpos estão sobrepostos em camadas, correspondendo cada camada às distintas vibrações da natureza multidimensional do homem e são, por ordem crescente – do material mais grosseiro à essência mais pura – constituídos pelos corpos físico, etérico, astral, mental, causal, búdico e átmico.

O corpo físico e o corpo etérico correspondem à personalidade do encarnado durante o período de uma vida no plano terrestre. O corpo astral e o corpo mental fazem igualmente parte da personalidade do indivíduo, embora “vivam mais tempo”, pois mantêm-se ativos ao longo das suas diversas reencarnações, voltando a revestir os corpos físico e etérico sempre que estes são criados para uma nova existência no mundo físico.

Quando o Ser atinge um elevado grau de evolução, não carecendo de mais ciclos reencarnatórios, o Espírito, ao ascender para os planos superiores, dispensa o corpo mental, abandonando-o. Nessa fase, a personalidade e o “Ego” que faziam

parte da criatura, deixam de existir. Por esse fato, os corpos físico, etérico, astral e mental, que são veículos primários e perecíveis, mas fundamentais para a evolução espiritual, denominam-se “corpos inferiores”.

Acima desses corpos sutis existem mais três corpos, que são imortais e que correspondem a um nível espiritual superior. São o corpo causal, o corpo búdico e o corpo átomico e representam a individualidade do ser, o seu “Eu”, ou seja, o Espírito em si. Ao conjunto desses corpos sutis, onde imperam a bondade, a sabedoria e uma índole de sagrada pureza, é dada a designação de “corpos superiores”.

Consideremos algumas propriedades dos sete corpos sutis segundo a visão setenária:

Corpo físico

Também chamado de corpo somático, o corpo físico é o meio mais denso em que o Espírito se manifesta quando reencarna. É constituído por matéria do plano físico, isto é, por substâncias do mundo onde vivemos atualmente. É aqui, no plano da matéria, que o encarnado é submetido às provas que terá de superar, de acordo com os carmas e compromissos assumidos antes de reencarnar.

O centro de forças dominante é o chakra básico, responsável pelas energias telúricas – as energias da terra – e pela poderosa força da kundalini ou fogo serpentino, assaz utilizada nas escolas de magia negra das antigas civilizações orientais, pelo que é extremamente perigoso lidar com esta poderosa energia.

Segundo Charles Leadbeater existe sério risco em «avivar as camadas inferiores do fogo serpentino antes de purificar e refinar a conduta» espiritual do homem. Por outro lado, o «fogo serpentino desempenha na vida quotidiana uma parte muito mais importante (...) que atua dia e noite levando a cabo a sua obra, ainda que estejamos inconscientes de sua presença e atividade (...) Como as demais modalidades de energia, kundalini é invisível».

Corpo etérico

O corpo etérico ou duplo etérico é composto por substância etérica. Envolve o corpo físico e é absolutamente impercetível ao sentido da visão do ser humano, pelo que é apenas observável pelos clarividentes. Este plano de consciência apresenta a mesma estrutura do corpo físico, sendo uma cópia fiel dele mesmo, embora ligeiramente maior, e registra todos os acontecimentos vivenciados pela criatura na sua vida terrestre.

É através deste corpo que se manifestam alguns fenómenos supranormais, como a materialização e a telecinesia – capacidade de movimentar objetos à distância pela força do pensamento –, que são produzidos por médiuns de efeitos físicos, com largo recurso de ectoplasma. A função vitalizadora do duplo etérico, que estabelece ligação entre os corpos astral e físico, é responsável pelo metabolismo do ectoplasma e da estrutura fisiológica do encarnado.

É no duplo etérico que se situam os chakras. Nesse corpo sutil existe uma espécie de teia, de textura muito delicada, que o reveste inteiramente, incluindo a entrada dos chakras por onde passa o prana ou fluido vital.

Nos médiuns, devido à capacidade mediadora com o mundo espiritual, a teia apresenta-se incompleta ou inexistente em determinados chakras, conforme o tipo ou tipos de mediunidade do indivíduo. Quando essa teia, constituída por uma única camada de átomos etéricos é danificada por vícios, como a droga e o álcool, pode provocar irremediáveis danos de ordem física e mental.

O chakra sacro tem uma ligação mais profunda com o duplo etérico, por ser um regulador da entrada da energia prânica, fato que mantém o corpo físico em atividade.

Mediante a morte do corpo físico e após algum tempo, o duplo etérico desintegra-se. Quando se trata de um indivíduo moralmente pouco evoluído, o corpo etérico pode ficar ativo por períodos mais longos, assemelhando-se, por vezes, a um espectro quando observado por sensitivos ⁸³.

Esse fenômeno, embora possa ter um aspeto algo sinistro, não deverá ser confundido com a aparição de um espírito, que é um ser com inteligência e que age por vontade própria, contrariamente ao corpo etérico que não passa de um clone do corpo físico, mas desprovido de entendimento.

Corpo astral

Constituído por matéria do plano astral, este corpo também chamado de perispírito ou psicossoma, apresenta a forma humana e está relacionado com as emoções. A densidade vibracional deste plano de consciência apresenta intensidade diferente de indivíduo para indivíduo, sendo mais densa nos espíritos menos evoluídos.

É por meio deste corpo que se manifestam as entidades espirituais, podendo esse fenômeno ser percebido por médiuns clarividentes. A maioria das incorporações é feita através do corpo astral, que também é o mediador do próprio Espírito nos seus corpos físico e etérico. É através do chakra do plexo solar, que o médium fica habilitado a reconhecer a presença de energias amistosas ou hostis que possam existir nos ambientes em que se encontra.

Durante o sono, o corpo astral separa-se facilmente do corpo físico, ficando ligado a este pelo cordão de prata, que é um entrançado energético que liga permanentemente os dois corpos, sem nunca se quebrar, por mais afastados que possam estar um do outro. No decurso de uma viagem astral este corpo, pelo fato de apresentar a forma do corpo físico do indivíduo, é facilmente reconhecido por familiares e amigos.

A viagem astral ou desdobramento pode ser voluntária ou involuntária, ocorrendo esta última em maior proporção durante o sono ou em experiências de quase morte (EQMs).

Corpo mental

O corpo mental é formado por elementos do plano mental, constituindo-se como uma via de transição entre os planos das energias terrenas e as espirituais.

Sem uma forma aparentemente definida, alguns autores defendem que o corpo mental apresenta um aspeto ovalado e luminoso, sendo visto por alguns médiuns como um halo dourado.

Neste corpo são registradas todas as experiências vividas pelo indivíduo ao longo das suas diferentes existências – sendo o primeiro centro de memorização do Espírito. Também neste corpo se localizam a inteligência, a percepção e a consciência, na verdade, os instrumentos cognitivos do raciocínio. A mente física procura aqui as informações de que carece, por estar mais relacionada com a personalidade do encarnado – do seu “Ego”.

Quando desequilibrado, o corpo mental cria estados comportamentais desregrados e prejudiciais à evolução moral da criatura, como preguiça, egoísmo, vícios e prazeres fúteis, entre outros desvios.

O chakra cardíaco é o que está mais relacionado com este corpo, sendo um agente de equilíbrio nos sentimentos e nas emoções humanas.

Corpo causal

Este corpo é formado por partículas desse plano de consciência. O corpo causal ou manásico pertence à individualidade do Ser e é imortal, tal como os corpos sutis que se lhe seguem. É o segundo arquivo de todas as experiências vividas e a sede da mente abstrata e do nosso “Eu” superior, pelo que a meditação é o acesso principal a este plano de consciência.

Dedica-se ao estudo e pesquisa para o aperfeiçoamento do Ser, podendo captar o conhecimento universal. O centro de forças correspondente é o chakra laríngeo.

Esse corpo, quando em desequilíbrio, pode dar azo a manifestações inferiores, como vaidade, orgulho, avidez, autoritarismo e sede de poder.

Corpo búdico

O corpo búdico ou espiritual é formado por elementos do plano búdico, sendo o plano de consciência que está mais próximo do Espírito. É o corpo do saber, das inspirações divinas, do amor, dos valores éticos e dos sentimentos superiores que nos aproximam do Uno, de Deus.

É o terceiro banco de dados do Espírito, onde ficam armazenadas todas as experiências que foram positivas. Apresenta a particularidade de ser o promotor da consciência, aquele que ajusta com o planejamento reencarnatório os seus novos planos de vida terrena, no sentido de se ressarcir das experiências que aí ficaram mal resolvidas.

O chakra frontal está profundamente relacionado com este corpo que, quando atinge um elevado grau de desenvolvimento, pode ascender à sublime essência das dimensões espirituais superiores.

Corpo átomico

O corpo átomico ou nirvânico, sendo o mais elevado dos corpos sutis, é o Eu cósmico ou o Espírito na sua máxima pureza, na bem-aventurança extrema, aquele que está mais próximo do grande arquiteto do Cosmos, de Deus.

Nesse plano de consciência está contida a mónada ou centelha divina ⁸⁴, forma perfeita do ser transcendental e imortal.

O corpo átomico é a emanção mais pura do Criador, da Luz Divina derramada por Deus. Essa vibração portentosa está presente na transmigração de um mundo para outro nas múltiplas dimensões do Universo. O centro de forças presente neste corpo é o chakra coronário, poderoso veículo de comunicação com o âmago do próprio Espírito e com o divino Criador.

A Aura

O ESPELHO DA ALMA

A aura, também chamada de psicofera, é formada pelo conjunto de vibrações energéticas emanadas pelos corpos sutis. Conforme o estado físico e psíquico do indivíduo, a aura apresenta cores específicas, que são observáveis por alguns sensitivos.

Mas não é necessário ser-se clarividente para nos apercebermos desse fato, pois, em muitos casos, a energia da aura de uma pessoa faz-se sentir pela sensação – boa ou má – que nos provoca a sua presença. Na verdade, se há pessoas positivas e cativantes que brilham em qualquer ciclo social onde se encontram, de tal forma que todos se deixam seduzir por elas, outras há, que apenas provocam mal-estar, cansaço e desânimo, parecendo sugar as nossas boas energias – como um buraco negro que tudo devora, de tão sombrias que são.

Esta faculdade de transmitir simpatia ou de provocar tristeza e fadiga está relacionada com o poder da nossa aura. A aura é como que um “espelho da alma” que revela o nosso estado físico, emocional e espiritual.

De constituição etérea, apresentando normalmente uma configuração ovoide, a aura envolve o corpo humano como um campo energético multicolorido, permitindo através das suas cores e da forma que apresenta, identificar os nossos estados emocionais – medo, raiva, alegria, etc. – e, até, do ponto de vista clínico, prever a ocorrência de patologias ainda não detetadas, entre muitas outras propriedades relacionadas com a sua leitura.

Fotografia Kirlian

Devido à sua natureza imaterial, a aura só se torna perceptível por parte de pessoas de sensibilidade especial, muito embora haja métodos de aprendizagem e de registro para a ler, baseados em cursos e exercícios de meditação ou por meio da máquina de Kirlian. Esse aparelho, criado pelo casal russo Semyon e Valentina Kirlian, permite capturar imagens eletrônicas da aura de objetos, plantas, animais e pessoas, através de uma corrente elétrica de voltagem muito alta, mas com baixa amperagem.

Ficou demonstrado a partir dessas imagens, conhecidas como fotografias kirlian, que cada elemento fotografado apresentava padrões claramente distintos, os quais sofriam alterações – mudanças dos estados de “humor” – mediante estímulos provocados nos corpos físicos de plantas e animais ou impressionando o estado emocional das pessoas que foram objeto dessas experiências.

A bioeletrografia, um termo modernizado da fotografia kirlian, tem sido utilizada por médicos e terapeutas em inúmeras clínicas e estabelecimentos hospitalares de vários países como instrumento auxiliar de diagnóstico médico. Por outro lado, existem várias publicações científicas que referem a sua importância na diagnose de diversas patologias, como asma, cancro, depressão, etc.

Essas técnicas baseiam-se no fato de várias substâncias químicas serem emanadas dos poros da pele, devido ao metabolismo celular, espelhando, assim, o estado físico e mental do paciente. Por meio da bioeletrografia, os fluidos libertados pela pele são ionizados, permitindo que os halos energéticos do corpo fiquem registrados em imagens fotográficas. Nestes trabalhos, as auras dos dedos das mãos são as mais usadas para se fazer o diagnóstico de um paciente, dado que apresentam correspondência com os diversos órgãos do ser humano.

A Leitura de Aura

Com a leitura da aura, o terapeuta – chamado de leitor da aura – analisa os chakras do consulente e obtém informações visuais que simbolizam pessoas, objetos, ideias, sentimentos ou emoções reveladas pelo Espírito de quem está a ser examinado. Através de técnicas apropriadas, o terapeuta procede a diversos tratamentos de acordo com o diagnóstico, assim como no equilíbrio energético dos chakras. É possível, ainda, efetuarem-se limpezas espirituais de ambientes e fazer a leitura de pacientes a longa distância, quando não é possível a presença física do terapeuta.

Por meio da leitura da aura avalia-se o estado emocional do paciente e qual o grau em que se encontra a sua evolução espiritual. Também se tem acesso a episódios de vidas passadas, com resultados bastante gratificantes. São técnicas de regressão, conhecidas como terapias de vidas passadas (TVPs), que possibilitam a descoberta de traumas – mortes violentas, ligações cárnicas, doenças, etc. – que ficaram registradas no Espírito do indivíduo e que, pela sua revelação, poderão ser úteis nos processos de cura.

O estudo da aura é de suma importância, não apenas na resolução de problemas da vida atual – muitas vezes condicionada por traumas de existências anteriores – como também por ser um meio de se evitarem situações que no futuro poderiam ser irremediáveis.

Graças à leitura da aura, certas enfermidades que estão num estágio de ausência de sintomatologias podem ser detetadas numa fase inicial, o que facilita o tratamento da doença, a ponto de impedir a sua ocorrência ou propagação.

Como uma aura brilhante e saudável é gerada por bons pensamentos e boas

atitudes, devemos ter uma visão positiva da vida e das pessoas com quem nos relacionamos. Essa postura, associada a uma alimentação sadia e à prática da meditação, assim como de outras atividades que nos proporcionem relaxamento, ajudam-nos a usufruir de uma melhor qualidade de vida e a nos precaver das energias negativas dos outros.

Vampirismo energético

Ao iniciarmos o tema da aura, referimo-nos a certas pessoas que parecem absorver a nossa alegria, o nosso bem-estar, em suma, a nossa energia. Na realidade, estamos rodeados por elas e, por estranho que possa parecer, se não formos positivos e não soubermos recarregar as nossas “baterias”, também poderemos fazer parte desse grupo de sugadores de energias.

Os indivíduos que assim se comportam são vampiros energéticos que – consciente ou inconscientemente – absorvem a energia das auras alheias sem que as vítimas, muitas vezes, se deem conta dessa pilhagem fluídica.

Essa energia de origem cósmica e que torna a aura sadia, é consumida e restituída de forma natural, de acordo com as nossas necessidades e com o estilo de vida que levamos. Se uma pessoa saudável consegue alimentar instintivamente a sua aura com boas energias, em contrapartida, o vampiro energético não quer ou não sabe recarregar a sua aura, devido à extrema negatividade que o caracteriza e pela doentia incapacidade de usufruir de momentos de relaxe.

O estranho é que, na maior parte dos casos, o vampiro energético parece gostar do fardo que carrega – como um masoquista –, pois está sempre a encher a mente com pensamentos tristes e sombrios, muitas vezes animados pelo rancor e pela inveja. Nestas condições, acaba por ter imperiosa necessidade de se reabastecer de energia áurica, mas vai fazê-lo à custa dos outros, deixando-os quase sempre exaustos, por serem tão avidamente sugados.

O fato é tão grave que uma pessoa que se encontra bem-humorada, depois de permanecer algum tempo com um vampiro energético, fica desanimada e até

esgotada, enquanto aquele que passa a vida taciturno e a maldizer a vida, após sugar a pobre vítima, arrebita e parece ficar mais alegre.

Não se trata de uma questão psicológica ou de autossugestão, como se poderia supor, mas de vampirização de energia. Na verdade, um médium clarividente diante de um vampiro energético em plena atividade, consegue ver projetarem-se da sua aura diversos filamentos que, como horrendos tentáculos serpenteantes, rodeiam e tateiam o campo energético da vítima, em busca de pontos fracos onde se possam fixar.

Ao encontrá-los, crava os tentáculos na aura do involuntário doador e começa a drenar os seus fluidos, havendo por parte do vampiro uma certa preferência pelas regiões correspondentes aos chakras coronário, cardíaco e sacro.

A convivência com os vampiros energéticos, pelos riscos que comporta, deveria ser evitada, o que nem sempre é fácil, pois muitas vezes fazem parte de um ciclo social que nos é próximo.

Universo Setenário

Capítulo VII

Somos viajantes de longo curso. Viemos das regiões mais profundas do Universo, estagiámos nos diferentes reinos da Natureza, passámos por um sem número de vivências... e sempre acumulando experiências das muitas histórias vividas.

Toda essa maravilhosa odisseia começou a partir do momento em que o Criador nos deu “o sopro da vida”, ao nos conceder a centelha divina como génese do nosso espírito.

Já fomos guerreiros, nómadas e aventureiros, mas também sonhadores, mártires e inocentes. De tudo já experimentámos um pouco, com vidas tranquilas, felizes e de fartura, mas também com existências sofridas e miseráveis.

Tudo isso se faz necessário, porque é preciso vivenciar todas as realidades da vida, passar por todas as situações – boas e más –, para que a alma se aperfeiçoe e possa, por mérito, ascender a planos cada vez mais elevados.

Nessa intemporal viagem, que fazemos na condição de seres transmigratórios, a passagem pela Terra é uma etapa que se realiza neste planeta, como poderia ser num outro qualquer dos incontáveis mundos existentes.

Universo Setenário

OS SETE PLANOS VIBRATÓRIOS

Em todo o Cosmos existem sete planos vibratórios, onde a vida física e espiritual se manifesta de diferentes formas.

Nos graus mais elevados há planos extrafísicos impossíveis de visitar por meio de técnicas de desdobramento ou por quaisquer outras. O conhecimento que temos desses lugares paradisíacos é assaz diminuto, tendo-se apenas uma leve ideia das inexprimíveis maravilhas de tão elevadas dimensões espirituais.

Esse estado de “iluminação”, de supremo bem-estar alcançado em níveis tão sublimes, será aquilo a que os cristãos poderão chamar de Céu.

Sabe-se que a ascensão do espírito a planos tão puros – quando terminarem as reencarnações e os estágios nos planos astral e mental – fará despertar a sua consciência para a real natureza do Universo e do Criador, assim como do verdadeiro amor crístico e de um sentimento eterno de indescritível felicidade.

Os sete planos vibratórios

Na escala mais elevada dos planos vibratórios, existem quatro planos superiores que, por ordem decrescente, se apresentam nas seguintes formas:

– Plano divino ou Cristo cósmico, formado por uma delicadíssima vibração que tudo entremeia, seja qual for a sua dimensão física ou extrafísica. É o plano a que poderíamos chamar de “a mansão do Pai”, embora Deus esteja em todo o lado.

– Plano monádico, onde vibram as centelhas divinas ou mónadas, que são princípios divinos, incorruptíveis e sujeitos a evolução. A centelha divina, ao assumir uma individualidade quando encarna no ser humano, converte-se num Espírito.

– Plano átmico ou espiritual, que é o plano mais elevado onde se manifesta a centelha divina.

– Plano búdico, lugar onde reside a sabedoria, a mais perfeita intuição, a maior devoção e o amor como a expressão mais pura.

Na mesma escala e também por ordem decrescente, sucedem-se os planos inferiores, constituídos por:

– Plano mental, apenas acessível aos indivíduos que apresentam uma evolução

espiritual muito avançada. É o plano da inteligência, do pensamento e do raciocínio.

– Plano astral, que é para onde iremos quando desencarnarmos. É o plano dos desejos, dos sentimentos e das emoções. Compõe-se de sete regiões ou subplanos que vão do mais baixo estrato – o Umbral ou sétimo subplano – até ao mais elevado – o primeiro subplano.

– Finalmente, o plano físico, que é a dimensão terrena ou material na qual vivemos como encarnados. É o plano das formas, das cores, do som, do peso e do volume, dos movimentos e da luminosidade. Nesta região também vivem ou atuam muitos desencarnados, ainda agarrados à matéria, mas num padrão vibratório diferente.

Estas dimensões não estão dispostas em camadas, mas interpenetram-se, sem que interfiram entre si, pelo fato de serem constituídas por vibrações de diferentes intensidades. Essas vibrações, servindo-nos de um exemplo simples, são como a propagação das ondas de raios X que podem atravessar o nosso corpo e que não detetamos, a não ser com aparelhos apropriados. O mesmo se passa com as vibrações dos distintos planos que nos interpenetram e sem que dessa realidade tenhamos a mínima consciência.

Na verdade, não há conflitualidade nem interferências entre as diversas esferas astrais, tal como não há nas frequências das estações de rádio que, como sabemos, não interferem entre si. Conforme refere Lobsang Rama ⁸⁵, na obra “Além do 1º Décimo”, não é como nas ruas movimentadas das grandes cidades, onde vemos «pessoas dando encontrões umas nas outras e, ou desculpando-se ou descompondo-se, de acordo com o seu temperamento, mas tais coisas jamais ocorrem no Astral. Não há colisões. Os únicos que podem chegar próximos uns dos outros nos mundos astrais, acima do astral inferior, são aqueles que são afins».

O plano mais elevado, como referimos, é o plano divino ou Cristo cósmico. Esse plano permeia e influencia todo o Universo, sendo essa vibração tão sutil que não é perceptível a nenhum dos planos que se situam abaixo dele.

Segue-se o plano monádico que atravessa e afeta os planos inferiores – átmico, búdico, mental, astral e físico –, sem que possa influir no plano divino ou ser permeado ou afetado pelos planos inferiores. E assim sucessivamente, em que cada um dos planos permeia e interfere nos que lhe estão abaixo e nunca nos que lhe estão acima.

De acordo com o investigador Carlos Pastorino⁸⁶, na obra “Técnica da Mediunidade”, «as vibrações mais sutis sempre interpenetram e permeiam as mais densas, e nelas influem, ao passo que as mais densas (...) não influenciam as mais sutis. As vibrações, à medida que vão baixando de frequência, se vão separando e “localizando” cada vez mais, porque se “densificam”. O máximo de localização separatista dá-se no plano físico em que o corpo é limitado pela forma rígida e material grosseiro».

Mais adiante, o referido autor comenta que «o plano astral é um plano de vibrações, já sujeito à forma e à limitação que se encontra no nível mais próximo, vibratoriamente, do plano físico-material», sendo que o plano físico, seja qual for a matéria que o constitui, é sempre permeado pelos restantes planos. Reencarnamos, também, para «aprender a perceber, mesmo enquanto materializados na forma densa, as vibrações dos planos mais sutis».

Finalmente, Carlos Pastorino considera que a nossa percepção, atualmente mais focada na consciência da matéria, vai-se estender e «passará a vibrar conscientemente no plano astral, (...) no mental, e a seguir nos outros, até que atinjamos o estado de Homem Perfeito».

Relativamente aos sete planos vibratórios, apenas referiremos o plano físico e o plano astral por fazerem parte dos nossos roteiros como encarnados e desencarnados. O plano mental, por ser subsequente ao astral, será igualmente objeto de uma breve descrição.

O plano físico

É o plano que melhor conhecemos na atual existência carnal. O plano físico é um ponto obrigatório de estadia e de passagem, porque dele partimos quando desencarnamos, a ele regressamos quando reencarnamos e nele permanecemos enquanto encarnados. Nessa curta estadia, teremos ocasião de aprender muitas lições, sobretudo as que estão mais relacionadas com o vicioso mundo do egoísmo, da vaidade e da iniquidade, pelo que muitos de nós ainda sofreremos numerosas reencarnações.

É no mundo terreno, também, que ocorre intensa atividade dos Espíritos de Luz nos seus trabalhos de socorro, auxílio e aconselhamento, em oposição aos entes trevosos, sempre dispostos a exercer as suas más influências junto do ser humano. Esse combate, entre o bem e o mal, não se confina apenas às regiões mais baixas do Astral, porque a Terra é palco privilegiado dessas ações devido ao atraso moral de muitos seres humanos.

Existem inúmeros centros de apoio espiritual assistidos por espíritos benfeitores que, por meio de médiuns moralmente qualificados, auxiliam todos aqueles que aí recorrem em busca de auxílio. É o caso dos centros e terreiros espiritualistas, tal como em todas as religiões, seitas e cultos onde se pratica a caridade e o amor fraterno.

A morte física

Ao desencarnamos, iniciamos mais uma viagem de partida, das muitas que já fizemos. O espírito abandona o corpo físico e parte para as regiões astrais correspondentes à sua faixa vibratória.

Se a vibração do corpo astral for densa – como resultado de condutas erradas – é para os estratos inferiores que o espírito será conduzido. Caso haja méritos, a vibração será leve, pelo que o espírito ascenderá a estratos mais elevados.

A permanência da alma desencarnada em qualquer uma das regiões do Astral é temporária, pois cumprido esse tempo – maior para uns, menor para outros – terá de se submeter a novas existências no mundo terrestre para se ressarcir de carmas, aprender novas lições e ganhar evolução.

De reencarnação em reencarnação, com vidas mais duras ou mais tranquilas no plano físico, entremeadas de penitências ou de estágios doutrinários no plano astral, o espírito vai progredindo lentamente até se libertar, finalmente, dos ciclos reencarnatórios. É um processo muito, muito longo, que, na maioria dos casos, ainda se irá arrastar por muitos séculos.

Despertar no outro mundo

A transição do mundo físico para o plano astral – a morte, no sentido corrente – pode ocorrer de forma totalmente inesperada, bastando para isso, por exemplo, um acidente rodoviário fatal.

Quem desencarna nestas circunstâncias pode ver-se brutalmente envolvido numa situação de indescritível horror e confusão, como vaguear perdido entre corpos inertes e ferros retorcidos, com sangue por todo o lado e, para seu assombro, deparar-se consigo próprio no meio de outros cadáveres.

Tudo lhe será pavoroso e irreal diante de cena tão dantesca, tanto mais que o infeliz desencarnado fala, grita e movimenta-se – o que o faz supor que está vivo – mas, em contrapartida, vê o seu corpo ensanguentado e inerte entre os destroços, o que significa que está morto. É um quadro difícil de imaginar, mesmo por parte de pessoas que, quando encarnadas, acreditavam na imortalidade da alma e praticavam algum tipo de religião.

Compreende-se, então, a conhecida relutância de alguns desencarnados em aceitar que morreram, ou seja, que já não fazem parte do plano físico. Muitos deles, inclusive – referimo-nos aos mais obstinados – alegam que se conseguem pensar é porque têm consciência de si próprios, logo, não podem estar mortos. É um argumento um pouco à maneira da famosa frase de Descartes: “penso, logo existo”.

Parte dessa impreparação deve-se ao irrealismo de muitas religiões que, conquanto possam apregoar e praticar o amor cristão, muito pouco sabem ou pouco informam sobre o que se passa no “lado de lá” e, quando o fazem, é mais para confundir do que para esclarecer. Esse desconhecimento provoca um

tremendo choque para quem sempre acreditou em determinados modelos que se revelam irreais na hora do desencarne.

Os relatos das experiências de quase morte – que formam uma espécie de padrão, devido às semelhanças que apresentam entre si – constituem uma minoria de casos, face à grande maioria de pessoas que também foram “ressuscitadas” à última hora, mas que não se lembram ou não tiveram nenhuma experiência para contar.

É como se essas EQMs só fossem permitidas a um restrito número de indivíduos, provavelmente os de maior mérito, já que todos eles foram recebidos por familiares desencarnados e seres maravilhosos de intensa luminosidade, num ambiente celestial de extrema paz e amor.

Ou, talvez, essas viagens para o Além – com retorno à vida carnal – sejam fruto de uma bondosa revelação divina, porque quem passou por uma EQM reconhece, de modo geral, que ocorreu uma mudança significativa na sua vida, tornando-se um ser mais espiritual, menos apegado aos bens materiais e deixando de ter medo da morte, não a encarando mais como um final triste e sem continuidade, mas como um recomeço promissor.

As questões relacionadas com o que sucede a quem transpõe o portal entre a vida e a morte encontram-se abundantemente explanadas nas religiões orientais e em diversas correntes e doutrinas reencarnacionistas. É no contexto desse conhecimento que se faz uma abordagem mais séria sobre tão candente tema e se explicam os mecanismos da vida e da natureza multidimensional do ser humano, assim como a importância das reencarnações e dos carmas como veículos indispensáveis ao progresso do espírito.

O plano astral

É o plano que nos deveria ser mais familiar, bastante mais do que o atual mundo em que vivemos, embora a consciência dessa realidade nos seja vedada quando reencarnamos. O Astral, para muitos investigadores e espiritualistas, é a nossa verdadeira casa, o “nosso lar”, para onde regressaremos depois do dever cumprido na Terra. Um dever que, quase sempre, não é inteiramente cumprido.

O plano astral é o plano dos desejos, onde as emoções vibram com mais intensidade, elevando o ser quando são honrosos os sentimentos ou submergindo-o, quando os instintos inferiores se lhe sobrepõem.

Sobre a dificuldade de se descrever uma cena por mais comum que possa ser do Astral – referimo-nos às regiões mais elevadas –, Charles Leadbeater, na obra “O Plano Astral”, comenta que todos os indivíduos que têm «o poder de ver claramente no plano astral, são unânimes em reconhecer que a tentativa de evocação de uma pintura cheia de vida desse cenário perante olhos inexperientes, equivale a querer fazer admirar a um cego, por uma simples descrição oral, a requintada variedade dos matizes de um pôr de sol».

Na realidade, os nossos sentidos físicos e as limitações do nosso vocabulário não nos permitem descrever com a devida riqueza de detalhes as sensações e maravilhas vivenciadas numa viagem astral, ao visitarmos as regiões mais elevadas dessas esferas espirituais. Podemos ter a percepção pura e nítida do que vemos e experimentamos – dos aromas, das cores, dos sons, da essência do lugar, das energias do ambiente, da doçura dos seus habitantes –, mas como transmitir com a mesma beleza e autenticidade os sentimentos e emoções que experimentamos?

O plano astral é constituído por sete subplanos, cada um com distintas faixas vibratórias, sendo o primeiro subplano o de maior elevação espiritual e o sétimo subplano, conhecido por Umbral, o de maior densidade vibracional.

Para simplificar o seu estudo, o que tornaria inutilmente excessivo este trabalho, vamos considerar o Astral composto por dois grandes grupos: as regiões inferiores e as regiões superiores.

Regiões inferiores

PLANO ASTRAL

São as esferas mais densas do Astral, formadas por extensos territórios de sofrimento e expiação. Nestas regiões há de tudo quanto possa ser atraso e decadência moral, aí expiando milhões de almas desencarnadas, desde o mais reles pecador ao que tem menos erros a pagar.

É nessas regiões que as forças do bem e do mal se confrontam nos esforços de salvação ou de condenação das criaturas moralmente atrasadas.

A maioria das colônias espirituais encontra-se nestas regiões, de forma a assegurar um melhor desempenho no socorro a desamparados e no combate às forças trevosas.

Umbral: um verdadeiro inferno!

Localizado nas camadas mais profundas do Astral, o Umbral é um local de sofrimento e penitência, para onde são levados os piores marginais que, quando encarnados, cometeram todo o tipo de crimes.

O Umbral, segundo o Espírito André Luiz, fica «situado entre a Terra e o Céu [e é uma] dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana, em geral rebelde e ociosa, desvairada e enfermiça». ⁸⁷

Nestas regiões tristes e sombrias, existem construções, lugarejos e cidades onde vivem gigantescas populações de almas sofredoras, agrupadas em locais de idêntica faixa vibratória – de acordo com a sua natureza moral – dando jus ao ditado: “a cada um de acordo com o seu mérito”.

Esse escalonamento, na verdade, faz todo o sentido, já que o vício de um alcoólico, por exemplo, não é de nenhuma forma igual à bestialidade de um estuprador ou de um assassino.

O sofrimento dos espíritos que aí vivem é sentido de formas tão diversas, quanto os erros ou perversidades cometidos por cada um. Desde sentimentos de ódio doentio, de louco desespero ou de amargo arrependimento, até às crueldades infligidas pelos líderes locais sobre aqueles que tomaram como servos, tudo acontece neste mundo desolador, obscurecido por viscosa neblina cinzenta e carregado de nuvens negras que, de tão pesadas, parecem querer desabar a todo o momento, ameaçando transformar essa paisagem de pesadelo num medonho dilúvio.

As formas naturais apresentam-se tristes e deformadas, com extensos campos lamacentos onde emerge, aqui e além, ressequida vegetação. Pântanos fétidos, como manchas negras pestilentas, jazem ao longo das depressões de um solo sempre estéril. Profundos vales sombrios mergulham tortuosos nas entranhas da terra, enquanto penhascos escarpados e pontiagudos como agulhas rompem para o alto, perdendo-se na imensidão esmagadora de um céu escuro, prenhe de nuvens.

Ao longo dessas terras devastadas por chuvas ácidas, erguem-se morros pardacentos, martirizados pelas constantes intempéries, onde despontam algumas árvores ressequidas pelas condições agrestes do ambiente, cujos ramos retorcidos assemelham-se a mãos e braços implorando por socorro.

A atmosfera no Umbral é densa e sufocante, oferecendo a desconfortável sensação de ser espessa, devido à incessante emanção dos sentimentos baixos e da dor aí reinantes, aos quais se juntam os fluidos negativos exsudados pelos habitantes do mundo terrestre e que para aí convergem, atraídos pela compatibilidade vibracional. Essa atmosfera de cheiro nauseabundo condensa-se numa amálgama energética, terrivelmente tóxica, provocando náuseas e sofrimento aos seus infelizes habitantes.

Nessas paisagens desoladas as tempestades são frequentes, com tremendas chuvas e inimagináveis trovoadas, cujos relâmpagos rasgam a penumbra do céu com violentas descargas, incendiando o ar de clarões avermelhados a que se seguem trovões ensurdecedores. Essas formidáveis faíscas desintegram partículas de fortíssima negatividade, evitando a sua excessiva acumulação na atmosfera, que seria insuportável às grosseiras formas de vida aí existentes, tal como para os espíritos desterrados nessas regiões.

Conforme nos refere Kardec, na obra “O Céu e o Inferno”, se conseguirmos imaginar «um lugar circunscrito de castigo, tal lugar é, sem dúvida, nesses mundos de expiação, em torno dos quais pululam espíritos imperfeitos». Para

muitos, esses paradeiros de grande sofrimento são o próprio Inferno, embora se saiba que as penas jamais são eternas, conquanto possam ser longas e penosas.

Os espíritos aí retidos vivem num clima de opressão e de permanente infelicidade, arrastando-se em multidões de sofredores, como vultos esfarrapados ou acoitando-se em lúgubres tocas e construções rudimentares, procurando fugir da dor que os atormenta. Os infelizes que puseram termo à vida escondem-se em lugares sombrios – como o vale dos suicidas, longe das cidades –, lamentando a sua desdita, num sofrimento sem fim.

Outros, ainda, pelo terror de se tornarem reféns dos tiranos locais, passam o tempo em permanente aflição, fugindo de perseguidores reais ou imaginados pela sua mente delirante que, em qualquer sombra ou vulto, entrevê uma terrífica ameaça.

Há desencarnados que padecem numa angústia solitária, vergados pelos remorsos da lembrança incessante dos crimes cometidos – como imagens revivescentes –, enquanto outros, como feras desvairadas, procuram consolar-se nas maldades que perpetraram com intenso regozijo, num gozo sádico, mas efêmero, que apenas lhes aumenta o vácuo existencial de uma vida néscia, brutal e sem sentido, após satisfazerem os seus repugnantes instintos.

Nessas urbes miseráveis, existentes aos milhares, os gritos das almas sofredoras são tão aflitivos que os seus prantos estridentes percorrem as ruelas sombrias e os becos escuros, como um vento gélido de arrepiar. A tais brados lancinantes, juntam-se os urros dos tresloucados e o gemer doloroso dos que já não têm mais forças para chorar. A esses gritos de desespero, apenas responde o eco, numa ressonância multiplicadora e insensível ao suplício dos sofredores, o que torna ainda mais angustiante essa região flagelada pela dor.

Sofrer eternamente?

Perante tanto sofrimento, seria natural concluir que o Umbral é um terrífico campo de concentração, destinado a punir com implacável severidade todo o marginal, numa expiação sem fim.

Na realidade, como sabemos, nenhuma pena é eterna, nem injusta, pois esses nunca foram os desígnios do Criador. Se um espírito vai descambar nessas regiões é devido aos erros muito graves que cometeu como encarnado.

Esses erros formam uma espécie de substância etérica que, à medida que o infrator prossegue nas suas ações condenáveis, vai acumulando no perispírito. Ao desencarnar, devido à densidade dessa matéria deletéria agregada no corpo astral, a vibração do desencarnado torna-se muito pesada, não lhe permitindo ascender para os planos vibratórios mais sutis, ou seja, mais elevados.

É essa vibração muito densa que arrasta o espírito moralmente atrasado para as profundezas do Umbral, até se fixar num lugar de idêntica faixa vibratória – compatível com a sua natureza inferior –, onde permanecerá. Aí chegado, aguarda-o uma vida penosa, extremamente penosa, sendo para alguns desencarnados de sofrimento inimaginável. No entanto, é por via dessa punição que o malfeitor irá sentir, no âmago do seu ser, o quanto é duro sofrer e que, se agora está nessa situação – de alma sofredora – foi porque na vida carnal agiu erradamente, fazendo sofrer outros irmãos.

Para muitos, porém, não há esse entendimento, esse mérito de reconhecer que erraram. O facínora, vinculado ao mal, não se retrata facilmente dos maus atos por si perpetrados. Ao precipitar-se nas regiões umbralinas, revolta-se como uma fera enraivecida, destilando ódio e praguejando juras de vingança contra tudo e

contra todos. A violência desses sentimentos obrigá-lo-á a permanecer nessas terras sombrias por longo e doloroso tempo.

Pelo contrário, a alma que se arrepende e que deseja enveredar pela senda do bem, rejeitando o mal, poderá dar início a um lento, mas frutuoso processo de redenção interior, que irá promover a limpeza das energias densas que lhe estão agregadas no perispírito, melhorando o seu padrão vibratório. O corpo astral, ao libertar-se dos grilhões que o tolhem, torna-se mais “leve”. A partir daí, já estará em condições de ser recolhido pelos espíritos socorristas.

Após um período de tratamento nos hospitais espirituais e doutrinação nas colônias do Astral, essa alma será encaminhada para um novo plano reencarnatório que incluirá nos seus objetivos, naturalmente, a reparação das faltas que cometeu na sua anterior passagem terrena.

Assim se cumpre a Lei de Deus, ao dar inteira liberdade ao homem para decidir se quer ganhar progresso espiritual – e ser feliz – ou se prefere perder-se por meandros errados – e sofrer –, pelo que o bom ou mau uso do livre-arbítrio irá ditar a sua vida futura, quer como encarnado, quer como desencarnado, pois, “cada um colhe o que semeia”.

Mesmo com os espíritos mais rebeldes, mercê da sua infinita misericórdia, o Criador jamais deixou de dar oportunidades de regeneração aos filhos mais atrasados, desde que haja arrependimento e vontade de crescimento moral.

Tiranos e escravos

Nestas regiões existem numerosas cidades que albergam vastas populações de almas sofredoras. São lugarejos construídos de forma grosseira, com casas distribuídas por um espaço urbano, triste e caótico, sem qualquer tipo de organização, como que semeadas ao acaso por uma mente insana, tal é a confusão de construções, ruelas, becos e ruínas de habitações degradadas, onde o lixo se acumula à toa.

Seres de aspeto repugnante, escuros e peludos como ratazanas, vagueiam pelas sombras, vasculhando com avidez, aqui e acolá, os detritos infectos, não raramente disputando-os com outras criaturas igualmente ignóbeis.

Nesses escombros sórdidos e ruinosos, vivem milhões de desencarnados que vegetam como farrapos humanos, numa penitência muito sofrida e por eles considerada como um castigo eterno. O Espírito André Luiz, numa digressão por essas cidades umbralinas, refere que existem «aleijados de todos os matizes [e] entidades visceralmente desequilibradas [que oferecem] paisagens de arrepiar».

88

Mais afastados desses lugares de decadente promiscuidade, existem frondosos espaços com construções aprazíveis, destinados às elites locais que, mercê dos seus poderes e malignidade, controlam ferreamente a população em volta, tendo ao seu serviço inúmeros escravos.

As criaturas mais temíveis são os Magos Negros, os senhores das forças trevas que dominam os segredos ocultistas e que possuem grande inteligência, utilizada com astúcia para o mal. Outros marginais, formando poderosas falanges – como os Quiumbas, que agem por conta própria ou a soldo dos magos –, infundem o

terror no Umbral e em todas as regiões onde a maldade se faz sentir.

Nestas cidades imundas não existem crianças, o que é compreensível, pois são planos expiatórios apenas destinados a malfeitores adultos e conscientes dos seus atos. As crianças, mesmo aquelas que cometeram erros nas suas vidas, em virtude de uma infância dura e estigmatizada pelo ambiente marginal da família ou do meio social, são encaminhadas para regiões mais elevadas do Astral para serem cuidadas e educadas em centros infantis, onde terão o amor, a educação e a proteção de mães carinhosas.

As trevas: as regiões abissais do Umbral

Nas regiões mais profundas do Umbral existem redutos onde ficam confinados os espíritos mais perversos, que estão de tal forma viciados na malvadez, por séculos e séculos de selvajarias cometidas, que acabaram por ter o corpo astral completamente deformado. Segundo alguns autores, esses degredados têm formas monstruosas, algumas delas bestiais, dando origem a fenômenos como os da licantria – meio homem, meio lobo –, embora haja outras manifestações semi-animalescas igualmente hediondas.

Esses redutos abissais, referidos como Trevas pelo Espírito André Luiz, no livro “O Nosso Lar”, são as «regiões mais inferiores que conhecemos». Enquanto há «milhões de seres que perambulam no Umbral», outros há que «preferem caminhar às escuras (...) [e que] costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado. (...) Não será demais, portanto, que se precipitem nas Trevas, porque o abismo atrai o abismo e cada um de nós chegará ao local para onde esteja dirigindo os próprios passos».

Os próprios passos são o resultado do bom ou mau emprego do nosso livre-arbítrio, o qual nos conduz para o destino que traçamos. Esse destino – a região das Trevas – é o resultado de um livre-arbítrio apenas moldado para a prática do mal, sem que o bem, alguma vez, tenha aflorado nas decisões da criatura que para aí é desterrada.

Uma alma para sofrer tão dura expiação tem de ser muitíssimo atrasada, de tão densa faixa vibratória devido à gravidade dos seus crimes que nem mesmo as tradicionais regiões umbralinas lhe são compatíveis. Tem de passar para um lugar ainda mais profundo, de uma vibração extremamente densa, adequada ao perfil da sua brutalidade.

Há pessoas assim, cujas mentes frias, calculistas e perversas, jamais sentem remorsos pelas atrocidades cometidas. São seres totalmente desprovidos de senso moral, apenas virados para a voracidade dos seus instintos abomináveis.

Expulsos do planeta

As criaturas mais bárbaras, por vezes, nem chegam a expiar nas regiões umbralinas, onde teriam de permanecer por séculos sem fim, até alcançarem algum tipo de evolução.

Para uma remissão mais rápida dos seus pesados carmas e algum desempenho útil das suas estéreis existências, esses espíritos são enviados para mundos incivilizados, a grande distância da Terra, onde reencarnam no seio de povos muito primitivos, caracterizados pela barbárie e violência.

Sobre essas migrações, Allan Kardec, na obra “A Gênese”, refere que alguns espíritos «são excluídos da humanidade a que até então pertenceram» e encaminhados para «mundos menos adiantados, onde aplicarão a inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram».

De idêntica forma, o Espírito Ramatís ⁸⁹, na obra “Evolução no Planeta Azul”, psicografada por Norberto Peixoto ⁹⁰, refere que «a transladação de espíritos imorais e despreparados para a vivência amorosa da Era de Aquário está sendo levada a efeito para planetas mais atrasados, ao mesmo tempo que espíritos com melhor condição moral estão encarnando» no nosso planeta, oriundos de mundos espiritualmente mais desenvolvidos.

Face ao baixíssimo nível civilizacional desses alienígenas, o espírito oriundo do nosso planeta e que aí renasce é necessariamente mais evoluído e, não será de espantar, frequentemente menos bestial do que aqueles. Ao encarnar nessas paragens, vai ter oportunidade de resgatar muitos carmas e contribuir de alguma forma para o progresso desses orbes primevos.

As equipas de resgate

Nas regiões umbralinas existem diversos postos de recolha e tratamento de almas enfermas, onde trabalham espíritos benfeitores conhecidos como socorristas. Têm como missão o resgate de desencarnados desterrados nesses lugares de expiação e que estão em condições de serem socorridos.

Os postos de socorro, vistos ao longe, assemelham-se a estrelas brilhantes nas paisagens sombrias do Umbral, disseminando-se como refúgios luminosos por vários pontos dessas regiões desoladas, assim como nas urbes mais populosas.

Localizados em pontos estratégicos, as equipas de resgate saem para socorrer almas sofredoras e retirar desses antros os que anseiam por liberdade e querem regenerar-se. Outros, porque nos seus corações ainda imperam o ódio, a vingança e o prazer de fazer mal, não são socorridos, pois carecem de maior permanência nesses lugares de penitência.

Os espíritos recolhidos são conduzidos para centros de socorro, onde serão tratados. Quase sempre, apresentam-se num estado lastimável, carecendo de intensos cuidados terapêuticos nos hospitais espirituais. Posteriormente são doutrinados em colônias situadas acima dessas regiões. Na formação aí processada, em apropriados centros educativos, inclui-se a realização de trabalhos de ajuda ao próximo, igualmente úteis para o desenvolvimento moral dos discentes.

Junto à crosta terrestre também existem núcleos de apoio localizados nos cemitérios, hospitais e igrejas e que prestam auxílio aos espíritos que acabaram de desencarnar. Quando ocorrem tragédias de grandes proporções – como guerras e catástrofes naturais – são imediatamente instalados postos de socorro

nesses locais, dada a grande afluência de espíritos transtornados e necessitados de urgente assistência.

Nas incursões feitas pelas equipas de resgate por territórios umbralinos, não são poucos os marginais que, afetados pela iniquidade ou por viciosa indolência, se recusam a aceitar os caminhos do bem e seguir os bondosos conselhos dos espíritos socorristas, preferindo acoitar-se nas trevas, como ratos que fogem da luz. Rebeldes por natureza, odeiam tudo o que representa ordem, asseio e trabalho.

Essas criaturas são uma espécie de anarquistas do Umbral, uns vadios que não reconhecem regras e que optaram por viver numa ociosidade miserável, vagueando sem eira nem beira num aparente gozo libertário, que não é mais do que o adiar de um destino que, mais cedo ou mais tarde, lhes será imposto. Muitos deles, quando encarnados, já tinham essa feição rebelde, fruto da sua natureza indisciplinada e irresponsável.

Os espíritos que vivem nessa ilusória liberdade são frequentemente caçados pelos Quiumbas, onde, subjugados pela brutal violência dos seus algozes, passam a obedecer com enorme servilismo. Outras vezes, saturam-se de tal forma dessa existência inútil que, arrependidos pelo tempo desperdiçado nesse marasmo doentio, acabam por procurar ajuda para serem recolhidos.

Em certas operações mais delicadas em território inimigo, as equipas de resgate têm de passar despercebidas, pelo que manipulam a sua própria vibração, tornando-se impercetíveis à deteção das forças trevosas. Também podem mudar a forma do corpo astral, ao qual mesclam odores apropriados, assumindo com essa vestimenta a aparência de Quiumbas, de maneira a se infiltrarem discretamente no seio da escória urbana, de onde retiram informações úteis para as suas missões de resgate ou de desmantelamento de redes criminosas.

Os estratagemas de invisibilidade e camuflagem permitem a estes combatentes das forças do bem agir com mais segurança e eficácia nos seus objetivos, evitando, em muitos casos, o confronto direto e o recurso a meios mais persuasivos. Quando esse confronto parece inevitável, a forte personalidade dos Guardiões e a sua roupagem fluídica de combate – tal como um grupo de operações especiais – já infundem medo, o que muitas vezes é suficiente para intimidar os espíritos malfeitores.

Para os mais rebeldes e que oferecem resistência, os Guardiões são obrigados a usar vibrações magnéticas de grande intensidade, que provocam sensações de dor insuportável, colocando os marginais em fuga – totalmente apavorados – ou obrigando-os a renderem-se.

Táticas de aliciamento

Muitos espíritos extraviados, alguns até pertencentes às elites locais, são aliciados a desertar das hordas do mal, através de bem arquitetadas ações psicológicas executadas pelas falanges de Luz, que lhes mostram a vantagem de se passarem para o lado do bem. Particularmente hábil nessas operações de abordagem e aliciamento é a chamada linha de esquerda da Umbanda ⁹¹ – os Guardiões – que são dedicados agentes policiais do Astral, habituados a lidar com marginais e com grande experiência no combate ao crime nesses bastiões do mal.

O escritor e jornalista Leal de Souza ⁹², num brilhante trabalho da sua autoria, revela-nos alguns passos da atuação desses incansáveis combatentes que, tão habilmente, sabem conquistar os espíritos atrasados para as fileiras do bem.

Segundo o referido autor, os espíritos doutrinadores, «mantendo-se em contacto com a banda negra, de onde provieram, não só resolvem pacificamente as demandas, como convertem, com hábil esforço, os trabalhadores trevosos».

Essa estratégia processa-se por diferentes fases. Em primeiro lugar, os espíritos que têm essa missão, ao encetarem diálogo com os delinquentes, «gabam-lhes as qualidades, exaltam-lhes a potência fluídica, louvam a mestria de seus trabalhos contra o próximo, e assim lhes conquistam a confiança e a estima».

A seguir, enaltecendo-lhes as suas qualidades e aproveitando «para o bem um atributo nocivo, como a vaidade (...) passam a pedir aos acolhidos para a conversão, pequenos favores consistentes em atos de auxílio e benefício a esta ou àquela pessoa, e, realizado esse obséquio, levam-nos a gozar, com uma emoção nova, a alegria serena e agradecida do beneficiário».

Finalmente, convidam os espíritos que estão a ser objeto desse doutrinamento, a assistir a alguns trabalhos de caridade, «mostrando-lhes o prazer com que o efetuam em cordialidade harmoniosa, sem sobressaltos, (...) em comunhão com homens igualmente satisfeitos, laborando com a consciência e paz. Fazem-nos, depois, participar desse labor, dando-lhes, na obra comum, uma tarefa à altura de suas possibilidades, para que se estimulem e entusiasmem com o seu resultado».

Desta maneira, essas almas da “banda negra” vão reforçando o seu convívio com os Espíritos de Luz, identificando-se cada vez mais com «os trabalhadores do amor e da paz, e, para não se colocarem em esfera inferior, (...) começam a imitar-lhes os exemplos, elevando-se até abandonar de todo a atividade maléfica».

A crosta terrestre

No convívio diário com os encarnados é significativo o número de espíritos existentes nas proximidades da crosta terrestre, muitos deles agarrados aos bens materiais, vícios e inclinações condenáveis. Alguns, ainda não entenderam que o seu lugar já não é aqui, no plano físico, enquanto outros retornam das profundezas umbralinas para se vingarem, obsidiando as vítimas, quando não vêm a soldo de demandas e bruxarias encomendadas.

Sendo o plano terreno uma zona de confluência e transição entre os mundos físico e imaterial – com coabitação de encarnados e desencarnados – acaba por ser território de eleição para a atuação de todo o gênero de espíritos, como os brincalhões que se deleitam a perturbar as pessoas; os falsos-sábios de muita vaidade e poucos conhecimentos; os viciados que continuam apegados ao álcool, drogas ou jogo; os amantes da luxúria em busca de bares e prostíbulos; os avaros que, de tão apegados aos bens materiais, teimam em não deixar o que já não lhes pertence; os preguiçosos que vivem na ociosidade; os pequenos farsantes e delinquentes que subsistem à conta de expedientes ilícitos; e, finalmente, os mais perigosos, os seres trevosos como os Quiumbas, que se servem de todos os meios para praticar o mal nas suas vertentes mais hediondas.

Muitos encarnados, mercê de um comportamento moral nada edificante, acabam por ser alvo fácil da atuação dessas criaturas, pelo que não faltam pessoas que, por iniquidade ou tola ingenuidade, são manipuladas por esses agentes do mal.

Nas regiões astrais da crosta terrestre também se manifestam espíritos de pessoas comuns que não aceitaram o fato de terem morrido, sendo que muitos deles se poderão converter em encostos de encarnados – transmitindo a sua tristeza, dor ou vícios de que padeceram enquanto vivos –, prejudicando a existência de quem obsidiam. Alguns nem o fazem por mal, pois, na sua ignorância, pensam que estão a ser úteis.

Outros desencarnados, de tão agarrados à matéria, mantêm-se vigilantes nas residências que lhes pertenciam, afastando as pessoas que consideram intrusas, chegando a tratar com hostilidade os novos proprietários. Casos como estes são comuns nas chamadas casas assombradas.

Atuam igualmente nestas regiões, espíritos que expurgaram parte dos seus erros no Umbral e que, ganhando alguma alforria que lhes permitiu sair desses lugares umbralinos, em vez de colaborarem com as forças do bem, para evoluir, preferiram retomar os trilhos da perversidade. São usados por encarnados e desencarnados que agem nas fileiras do mal.

Colônias espirituais

REGIÕES INFERIORES E SUPERIORES

Ao longo da crosta terrestre diversos postos de socorros e colônias espirituais dão assistência aos irmãos desencarnados e necessitados de ajuda. Os espíritos benfeitores que aí trabalham, também amparam encarnados e desencarnados nos templos e centros espiritualistas, igrejas e em todos os locais onde o amor, a caridade e a solidariedade são praticados. Essas bondosas entidades, como sabemos, também descem às regiões inferiores onde prestam socorro aos sofredores.

As colônias espirituais, igualmente chamadas de cidadelas espirituais, independentemente da sua localização “geográfica” – seja nas regiões umbralinas ou nas orlas da crosta terrestre –, são domínios espirituais que protegem e isolam os seus habitantes dos ambientes mais densos do Astral. Essas colônias proporcionam segurança e conforto aos seus trabalhadores de Luz, tal como aos desencarnados em processos de aprendizagem e aos espíritos enfermos aí internados.

Há vários tipos de colônias, conforme os fins para que foram criadas, desde pequenos postos socorristas inseridos em pontos estratégicos do baixo astral – com poucas dezenas de indivíduos –, até às grandes colônias – com milhões de habitantes. Algumas desempenham um papel específico num determinado campo de ação, como nas áreas de estudo e investigação, socorrismo, internamento correcional e doutrinário, entre outros. Outras, como as maiores, quase sempre ligadas às grandes metrópoles do mundo terrestre, englobam todos esses serviços, dispondo ainda de sofisticadas unidades hospitalares, centros de estudo doutrinário, laboratórios de investigação científica, bibliotecas, etc.

A atividade dos espíritos trabalhadores é intensíssima e, para levarem a bom termo os seus objetivos, as colônias possuem elementos especializados em áreas muito diversificadas, desde guardiões, médicos, funcionários administrativos e

professores, a entidades de Luz de elevada hierarquia, normalmente responsáveis pela gestão dessas comunidades.

O dia-a-dia numa grande colônia é muito movimentado face aos múltiplos afazeres dos seus habitantes. Em vários aspetos assemelha-se à vida agitada de uma grande metrópole terrestre, embora tudo se processe com grande harmonia, organização e disciplina.

Uma situação relativamente comum nessas comunidades espirituais são as viagens que os seus habitantes fazem para visitar outras colônias e rever familiares e amigos ou para estudar e angariar novos conhecimentos.

Muitos de nós, durante o sono e através de desdobramento, visitamos essas colônias para conviver com parentes e amigos desencarnados e para trabalhar em obras de caridade. Por vezes, inclusive, participamos em operações de resgate de espíritos sofredores.

Algumas colônias tornaram-se famosas após a sua divulgação por parte de conhecidos autores espiritualistas. Entre outras, é o caso de “Campo de Paz” e “Nosso Lar” – referidas por Chico Xavier –, “Aruanda”, dos pretos-velhos, caboclos e outras entidades das fileiras umbandistas e a colônia “Grande Coração”, referida por Hercílio Maes ⁹³.

Campo de Paz

Nas regiões mais densas do Astral, existem vários postos de socorro, cujas guarnições de socorristas e guardiões, além de resgatarem os sofredores, ainda têm de estar atentas às várias investidas das criaturas aí retidas. É uma missão dura, mas assumida com coragem e dedicação por parte dos bondosos espíritos que aí trabalham.

O posto “Campo de Paz”, descrito pelo Espírito André Luiz na obra “O Mensageiro”, psicografada por Chico Xavier, é um desses casos. Nesse pequeno reduto, onde a Luz Crística do amor brilha intensamente, são recolhidos muitos obsessores, pelo que, pela boca de um dedicado espírito que aí trabalha, «há muita gente que se revolta, [sendo] mais fácil remediar o que geme, que atender ao revoltado».

Mais adiante, o mesmo espírito comenta que essa «colônia foi instituída para socorro urgente. A nosso ver, “Campo de Paz” é, mais que tudo, um avançado centro de enfermagem, rodeado de perigos, porque os irmãos ignorantes e infelizes nos cercam o esforço por todos os lados. De dez em dez quilômetros, nas zonas de nossa vizinhança, há postos de socorro como este, que funcionam como instituições de assistência fraternal e sentinelas ativas, ao mesmo tempo».

Nesses postos, os espíritos trabalhadores vêm-se obrigados a lidar com alienados de toda a espécie, desde almas muito atrasadas e rebeldes, a sofredores e, até, a outras que nem têm consciência da sua própria degeneração. É uma missão de amor e de grande sacrifício, e que exige muito esforço e paciência por parte desses abnegados benfeitores.

Nosso Lar

A paisagem desta grande colônia encanta pela beleza, conforme nos testemunha o Espírito André Luiz, ao dirigir-se para o Bosque das Águas na colônia “Nosso Lar”: «O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento fresco de inebriante perfume. (...) Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulinas flores, deslizava um rio [cuja] corrente rolava tranquila, (...) árvores frondosas ofereciam sombra amiga (...) na claridade do Sol confortador».

No meio dessa esplendorosa Natureza, existem grandes metrópoles habitadas por espíritos de maior elevação espiritual e que se ocupam de diversas tarefas, muitas das quais relacionadas com a ajuda a encarnados e desencarnados das regiões inferiores.

A caminho do Ministério do Auxílio e em companhia de Lísias, um espírito amigo, André Luiz confessa-se impressionado com o «espetáculo das ruas. Vastas avenidas, enfeitadas de árvores frondosas. Ar puro, atmosfera de profunda tranquilidade espiritual. Não havia, porém, qualquer sinal de inércia ou de ociosidade, porque as vias públicas estavam repletas. Entidades numerosas iam e vinham. Algumas pareciam situar a mente em lugares distantes, mas outras me dirigiam olhares acolhedores. Incumbia-se o companheiro de orientar-me em face das surpresas que surgiam ininterruptas».

Chegados frente ao Ministério, Lísias comenta para o amigo que, «tudo o que vemos, edifícios, casas residenciais, representam instituições e abrigos adequados à tarefa de nossa jurisdição».

Depois de referir os diversos colaboradores que aí prestam serviço, como

orientadores e operários, Lísias explica que é nesta zona que se atendem «doentes, ouvem-se rogativas, seleccionam-se preces, preparam-se reencarnações terrenas, organizam-se turmas de socorro aos habitantes do Umbral, ou aos que choram na Terra, estudam-se soluções para todos os processos que se prendem ao sofrimento».

Aruanda: onde há paz e amor

Aruanda é uma extensa região no plano astral, relacionada com a Umbanda e que foi criada em conformidade com as superiores diretivas do plano espiritual. Essa grande colônia, “onde há paz e amor”⁹⁴, é formada por cidades e comunidades espirituais que alojam espíritos muito evoluídos que, nos trabalhos espirituais, se manifestam com arquétipos de Pretos-velhos, Caboclos, Crianças, Marinheiros e Linhas do Oriente, entre outros.

Nesse lugar de excepcional beleza, erguem-se maravilhosas construções rodeadas de jardins floridos e magníficos lagos. São edifícios destinados a hospitais, escolas para médiuns e mensageiros espirituais, ministérios e centros de doutrinação, entre outros organismos dedicados ao amparo, assistência e formação de desencarnados.

Em volta, num grandioso cenário a perder de vista, estendem-se grandes florestas, percorridas por rios e riachos onde não faltam impressionantes cachoeiras. O verde das matas confunde-se com os tons esverdeados dos cursos de água e o matiz azul-esmeralda do mar que, ao longe, bordejando suavemente o litoral arenoso.

Toda essa Natureza de exuberante formosura, onde abundam árvores de grande porte e pendem cipós e delicadas orquídeas – numa indescritível profusão de cores e de formas – é em tudo semelhante às luxuriantes paisagens dos recuados tempos em que os Caboclos (ameríndios) viviam livremente nas matas terrestres como povos silvícolas.

Mais além, protegidos pela sombra de acácias e de imponentes embondeiros, existem lugares acolhedores que, pela sua privilegiada localização, são como que

memórias vivas das antigas sanzalas, quando os negros não viviam sob o jugo da escravatura colonial.

Será por esse motivo que os Espíritos que laboram sob a designação de Pretos-velhos, quando acabam os seus trabalhos nos terreiros e regressam a Aruanda, dizem, no seu linguajar simples e humilde, que vão para as sanzalas, como se evocassem esses tempos distantes?

A par das belezas paisagísticas e da inestimável evolução espiritual dos seus habitantes, Aruanda constitui-se igualmente como um marco relevante do saber científico e tecnológico, muito avançado relativamente aos atuais conhecimentos da Ciência terrestre.

Nessas regiões astrais são frequentes as visitas de extraterrestres oriundos de distantes civilizações alienígenas, pelo que, além do precioso papel de colônia espiritual consagrada à evolução do ser humano – na situação de encarnado ou desencarnado –, Aruanda também é um importante centro de intercâmbio cultural e de relacionamento com povos procedentes de outros sistemas estelares.

Os espíritos de Luz já foram índios ou escravos negros?

Naturalmente que muitos espíritos benfeitores foram, em vidas passadas, escravos negros e índios americanos, mas também tiveram inúmeras reencarnações em outras regiões do globo e no seio de diferentes comunidades étnicas.

As entidades que vivem na Aruanda utilizam esses arquétipos nos seus trabalhos, já que os espíritos, independentemente de terem sido negros, brancos, vermelhos ou amarelos quando viveram no mundo físico, são seres luminosos – sem cor, raça ou cheiro –, embora possam mudar a aparência do seu corpo astral.

Ao integrarem essa roupagem fluídica, fazem-no porque é a “vestimenta” que usam nos trabalhos de caridade da Umbanda. Assim, um espírito que se assume como Preto-velho nessa religião e se trabalhar igualmente num centro Kardecista ou numa igreja Católica, Protestante ou em qualquer outra, certamente que não o fará com as mesmas características.

Os espíritos de Luz seguem sempre o mesmo princípio, que é o de praticarem o amor e a caridade sem discriminações e jamais causar constrangimentos culturais ou religiosos a quem a eles recorre. Na verdade, o sectarismo e os preconceitos religiosos são, como sabemos, fruto da mente do homem, pelo que para essas entidades benfazejas é indiferente o local ou a igreja onde vão trabalhar. O que importa é produzir obra meritória, sempre a favor do amor e da caridade.

O Espírito Ramatís, na obra “Mensagens do Astral”, psicografada por Hercílio Maes, ao falar desses abnegados trabalhadores, assim se lhes refere: «Servem-lhes o ambiente do templo protestante, a abóbada da igreja católica, (...) a

penumbra da sessão espírita, o canto dos salvacionistas nas praças públicas, a ruidosa umbanda, as posturas muçulmanas, os lamentos mosaístas, o fatalismo budista (...).».

Mais adiante, Mestre Ramatís acrescenta que os espíritos «respeitam e compreendem a necessidade que os homens sentem de buscar a verdade, quando se situam em círculos doutrinários simpáticos, a fim de se exercitarem para os voos crísticos do futuro. Não se adaptam, porém, a exclusivismo algum, e evitam que os postulados doutrinários lhes cerceiem a liberdade da razão».

Do mesmo modo, Pai João de Aruanda, na obra “Aruanda”, psicografada por Robson Pinheiro, afirma não haver «do lado de cá da vida (...) departamentos nem escolas iniciáticas separadas pela preferência religiosa. Não há um departamento católico, outro espírita, umbandista ou evangélico».

Os espíritos esclarecidos – ou seja, os mais evoluídos –, «já estão além dos títulos e das preferências religiosas, bem como da arrogância de muitos religiosos», conclui o bondoso Preto-velho, desmistificando assim esse falso conceito criado pelo homem.

Essas divisões e mesmo rivalidades entre os espíritos mais evoluídos não passam de lucubrações fantasistas de indivíduos pouco conhecedores do mundo espiritual.

Certa vez, numa sessão espiritualista, Vovó Maria Conga, sorrindo naquele seu jeitinho de vovozinha sábia e amorosa, sussurrou-me ternurenta: «Sabe, meu filho, essa brigalhada entre espíritos é coisa de encarnados, não tem cabimento, não... Nós trabalhamos todos para o nosso Pai Maior, com muito amor e fraternidade... Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado e para sempre será louvado, não é, meu filho?».

Regiões superiores

PLANO ASTRAL

Acima das zonas inferiores existem dimensões de indescritível luminosidade. São as regiões do Astral superior, apenas acessíveis a espíritos que alcançaram grande evolução.

Vibratoriamente distante do mundo físico e dos subplanos inferiores, a aura das regiões mais elevadas do Astral alarga-se como uma gigantesca esfera, ultrapassando mais de metade da distância entre a Terra e a Lua.

Além de admiráveis construções e de insofismável beleza natural, essas regiões incluem «ministérios de preparação e assistência para reencarnação de espíritos (...) que vão desempenhar papéis de maior importância quando regressarem ao corpo físico», revela-nos Carlos Pastorino, na obra “Técnica da Mediunidade”. Este autor acrescenta, ainda, que para estes lugares se encaminham «os seres que, na Terra, já se haviam entrosado no trabalho filosófico e religioso, e que assistem os encarnados como mentores de maior “gabarito” e elevação comprovada».

Da mesma forma, o Espírito Ramatís, no livro “A Vida Além da Sepultura”, psicografado por Hercílio Maes, explica que os espíritos, à medida que ganham progresso, «se elevam para regiões mais “puras” ou mais “altas”, [sendo óbvio] que ingressem em coletividades de maior responsabilidade administrativa do planeta terráqueo; a sua supervisão abrange nações, raças e até continentes».

Nas franjas mais elevadas do Astral, os espíritos aí residentes já adquiriram um notável progresso moral e uma invejável erudição em todas as áreas do conhecimento. Não é de surpreender que, à parte espiritual, se tenha de juntar a sabedoria, pois, conforme refere Kardec, «ao Espírito cumpre progredir em

ciência e em moral. Se somente se adiantou num sentido, importa se adiante no outro, para atingir o extremo superior da escala». ⁹⁵

Plano mental

São extremamente raros os casos de encarnados que, pelo desdobramento do corpo mental, tiveram oportunidade de viajar até esta tão bela e pura dimensão, a qual, devido à sua resplandecência, deixaria qualquer um de nós deslumbrados. A matéria existente é similar à chamada energia primordial, a energia que provém do fluido cósmico presente em todo o Universo.

Neste mundo celestial não são perceptíveis aos nossos sentidos quaisquer testemunhos de construções humanas, como metrópoles ou colônias, à semelhança das existentes no plano físico e nas diversas regiões do plano astral.

No entanto, apesar de não serem visíveis aos nossos olhos – enquanto seres humanos em evolução – quaisquer referências tidas como civilizacionais, o conhecimento e a evolução espiritual dos seus habitantes é incomparavelmente superior ao existente nos planos inferiores.

Para os projetores de consciência que tiveram o privilégio de viajar até tão idílicas paragens, não há palavras que consigam descrever o que lhes foi dado observar, mas ficou-lhes o fascinante sentimento de uma beleza inenarrável, em que a percepção maravilhosa de Deus se faz sentir por todo o lado, num fantástico Universo jamais observado pelo homem.

Ao entrar neste plano o espírito encerrou definitivamente os ciclos reencarnatórios, porque deixou de ter carmas a resgatar, tornando-se um espírito puro. Reencarnações, a haver, serão de ordem missionária ou por caridade, como voltar à carne por amor a uma alma amiga que, entretanto, se atrasou e ficou para trás na senda evolutiva.

Seres Físicos e Extrafísicos

Capítulo VIII

A vida manifesta-se em todo o Universo testemunhando a grandeza do Criador... desde os mundos físicos mais recônditos e grosseiros até às mais excelsas dimensões imateriais... tudo, no Cosmos, pulula de vida.

Inúmeras galáxias acolhem milhões de corpos celestes e de planetas exóticos, povoados por seres vivos que, por mais estranhos que possam parecer aos nossos olhos, também são criaturas concebidas pela mesma mente divina, tal como nós.

Há dois mil anos, Jesus Cristo afirmou com admirável sabedoria: «Na casa de meu Pai há muitas moradas» (João 14:2). Com estas simples palavras, Jesus descreveu o quanto é grandiosa a obra de Deus, onde são inumeráveis as moradas – os mundos ⁹⁶ e formas de vida existentes no Universo.

Os habitantes desses orbes físicos e espirituais, além do homem – na condição de encarnado ou desencarnado –, incluem uma infinidade de seres que não são humanos, desde formas de vida que nos são totalmente desconhecidas, passando pelos misteriosos Encantados, os Espíritos da Natureza e muitos outros seres extraordinários – grande parte deles alienígenas –, até culminar nas entidades mais elevadas, os Anjos ou Devas.

Seres humanos

ENCARNADOS

Comunicar com seres espirituais e viajar pelo Astral não é um privilégio apenas destinado aos espíritos, já que muitos encarnados fazem-no com frequência. Durante o sono, por exemplo, não é raro desligarmo-nos do corpo físico e viajarmos até às regiões astrais, assim como para qualquer outro lugar do globo terrestre.

Esse desdobramento ou viagem astral tanto pode ser praticado de forma consciente, como inconsciente. Outras pessoas, ainda, apresentam faculdades anímicas e mediúnicas, fato que lhes permite ser um importante meio de comunicação entre o mundo físico e os planos espirituais, promovendo ligação e interação com encarnados, desencarnados e seres não-humanos.

Consideremos, então, algumas dessas capacidades dos seres humanos, enquanto criaturas encarnadas.

Mestres espirituais

Nas culturas orientais, tradicionalmente favoráveis à meditação e a uma filosofia de vida mais espiritualista – como os yogis hindus e os lamas tibetanos –, fato também presente em algumas correntes e religiões esotéricas de cunho ocidental, há um maior número de iniciados que, mercê dos seus conhecimentos, podem visitar e permanecer em dimensões inacessíveis ao comum dos mortais.

São gurus, mestres e adeptos de grande evolução, que viajam para essas regiões para estudar e aumentar o conhecimento das ciências metafísicas, assim como intervir em trabalhos de auxílio e caridade. Servem-se do corpo astral e mental nos desdobramentos que fazem para visitar esses planos espirituais, orientando os discípulos nesse sentido.

O teósofo Charles Leadbeater designava estes grupos de “adeptos e seus discípulos”. A eles se referindo, comentava ser «comum o investigador encontrar no plano astral ocultistas de todas as partes do mundo (...) que geralmente buscam a verdade, com uma convicção e um espírito de abnegação surpreendentes».

Avisava, mais adiante, que os indivíduos psiquicamente adiantados, mas não orientados por um mestre e sem possuírem suficiente maturidade moral, poderiam desenvolver «esforços nobres e altruístas», mas também corriam o risco de agir como «cegos, mal dirigidos e até de caráter extremamente condenável», porque o progresso psíquico e o mérito espiritual «não andam necessariamente juntos».

À exceção dos mestres e seus discípulos, o meio utilizado pelos encarnados que fazem desdobramento é o corpo astral, já que estão inabilitados a servirem-se do

corpo mental.

Médiuns

A mediunidade é uma capacidade inata do ser humano, igualmente comum em algumas espécies animais. No homem, essa faculdade tanto pode estar ativa, convertendo-se num valioso instrumento de trabalho espiritual, como permanecer num estado latente, sem despertar.

Apenas um número restrito de indivíduos está apto a praticá-la de forma regular, porquanto para se ser médium é necessário que o espírito, antes de encarnar, tenha assumido esse compromisso no plano astral.

Para levar a bom termo esse objetivo, um médium tem de possuir certas características, como ser dotado de uma pineal mais rica em cristais de apatita e ter sido objeto de ajustes nas teias do duplo etérico, onde se situam os chakras.

Além dessas adaptações físicas e etéricas, há todo um conjunto de metas a cumprir, relacionadas com a prática da caridade, não apenas para se ressarcir de dívidas cármicas, mas também para acrescentar créditos espirituais a si próprio e aos espíritos que o vão assistir nessa jornada terrena.

Técnicas de apometria

Como resultado de uma maior divulgação das ciências espiritualistas, que deixaram de ser uma área reservada a uns poucos iniciados, abriram-se novas vias de conhecimento, cura e regeneração moral para a humanidade.

Grande parte dessa mudança deve-se à imigração de espíritos mais evoluídos que têm encarnado na Terra, nomeadamente as crianças Índigo, Cristal e Arco-Íris. Esses espíritos, tais como mensageiros astrais, provêm geralmente de mundos distantes, cujo grau civilizacional é superior ao do nosso planeta.

Essa renovação cultural e espiritual – com o esmorecimento de tabus que nada devem ao amor Crístico – tem facilitado a ação dos espíritos trabalhadores em diversas frentes, algumas delas não vinculadas a correntes ou cultos religiosos, como é o caso das técnicas de desdobramento usadas na Apometria e que são igualmente adotadas em alguns terreiros umbandistas e centros kardecistas.

Na obra “Evolução no Planeta Azul”, psicografada por Norberto Peixoto, o Espírito Ramatís refere que a Apometria, sendo um «conhecimento milenar e mais antigo que o homem na Terra, será sentido como “novo” conhecimento que [nos] chega com mais “força” nesta Nova Era, fundindo-se com os sentimentos amorosos. Semelhante técnica fornecerá inúmeras oportunidades de experimentação anímica e mediúcnica para a ciência comprovar a existência dos mundos paralelos e a procedência cósmica dos espíritos».

Divulgada inicialmente com o nome de Hipnometria pelo bioquímico Luiz Rodrigues, natural de Porto Rico e radicado no Rio de Janeiro, foi posteriormente fundamentada e desenvolvida cientificamente pelo médico brasileiro José Lacerda de Azevedo (1919-1997), que passou a designá-la por

Apometria. Trata-se de uma técnica de desdobramento que utiliza a energia mental de um ou vários terapeutas e que tem apresentado resultados muito positivos no tratamento de doenças, casos de obsessão e outras patologias do foro físico, psíquico e espiritual.

Como o desdobramento é feito pelo espírito dos encarnados que realizam a terapia, essas técnicas são essencialmente anímicas, embora haja mediunidade quando ocorrem tratamentos do corpo espiritual dos pacientes através de médicos desencarnados que vivem nas dimensões astrais.

Da sua obra “Energia e Espírito”, José Lacerda defende que com estas técnicas podemos visitar os habitantes dos planos extrafísicos, tal como esses seres o fazem relativamente ao nosso mundo material, possibilitando-nos «penetrar em seu habitat natural e, limitadamente, vislumbrar algo do que lá se passa. O intercâmbio daí decorrente é extremamente complexo, variado e altamente útil para nós humanos e para eles, almas desencarnadas».

O principal objetivo dos trabalhos de Apometria é, segundo o citado autor, «anular a ação maléfica e predatória de algumas dessas criaturas desencarnadas sobre o comum dos mortais».

Por meio da Apometria, refere ainda José Lacerda, é possível «capturar almas dedicadas ao mal, tratá-las dos males e deformidades de que eram portadoras, orientá-las e conduzi-las para locais preparados para recebê-las».

Pessoas comuns

A maioria das pessoas não se apercebe do desligamento do corpo astral quando se encontra a dormir. Nessas incursões noturnas não é raro o corpo astral fluir e ficar à deriva, flutuando ao sabor das correntes astrais – sem rumo, nem discernimento –, cruzando-se aqui e além com outros indivíduos que se encontram nas mesmas condições, daí resultando todo o tipo de experiências, a maioria delas confusas, estranhas e sem qualquer nexos.

Outras pessoas, ainda, apresentam uma sensibilidade psíquica tão baixa que, o mais provável é o corpo astral permanecer adormecido, tal como o corpo físico.

Nenhuma destas situações reverte em benefício do indivíduo, já que este poderia recolher preciosas informações das viagens astrais que faz, ou que poderia ter feito, se procurasse desenvolver ferramenta tão útil.

Feiticeiros

Entre os encarnados existem criaturas possuidoras de capacidades paranormais e de profundos conhecimentos das ciências ocultas, infelizmente consagradas à prática do mal.

São, a bem dizer, o lado oposto dos bondosos Mestres de que falámos anteriormente. Referimo-nos aos feiticeiros, também conhecidos por bruxos e macumbeiros ⁹⁷, embora estas designações possam ter diferentes significados e, nem sempre, pejorativos.

Argutos e malvados, os feiticeiros aceitam de bom grado qualquer trabalho que lhes propicie lucro e prazer, reconhecendo-se que esse prazer é sempre para satisfação do seu desvirtuado Ego, num saciar desmedido de poder e iniquidade.

Muitos deles dedicam-se ao voduísmo, usando bonecos que simbolizam as pessoas que pretendem flagelar, assim como procedem a amarrações e feitiços que, não raramente, conduzem à desgraça das vítimas de quem lhes encomenda tão abomináveis serviços.

Como lacaios nessas práticas hediondas, servem-se de espíritos moralmente atrasados, muitos dos quais são identificados comumente como demónios, embora tais criaturas não existam no sentido literal da palavra. Devido à sua malignidade, porém, os termos demónio e diabo aplicam-se não a seres eternamente condenados à prática do mal, mas a desencarnados de índole perversa e muito perigosos.

Os espíritos imperfeitos, sejam eles maus ou corruptos como os feiticeiros, um dia também conseguirão emergir da obscuridade moral em que vivem e dar início à sua caminhada para a Luz – para o progresso espiritual – porque não há nenhum poder superior ao de Deus e à Lei do amor e da evolução por Ele criada, princípio sagrado que está presente em todo o Cosmos.

Um bruxo convertido

Foi o caso da conversão ao Cristianismo de um dos mais famosos bruxos da Antiguidade, o feiticeiro Cipriano (250-304), mais tarde conhecido por São Cipriano.

Nascido de uma família rica na antiga cidade de Antioquia, na atual Turquia, Cipriano sempre se interessou pela prática da feitiçaria e da magia negra. Viajou pelo Egito, Grécia e Caldeia, onde conheceu a Bruxa de Évora que lhe legou preciosa documentação sobre magia negra.

Na posse desses manuscritos e com os profundos conhecimentos ocultistas que já detinha, Cipriano tornou-se um mago poderoso e temido naquela época. Foi nessas circunstâncias que um homem rico de Antioquia o contratou para, através de encantamentos, arrebatou o coração de Justina, uma jovem por quem se apaixonara.

Para conseguir esse intento, era necessário que Cipriano lhe destruísse a fé, pois a jovem era cristã e decidira consagrar a sua vida ao culto religioso, fazendo da castidade um ato de devoção à causa que abraçara.

O feiticeiro de Antioquia, que tinha aceitado de bom-grado o trabalho, logo de início começou a deparar com inesperadas dificuldades, pois os feitiços que forjava não resultavam. Devido aos crescentes insucessos, um caso que inicialmente parecia fácil, veio a revelar-se frustrante para os propósitos de Cipriano, obrigando-o a uma luta cada vez mais renhida, mas sempre inútil, porquanto todos os trabalhos de magia negra e oferendas aos demónios continuavam a ser barrados pelas orações de Justina e pela sua inquebrantável fé.

Furioso e já descrente dos poderes diabólicos que desde sempre sustentaram os seus feitiços, rebelou-se contra as forças do mal, rejeitando-as. Através de um amigo cristão, veio a converter-se com grande ardor ao Cristianismo, reconhecendo em Deus a verdadeira soberania, pelo que destruiu os livros de magia negra e ofereceu os seus bens aos pobres.

Essa surpreendente conversão, assim como as posteriores obras de Cipriano e Justina a favor do Cristianismo, confundiram a sociedade da época e acabaram por chegar aos ouvidos do imperador romano Diocleciano, que os mandou prender.

Capturados e obrigados a negar a fé cristã, recusaram fazê-lo. Foram torturados, mas continuaram irredutíveis na sua crença. O imperador, enfurecido por tanta obstinação, mandou-os lançar num enorme caldeirão, onde fervilhava uma terrífica mescla de banha e cera, liquefeita pela temperatura abrasadora. A esse atroz suplício, Cipriano e Justina, resistiram estoicamente, sem demonstrar o mínimo sofrimento.

Um ex-discípulo de Cipriano, o bruxo Atanásio, desconfiado de algum feitiço do seu antigo mestre, quis exhibir-se diante dos assistentes, provavelmente para ganhar os favores de Diocleciano. Invocando a proteção dos demónios, lançou-se para dentro do enorme recipiente, mas logo morreu, destruído pela brutal fervura do caldeirão.

Por ordem do imperador os mártires Cipriano e Justina foram posteriormente decapitados. Devido à sua inabalável fé e pelo martírio que sofreram, São Cipriano e Santa Justina foram beatificados pelas Igrejas Católica e Ortodoxa, sendo venerados como Santos.

Seres humanos

DESENCARNADOS

A maioria da humanidade é constituída por desencarnados. De acordo com o Espírito Emmanuel, na obra “Roteiro”, psicografada por Chico Xavier, mais de «vinte bilhões de almas conscientes, desencarnadas (...) cercam o domicílio terrestre, demorando-se noutras faixas de evolução».

São dados que se reportam a 1952, quando a população mundial de encarnados andava próximo dos três mil milhões de habitantes, o que leva a admitir, naturalmente, que o atual número de desencarnados seja bastante mais elevado.

No entanto, não se pode inferir que a população de desencarnados tenha aumentado na razão direta dos mais de sete mil milhões de habitantes atuais, o que representaria cerca de quarenta e seis mil milhões de almas no mundo astral.

Considerando o crescimento demográfico dos terrícolas, alimentado pela contínua imigração de espíritos que encarnam na Terra, assim como daqueles que partem para outros mundos (mais evoluídos ou mais atrasados), não há dados seguros para determinar quantos desencarnados existem atualmente nas diferentes regiões astrais do nosso planeta.

Desencarnados

ENTIDADES DO BEM E ESPÍRITOS COMUNS

Mestres e missionários

Incluem-se neste grupo os Mestres de elevada formação moral e intelectual e os Espíritos Missionários, que apenas reencarnam para a realização de missões de grande importância no mundo terreno.

Muitos deles, quando encarnados, distinguiram-se como profetas, pensadores e gurus de notável desempenho filosófico e evangelizador.

Guias espirituais

Na Sua infinita misericórdia, Deus concedeu à humanidade o privilégio de ser protegida por espíritos maravilhosos que amparam e guiam os encarnados e desencarnados na sua jornada evolutiva, pois todos nós somos almas necessitadas de proteção e orientação, quer no plano físico, quer nas esferas imateriais. A benéfica ação dessas entidades de Luz, mercê da sua elevação espiritual, reflete-se em inumeráveis situações do dia a dia.

Sobre o papel de um Guia espiritual, na obra “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, os Espíritos São Luís e Santo Agostinho assim se referem ao providencial desempenho desses amados protetores: «Não vos parece grandemente consoladora a ideia de terdes sempre junto de vós, seres que vos são superiores, sempre prontos a vos aconselhar e amparar (...) mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus (...) onde quer que estejais, estarão convosco».

Na perspectiva kardecista, e não apenas nessa, esses maravilhosos espíritos protetores são os conhecidos Anjos da guarda, sendo almas desencarnadas que atingiram um estágio espiritual muito avançado e que se ocupam da proteção de um encarnado.

Os espíritos, ainda de acordo com São Luís e Santo Agostinho, gozam «de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não vos deixou sós na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada Anjo da guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho».

Deste modo, o espírito protetor fica feliz quando vê o desencarnado que protege no bom caminho e, de igual forma, sente-se triste quando os seus conselhos não são escutados.

O trabalho desses espíritos, sendo benéfico para os seus protegidos, é igualmente proveitoso para essas bondosas entidades, porquanto além de se sentirem felizes pela caridade que praticam, ainda ganham créditos para o seu progresso espiritual, de forma a poderem ascender a planos mais elevados, consoante os méritos de cada um.

Outros espíritos, também adiantados, ainda poderão voltar à carne, uma ou outra vez, para repararem algumas questões que ficaram por resolver. Cumprem frequentemente o papel de protetores de médiuns e de outros encarnados, sendo comum terem vínculos afetivos com os protegidos, eventualmente relacionados com anteriores ligações familiares. Na mitologia romana, tais entidades benignas, eram conhecidas por Lares – os génios protetores da família e do lar.

Além dos Guias e Protetores, o plano astral conta com um elevado número de espíritos especializados nas mais diversas áreas do conhecimento – como médicos, professores, socorristas, arquitetos, engenheiros e cientistas, entre outros, além dos imprescindíveis soldados ou guardiões, que são uma força policial do Astral responsável pela segurança e resgate de muitos desencarnados, além de cumprirem outras tarefas importantes, como desmanchar trabalhos de magia negra e ajudar os consulentes em dias de sessões mediúnicas.

No plano astral há muitos espíritos trabalhadores que já cumpriram o ciclo das reencarnações. São entidades de hierarquia superior e que desempenham diferentes funções de responsabilidade, podendo, também, fazer parte da coroa de um médium como Guias ou Mentores.

Desencarnados comuns

A duração de uma vida no plano físico não fica previamente determinada, como se existisse um relógio do tempo que marcasse o dia e a hora da nossa morte.

Não há um relógio do tempo, mas um período de vida – melhor dizendo, um ciclo vital – que nos é destinado para cumprirmos diversas tarefas que assumimos no plano astral. Desse modo, o tempo de permanência na esfera terrestre tanto poderá ser prolongado, como encurtado, muito dependendo da forma como são resolvidos os objetivos que fazem parte do nosso planejamento reencarnatório.

Esse ciclo, todos os dias, termina para muitas dezenas de milhares de pessoas, formando enormes contingentes de almas que carecem de pronto auxílio, pelo que, em todas as regiões do planeta, inumeráveis falanges de espíritos benfeitores amparam e socorrem esses desencarnados.

Outros espíritos, porém, face a um acumulado de erros graves, não são recolhidos. Ficam abandonados à sua sorte, vagueando pelo etéreo terrestre, quando não vão descambar para regiões mais profundas, como o Umbral.

Aí, perambularão como sofredores, até ao dia em que lhes será dada uma nova oportunidade para saírem do degredo que eles próprios criaram.

Restaurar a consciência

À exceção dos infelizes que ficam retidos nas regiões inferiores, os recém-desencarnados são acolhidos nos hospitais e colônias espirituais.

Indivíduos que sofreram doenças prolongadas, vítimas de acidente e pessoas assassinadas, entre outros casos de grande sofrimento, carecem de tratamento e restauro dos corpos sutis, quer do ponto de vista dos traumatismos psicológicos sofridos, quer das terapias necessárias para a reparação de órgãos incorpóreos eventualmente danificados.

Seja qual for a natureza da sua morte, um espírito é sempre objeto de terapia espiritual. Mesmo nos casos de desencarne mais tranquilo, há vivências e apegos que têm uma forte matriz emocional e que necessitam de cuidados especiais. Não se trata de uma lavagem cerebral, com a remoção de sentimentos afetivos, mas de desligamento emocional das recordações mais apelativas ou traumáticas.

Todo esse processo é necessário para restaurar a consciência do Espírito, isto é, promover o despertar do seu Eu espiritual, que ficou num estado de suspensão durante o período em que viveu como encarnado.

A morte violenta

Quando a morte ocorre por circunstâncias trágicas, como num acidente, o Espírito Emmanuel⁹⁸ refere-nos que sobrevêm «sensações muito dolorosas à alma desencarnada, em vista da situação de surpresa ante os acontecimentos».

A par dessas pungentes sensações, quem morre de forma violenta, devido ao brusco desencarne, arrasta a matéria densa que lhe ficou agregada ao perispírito e da qual não teve tempo de se libertar, como seria natural suceder se a morte fosse provocada por doença ou por idade avançada. Essa substância de natureza extrafísica, não sendo forçosamente má, é incompatível com as vibrações mais sutis do Astral, fato que pode obrigar o recém-desencarnado a mergulhar para os planos inferiores, como se fosse um pesado lastro arrastado por insuperável força gravítica.

Quando tais lugares não lhe estão destinados, o espírito é prontamente socorrido por equipas de resgate, que promovem a libertação desse material grosseiro e o conduzem para locais acima dessas regiões, protegendo-o, ainda, dos ataques das criaturas aí retidas. Por vezes, o espírito nem se apercebe dessa incursão por território umbralino, podendo passar por tudo isso de forma inconsciente – como se estivesse em profundo coma – até despertar tranquilamente nos planos situados acima do Umbral.

O regresso ao lar

Nesses planos elevados, espíritos de intensa luminosidade aguardam o recém-desencarnado com muito amor. Na sua maioria, são familiares e amigos de longa data, que o acolhem com imenso carinho e que o vão ajudar a dar os primeiros passos no novo ambiente a que chegou.

Na realidade, esse ambiente não é novo, nem tão-pouco desconhecido, porquanto, como espírito, já por aí passou e viveu inúmeras vezes. Todavia, nos primeiros momentos, o Astral pode afigurar-se-lhe como algo estranho e confuso, mas ao mesmo tempo deslumbrante e irresistível.

A atmosfera de paz e de amor aí reinantes e a saudosa alegria dos entes queridos que o recebem, envolvem-no num grande abraço de calor fraterno, transmitindo-lhe imensa serenidade e bem-estar. E será com um mesmo clima de carinho e amor que o espírito permanecerá numa unidade hospitalar até completa convalescença.

Quando ganhar alta tudo começará a ser-lhe mais familiar e, tal como uma neblina que se dissipa, a sua consciência espiritual passará a gozar de enorme lucidez.

Ao retomar a vida ativa podemos dizer que o espírito regressou ao seu lar, à sua terra, onde irá reencontrar muitas almas amigas que o acolhem com alegria – são inumeráveis os amigos e familiares que temos no mundo astral –, abençoando o seu regresso, tal como um emigrante que retorna ao seio da sua comunidade, depois de uma longa ausência por terras estrangeiras. O espírito, agora reintegrado, repartirá o seu dia a dia com o trabalho, o estudo, as viagens, as visitas aos amigos e os momentos livres, se assim podemos dizer.

Durante essa estadia no plano astral, em que o tempo e o espaço não existem tal como o conhecemos, esse espírito tem consciência de que um dia voltará a ausentar-se do seu lar, para regressar ao mundo físico e renascer num novo corpo.

Aí, nesse mundo – no planeta terrestre ou em outro orbe do Universo –, dará início a uma nova jornada para reparar questões que ficaram pendentes e receber mais lições, pois “é aqui que se aprende”, conforme o sábio dizer de um espírito que se manifestou na forma de uma criança.

Desencarnados

ENTIDADES DO MAL E ESPÍRITOS INFERIORES

Magos Negros

Conhecidos como Magos Negros, estas sinistras personagens são, na sua grande maioria, espíritos de antigos feiticeiros, sacerdotes e Grão-Mestres que, ao desencarnar, se recusaram submeter às Leis Divinas para expiar as faltas cometidas pelo mau uso dos seus conhecimentos ocultos.

Muitos deles frequentaram escolas iniciáticas de Magia Branca na Antiguidade, nomeadamente nas civilizações persa, egípcia e caldeia, onde aprenderam a lidar com o poder das ciências mágicas, através do conhecimento e manuseio das energias e fluidos da Natureza.

No entanto, o orgulho, a perfídia, a vaidade e a sede de poder, afastaram alguns desses magos para o lado contrário dos princípios sagrados que juraram defender. Ao desencarnarem, acoitaram-se nas regiões umbralinas mais esconsas onde, mercê dos seus conhecimentos magísticos, se tornaram líderes das forças trevosas, comandando autênticos exércitos de espíritos e entes infernais que tanto mal têm provocado aos habitantes dos mundos físico e astral.

O espírito Pai João de Aruanda, na obra “Legião”, psicografada por Robson Pinheiro, revela que os Magos Negros usam nos seus trabalhos de «força mental, hipnose e magnetismo, promovendo inclusive o sequestro do duplo etérico de encarnados para experimentos, nos laboratórios que administram em aliança funesta com os cientistas do mal». Estas poderosas criaturas aliam os conhecimentos milenares das ciências ocultas às mais modernas tecnologias, que sabem usar com grande proficiência.

Aludimos anteriormente ao poder e à perfídia dos bruxos encarnados mas, comparados aos Magos Negros, não passam de uma tosca imitação, pois estes

magos possuem «requintes de elaboração e sordidez em seus projetos, que os feiticeiros estão longe de alcançar [além de serem] exímios manipuladores das forças mentais», conforme nos revela Pai João de Aruanda, adiantando haver bruxos que, depois de desencarnar, são obrigados a servir estas poderosas entidades.

O verdadeiro propósito dos Magos Negros é impedir por todos os meios o curso evolutivo da humanidade, não se tratando apenas do procedimento típico de quem é mau – daquele que tem prazer na crueldade – mas, sobretudo, da luta pela sobrevivência. Se o domínio dos seres trevosos do Umbral e de milhões de encarnados do mundo terreno é fundamental para essas criaturas terem poder, então, entravar o progresso moral do homem é garantir-lhes segurança por tempo indefinido, pois sem o mal não conseguem subsistir.

Os Magos Negros, ao longo dos séculos, tornaram-se magistras conhecedores das fraquezas humanas, pelo que são hábeis manipuladores da mente dos encarnados que estão sob a sua dominação. Sabem instilar o veneno da intriga, da inveja e do ódio entre os homens; incutem os vícios mais corrosivos e degradantes no seio dos mais fracos, como drogas, álcool e jogo; e, entre outras perversidades, incentivam a ganância, a luxúria e o frio individualismo do “vale tudo para ganhar” – tão patente nesta época –, mascarando o que é condenável em sedutores exemplos de triunfo pessoal, como referências enganadoras para os incautos que embarcam nessas ilusões.

Para outras pessoas que não incorrem tão facilmente em desmandos morais, mas que são potencialmente vulneráveis, a estratégia desses seres demoníacos é mais ardilosa. Como hábeis conhecedores da psique humana, exploram os pontos mais fracos de quem tomam por alvo, de forma a agirem com eficácia cirúrgica nas ações a perpetrar. Se for um indivíduo de natureza muito sensível e propenso a crises emocionais, por exemplo, os magos procuram injetar ideias negativas na sua mente, explorando sentimentos aniquiladores, como os de culpa ou de frustração – totalmente desproporcionados com a realidade – de forma a desagregar a autoestima da vítima e afetar a sua capacidade de discernir o

verdadeiro do falso.

A pobre criatura, cada vez mais fragilizada por essa trama corrosiva e por um quadro depressivo cada vez maior, vai-se afastando dos alicerces da fé e da razão, até resvalar perigosamente para condutas alienadas, que poderão culminar na sua autodestruição.

Nesse trabalho de terrorismo psicológico, arquitetado com extrema frieza e inteligência, esses bruxos do Além contam com largos contingentes de marginais que, movidos pela maldade, mas também pelo medo – os Magos Negros não perdoam fraquezas ou traições – se prestam aos mais diversos serviços, como os obsessores, os Quiumbas e todo o género de almas erráticas que perambulam pelas regiões umbralinas.

Sobre esses serviçais a soldo dos magos, o Mestre Matta e Silva⁹⁹, na obra “Umbanda e o Poder da Mediunidade”, através de desdobramento ao submundo do Astral, em companhia de um poderoso Guardiã e de um Preto-velho seu protetor, descreve-nos algumas das horrendas criaturas que aí vivem. Entre outras ignóbeis aberrações observadas, refere que há seres que são como “vampiros das esferas negras” e que «formam uma classe (...) muito baixa na escala espiritual, porquanto [são usados] pelos Magos Negros do Astral para provocar misteriosas doenças nos encarnados, através de certas operações de magia negra».

O referido autor, mergulhando mais abaixo nessa viagem às regiões umbralinas, depara-se com outras criaturas ainda mais asquerosas. Confessa, sem disfarçar a sua repugnância, que descrever «os horríveis defeitos [no corpo astral desses seres] seria quase que causar ao leitor traumas emocionais», mas que «todos eram mais ou menos peludos, tinham exageradas corcundas (...) e um grande olho (...) no centro da testa».

Também assobiavam, talvez para «conter a enxurrada de vermes que saíam das aberturas que chamamos de boca, à falta de outro termo». Essa incursão pelas regiões umbralinas teve como fim uma visita de estudo a três «covas do mais baixo-astral, ou melhor (...) ao reino do bruxedo».

Finalmente, Matta e Silva, comenta que «dentro da nossa experiência de vinte e tantos anos, compreendemos automaticamente porque as descargas, defumações e rezas especiais conseguiam tanto êxito em casos nos quais a medicina terrena já havia esgotado todos os recursos».

Além dos espíritos trevosos, são inumeráveis os encarnados que, no plano físico, fazem o jogo dos Magos Negros, nomeadamente em lugares de liderança na sociedade civil e no seio de mesquitas e igrejas, onde o fanatismo faz apelo ao terror e à perseguição de fiéis de outros credos religiosos.

Como se não bastassem os aliados humanos – na condição de vivos ou de mortos – os Magos Negros servem-se de outros meios para a prática do mal, como as Larvas Astrais, geradas artificialmente pelo poder da mente, e dos Cascões, que são restos de matéria astral de desencarnados. Essas criaturas, tal como outras de igual jaez, são de grande eficácia quando programadas para fins perversos. Implantadas na aura ou no duplo etérico da vítima, robotizam-na, condicionando-a em muitos aspetos da sua vida, sem que esta se aperceba que não está a agir por sua expressa vontade, mas pela de outrem, que a domina.

Outra monstruosa maquinação são os Implantes de Elementais Artificiais introduzidos nos corpos sutis das pobres vítimas. Esses vírus – uma forma mais sofisticada de Larvas Astrais – podem acompanhar o indivíduo ao longo de várias reencarnações. Os implantes são programados para criar doenças e provocar a morte da vítima, entre outras monstruosidades (ver, mais adiante, Seres Não-humanos).

Perante tantos e tão poderosos meios, ocorre perguntar de onde vem esse colossal “combustível” que faculta tanto poder a esses magos, considerando que todas as manifestações físicas ou extrafísicas carecem de energia e, neste caso, de tão descomunal quantidade?

Na realidade, não faltam generosos doadores energéticos, pelo que os Magos Negros dispõem de farta abundância desses recursos, os quais são produzidos diariamente por uma humanidade insensata que não se cansa de os gerar com pensamentos e atos maldosos. Se estes magos deixassem de ser nutridos por tanta energia deletéria, o seu poder se extinguiria como pó, tal como o despotismo de um tirano quando derrubado do trono.

Como isso não sucede e nem será nas próximas gerações que o mal se erradicará deste mundo, o potencial risco de sermos afetados pelos Magos Negros e seus acólitos parece elevado. Esse perigo em larga escala, felizmente, não existe, porque o mal não dispõe de poder tão incomensurável graças à infinita misericórdia de Deus, que não permite que tais criaturas possam atingir a humanidade no seu todo e, muito menos, os corações inocentes. Na verdade, os espíritos malignos «falham completamente perante um espírito puro e reto, nada podendo contra qualquer indivíduo que jamais tenha acalentado em si semelhantes tendências criminosas», conforme nos tranquiliza Charles Leadbeater.

Por outro lado, a ação benfeitora dos Espíritos de Luz e dos Guardiões – excelsos representantes do Criador na luta contra o mal – tem permitido o resgate e a salvação de milhões de almas que seriam presa fácil desses marginais.

Essas falanges do bem não desempenham apenas o louvável papel de conselheiros de encarnados e desencarnados, mas também executam verdadeiras ações de combate contra os redutos onde se acoitam as criaturas trevas, desmantelando esses antros e capturando espíritos transviados que são

conduzidos para campos de reeducação, onde serão doutrinados.

No entanto, a melhor proteção contra as forças do mal é feita pelo próprio indivíduo, se este se acautelar, alimentando bons sentimentos, ser caridoso com os seus semelhantes e ter fé em Deus, apelando à Sua divina misericórdia.

Reproduzimos de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, a resposta de um Espírito de Luz quando se lhe perguntou como se poderia neutralizar a influência dos espíritos maus: «Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejam ter sobre vós». Seguidamente aconselha que nos mantenhamos vigilantes, não alimentando maus pensamentos «que sopram a discórdia entre [vocês e] insuflam as paixões más» e para desconfiar «especialmente dos [espíritos] que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus (...) vos ensinou a dizer: “Senhor! Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal” ».

Quiumbas

Já nos referimos a estes seres atrasadíssimos, os Quiumbas, também conhecidos como Kiumbas. É um termo usado por algumas religiões espiritualistas e que engloba todo o tipo de marginais desencarnados que agem com extrema maldade. Muitos estão organizados em moldes militares, formando verdadeiras falanges do mal, lideradas por chefes astutos e implacáveis.

É habitual receberem oferendas com sangue para procederem a trabalhos de amarração, obsessão e outras práticas malignas, pelo que estes celerados são muito perigosos. Há pessoas que, impelidas por paixões inferiores, pactuam com estas criaturas para atingirem os seus fins – obviamente censuráveis –, firmando o que se costuma dizer de um “pacto com o diabo”, acordo que todo o Quiumba aceita com prazer. É uma tolice de grande ingenuidade, pois ficam presos a um contrato de que dificilmente se livrarão...

Os Quiumbas, como bandos militarizados, constituem uma vasta população de desencarnados das regiões mais sombrias do Astral e incluem nos seus efetivos toda a escória humana que viveu e cometeu delitos graves no mundo terrestre, como assassinos, violadores e sádicos, entre outros facínoras. Se uns têm um histórico de crimes verdadeiramente aterrador, outros, embora igualmente prevaricadores, têm menos culpas no cartório. Mas todos eles, por ofensa às Leis Divinas, são enviados para esses planos inferiores de expiação – como o Umbral – onde, por maiores ou menores períodos de tempo, aí se manterão cativos.

Alguns, por serem muito inteligentes e profundamente versados em magia negra, possuem imenso poder, um poder por vezes comparável ao dos Magos Negros, conquanto estes antigos sacerdotes pertençam a uma estirpe que tem as suas raízes em escolas iniciáticas de magia e ciências ocultas da Antiguidade.

A atuação dos Quiumbas é feita em todo o lado onde o vício, a maldade e o sofrimento se fazem sentir de forma mais intensa, como nos cemitérios, necrotérios, bares e bordéis. Também os antros onde se pratica magia negra e os lugares onde se verte sangue pela via da dor – como nos matadouros e no sacrifício de animais – são avidamente disputados por bandos de Quiumbas e outros criminosos que, aí chegados, sugam com imenso regozijo os fluidos derramados pela matança de seres inocentes.

Quanto aos cemitérios é necessário lembrar que não são apenas o lugar físico onde se depositam os mortos e se presta homenagem à sua memória. Também são um manancial de energias lúgubres que provêm do sofrimento, desespero e revolta dos que choram a perda dos entes queridos.

Essa amálgama de sentimentos e os fluidos emanados pelos corpos em decomposição formam energias de baixa vibração que atraem todo o tipo de seres trevosos. Enquanto uns se comprazem a perseguir as almas recém-desencarnadas que, por falta de mérito, não têm a proteção dos Guardiões dos cemitérios, outros, como vampiros sedentos, banqueteam-se das emanações pútridas dos cadáveres, como se estivessem num farto festim.

O Espírito André Luiz, na obra “Obreiros da Luz”, psicografada por Chico Xavier, testemunha-nos esse sinistro quadro, ao referir que nos cemitérios «costuma congregar-se compacta fileira de malfeitores, atacando vísceras cadavéricas, para subtrair-lhes resíduos vitais».

Um cemitério, então, não é só um local de paz e de saudosa memória pelos familiares e amigos que partiram. Também é um lugar que pode apresentar riscos desnecessários se não formos prudentes. Deste modo, ao entrarmos num cemitério, procuremos ter o máximo respeito pelos defuntos que aí repousam, pedindo proteção ao nosso Anjo da guarda e licença aos Guardiões do local.

Por aquele que desencarna, devemos sempre orar e nunca condenar, por muito reprovável que tenha sido a sua vida no plano terreno, pedindo a Deus que ilumine esse espírito. Assim procedendo, agimos com caridade cristã e evitamos possíveis maus-encontros.

Pelos atalhos do Umbral

Pecamos por “pensamentos, palavras e obras”... É uma sentença bíblica que traduz claramente o poder do pensamento, pois é através dele que se geram os sentimentos que dão vida, forma e movimento às ideias, palavras e atos. Na verdade, é tudo uma questão de energia e essa energia, mesmo que não passe de um simples ato mental – sem se manifestar de outra forma –, já por si, produz um sentimento.

Se a energia é positiva – benéfica – a sua vibração é sutil, pelo que ascende a planos mais elevados, onde se agrupa por afinidade nos ambientes de idêntica natureza. Se, pelo contrário, for negativa – maléfica –, torna-se pesada, fato que a conduz aos meios astrais mais densos, com os quais partilha o mesmo padrão vibratório.

Pensamentos e sentimentos propagam-se a uma velocidade alucinante, havendo poucas barreiras que os possam deter, nomeadamente na esfera astral. Assim, quando pensamos em algo de bom ou de mau, geramos automaticamente um sentimento que, na forma de energia, se dirige para o meio vibratório que lhe é próprio. Para que essa energia se mantenha ativa é necessário que seja alimentada pelo mesmo tipo de sentimento que esteve na sua origem, de contrário extingue-se por inanição (este tema é desenvolvido mais adiante, na rubrica Formas-pensamento).

Logo, é pela força do pensamento que podemos atrair energias boas ou más e, naturalmente, seres espirituais, que tanto podem ser benignos, como malignos, tudo dependendo da natureza dos nossos sentimentos. Não é por acaso que a maioria das religiões reconhece nos maus pensamentos a principal razão para atrair tudo o que há de perverso e, até, de demoníaco.

Falar-se do demónio, por exemplo, para muitos cristãos já é chamar o maligno, pois, segundo acreditam, se o capeta for invocado, de pronto comparece.

Mas não são as preces satânicas, as sinistras cerimónias de velas negras, os rituais de sangue e crucifixos invertidos, entre outras parafernâlias dantescas que atraem o Anjo das trevas? Claro que sim, se esses símbolos estiverem impregnados de sentimentos nefastos, ou seja, se forem imantados pela energia de pensamentos e más intenções. Sem essa energia, ou seja, sem a força motriz do pensamento, esses artefatos não passariam de inútil encenação.

O demónio, longe da imagem mitológica que dele fazem, não é mais do que um desencarnado com elevado défice cármico. Mas, como se trata de um ser perverso e manhoso, gosta de assumir esse perfil junto dos adeptos – para se impor – ou, simplesmente, para se divertir com o terror que provoca nos mais assustadiços. Chifres, pés de cabra, tridentes e outras vestimentas são meras artimanhas fluídicas, criadas pela plasticidade do perispírito ou, simplesmente, ilusões induzidas na mente das pobres vítimas. De qualquer forma, essa imagem do demo é muito apreciada pelos Quiumbas, que dela se servem para um melhor desempenho das suas atividades maléficas, considerando o pavor que o demónio inspira à maioria das pessoas.

Se o diabo não existe, já um Quiumba – devido ao seu enorme atraso moral – comporta-se como um verdadeiro demónio, sendo muito mais perigoso que o mafarrico, porque se este é de ficção, o outro é bastante real.

Então, invocar esses seres, é abrir as portas aos malfeitores do Umbral, sendo que essa invocação não carece de cenas de grande aparato, como vimos. Basta a força do pensamento, o desejo do mal, fato tantas vezes provocado pela malvadez e imprudência dos encarnados. Se uns o fazem conscientemente, outros fazem-no de forma inconsciente, por ignorância ou estupidez ...

São esses pensamentos iníquos que produzem energias semelhantes às da atmosfera psíquica do baixo astral, fato que estabelece imediata conexão entre o foco emissor – o seu autor – e o receptor, neste caso, toda a escória de marginais. Essa conexão, quando forte, cria uma passagem multidimensional – um atalho astral – que permite o livre acesso das criaturas umbralinas às regiões superiores, por onde se movimentam para a prática do mal.

Se a força do pensamento permite a todo o encarnado invocar e criar ligações com o submundo dos espíritos inferiores, da mesma forma, o praguejar desatinado e imprudente de quem está sempre a xingar também é um claro convite para receber esses visitantes indesejáveis ...

Um caso de obsessão

Extremamente arditos, alguns Quiumbas mais afoitos conseguem passar-se por Exus e outras entidades respeitáveis, quando a vaidade e a ganância dos encarnados lhes facilita o campo, como é o triste caso de alguns médiuns e dirigentes espirituais pouco escrupulosos. Ao se deixarem enganar pela astúcia dessas criaturas, acabam por ser facilmente obsidiados, já que os verdadeiros Guias e Guardiões deixam de os proteger.

Os Quiumbas, como dizíamos, são pródigos nas artes da obsessão, quer perseguindo as suas vítimas, quer aliciando os incautos que se deixam levar por sentimentos fúteis, como a vaidade. Na obra “Umbanda sem Medo”, Claudio Zeus conta-nos um caso de obsessão em que existe claro consentimento da pessoa obsidiada em ser dominada por um obsessor – apenas por tola vaidade – e que ocorreu num centro espírita kardecista, como podia ter sido noutra qualquer.

O referido autor, presente nesse centro, refere que numa dessas reuniões, uma frequentadora levou «uma amiga que passava por grandes perturbações emotivas. Médiun não preparado, ela recebia em casa uma entidade do tipo “luminar” que [era] poliglota! Paralelamente a isso, sua vida era um inferno! Problemas, problemas e mais problemas!».

Na sequência dos trabalhos, descobriu-se que essa entidade era o seu obsessor e que «queria a senhora só para ele (...), tentou-se convencê-lo de que estava errado (se apresentava como homem) em se meter na vida material dessa senhora e decidindo sobre o que ela poderia fazer ou não, ou com quem poderia estar ou não».

Seguidamente, Claudio Zeus, comenta que «o fato [da senhora] dar incorporação

a uma entidade poliglota, de uma certa forma preenchia o [seu] Ego, pois (...) o fato de se sentir “aquinhoadada pelos deuses” (...) e o provável sucesso que fazia quando atuava, alimentava-lhe a vaidade, fazendo crescer mais e mais os elos que os prendiam (entidade espiritual e ser encarnado)».

É uma tarefa quase impossível «tentar convencer alguém que a razão de seus problemas é justamente o que acha ser o melhor de sua vida», pois «não acredita!». A senhora «foi orientada [para] não dar seguimento às incorporações» e para retornar na semana seguinte.

Uma semana depois, a amiga da referida senhora apareceu «trazendo a notícia de que a tal entidade, estando incorporada (ela não acreditou e por isso não obedeceu), fez com que a senhora se atirasse pela janela do edifício onde morava», matando-a.

O autor termina o artigo, informando que «qualquer obsessora (...) se tem em mente dominar uma pessoa, vai facilitar-lhe sempre aquilo que ela ache que mais precisa – neste caso a admiração de tantos quanto cercavam essa senhora. É desse modo que ele ganha confiança [e] vai conseguindo aos poucos estreitar os laços que o unem ao ser encarnado até chegar ao ponto» onde quer chegar.

Os suicidas

Os infelizes que por desespero põem termo à vida não fazem a mínima ideia daquilo que os espera. Se o imaginassem, jamais cometeriam gesto tão tresloucado. De fato, em vez de encontrarem refúgio da dor que os atormenta – tantas vezes empolada por motivos fúteis – vão sofrer atrocemente por um ato, cuja irreversibilidade, acarreta gravíssimas conseqüências. Na realidade, não existe fuga nem libertação no suicídio, mas a pior sujeição.

Segundo o Espírito Emmanuel, imediatamente a seguir ao desencarne, «a primeira decepção que os aguarda é a realidade da vida que se não extingue com as transições da morte do corpo físico, vida essa agravada por tormentos pavorosos, (...) suicidas há que continuam experimentando os padecimentos físicos da última hora terrestre, em seu corpo, (...) anos a fio». ¹⁰⁰

O maior sofrimento, ainda de acordo com o referido espírito, é o suicida «acompanhar, minuto a minuto, o processo da decomposição do corpo abandonado no seio da terra», adiantando, a seguir, que «de todos os desvios da vida humana o suicídio é, talvez, o maior deles pela sua característica de falso heroísmo, de negação absoluta da lei do amor e de suprema rebeldia à vontade de Deus, cuja justiça nunca se fez sentir, junto dos homens, sem a luz da misericórdia».

Embora se reconheça, conforme refere Kardec, que nem sempre é «voluntário o suicídio e que o louco que se mata não sabe o que faz» ¹⁰¹, excluindo esses casos excepcionais, o indivíduo que põe termo à vida, vai penar nas regiões mais sombrias do Astral, onde padecerá horríveis tormentos. Nessas regiões, devido à similitude de situações, esses infelizes concentram-se num lugar conhecido por vale dos suicidas, onde formam uma multidão de seres sofredores, despedaçados pela dor e pelos remorsos.

O suicida, quando lhe for dada oportunidade de terminar esse cativo, ingressará numa nova encarnação. Aí, será de novo colocado à prova, sendo que a tentação do suicídio lhe surgirá novamente no decurso dessa vida. Naturalmente que alguns sucumbirão a essa prova, mas outros conseguirão superá-la e avançar na senda do progresso.

Nem todas as almas que padecem nestas regiões são suicidas conscientes, ou seja, jamais intentaram pôr cobro à vida. No entanto, apesar de não o terem feito, incorreram sob outras formas em vícios ou atos de inútil temeridade que, inevitavelmente, encurtaram os propósitos de vida que lhes estavam destinados. Estes desencarnados são considerados suicidas inconscientes, pelo que poderão ter um tratamento semelhante ao dos suicidas conscientes, provavelmente com menor tempo de penitência e, talvez, menos sofrimento.

Uma outra forma igualmente tida como suicídio inconsciente relaciona-se com a força do pensamento e das palavras. Estar sempre a reclamar da vida, desejar morrer e alimentar outros pensamentos igualmente mórbidos, acaba por atrair a própria morte, arriscando-se o indivíduo que assim procede, a ter o mesmo destino dos suicidas conscientes.

Déspotas e assassinos

Nas desoladas regiões do Umbral tudo se assemelha à visão dantesca que se tem do Inferno. Por mais rebelde e velhaco que um espírito possa ser, outros bem piores e mais poderosos encontrará pela frente, podendo transformar a sua vida numa incessante tortura. Muitas das criaturas desterradas nesse mundo tenebroso passam a viver sob o jugo férreo dos Magos Negros e dos Quiumbas, entre outros opressores.

Alguns deles, tomados de pura alienação, autointitulam-se de justiceiros, como se fossem uma espécie de cavaleiros andantes das trevas. Na verdade, não passam de bandos de marginais que assumem essa designação para supostamente legitimarem os seus instintos de ódio e de vingança contra tudo e contra todos, perseguindo e torturando outros espíritos tão criminosos como eles.

A população de sofredores nas regiões umbralinas é muito elevada e o pior pesadelo, como sabemos, é a crença geral de que esse castigo é por toda a eternidade. Na realidade, o castigo nunca é eterno, graças à infinita bondade do nosso Criador, que apenas deseja que esses transviados se redimam e venham a ganhar progresso moral.

Nesse “vale de sombras” – nome usado pelo Espírito Pai Joaquim de Angola quando se referiu a essa região trevosa – as condições de vida são extremamente penosas para as almas aí cativas. Desde cruéis assassinos a tiranos, terroristas e toda a casta de malandros que se caracterizaram pela bestialidade, por aí vegetam, como turbas de infelizes, num mundo desolado, escuro e triste, como num terrífico pesadelo sem réstias de esperança.

Há condenados que, devido a uma anterior existência cheia de prepotência e

arrogância, recusam-se a aceitar o mal que provocaram, não se arrependendo. Enquanto persistirem nesse orgulho obstinado, o castigo será a recordação persistente e dolorosa do poder que desfrutaram no passado, em comparação com a sua situação atual – triste e insignificante. Essa humilhação é-lhes bastante penosa.

Transcrevemos dois casos relatados por Allan Kardec na “Revista Espírita” quando, em situações diferentes, se solicitou a presença dos espíritos de um soberano e de uma rainha.

Atente-se na soberba daquele que foi rei, ao invetivar os presentes num círculo espírita: «Credes (...) que se fosse voluntariamente, viria aqui, nesta casa de negociantes, em que talvez um dos meus súbditos não gostaria de morar? Eu não vos respondo; isso me lembra meu reino onde era tão feliz; eu tinha autoridade sobre todas as minhas gentes, agora é necessário que eu seja submisso».

Conquanto continue arrogante, o antigo monarca reconhece com bastante mágoa que já não tem nenhum poder e que ainda se vê obrigado a obedecer, o que para ele constitui o supremo vexame.

O segundo caso reporta-se a uma rainha que, quando encarnada, decerto não primou pela bondade. Sendo invocada, manteve o mesmo perfil altivo e impiedoso, embora admitisse com indisfarçável desgosto ter perdido a autoridade de outrora, conforme veio a confessar: «Não me interrogueis mais, pois me aborreceis; se tivesse ainda o poder que tive na Terra, vos faria muito se arreponderem, mas zombais de mim, da minha miséria, agora que não posso nada sobre vós; sou bem infeliz!»

Os reféns do vício

O infeliz que em vida se deixou contaminar por vícios – como o álcool e as drogas – vai enfrentar sérias dificuldades ao desencarnar, devido à dependência química de que não se libertou com a morte física. É provável, então, que fique a vaguar pelas regiões inferiores do astral, onde irá sofrer pela privação dos falsos prazeres a que se viciou quando vivia no mundo terrestre.

Na ânsia de saciar o vício, esse espírito só o fará quando se apropriar mentalmente de uma criatura viva que tenha idênticas preferências, da qual se servirá como um parasita que vive à custa do hospedeiro. Sustentando-se das mesmas sensações que essas substâncias provocam no encarnado viciado, o espírito induzirá a vítima a mergulhar cada vez mais no seu consumo, tanto mais que, como desencarnado, não corre riscos de doenças ou de perseguição policial, visto não pertencer ao plano físico.

Devido à sua insaciabilidade e exigindo cada vez mais “alimento”, esse perigoso obsessor arrastará o infeliz viciado a situações crescentemente degradantes e, frequentemente, ao crime e à própria morte. Aí, afasta-se enfastiado, pois o obsidiado deixou de lhe ser útil, pelo que, a partir dessa altura, apenas se preocupa em achar rapidamente um novo fornecedor que satisfaça as suas insaciáveis necessidades.

A vítima, entretanto, porque não se libertou da dependência química que a condenou – e, tantas vezes, à família que martirizou – irá muito provavelmente transformar-se num futuro obsessor, pelas mesmas razões que atraíram o anterior. Por esse fato, a população destes infelizes é cada vez maior, tal como numa epidemia em que a doença se propaga por contágio.

Esses espíritos doentes quando recolhidos pelas equipas de socorro são internados em centros de recuperação e de formação doutrinária. Posteriormente, reencarnam em novos projetos de vida, onde, quase certamente, terão de enfrentar situações relacionadas com o mesmo tipo de desvios que os condenaram no passado.

Devido ao pungente quadro dos reféns do vício, é particularmente triste quando temos de lidar com desencarnados que padecem desse mal, como foi o que sucedeu numa sessão espírita de desobsessão, quando um médium incorporou um dependente químico. Tratava-se de um alcoólatra.

O espírito, ao incorporar, implorou de imediato por bebida, curvando-se para a frente e para trás, dobrado pela dor e arfando com dificuldade. Não era agressivo, mas encontrava-se muito agitado, não apresentando lucidez no seu discurso, que se limitava a frases soltas, entremeadas de soluços e gemidos. Era patente o seu sofrimento. A respiração era ofegante, o corpo tremia com arrepios frios e o infeliz sugava o ar repetidas vezes, como uma cria que procura avidamente o mamilo materno. Parecia que tragava goles de ar, nessa sôfrega e inútil busca...

Este espírito tinha sofrido um desmame da bebida, ao ser bruscamente retirado do encarnado que obsidiava. Procurei consolar o sofrimento dessa pobre alma até ser encaminhada para um centro de recuperação no Astral.

Tratava-se de um obsessor que vampirizava um indivíduo alcoólatra, o qual se estava a transformar, cada vez mais, num farrapo humano. A cura deste irmão encarnado foi um processo difícil – dada a sua natureza rebelde e mais de vinte anos de apego ao álcool –, mas teve um final feliz, graças ao intenso e paciente trabalho promovido pelos maravilhosos Espíritos de Luz que nos ajudaram.

O obsessor recolhido e os demais obsessores que se lhe seguiram, até à definitiva cura do obsidiado, na realidade, não eram responsáveis pela sua dependência, apenas incrementavam-na – como oportunistas –, aproveitando-se dessa fraqueza da vítima para se nutrirem do mesmo alimento.

Não restam dúvidas de que um indivíduo viciado tem uma vida mais dolorosa na situação de desencarnado do que como encarnado, não apenas pelo elevado risco de ficar cativo nas regiões umbralinas, como também pela acrescida dificuldade em arranjar “doadores” disponíveis, já que a competição no baixo astral é tremenda.

Os casos de obsessão, sem quaisquer vínculos cármicos com o obsidiado, como o que acabámos de referir, são designados por alguns autores como formas de assédio espiritual, em que o assediador, por circunstâncias ocasionais, como a satisfação de um vício, se acopla a um indivíduo que também é dependente das mesmas substâncias químicas.

Esse tipo de assédio não se esgota apenas no quadro de dependências químicas, mas abrange todo o tipo de apegos excessivos, quando existe clara sintonia entre encarnado e desencarnado, como o irrefreável vício do jogo ou uma vida entregue a depravada luxúria, como veremos a seguir.

Obsessores sexuais

Um tipo de obsessão bastante comum é o assédio sexual provocado por espíritos de baixa vibração, que se acoplam como vampiros energéticos nos encarnados excessivamente libidinosos. Allan Kardec, na obra “O Livro dos Médiuns”, comenta que esses espíritos inferiores «pensam e agem como se ainda estivessem na vida física, tendo os mesmos desejos e quase poderíamos dizer a mesma sensualidade».

Esses fatos não se reportam apenas aos indivíduos que, depois de desencarnar, continuam ligados por fortes vínculos sexuais a um encarnado, como um ex-amante, por exemplo. São igualmente frequentes os relacionamentos ocasionais, ou seja, com pessoas desconhecidas, bastando haver afinidade nesse tipo de sensações físicas e, quase sempre, permissão do obsidiado, nem que seja de forma inconsciente, como nos sonhos eróticos.

O teósofo Charles Leadbeater, no livro “O Plano Astral”, levanta a questão dos íncubos e súcubos da Idade Média, os chamados «demónios da embriaguez, da gula, da luxúria e da avareza (...) cujas vítimas são incitadas por eles, com uma alegria cínica, a cometerem os piores crimes». Adianta, ainda, que o sofrimento desses espíritos é geralmente «horrível pelo fato de, conservando vivos os grosseiros apetites que os dominaram na terra, lhes é impossível agora satisfazê-los, exceto, uma vez por outra, quando conseguem apoderar-se de uma criatura viva, com vícios iguais aos seus, e obcecá-la completamente».

A crença dos íncubos e súcubos – demónios sexuais nas versões masculina e feminina, respetivamente – povoaram durante séculos o imaginário popular de muitas regiões da Europa medieval. As gestações de origem misteriosa – sem paternidade conhecida – serviam muitas vezes para encobrir o verdadeiro culpado, dado que a responsabilidade dessa gravidez era atribuída aos íncubos, fato que permitia à gestante e à sua família resguardarem-se de uma situação

social muito constrangedora.

Na realidade, essas espécies de sátiros foram o bode expiatório de muitos incestos – de donzelas engravidadas pelos pais – e de infidelidades conjugais – quando os maridos regressavam de longas campanhas militares e se davam conta de que tinham ganho mais um descendente...

As crianças nascidas nessas condições ou que apresentassem qualquer tipo de deficiência eram suspeitas de serem filhas de um íncubo. Nessa época, considerada por muitos historiadores como a “idade das trevas”, tudo que fosse estranho ou incompreensível era visto como bruxaria ou obra demoníaca. Conseqüentemente, quando uma gravidez inexplicável ocorria no seio de uma respeitável família, a responsabilidade quase sempre recaía sobre essas criaturas sequiosas de sexo – os íncubos – que, pela calada da noite, violavam as pobres vítimas. Era frequente, então, os pais ou os maridos recorrerem aos bons ofícios dos padres das vilas e aldeolas que, mediante práticas exorcistas, extirpavam o suposto demo das mulheres possessas.

Os termos íncubos e súcubos, na realidade, referem-se a obsessores sexuais que, antes de desencarnarem, foram indivíduos profundamente apegados à volúpia da carne, nomeadamente a todo o tipo de perversão sexual. Podem atuar através dos sonhos ou obsidiando diretamente um homem ou uma mulher que, com eles, apresenta afinidade.

O famoso investigador espírita Hernani Andrade, num artigo publicado pela “Folha Espírita”, refere um caso muito curioso de obsessão sexual. Após várias tentativas de assédio sexual, uma jovem acabou por ser subjugada por um íncubo. Durante algum tempo essa mulher serviu os intentos desse obsessor, até que se conseguiu libertar, a partir do momento em que ganhou um maior desenvolvimento mediúnico no centro espírita que frequentava.

Agora, o que foi um dado intrigante para o referido investigador e, reconhecamos, para todos nós, foi o fato da jovem se ter tornado numa médium dedicada e o íncubo... se ter regenerado, convertendo-se no diligente guia espiritual da mulher que, tempos atrás, era objeto do seu assédio.

Que insondáveis mistérios poderão estar por detrás de tão estranha ligação e, sobretudo, dessa transformação imprevisível em que um espírito obsessor se converte numa entidade do bem? É uma pergunta que fica sem resposta...

Outras questões que não têm resposta, pelo menos para o nosso conhecimento, são as relacionadas com o relato de pessoas que asseguram ter relacionamentos sexuais – físicos, entenda-se – com companheiros que já morreram.

Tivemos oportunidade de conhecer um desses casos com uma mulher que enviuvara recentemente e que garantia manter relações regulares com o falecido marido, tal como se ele ainda estivesse vivo. Essa mulher não apresentava comportamentos de pessoa desequilibrada, nem parecia ser mistificadora. A ser verdade, é como se o corpo astral do desencarnado se materializasse nessas invulgares circunstâncias e tivesse tangibilidade para a concretização desse ato.

De qualquer forma, a referida senhora foi aconselhada a não alimentar esse relacionamento e a recorrer a um bom centro espírita – kardecista ou umbandista. Uma situação dessas em nada contribui para a elevação do falecido, nem para ela, pois é uma relação contranatura, de um espírito ignorante que persiste em viver no limbo da ilusão e dar largas aos seus instintos carnis num plano que já não lhe pertence.

Parasitismo ovoide

Uma forma de vampirismo pouco conhecida, mas de efeitos devastadores, é o parasitismo de ovoides, fenómeno provocado por indivíduos que alimentam incessantemente os mesmos sentimentos, sejam eles de profundo ódio ou de obcecado apego.

Ao desencarnar, transportam essa fixação doentia para o plano astral, provocando o definhamento do perispírito que, perdendo a forma humana, se vai contraindo até ficar reduzido a um pequeno corpo de aparência oval – o ovoide.

O Espírito André Luiz, na obra “Evolução em Dois Mundos”, psicografada por Chico Xavier, explica que a transmutação do corpo astral desses infelizes se deve à ideia fixa de quererem fazer «justiça pelas próprias mãos ou [viverem] confiados a vicioso apego». Quando desencarnados «envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto da calculada atenção e, auto-hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infinitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação monoideística (ficam obcecados por uma só ideia), fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual (...), assemelham-se a ovoides, vinculados às próprias vítimas».

Sentimentos de extremo ódio constantemente alimentado e apegos exacerbados por alguém ou alguma coisa – numa fixação doentia – estão muitas vezes na origem de monstruosas transmutações no corpo astral.

Segundo Gilson Teixeira Freire, médium e médico homeopático, na obra “Ícaro Redimido” por si psicografada, «o ovoide é uma verdadeira regressão biológica (...) [em que] a configuração humana se contrai inicialmente (...) até que se

estaciona em sua forma final, assemelhando-se a uma mórula embrionária agigantada, pois guarda dimensões que variam entre as de uma laranja e as de um crânio de recém-nascido. A alta densidade da psicofera (aura) envolve-o em uma névoa, tornando-lhe os contornos imprecisos e emprestando-lhe um aspeto gelatinoso (...) quando não tem um hospedeiro, o ovoide verte uma secreção pegajosa, que o ajuda a fixar-se em qualquer superfície em que esteja. Através de uma ventosa ele se alimenta de vibrações».

Mais adiante, o citado autor explica que para ocorrer parasitose é necessário existir «sintonia entre a vítima e o algoz», pelo que há ovoides tão intimamente acoplados aos hospedeiros desencarnados, que reencarnam juntamente com eles, provocando-lhes grandes danos, sendo que nos planos trevosos esses parasitas «são temidos e usados como verdadeiras armas de persuasão por espíritos com intenção de domínio, que podem aplicá-los tanto em encarnados quanto em desencarnados».

Finalmente, Gilson Freire esclarece que esses infelizes seres transmutados em ovoides, quando em tratamento espiritual, são alvo dos melhores cuidados por parte de médiuns e entidades espirituais, graças à misericórdia de Deus, que a nenhum dos seus filhos abandona.

Os ovoides são frequentemente usados pelos Magos Negros e outros seres umbralinos – como os obsessores – para flagelar as suas vítimas, sendo que esses parasitas se agarram a elas como vampiros sedentos de energia. Sob a ação persistente dos ovoides, o corpo espiritual dos hospedeiros vai perdendo as suas resistências, até soçobrar e ficar à mercê desses agentes trevosos.

Instalada a parasitose pela via astral, os obsessores passam a dominar o encarnado, incutindo-lhe todo o tipo de sensações, obviamente nocivas, além de atuarem no corpo físico, provocando-lhe insanáveis danos, nomeadamente no cérebro. A par dessa ação demolidora, prossegue a intensa atividade dos ovoides que, como máquinas incansáveis, continuam a sugar o obsidiado, debilitando-o

cada vez mais.

Quando se torna possível libertar o hospedeiro desses mortíferos parasitas – mediante a extração dos ovoides do corpo astral da vítima – é provável que no corpo físico possam subsistir lesões irreparáveis. Nestas situações, só haverá recuperação do indivíduo pela via da reencarnação, ao desencarnar e reingressar num novo corpo físico.

A melhor forma de nos precavermos e evitar todo o tipo de intrusões do baixo astral – obsessores, ovoides etc. – é assumirmos uma postura de higiene espiritual irrepreensível.

O Espírito André Luís, na citada obra “Evolução em Dois Mundos”, oferece-nos preciosa informação de como lidar preventivamente contra este tipo de parasitismo, assim como de qualquer outra influência maligna.

Adverte-nos, porém, que todos os sofrimentos a que estamos sujeitos inserem-se na lei de ação e reação – a lei do carma – que «a cada um confere hoje o equilíbrio ou desequilíbrio por suas obras de ontem», pelo que um obsessor é, regra geral, um “cobrador” que vem do passado, alguém que se sente injustiçado e quer desforrar-se relativamente a algo que lhe fizemos numa qualquer vida anterior.

Sobre como lidar com esse tipo de situação, André Luís defende que se a medicina tem meios terapêuticos contra o parasitismo no corpo físico, também «qualquer criatura encontra, na aplicação viva do bem, eficiente remédio contra o parasitismo da alma. Não bastará, porém, a palavra que ajude e a oração que ilumina». É necessário que a vítima do obsessor reveja os seus próprios erros e pratique o «amor puro aos semelhantes, com educação e sublimação de si mesmo, porque só o exemplo é suficientemente forte para renovar e reajustar».

A prática do bem «produz vigorosos fatores de transformação sobre aqueles que nos observam», sobretudo os desencarnados que nos perseguem espiritualmente. Como «as nossas demonstrações de fraternidade inspiram nos outros pensamentos edificantes e amigos», esse comportamento acaba por modificar «nos desafetos mais acirrados, qualquer disposição hostil a nosso respeito».

Procedendo dessa forma, diz-nos André Luís, não é necessário «aguardar reencarnações futuras, entretecidas de dor e lágrimas, em ligações expiatórias, para diligenciar a paz com os inimigos trazidos do pretérito, porque, pelo devotamento ao próximo e pela humildade realmente praticada e sentida, é possível valorizar nossa frase e santificar nossa prece, atraindo simpatias valiosas, com intervenções providenciais, em nosso favor».

Deste modo, reparando-nos «para o melhor, os nossos adversários igualmente se desarmam para o mal, compreendendo, por fim, que só o bem será, perante Deus, o nosso caminho de liberdade e vida».

Os egoístas

Num grau inferior de faltas graves, mas que engloba considerável número de sofrendores, estão aqueles que em vida não praticaram o mal, mas também não praticaram o bem, mostrando-se indiferentes às necessidades alheias. São os egoístas, indivíduos que apenas se preocuparam com eles próprios, colocando os seus interesses acima de tudo e de todos.

Alguns deles conseguiram ser ainda mais individualistas que os tradicionais egoístas, como os egocêntricos e os narcisistas, que viveram exclusivamente para alimentar o seu insaciável Ego, cada vez mais exigente nos seus fúteis caprichos.

Pessoas como estas, afinal, que desempenho útil tiveram na sua vida carnal? Ganharam virtudes, resgataram carmas, foram caridosas e humildes? Decerto que não.

Todo o egoísta tem um comportamento condenável, porque «não fazer o bem já é um mal»¹⁰² em si. Sendo a caridade um atributo requerido para a evolução do espírito, uma existência desperdiçada de forma egoísta – apenas virada para a satisfação de si próprio –, sem nutrir quaisquer sentimentos de amor e de generosidade para com os semelhantes, quando essas oportunidades se foram proporcionando ao longo da vida, é negar o princípio divino da fraternidade.

Segundo o espírito Pai João de Aruanda, no livro “Legião”, de Robson Pinheiro, os egoístas, como forma de expiação, «misturam-se com a multidão de seres e confundem-se com os Quiumbas, arrastando-se por entre a turba de marginais do astral», porque em vida «não assumiram uma posição clara e resoluta».

Seres não-humanos

ANJOS E SERES ANGELICAIS

Os Anjos – designação que, num sentido amplo, contempla todos os seres angelicais – são maravilhosas entidades celestiais que representam o mais elevado sistema evolutivo criado por Deus.

Verdadeiros assessores das decisões divinas em todos os planos do Universo, os Anjos são seres muito poderosos que estão presentes em todas as religiões.

Mensageiros zelosos das diretivas de Deus, têm bastante influência nas esferas física e extrafísica de todo o Cosmos, havendo grande diversidade de seres angelicais, desde os pequenos construtores de estruturas físico-etéreas, até aos gigantescos Arcanjos, responsáveis por galáxias inteiras. Estas entidades garantem a ordem do Universo – de todos os Universos, melhor dizendo – além de desempenharem um importante papel na evolução da humanidade.

No imaginário popular e em quase todas as manifestações artísticas, os Anjos são seres de imensa formosura, vestidos de túnica branca, apresentando-se muitas vezes com longas asas nas costas e uma auréola em torno da cabeça.

Estes portentosos seres irradiam luz de brilhantíssima alvura, devido à sua resplandecente energia de origem divina. Além de se manifestarem na habitual forma masculina, os Anjos podem vir como inocentes crianças e, numa visão alegórica, com pequenas e graciosas asas, tal como são retratados nas iconografias renascentistas.

Como seres da mais elevada hierarquia espiritual, têm o privilégio de conhecer e

admirar diretamente o Criador, acedendo ao Seu infinito amor e sabedoria, pelo que desfrutam permanentemente da bênção divina, fato que os habilita a ter diversos poderes sobrenaturais como os de operar milagres.

Os Anjos no cristianismo

Os seres angelicais são conhecidos nas religiões cristãs por Serafins, Querubins, Arcanjos e Anjos, entre outras designações, sendo os Serafins a ordem mais elevada.

Os anjos raramente se manifestam aos seres humanos, apenas em situações excepcionais e relacionadas com eventos de grande importância, como na Anunciação, quando o Anjo Gabriel revelou à Virgem Maria que ela iria ser a mãe de Jesus Cristo.

Na Bíblia há diversas alusões sobre anjos que, como mensageiros celestiais, vieram transmitir ao homem avisos, ordens ou recomendações divinas. Outras vezes, conforme nos revela o Antigo Testamento, desceram na Terra para cumprir missões, como a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, nos tempos de Abraão. Das quase trezentas citações de anjos na Bíblia, apenas são identificados os Anjos Miguel, Gabriel e Rafael.

Os anjos não se fizeram anunciar apenas nos tempos bíblicos, na medida em que há vários exemplos contemporâneos, como o Anjo da Paz em 1916, que precedeu as aparições de Nossa Senhora de Fátima aos três pastorinhos.

Os Anjos nas outras religiões

Os Anjos apresentam-se com diversas designações e diferentes características, mas a ideia de possuírem imenso poder e de serem representantes divinos é praticamente comum a todas as religiões e doutrinas espiritualistas.

No Hinduísmo e no Budismo são identificados como Devas, embora entre essas religiões haja apreciáveis diferenças; no Islamismo consideram-se diversas ordens de Anjos, sucedendo que o próprio Profeta Maomé foi várias vezes visitado pelo Anjo Gabriel.

No Kardecismo são almas humanas muito evoluídas que, por esse fato, usufruem de prerrogativas idênticas às dos Anjos do cristianismo. Na Umbanda defende-se a existência desses seres angelicais e cultuam-se os Orixás, que são manifestações divinas associadas às forças da Natureza; na Teosofia e no Rosacrucianismo, entre outras correntes espiritualistas, os Anjos são considerados mensageiros de Deus.

O Anjo da guarda

Na tradição cristã, o Anjo da guarda é um protetor angélico, que auxilia e acompanha um indivíduo desde o seu nascimento até ao final da sua existência terrena. Esse ser divino aconselha o protegido a agir cristãmente na longa e perigosa jornada da vida, defendendo-o, também, das investidas do mal.

A crença de um protetor espiritual destinado exclusivamente a cada um de nós é, grosso modo, partilhada por todas as crenças religiosas. No Kardecismo, o Anjo da guarda não é um ser angelical, mas a alma evoluída de uma criatura humana – um Espírito Guia – que, ao se ocupar de um encarnado, também procura ganhar méritos espirituais com esse trabalho de caridade.

Na perspetiva Teosófica, que admite a existência de diversos tipos de seres angelicais, o Anjo da guarda é uma espécie de Elemental ligado ao reino do ar – um Silfos – e que se associa a um ser humano aquando do seu batismo, assumindo-se como seu protetor. Cumprida a missão, o Elemental ascende a Serafim.

Algumas correntes espiritualistas defendem que o Anjo da guarda pode ser, também, uma forma-pensamento. Criado pelo próprio indivíduo, como uma imagem da presença de Deus, esse pensamento converte-se num protetor psíquico muito poderoso se o devoto estiver devidamente concentrado nesse objetivo e, naturalmente, se tiver fé e merecimento.

Na Umbanda não existe propriamente um modelo único de Anjo da guarda. A maioria dos umbandistas defende a sua existência em moldes idênticos aos dos católicos, ou seja, o Anjo da guarda é um ser angelical que, mercê da benignidade de Deus, tem como missão a proteção física e moral de cada um de

nós. Há, também, quem se reveja nas teses kardecistas, identificando o Anjo da guarda como um espírito evoluído que assume a missão de protetor individual.

Finalmente, há quem considera o Anjo da guarda como sendo o Espírito do próprio indivíduo, que aconselha e protege o seu corpo físico, desde que haja mérito da sua parte.

Seja como for, o Anjo da guarda é sempre um aliado divino, um amigo e um protetor indispensável no dia a dia de qualquer um de nós.

Nos rituais espiritualistas, a presença do Anjo da guarda ainda é mais necessária, dado que a sua invocação e a oração que lhe é dedicada – com verdadeiro fervor religioso – confere proteção aos médiuns, nomeadamente nas incorporações e nos demais trabalhos mediúnicos.

Os Orixás

Todo o Universo mantém-se ativo e em equilíbrio graças às energias da Natureza, as quais, através de complexas transformações físico-químicas, criam condições adequadas para a formação e manutenção da vida de inúmeros orbes, entre os quais o planeta em que vivemos, a Terra.

Os seres humanos, tal como todas as formas de vida, apoiam-se nas estruturas e energias assim geradas, que são berçários de múltiplos organismos que nascem, vivem e evoluem em milhões de planetas. Associados a esses fenómenos redentores – como um dinâmico laboratório físico/etéreo – ocorre a indispensável intervenção de seres espirituais, responsáveis pelo fornecimento e manipulação do fluido vital.

Esses seres espirituais, imprescindíveis no manuseio das energias multidimensionais, vão desde os pequenos Elementais, aos poderosos Orixás, que são emanações cósmicas de origem divina e que se assemelham, de alguma forma, aos Anjos de outras culturas e religiões. Segundo o investigador Alexandre Cumino¹⁰³, os Orixás podem ser entendidos «como Anjos, para Deus e para nós, as diferenças são poucas, pois ambos são manifestadores do sagrado e do divino».

Sobre o importante papel dos Orixás no progresso físico e espiritual do ser humano, o Espírito Ramatís explica que essas entidades «propiciam a manifestação do Incriado (Deus) nos planos concretos das formas, interpenetrando e se fazendo sentir por meio dos corpos sutis e chakras dos terrícolas, condição indispensável à evolução da coletividade espiritual retida no Planeta Azul». ¹⁰⁴

Embora a designação Orixá tenha origem em ancestrais cultos africanos, com os seus rituais místicos conceptualizados numa visão antropomórfica – como se essas entidades divinas espelhassem os comportamentos e tendências viciosas do ser humano –, os Orixás na Umbanda não têm nada de comum com semelhantes mitos, obviamente primitivos, mas ainda defendidos nos dias de hoje por algumas pessoas menos esclarecidas.

Sobre esse conceito, profundamente errado, Vovó Maria Conga, na obra “Evolução no Planeta Azul”, comenta que não se pode concordar «com as personalidades agressivas, volúveis, sensuais, vingativas [dos Orixás] (...) que foram utilizadas pela tradição oral (...) dos cultos africanistas mais remotos», acrescentando que nos tempos atuais continua a haver muita gente que tem essa opinião sobre os Orixás.

Mais adiante, o citado Espírito refere que a «manifestação da vida em todo o Universo tem a influência dos Orixás, como se fosse o próprio hálito de Deus (...) [e que os Orixás são] regentes ou senhores das energias em cada Universo dimensional manifestado, mas não [são] as próprias energias».

Sendo vibrações cósmicas de enormíssimo poder, os Orixás jamais descem num terreiro para incorporar, pois nenhum médium resistiria a tão fantástica energia. O que sucede nos terreiros umbandistas é a incorporação de falangeiros, que são espíritos muito puros e que trabalham sob a regência de um determinado Orixá, representando-o.

Seres não-humanos

SERES ENCANTADOS

Os Encantados são entidades misteriosas que se manifestam em praticamente todas as culturas humanas, sendo referidos em muitas lendas de cunho popular.

Não existe, porém, uma gênese que lhes seja comum, pois se há Encantados que nunca tiveram vida física, nem jamais a terão, como os Exús Mirim ¹⁰⁵, outros há que, estando encarnados – vivos, no sentido lato –, transitaram por encantamento para outra dimensão, sem que para isso tenham perecido em termos carnis, como os Mestres da Jurema ¹⁰⁶, antigas personalidades ilustres do Catimbó¹⁰⁷.

Segundo José Bairrão ¹⁰⁸, Jurema é «o “mundo espiritual” de onde provêm os Encantados – espíritos muito evoluídos, que não fazem mais parte do processo de reencarnação».

Em países como Portugal e Brasil, os Encantados são considerados seres que vivem nos bosques, nas fontes e lagos, nos céus e nas águas, entre outros lugares. Essa ideia, semelhante em muitos aspetos ao conceito que deles faz a profícua mitologia europeia, pode estabelecer alguma confusão entre Encantados e Elementais. Os Encantados, de fato, podem estabelecer o seu habitat na Natureza – no plano extrafísico, naturalmente –, tal como os Elementais, mas são entidades que pertencem a um grau evolutivo superior e que desempenham um papel muito diferente.

Faremos uma pequena preleção sobre alguns tipos de Encantados, conforme as tradições populares que a eles se referem, uns, mais do ponto de vista etnográfico, como as Mouras Encantadas, outros, porque se inserem num contexto religioso com profundas ligações à Umbanda e à Jurema, entre outras religiões.

As Mouras Encantadas

Na Europa ocidental existem inúmeras lendas sobre as Mouras Encantadas, usualmente consideradas como génios maldosos que têm à sua guarda preciosos tesouros ocultos.

No âmbito da cultura portuguesa, que teve mais de cinco séculos de influência árabe, tem-se uma visão mais favorável sobre estas criaturas, porquanto são vistas como reféns de um sortilégio do qual se querem libertar.

Reza a tradição que as Mouras Encantadas suplicam aos viajantes que vão saciar a sede nas fontes onde estão cativas, que as libertem do encanto, prometendo grandes riquezas a quem quebrar o feitiço. As mouras também aparecem nos rios, poços e cavernas, entre outros locais e, segundo essas lendas, mudam de aparência quando querem.

De acordo com o notável erudito português Leite de Vasconcelos ¹⁰⁹, as encantadas «são seres obrigados por oculta força sobrenatural a viverem em certo estado de sítio como que entorpecidos ou adormecidos, enquanto determinada circunstância lhes não quebrar o encanto».

Geralmente esse encanto é obra de um homem – o marido, o pai ou o irmão – sucedendo que apenas os mouros têm o poder de encantar as mouras. Associado a esse sortilégio está a guarda de um tesouro que lhes é confiado. O feitiço, segundo a tradição popular, só pode ser quebrado no dia de São João.

Encantados que nunca encarnaram

São entidades espirituais que apresentam um comportamento tão próprio do ser humano que, para um leigo, se torna difícil acreditar que nunca encarnaram. Na verdade, não tiveram vida carnal nem jamais a terão, processando-se a sua evolução por outros planos que não pelo mundo físico.

Referimo-nos, entre outros, aos Exus Mirim que trabalham nas falanges da Umbanda e que, mercê de características muito peculiares, movimentam-se com extrema facilidade pelas diferentes dimensões do mundo astral – algumas delas inacessíveis a outros espíritos –, fato que os converte em preciosos auxiliares no combate às forças do mal.

A personagem feminina é a graciosa Pombagira Mirim, sendo a falange de mirins masculinos e femininos constituída por espíritos que são ou que se apresentam como adolescentes. Apesar do arquétipo de adolescentes – joviais e brincalhões –, tanto as Pombagiras Mirim, como os Exus Mirins, apresentam admirável sabedoria e maturidade.

Outro grupo de Encantados que cativa pela alegria contagiante e pureza de sentimentos é o das Crianças, também conhecido por Erês, que se manifestam igualmente nas tendas umbandistas a favor da caridade.

Comportam-se como meninos e meninas de tenra idade, sendo a sua incorporação tão forte e natural que, mesmo um médium habitualmente sisudo, quando incorporado, parece transformar-se numa criança, tal é a energia radiosa e envolvente destes pequenos seres tão carinhosos.

Na realidade, são entidades muito evoluídas, dotadas de grande poder mágico e que, entre brincadeiras e atitudes infantis – como chupar balinhas, rir muito ou brincar com bonecas e carrinhos – realizam nesse ambiente divertido maravilhosos trabalhos de cura e de limpeza psíquica. As Crianças são na sua maioria Encantados, pois nunca encarnaram nem irão encarnar, tal como os Exus Mirim.

Na falange dos Erês também há crianças que vieram do mundo carnal para o plano astral e que aí vivem em colônias onde reina a paz, o amor e a alegria, podendo incorporar como Erês e praticar trabalhos de cura e de caridade.

Humanos que viraram Encantados

Segundo o sociólogo Reginaldo Prandi, na obra “A Dança dos Caboclos”, os Encantados são «espíritos de homens e mulheres que morreram ou então passaram diretamente deste mundo para um mundo mítico, invisível, sem [terem] conhecido a experiência de morrer, [por isso se diz] que se encantaram». Estes seres encantados, quando é solicitada a sua presença, descem nos lugares de culto para auxiliar os Pajés nos trabalhos de prevenção e cura de doenças das populações locais.

Nas regiões do nordeste brasileiro, os Encantados estão intimamente ligados às forças da Natureza, nomeadamente a uma árvore sagrada – a Jurema – que emprestou o seu nome à religião que a inclui no seu ritual. Da casca dessa árvore fabrica-se uma bebida mágica que, através da música, da dança e do transe do médium, conduz ao contato com seres do mundo espiritual. O grande poder da Jurema foi fortemente acrescido pela influência do catolicismo, devido a essa árvore, segundo a tradição, ter servido de refúgio a Jesus Cristo na fuga para o Egito.

É no contexto desta riqueza mística, do sincretismo religioso, da fantástica transmutação do ser humano em Encantado e dos mistérios da manipulação das energias livres e poderosas da Natureza, que proliferam diversos tipos de encantaria, sendo a sua maioria inspirados em cultos xamânicos ¹¹⁰.

Algumas religiões, como a Jurema, dão lugar à manifestação de Encantados que, pela experiência adquirida em pretéritas existências carnavais e pelos conhecimentos mágicos que possuem, realizam curas prodigiosas e aconselham com sabedoria os consulentes que a eles recorrem para resolução dos muitos problemas que os afetam.

Esses Encantados são os Mestres da Jurema que, quando viviam num corpo físico, tiveram um encantamento que os levou, como que por milagre, para o mundo espiritual – a Jurema –, onde vivem atualmente como Encantados e de onde saem para incorporar e atender o público.

Seres não-humanos

ESPÍRITOS DA NATUREZA

Também conhecidos por Elementais, os Espíritos da Natureza são seres astrais dotados de individualidade e inteligência, e que desempenham um papel de extrema importância na dinamização das energias físico/etéricas e na construção organizada dos elementos naturais.

Desde épocas remotas que os Elementais são conhecidos por povos de diferentes culturas – como nas antigas civilizações orientais, egípcia e grega, entre outras –, tendo entrado no imaginário popular como divindades da Natureza, pelo que são venerados em muitas religiões e cultos animistas.

Numa passagem de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, foi colocada esta questão a um Espírito de Luz: «A mitologia dos antigos [acreditava que havia espíritos] encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir ao fenómeno da vegetação etc. Semelhante crença é totalmente destituída de fundamento?», ao que esse sábio espírito respondeu: «Tão pouco destituída é de fundamento, que ainda está muito aquém da verdade».

De fato, os Elementais – pois é a eles que o espírito se refere – atuam sobre todos esses fenómenos e em muitos outros, cujo conhecimento não era permitido saber ou divulgar na época de Kardec, nomeadamente no contexto dos trabalhos do ilustre codificador da doutrina espírita.

Esses seres maravilhosos vivem nos quatro reinos da Natureza, mas em dimensões que nos são inacessíveis, embora haja raros casos de serem vistos por seres humanos.

Desses habitats que lhes são próprios, têm a capacidade de sair e intervir no mundo físico, como na gênese dos seres vivos, na intensidade das chuvas e dos ventos, na formação de rochas e cristais, na força das correntes oceânicas, enfim, em todos os fenômenos mecânicos e naturais que, além das causas físicas e químicas do nosso plano material e que lhes estão subjacentes, carecem do concurso vital das energias fluídicas das regiões astrais que esses seres recolhem e manipulam com maestria.

Os Elementais também são poderosos agentes das entidades espirituais que os utilizam para inúmeras tarefas, como nos trabalhos preparatórios de uma tenda umbandista, conforme nos revela o Espírito Ramatís: «Do lado astral, as falanges de trabalhadores já haviam chegado muito tempo antes dos médiuns e preparado o ambiente fluidicamente. Uma varredura energética havia sido feita pelos Elementais (...) fazendo toda a matéria astralina densa que ali se encontrava ser transmutada, permitindo a chegada dos espíritos trabalhadores»¹¹¹.

Há diversas espécies de Espíritos da Natureza, mas nenhum deles pode viver no ambiente etéreo de outra classe de Elementais. O médico e alquimista Paracelso (1493-1541) ¹¹², na sua obra “Philosophia Occulta”, revela que «o Elemento está para o Elemental, como a atmosfera está para o Homem; como a água para os peixes e nenhum deles sobrevive em elemento pertencente à outra classe. Para o Ser Elemental, o Elemento no qual ele vive é transparente, invisível e respirável, como a atmosfera para nós mesmos».

Ainda de acordo com o referido autor, estas pequenas criaturas apresentam algumas semelhanças com os seres humanos, como o fato de poderem contrair doenças e serem mortais. No entanto, há Espíritos da Natureza que podem alcançar períodos de vida extremamente longos, de três séculos a um milénio – como os Elementais do ar que atingem idades muito avançadas, devido ao pouco ou nulo atrito do habitat em que vivem.

Porque os Elementais são formados por um único elemento, o éter (ou ether) – considerado neste contexto como fluido cósmico – a velocidade vibracional destes pequenos seres é mais elevada do que a do mundo material. Como os planos físico e extrafísico se permeiam, mas não conflitam entre si – não se chocam – os Elementais não são afetados por agentes físico/químicos, como o fogo, a água, o ar ou qualquer outro elemento ou substância pertencente ao nosso mundo terreno.

Embora vivam em planos diferentes, alguns Elementais têm a capacidade de se materializar no mundo físico, mas costumam evitar o contacto com o homem, por se sentirem perturbados pelas vibrações mais densas dos humanos e pelas suas intenções e condutas viciosas.

No entanto, a influência direta que essas criaturas astrais têm sobre o homem e o importante papel que este desempenha no seu desenvolvimento, é-nos revelada pelo investigador argentino Lívio Vinardi ¹¹³, ao considerar que «o Elemental enriquece e potencializa a energia vital do ser humano, dando-lhe o seu elemento; enquanto o ser humano, por sua própria vibração e inteligência, faz o Elemental ficar mais inteligente». Como consequência deste inter-relacionamento – discreto, mas profícuo – ocorre uma evolução conjunta, fazendo com que homem e espíritos da Natureza retirem mútuo proveito e se tornem indissociáveis.

O médico e metafísico espanhol Gerard A. Vincent Encausse, mais conhecido nos meios ocultistas por Papus (1865-1916), refere que o atributo mais importante desses seres é «animar instantaneamente as formas de substância astral que se condensa à sua volta». Ainda de acordo com Papus, os Elementais têm um aspeto «variável e estranho, ora são como uma multidão de olhos fixos sobre um indivíduo, ora se apresentam como pequenos pontos fixos e luminosos, rodeados de aura fosforescente».

Charles Leadbeater, no livro “Os Espíritos da Natureza”, descreve-nos os

Elementais como sendo dotados «de poderes sobrenaturais associados ao poder mágico da Mãe Natureza (...) Acredita-se que tais seres têm o poder de interferir de forma mágica no destino das pessoas, porque são coirmãos na Natureza».

Mais adiante, revela-nos que os Elementais são «tão sensíveis quanto influenciados pela emoção e pelos pensamentos (...) são seres puros, poéticos, paradoxais e muito, muito sábios... porque isentos de Ego...».

O filósofo Jorge Angél Livraga ¹¹⁴, fundador da organização internacional “Nova Acrópole”, na sua obra “Os Espíritos Elementais da Natureza”, refere que o conhecimento da existência destes seres é milenar e que já faziam parte da tradição de diferentes povos «tanto na Europa central do séc. XV, como no coração da Índia no segundo milénio a.C.».

Como muitos desses povos não se conheciam nem suspeitavam das suas mútuas existências, o fato de «haver tantos pontos de coincidência [nessas] descrições, nos leva a afastar toda hipótese de casualidade», conclui o insigne autor.

Qual é a origem dos Elementais?

Conquanto seja relativamente escassa a informação sobre estes admiráveis Espíritos da Natureza, parece ser certa a ideia de que os Elementais têm origem na mónada ou centelha divina emanada pelo Criador – uma espécie de princípio divino que pode conduzir à formação da alma, como corpo imaterial inteligente e individual. A centelha divina, no seu processo evolutivo e para chegar aos planos mais elevados de um espírito puro, terá de passar por fases sucessivas de integração e “vivência” nos reinos mineral, vegetal e animal.

Finalmente, como derradeira etapa nesta jornada no mundo físico, a centelha divina transmigra do estado animal para o estado hominal, convertendo-se em Espírito ao encarnar no homem. Este, também será objeto de múltiplas existências, através das reencarnações, que visam a sua purificação e progresso espiritual.

Da mesma forma se processa a transmigração da centelha divina do estado elemental para o estado hominal, até se converter em Espírito, quando o Elemental encarna como ser humano.

Segundo o Espírito Ramatís ¹¹⁵, os Elementais são «centelhas de vida individualizadas, com uma etapa primária de evolução cumprida e outra maior e mais rica a ser vivida [como seres humanos]. São, portanto, espíritos em escala sub-humana de evolução» e comportam-se como «crianças espirituais e isto pode ser sentido ainda na vibração de simplicidade», comum nos povos primitivos.

Os Reinos dos Elementais

REINO DA ÁGUA, DO AR, DA TERRA, DO FOGO

Os Elementais são classificados em quatro grupos da Natureza – ou Elementos, numa visão imaterial –, designados como reinos da água, do ar, da terra e do fogo.

Reino da Água

Os Elementais da Água vivem no elemento água, mas numa dimensão espiritual impercetível, que se designa por éter líquido ou húmido. Uma das características que é comum aos espíritos deste reino é a extraordinária beleza das entidades femininas, sendo que não são conhecidos seres do sexo masculino. No entanto, caso o desejem, podem assumir temporariamente a figura humana de homem ou mulher.

Estes Espíritos da Natureza interagem diretamente com as criaturas aquáticas, possuindo grande poder no elemento água. Aí residem nas concavidades de corais e rochas marítimas ou entre a vegetação de lagos e cursos de água doce.

Consoante o meio em que vivem – rios, cascatas, oceanos etc. – apresentam formas e características diferentes, sendo as Sereias, as Ninfas e as Ondinas as entidades mais conhecidas.

São seres que nos ajudam a manter os corpos astrais em equilíbrio e que despertam a intuição e a criatividade artística, estimulando e aprimorando as nossas capacidades sensitivas de modo a fazermos melhor uso da inteligência emocional.

Não foi por acaso que o grande poeta português Luís de Camões a elas se referia, quando invocava as Tágides – as Ninfas do Rio Tejo – para o inspirarem enquanto compunha “Os Lusíadas”, a obra-prima que o imortalizou.

Sereias

São graciosos seres que se manifestam com corpo de mulher e cauda de peixe. Conhecidas pelo seu melodioso canto – irresistivelmente fascinante – as Sereias têm a injusta reputação de seduzir navegadores e marujos que, enfeitiçados pelo seu encanto, são atraídos para as profundezas dos mares, onde perecem afogados. Trata-se de antigas lendas com séculos de existência e que ainda fazem parte da crença popular de algumas regiões costeiras.

Na verdade, estas encantadoras e emotivas criaturas têm um comportamento amigável com o homem, sendo reportados vários casos de ajuda e colaboração com os humanos. O habitat destes formosos seres são os mares e oceanos de todo o mundo, onde se movimentam livremente.

Ondinas

Vivem nas águas doces – rios, lagos e cachoeiras, entre outros –, assim como na folhagem das plantas, quando cobertas de chuva ou de orvalho. Têm aspeto humano, sendo por vezes perceptíveis em forma de uma ténue névoa de luz, devido à energia que retiram da água e que lhes confere essa luminosidade. As Ondinas, como todos os seres deste reino, costumam ser representadas como seres femininos.

Alguns autores consideram o termo Ondinas como a designação genérica para os Elementais da Água.

Ninfas

Semelhantes às Ondinas, mas de menores dimensões, as Ninfas têm como habitat locais de água doce – nascentes, rios, fontes de jardins, lagoas, lençóis freáticos, etc. São de uma beleza excepcional e quando se movimentam de um lugar para o outro, fazem-no com inimitável graciosidade, saltitando com extrema leveza e doçura, como se dançassem no ar.

As Ninfas governam os ciclos da fecundidade, presumindo-se que também estejam relacionadas com a criatividade artística e o desenvolvimento das capacidades premonitórias do homem. Quando observáveis, apresentam tons azulados no corpo e a intensidade das suas vibrações são reconhecíveis através da luminosidade emitida.

Reino do Ar

Os Elementais do Ar vivem no elemento ar, não necessariamente em termos físicos, mas numa dimensão extrafísica correspondente a esse ambiente, constituído por delicada essência etérea.

São seres brincalhões e algo extravagantes, mas muito responsáveis nos trabalhos que executam. Desempenham um papel ativo na purificação do ar atmosférico, na fotossíntese e no ciclo das chuvas, entre outros.

Silfos

De acordo com antigas crenças, são os Silfos que moldam os cristais de gelo para confeccionar flocos de neve, tal como se encarregam de modelar as nuvens e de agir sobre os ventos, provocando, inclusive, grandes tempestades. Os temporais, assim como diversos fenómenos atmosféricos, são o resultado da ação desses espíritos do ar, muitas vezes secundados pelas Ondinas, devido à capacidade que estas graciosas criaturas têm de manipular o elemento água.

Neste contexto, será interessante reter-nos novamente numa passagem de “O Livro dos Espíritos”, quando Kardec pergunta a um Espírito de Luz se a ocorrência das tempestades seria obra de um ou de muitos espíritos reunidos em grandes massas. A resposta foi a de que os espíritos se «reúnem em massas inumeráveis» para esse efeito, fato que atesta, mais uma vez, a importância dos Elementais nos fenómenos naturais.

Os Elementais do ar, devido à ténue densidade dos seus corpos, vivem nos cumes gelados das montanhas ou na sutil leveza das nuvens. Entenda-se, porém, que estes seres – tal como todos os Espíritos da Natureza – não vivem no plano físico de que se ocupam, mas numa dimensão extrafísica relacionada com esse plano.

Relativamente ao homem, os Silfos exercem uma ação benéfica no estímulo e desenvolvimento mental, na regulação dos gases no organismo e no equilíbrio do sistema nervoso.

Os Elementais do ar alcançam grande longevidade, podendo chegar aos mil anos de vida. Outra característica interessante é a de terem a capacidade de assumir a aparência de seres humanos por breves períodos de tempo.

Fadas

As Fadas são figuras tão familiares que, só o simples fato de as evocar, nos remete de imediato às memórias da infância e das deliciosas histórias de encantar. Na realidade, o nome desses fantásticos seres tem origem na mitologia europeia, como a maioria das designações atribuídas aos Espíritos da Natureza.

Essas graciosas criaturas estão intimamente ligadas ao mundo das plantas e dos animais, na sua proteção e desenvolvimento, assim como na polinização das flores e na germinação das sementes. As Fadas, embora pertençam ao elemento ar, não deixam de ter uma ligação profunda com o elemento terra, dada a natureza do seu trabalho. Por esse fato há autores que incluem tais seres no reino da terra.

Quase todas as Fadas apresentam exíguas dimensões e movimentam-se de flor em flor – agitando as suas asinhas com graciosidade e rapidez – como delicadas borboletas em busca de néctar. Ao fazê-lo, transmitem eflúvios revigorantes, indispensáveis à fertilização de novas plantas, assim como se encarregam de fornecer essas energias astrais a outros seres vivos que delas carecem para viver e se reproduzir, desde um minúsculo inseto a um gigantesco elefante.

Estes maravilhosos Elementais, quando em movimento, resplandecem uma luminosidade muito brilhante e leitosa em redor do seu etéreo corpo.

Reino da Terra

Trata-se de um reino que abrange diversas criaturas, todas elas relacionadas com o elemento terra. São Espíritos da Natureza que vivem nas florestas, nas regiões rochosas, nas profundezas da Terra e nas margens de rios e lagos.

Alguns Elementais, como os Gnomos, são de pequena estatura e de aspeto atarracado, enquanto outros, como os Hamadriades, possuem elevada estatura e assemelham-se a troncos de árvores. Outros, ainda, como os Duendes, que são responsáveis pelo reino vegetal, são verdes e têm orelhas pontudas. Todos eles, porém, são relativamente semelhantes aos humanos, embora sejam constituídos de matéria etérea.

Os Elementais deste reino ocupam-se do lado mais material da Natureza, isto é, da concreção dos corpos físicos de plantas, animais, rochas e de todo o tipo de objetos.

Hamadriades

São Elementais silvícolas que habitam nas árvores e que cuidam delas a vida inteira. Estes Espíritos da Natureza são mais frequentes nos bosques e florestas, onde existe manto florestal, mas todas as árvores, segundo a crença popular, têm um guardião que as protege, uma Hamadriade ou uma Dríade – que também é um Elemental silvícola – que nasce e morre nessa morada permanente.

As Hamadriades encontram-se em numerosas culturas, sendo que, em algumas regiões africanas, corre uma lenda curiosa, provavelmente associada a estes Elementais. Segundo essa lenda, a alma de um defunto sepultado num Baobá – também chamado de Imbondeiro ou Árvore-garrafa –, manter-se-á “viva” até a referida árvore morrer. Note-se que a longevidade de um Imbondeiro é... muito longa.

Quando visíveis, as Hamadriades apresentam tonalidades de um amarelo esverdeado muito reluzente. Há autores que consideram estes Elementais como sendo do elemento ar, devido a viverem a maior parte do tempo no ambiente aéreo.

Gnomos

O escritor ocultista francês Abbé de Villars (1635-1673), a propósito dos Elementais do Reino da Terra, escreveu que o nosso planeta «está cheia de Gnomos, quase até ao centro, seres de pequena estatura e que são guardiões de tesouros, de minérios e de pedras preciosas. São habilidosos, amigos do homem e fáceis de governar (...) Suas mulheres são pequeninas, mas muito agradáveis, e o seu vestuário é bastante curioso».

Estas pequenas criaturas – que podem assumir tamanhos maiores, devido à plasticidade do elemento em que vivem – ocupam-se do crescimento das rochas e dos cristais. São poderosos agentes na manipulação das forças telúricas, assim como da atividade sísmica e vulcânica, entre outros fenómenos geológicos.

Remetemo-nos novamente à obra “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, quando se pergunta a um Espírito de Luz se «poderia haver Espíritos vivendo no interior da Terra e dirigindo os fenómenos geológicos», ao que essa sábia entidade assim respondeu: «Esses Espíritos não habitam exatamente o interior da Terra, mas presidem e dirigem os fenómenos de acordo com suas atribuições. Um dia, tereis a explicação de todos esses fenómenos e os compreenderéis melhor».

Mais uma vez se confirma o importante papel dos Elementais em todos os processos relacionados com a Natureza – neste caso dos Gnomos –, muito embora o conhecimento sobre os Espíritos da Natureza já fizesse parte da cultura dos povos antigos, muitos séculos antes da época em que viveu o ilustre grande codificador.

Em certos casos, como na formação de ossos, cartilagens e sais minerais, os

Elementais da terra trabalham em conjunto com os do elemento água. Nos animais, plantas e outros seres vivos, devido à sua complexa natureza, colaboram todas as criaturas dos quatro reinos, cada uma com a sua tarefa específica.

Considerados por alguns autores como seres gentis e por outros como criaturas irascíveis e mal-humoradas, a verdade é que há uma certa unanimidade em considerar os Gnomos como sendo leais e amistosos com o homem, quando este consegue conquistar a sua confiança e amizade.

Nestas circunstâncias, podem tornar-se poderosos auxiliares em trabalhos de magia, desde que os propósitos sejam bem-intencionados, isto é, virados para o bem e nunca para o mal.

Duendes

Os Duendes são seres semelhantes a humanos, podendo apresentar-se com o aspeto de velhos ou de jovens. De estatura pequena e cabeça volumosa, encimada por um chapéu bicudo, estes Elementais trajam roupas verdes e costumam ter narizes grandes e orelhas pontiagudas.

Muito curiosos e com capacidades mágicas, os Duendes ocupam-se, entre outras tarefas, da vegetação dos campos, florestas e jardins. São, por assim dizer, os jardineiros etéreos das plantas, flores e cogumelos. Aliás, segundo a tradição popular, é nos cogumelos que eles fazem as suas casas, sendo que quando há grande quantidade de cogumelos num determinado local é quase certa a presença de uma animada comunidade de Duendes.

Muito brincalhões, por vezes exageram nas suas travessuras, fato que pode criar alguns dissabores. No entanto, são muito alegres e gostam de ajudar, sobretudo quando ganham a confiança do homem, tornam-se amigos leais e protetores.

Certas lendas de cunho popular referem que os Duendes têm à sua guarda um pote de ouro, localizado no final de um arco-íris. Outras lendas, ainda, dizem que estes Elementais fabricam ouro falso para enganar os homens cobiçosos que os acercam, o qual desaparece pouco depois de ser levado...

Os Duendes atingem grande longevidade e chegam a constituir numerosas famílias.

Reino do Fogo

Um grupo muito pouco conhecido é o dos espíritos do fogo, não apenas por serem os Elementais menos amigáveis com os humanos, mas também pela dificuldade de acesso e comunicação devido ao ambiente agreste em que vivem.

Salamandras

Estes seres são considerados os mais poderosos de todos os reinos da Natureza e designam-se por Salamandras, um termo que engloba diversas espécies. São frequentemente utilizados na limpeza astral de ambientes onde se vão realizar trabalhos espirituais.

Segundo o alquimista Paracelso, os espíritos do fogo ou Salamandras apresentam-se de diferentes formas, «desde bolas de fogo até línguas de fogo», semelhantes a lagartos, que eram vistos a rodopiar e a gritar no meio das labaredas. Não seriam lagartos, mas salamandras, nome que os identifica e que está relacionado com a classe dos anfíbios.

Outros autores defendem, ainda, que esses Elementais podem atingir proporções gigantescas e que, quando se torna possível observar as suas feições, o que é raro, os traços fisionómicos dessas criaturas são duros e encrespados.

Sem a existência das Salamandras, o fogo, como reação química da oxidação de um combustível, jamais se poderia manifestar, assim como o calor, a luz e demais produtos daí resultantes. Acresce, ainda, que estes Elementais também atuam na área emocional do homem e dos animais, tal como nos seus aspetos fisiológicos, nomeadamente na corrente sanguínea e em órgãos como o fígado.

Os espíritos do fogo pela convivência no dia a dia com o homem, desde os longínquos tempos da Pré-história, acabaram por adquirir certas formas de emoções e de pensamentos que, pelo fato de gerarem boas vibrações, anulam as energias negativas do meio circundante, possibilitando, assim, um ambiente de paz e de conforto na vida dos seres humanos.

Torna-se claro, então, que não é só o calor aprazível de uma lareira ou fogueira que promove um clima agradável de aproximação e convívio entre as pessoas ao seu redor, mas também o salutar poder energético dos Elementais do fogo que aí estão presentes.

Seres não-humanos

CRIATURAS ARTIFICIAIS

Muitos problemas de saúde e desequilíbrios emocionais são provocados pelo nosso pessimismo ou pela ação constante de pensamentos negativos – conscientes ou inconscientes – de outras pessoas, nomeadamente, quando existe ódio, inveja e demais sentimentos inferiores relacionados connosco.

São formas-pensamento que, quando negativas, sugam-nos as energias e afetam o nosso bem-estar físico e emocional. As mais poderosas são produzidas artificialmente pela mente engenhosa das criaturas dedicadas à prática do mal, como os Magos Negros e seus acólitos.

O arsenal de meios empregados por essas criaturas é vasto e ardiloso, nomeadamente quando associam a magia negra e a força mental, às modernas tecnologias que dominam com profundo conhecimento, como é o caso dos implantes de elementais artificiais, entre outras perversidades.

Faremos de seguida uma pequena descrição da parafernália de meios usados por encarnados e desencarnados comprometidos com as forças do mal, assim como o risco que corremos quando nos deixamos contaminar pelos nossos pensamentos menos elevados.

Formas-pensamento

Os pensamentos, como folhas soltas ao vento, estão continuamente a surgir e a rodopiar à nossa volta, criados pela nossa incansável mente, sem que para isso seja forçoso existir uma razão e, muito menos, haver alguma forma de os evitar.

Esses pensamentos ou ideias são geradores de sentimentos agradáveis ou desagradáveis e ficam registrados não apenas no nosso cérebro, mas também em regiões do espírito em que a memória é completa e imperecível. Do mesmo modo, aí também se armazenam os pensamentos mais profundos, os sentimentos mais nobres e os raciocínios mais elaborados.

Todo esse processo não se limita exclusivamente aos corpos físico e imateriais do ser humano, também se projeta na atmosfera astral, pois os pensamentos provocam vibrações que, embora nos sejam impercetíveis, se propagam rapidamente para as esferas extrafísicas, onde se aglomeram por afinidade, formando produtos mentais.

Os produtos mentais assim formados são formas-pensamento que, criadas e plasmadas pela mente, materializaram-se no plano astral, pelo que deixam de fazer parte do domínio abstrato de quem os concebeu. Deste modo, ao se nutrirem sentimentos bons ou maus por um determinado indivíduo, geram-se automaticamente formas-pensamento que poderão ser de natureza benévola ou malévola, conforme o padrão vibratório do estado emocional do seu criador.

Acontece, porém, que as formas-pensamento, se intensas e moralmente condenáveis – como o rancor ou a inveja, por exemplo – representam uma séria ameaça para quem é objeto de tais sentimentos, podendo provocar danos na sua vida pessoal e profissional. Daí, a expressão popular de que “fui vítima de um

mau-olhado”, quando uma pessoa se refere a uma ocorrência infeliz que a prejudicou, cuja causa atribui à influência nefasta de alguém.

Em contrapartida, as formas-pensamento de índole positiva oferecem resultados benignos, proporcionando alegria, paz, bem-estar e proteção para aquele a quem são destinadas, como o amor de uma mãe por um filho.

Os bons sentimentos geram sempre produtos mentais benéficos que, em muitos casos, são protetores psíquicos assaz poderosos. Devido à excelência dessa faixa vibratória, esses pensamentos estabelecem ligação com os planos mais elevados, favorecendo a aproximação de espíritos de Luz.

A vida de uma forma-pensamento é, geralmente, de pouca duração, extinguindo-se a partir do momento em que o seu autor a deixa de produzir – de ter pensamentos de igual teor energético –, já que se alimentam da mesma energia que esteve na origem da sua criação.

Miasmas ou larvas astrais

Quando vigorosas, permanentes e malélicas, as formas-pensamento apresentam diversificadas configurações – como ácaros gigantes, vermes repugnantes, etc. –, tudo dependendo da criatividade do seu autor. Essas formas-pensamento são conhecidas como miasmas ou larvas astrais.

As larvas assim geradas ficam pairando em torno do seu criador, estimulando a repetição da mesma energia psíquica que esteve na sua origem, de forma a nutrirem-se de idêntico alimento e, conseqüentemente manterem-se “vivas”. Trata-se de uma reação instintiva, típica de um ser vivo que luta pela sobrevivência. Dado que só essa faixa vibratória as mantém ativas, torna-se frequente a vampirização de quem as criou, arriscando-se o autor a ficar cativo da sua obra.

O maior perigo destes parasitas é o seu apetite voraz, que se vai tornando insaciável à medida que vão engordando à custa do hospedeiro, ao qual se agarram como lapas na rocha, conduzindo-o muitas vezes à completa destruição física e moral. Por essa razão, as larvas astrais têm um comportamento idêntico ao dos espíritos obsessores que parasitam os encarnados viciados em substâncias químicas, sugando-lhes por vício o mesmo alimento energético e conduzindo-os à ruína, pela tremenda pressão psicológica que provocam nas suas vítimas.

Não sendo espíritos, nem seres vivos, as larvas astrais adquirem uma espécie de vitalidade orgânica que, como acabámos de ver, é totalmente dependente do seu criador. Se este morre ou deixa de as sustentar – cessando de produzir essas energias – as larvas procuram outro doador que proporcione alimento de igual faixa energética. Não o achando, acabam por se extinguir, fato que sucede na maioria dos casos.

Se o hospedeiro for um indivíduo de baixa índole – vicioso ou perverso – e a afinidade entre ambos for profunda, não será com a morte do seu criador que esse parasita se extinguirá, pois um novo miasma se desprenderá do seu corpo. Sedento das mesmas sensações que tinha outrora, procurará avidamente uma nova criatura humana que satisfaça as suas necessidades, gerando-se, assim, um terrível ciclo vicioso de efeito multiplicador.

Elementais artificiais

De todas as larvas astrais as mais temíveis são as criadas conscientemente por hábeis manipuladores das forças ocultas – como bruxos e desencarnados do baixo astral – e que são usadas como instrumento para a prática do mal. Referimo-nos às larvas astrais artificiais ou elementais artificiais.

Produzidas mentalmente e com o recurso a substâncias fortes que agem como poderosos catalisadores – como o sangue e o álcool – as hediondas criaturas assim fabricadas ficam como que “vivas” e programadas para determinados fins previamente definidos pelos seus autores.

Depois de criados, os elementais artificiais podem ser cravados na aura ou no duplo etérico de um indivíduo, como sanguessugas de energias vitais, até transformá-lo num pobre coitado – como um morto-vivo – a poucos passos da morte.

É opinião de alguns autores que os antigos sacerdotes egípcios, para defenderem os túmulos dos saqueadores, infetavam os sarcófagos reais e as salas de tesouros com elementais especialmente criados para esse fim. Concebidos para durar milhares de anos, esses elementais seriam ativados a partir do momento em que ocorresse violação dos locais sagrados, causando doenças graves aos salteadores e a própria morte, tal como um vírus fatal.

Talvez não sejam destituídas de senso as lendas que falam das terríveis maldições que recaíam sobre os profanadores de túmulos faraónicos (*) ...

* Ver do mesmo autor: A MALDIÇÃO DE TUTANCÂMON, da obra
FENÔMENOS SUPRANORMAIS E OUTRAS MISTERIOSAS
MANIFESTAÇÕES PARANORMAIS.

Implantes de elementais artificiais

Há enfermidades de tal forma misteriosas e virulentas, que nem os melhores especialistas da área de saúde conseguem descobrir as causas que as provocam nem, tão-pouco, o tratamento adequado para as curar, pelo que permanecem como um enigma indecifrável.

Mais surpreendente, ainda, é quando a regressão a vidas passadas revela que esse quadro clínico tem ocorrido ao longo de várias reencarnações, como se obedecesse a um padrão obsessivo e intemporal.

Não tendo origem no mundo físico, não resultando da perseguição de espíritos cobradores e nem de doenças cármicas previamente programadas, então, o que poderá provocar semelhante flagelo que, de forma recorrente, se manifesta no mesmo indivíduo?

Essa praga de efeitos devastadores é provocada por Implantes de Elementais Artificiais, responsáveis por um largo espectro de doenças físicas e mentais. Criados pela mente trevosa de criaturas como os Magos Negros, esses implantes pertencem a uma geração mais sofisticada que os tradicionais elementais artificiais. Como se fossem vírus astrais, esses chipes são introduzidos nos corpos espirituais da vítima – fato que dificulta a sua deteção – e podem acompanhar o pobre sujeito ao longo dos seus desencarnes e reencarnes, como uma terrível maldição.

Sempre que o indivíduo reencarna, os implantes, muitas vezes sob a forma de instrumentos de tortura – como ferros, coleiras metálicas, pregos etc. –, são automaticamente ativados e passam a atuar no seu corpo físico, transformando a vida do infeliz num inferno e conduzindo-o, muitas vezes, à loucura ou à morte.

É uma enfermidade que pode ter cura, desde que a vítima não haja sofrido lesões irreparáveis. O tratamento realiza-se essencialmente no plano extrafísico, onde os terapeutas de Reiki, de Leitura de Aura ou de Apometria utilizam técnicas que permitem a localização e destruição desses chips astrais. Naturalmente que nesses trabalhos ocorre o precioso auxílio de médicos e cirurgiões dos planos extrafísicos.

Os guias espirituais que trabalham nas correntes espiritualistas são igualmente eficazes na deteção e remoção de diversos tipos de doenças espirituais, nomeadamente quando atendem os consulentes, fato que muitas vezes é feito tão discretamente que nem os pacientes infetados se dão conta desse trabalho de limpeza espiritual.

Sombras e Cascões astrais

Quando um espírito atinge um elevado grau evolutivo e está prestes a ascender para o plano mental, abandona o corpo astral como um invólucro sem utilidade, pois a partir desse momento será com o corpo mental que o espírito prosseguirá a sua jornada de crescimento.

Sucedem que essa carcaça, agora inútil, pode conter matéria astral com resquícios inferiores de vidas passadas. A esse cadáver astral que, com o passar do tempo se vai desagregando, chama-se sombra. A sombra, então, não é mais do que uma imitação grosseira do indivíduo, conquanto goze de alguma inteligência e apresente semelhanças com o original.

Antes de se iniciar o processo de desintegração, as sombras passam por uma fase de desvitalização – como um ser vivo que se vai definhando com a idade –, até perderem completamente a inteligência. Convertem-se, então, em invólucros ou cascões astrais, ficando a flutuar nas correntes astrais como cadáveres à deriva num rio.

Esses corpos desvitalizados podem constituir uma séria ameaça se forem capturados por seres trevosos, já que serão utilizados para fins maléficos, como na magia negra.

Invólucros vitalizados

Além do elevado risco de os cascões astrais serem usados em trabalhos de bruxaria, também podem ser ocupados por elementais artificiais. Estes, uma vez aí introduzidos, vitalizam a sua matéria inerte, proporcionando-lhe uma espécie de vida, transformando o cascão astral num invólucro vitalizado, que normalmente também é utilizado para o mal.

Charles Leadbeater, na obra “Plano Astral”, alerta-nos para o fato das sombras e dos invólucros vitalizados constituírem «o que se poderia chamar “os vampiros menores”, visto todos procurarem prolongar a existência subtraindo a vitalidade necessária aos seres humanos submetidos à sua influência».

O citado autor acrescenta ainda que «os estudantes de ocultismo são ensinados a defender-se dos ataques [desses seres] (...) [Quem] sem esse conhecimento se aventure a cruzar-se com tais entidades (...) não deixará de mais cedo ou mais tarde vir a sofrer os resultados da sua influência».

O invólucro vitalizado, segundo Leadbeater, «é um ser malévolos – verdadeiro demónio tentador, que faz todo o mal que está no seu poder, e se mais não faz, é porque este é relativamente limitado. Como a sombra, o invólucro vitalizado é frequentemente utilizado nos horríveis desígnios das formas de magia do Voodoo (Vodu) e do Obeah ¹¹⁶».

Bibliografia

América Paoliello Marques e Wanda B. P. Jimenez, Espíritos Ramatís, Nikanor e Akenaton, “Mensagens do Grande Coração”

Antonio Jorge Thor, “Introdução e Teoria dos Elementais”

Alexander Moreira de Almeida, “Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas”

Allan Kardec, “A Gênese”

Allan Kardec, “O Céu e o Inferno”

Allan Kardec, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”

Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”

Allan Kardec, “O Livro dos Médiuns”

Archibald Joseph Macintyre, “Os Anjos, Uma Realidade Admirável”

Barbara Ann Brennan, “Mãos de Luz”

Barbara Bowers, “Qual é a Cor de Sua Aura?”

Brian Weiss, “A Divina Sabedoria dos Mestres”

Brian Weiss, “Muitas Vidas, Muitos Mestres”

Bruno Maureille, “Qu'est il Arrivé à L'Homme de Neandertal?”

Camille Flammarion, “L'Inconnu et les Problèmes Psychiques”

Carlos Torres Pastorino, “Técnica da Mediunidade”

Caroline Myss, “Anatomia do Espírito”

Claudio Zeus, “Umbanda sem Medo”

Charles Leadbeater, “O Plano Astral”

Charles Leadbeater, “Os Chakras”

Charles Leadbeater, “Os Espíritos da Natureza”

Doris Van Gelder, “O Mundo Real das Fadas”

Elisabeth Kübler-Ross, “A Roda da Vida”

Elisabeth Kübler-Ross, “Sobre a Morte e o Morrer”

Ernesto Bozzano, “Animali e Manifestazioni Metapsichici”

Fernando Frazão, “Lendas Portuguesas”

Francis Collins, “A Linguagem de Deus”

F. Rivas Neto, “Umbanda - A Proto-Síntese Cósmica”

Francisco Xavier e Heigorina Cunha, Espíritos André Luiz e Lucius, “Cidade do Além”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Ação e Reação”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Evolução em Dois Mundos”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Libertação”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Missionários da Luz”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “No Mundo Maior”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Nosso Lar”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Os Mensageiros”

Geoffrey Hodson, “O Reino dos Deuses”

Geoffrey Hodson, “O Reino dos Devas e dos Espíritos da Natureza”

Gilberto Schoereder, “Revista Espiritismo & Ciência, Volume 4”

Gilson Teixeira Freire, “Ícaro Redimido”

Hemendra Banerjee, “Vida Pretérita e Futura”

Hercílio Maes, Espíritos Atanagildo e Ramatís, “Mensagens do Astral”

Hermínio C. Miranda, “Diversidade dos Carismas”

Ian Stevenson, “Twenty Cases Suggestive of Reincarnation”

Iassan Ayporê Pery, “Umbanda - Mitos e Realidade”

James Van Praagh, “Conversando Com os Espíritos”

James Van Praagh, “Espíritos Entre Nós”

J. Felipe Alonso, “Diccionario de seres fantásticos”

Jorge Angel Livraga, “Os Espíritos Elementais da Natureza”

José Lacerda de Azevedo, “Energia e Espírito”

José Reis Chaves, “A Reencarnação na Bíblia e na Ciência”

Larry E. Arnold , “Ablaze – Spontaneous Human Combustion”

Leal de Souza, "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda"

Lee Carroll e Jan Tober, “As Crianças Índigo”

Léon Denis, “O Espiritismo e o Clero Católico”

Lobsang Rama, “Além do 1º Décimo”

Matta e Silva, “Umbanda de Todos Nós”

Matta e Silva, “Umbanda e o Poder da Mediunidade”

Narcí Castro Souza, “Projetando Luz - Um Guia de Aprendizado Espiritual”

Norberto Peixoto, Espírito Ramatís, “A Missão da Umbanda”

Norberto Peixoto, Espírito Ramatís, “Umbanda Pé no Chão”

Norberto Peixoto, Espírito Ramatís, “Vozes de Aruanda”

Norman Vincent Peale, “O Poder do Pensamento Positivo”

Orígenes de Alexandria, “De Principiis”

Paracelso, “Tratado das Ninfas, Silfos, Gnomos, Salamandras e de Outros Seres”

Paracelso, “Philosophia Occulta”

Paul Davies, “A Mente de Deus”

Platão, “Fédon”

P. M. H. Atwater, “I Died Three Times in 1977 – The Complete Story”

Raymond Moody Jr., “Instantes da Eternidade”

Raymond Moody Jr., “Vida Depois da Vida”

Reginaldo Prandi, “A Dança dos Caboclos”

Robson Pinheiro, Espírito Ângelo Inácio, “Tambores de Angola”

Robson Pinheiro, Espírito Ângelo Inácio, “Legião - Um olhar sobre o reino das sombras”

Robson Pinheiro, com a colaboração dos Espíritos Alex Zarthú e Joseph Gleber, “Energia”

Rubens Saraceni, Espírito Seiman Hamiser, “Génesis Divina de Umbanda Sagrada”

Santo Agostinho, “Confissões”

Tereza Guerra, “Crianças Índigo e Cristal”

Tom Shroder, “Almas Antigas”

Vera L. Marinzeck de Carvalho, Espírito Patrícia, “Vivendo no Mundo dos Espíritos”

Zulma Reyó, “Guia Prático dos Chakras”

Capa

Layout do autor com foto de Cleonice Matos e imagens incorporadas da Pixabay

Notes

[← 1]

A Fénix é uma ave da mitologia grega que representa a imortalidade e o renascimento espiritual. Quando morria, o seu corpo ardia como um archote e, das cinzas daí resultantes, renascia uma nova Fénix.

[← 2]

Entende-se como carma a relação entre uma ação e a reação que lhe é subsequente, porque não há um efeito sem uma causa. Nesse sentido, os carmas resultam de vidas anteriores mal resolvidas e que têm de ser reparadas em futuras encarnações.

[← 3]

“Missionários da Luz” é um livro psicografado por Chico Xavier, através do espírito André Luiz, que relata as suas experiências numa colônia do plano espiritual em companhia de Alexandre, um espírito que o acompanha como guia e instrutor. Aí se programam as reencarnações dos futuros encarnados.

[← 4]

Francisco Cândido Xavier (1910-2002), mais conhecido como Chico Xavier, nasceu em Pedro Leopoldo, em Minas Gerais, no Brasil. Foi um dos mais famosos médiuns do Brasil e um dos mais conceituados em todo o mundo. Psicografou mais de quatrocentos e cinquenta livros – muitos deles dos espíritos Emmanuel e André Luiz –, que ultrapassaram cinquenta milhões de exemplares vendidos. Chico Xavier nunca aceitou receber direitos de autor, doando essas receitas a instituições espíritas e filantrópicas.

[← 5]

Segismundo, referido na obra “Missionários da Luz”, é um espírito que aguarda uma próxima encarnação.

[← 6]

Erês ou Crianças são Seres Encantados que na sua maioria nunca encarnaram nem vão encarnar, processando-se a sua evolução espiritual por outras vias que não a carnal. Também há Erês que tiveram origem no nosso mundo físico, desencarnando em idade infantil. As Crianças são maravilhosas entidades de Luz que trabalham na Umbanda para o bem e a caridade (ver nota 22).

[← 7]

Extraído de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec. Allan Kardec (1804-1869), pseudónimo de Hippolyte Léon Rivail, de nacionalidade francesa, foi educador, autor de livros didáticos e escritor, tendo-se notabilizado como o Grande Codificador da Doutrina Espírita. São de sua autoria, entre outras obras, “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno” e “A Gênese” (ver nota 21).

[← 8]

Livros Apócrifos são livros ou textos que a Igreja Católica não reconhece como pertencentes ao cânone bíblico.

[← 9]

Livros Canônicos são livros ou escritos que estão conforme os cânones ou os dogmas da Igreja Católica.

[← 10]

Esotéricos – São conhecimentos e práticas que não podem ou não devem ser divulgados aos não iniciados, sendo transmitidos apenas a um estrito número de discípulos (ver nota 14).

[← 11]

Texto da escritora norte-americana Elizabeth Clare Prophet (1939-2009), que foi médium, mística, professora e mensageira espiritual. Juntamente com o marido escreveu mais de 75 livros sobre carmas, reencarnação, psicologia espiritual, profecias, etc.

[← 12]

Cérbero era uma figura da mitologia grega que se caracterizava por ser um monstruoso animal em forma de cão com várias cabeças. Era o guardião de Hades, o reino dos mortos. Deixava as almas entrar, mas não permitia que saíssem. Qualquer mortal que se arriscasse a entrar no Hades era espatifado por esse impiedoso guardião policéfalo.

[← 13]

Na mitologia grega Érebo é um mundo sombrio, uma espécie de Inferno; na tradição bíblica Éden corresponde ao Paraíso.

[← 14]

Iniciados – São sacerdotes, discípulos ou assistentes espiritualmente preparados para lidar com assuntos mágísticos, esotéricos e religiosos, vedados aos leigos.

[← 15]

Tradição animista – Culto religioso que considera que todos os elementos do Universo, da Natureza, dos seres vivos e dos fenômenos naturais têm vida e ânima (alma), pois são passíveis de sentimentos, emoções e inteligência.

[← 16]

Psique (psyche, do grego) significa alma, mas também vida ou o princípio da vida.

[← 17]

Pitagorismo – Doutrina da Escola Pitagórica fundada pelo filósofo e matemático grego Pitágoras (571/570 a.C.-497/496 a.C.), cujos membros – pensadores, profetas e matemáticos – manifestavam vocações místico-religiosas, assim como tendências científico-rationais. O pitagorismo teve grande influência no futuro platonismo e foi referência de antigas sociedades secretas que, ainda hoje, se inspiram nos seus princípios.

[← 18]

Fédon – Trata-se de uma importante obra filosófica de Platão que, por meio de diálogos repletos de sabedoria, descreve as últimas horas de Sócrates, condenado a ingerir cicuta, um veneno extremamente letal. Através deste diálogo, Platão expõe as crenças do seu Mestre na imortalidade da alma.

[← 19]

Excerto de uma entrevista do Rabino Leonardo Alanati, da Congregação Israelita Mineira (Brasil).

[← 20]

Judeus chassídicos – Movimento do judaísmo ortodoxo que se preocupa mais com a espiritualidade através do misticismo, como o principal atributo da religião judaica.

[← 21]

O Kardecismo ou Espiritismo, também conhecido como doutrina espírita, foi codificado por Hippolyte Rivail, que adotou o pseudônimo de Allan Kardec (1804-1869). É uma doutrina que explica muitos dos fenômenos relacionados com as manifestações de espíritos, sendo uma referência indispensável para os estudiosos das ciências espiritualistas. Entre outros aspectos, a doutrina espírita defende a imortalidade da alma, a crença num único Deus, o livre-arbítrio, a reencarnação e a lei de causa-efeito. A prática da caridade e a doutrinação de espíritos atrasados, são alguns dos objetivos desta doutrina que tem por base o Evangelho de Jesus Cristo. Mesa ou centro Kardecista é o local onde se realizam as sessões espíritas.

[← 22]

A Umbanda foi anunciada em Niterói (Rio de Janeiro), em 14 de novembro de 1908, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas (designação adotada por esse Espírito de Luz), através do médium Zélio de Moraes, em obediência às instruções nesse sentido por parte do plano espiritual. A caridade, fraternidade e humildade, assim como os fundamentos do Evangelho de Jesus Cristo, são as linhas mestras pelas quais se rege esta religião, que integra e sincretiza o catolicismo, o espiritismo e diversas correntes religiosas afro-brasileiras e orientais. A Umbanda acredita na imortalidade da alma, num único Deus, no livre-arbítrio, nas reencarnações e nos carmas (lei de causa-efeito). Além das consultas, são feitos trabalhos de desobsessão, desmanchos, cura e passagem de espíritos desavindos para lugares próprios do plano astral. Ao local de trabalho onde é realizado o culto religioso chama-se terreiro ou tenda (ver nota 39).

[← 23]

In “Portal do Espírito” (www.espirito.org.br).

[← 24]

Pajelança – Designação que abarca diferentes manifestações religiosas dos povos indígenas brasileiros, caracterizada por rituais mágicos, evocações e culto da Natureza. Na Pajelança, um Pajé – chefe religioso ou curandeiro de tribos ameríndias –, contata os espíritos dos mortos e de outras entidades para a solução de problemas que afetam as populações ou as comunidades onde vivem.

[← 25]

Citado de José Reis Chaves. Escritor, professor, espírita e palestrante, José Reis Chaves, de nacionalidade brasileira, estudou para padre na Congregação dos Redentoristas, tendo-se formado em Comunicação e Expressão na “Pontifícia Universidade Católica” de Minas Gerais. Como escritor renomado, é autor de “A Reencarnação Segundo a Bíblia e a Ciência”, “A Face Oculta das Religiões” e “Teologias em Conflito”, entre outras obras de assinalável sucesso.

[← 26]

O ectoplasma é uma substância fluídica emanada pelo médium e que se pode manifestar ou não de forma visível, sendo necessário nas comunicações espíritas, nomeadamente nas incorporações e nos fenómenos de efeitos físicos, como na materialização. Essa espécie de geleia viscosa e esbranquiçada sai pelos orifícios do corpo do médium, como narinas, boca, poros e ouvidos. O ectoplasma é elaborado pelo nosso corpo etérico (também chamado de duplo etérico), que é uma cópia energética que reveste o corpo físico.

[← 27]

Tratado de Metapsíquica – Uma obra que refere fatos e experiências psíquicas com descrições detalhadas, classificadas em fenômenos metapsíquicos objetivos (como a telecinesia e o ectoplasma) e subjetivos (como a telepatia, a clarividência, a clariaudiência e a xenoglossia).

[← 28]

Fenómenos anímicos e mediúnicos – Os fenómenos anímicos são provocados pelo espírito do próprio encarnado e são mediúnicos quando existe intervenção de um ou mais espíritos desencarnados junto do médium.

[← 29]

Xenoglossia – Capacidade que uma pessoa tem em falar uma ou várias línguas que lhe são totalmente desconhecidas, podendo, inclusive, ignorar a existência desses idiomas.

[← 30]

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec.

[← 31]

Crianças Índigo – A geração destas crianças ocorreu com maior intensidade na década de 1980, em parte como resultado de correntes migratórias espirituais de mundos mais desenvolvidos que a Terra, tendo como missão abrir caminhos e reformular mentalidades preconceituosas. São crianças criativas, rebeldes contra os sistemas de valores de uma sociedade hipócrita e caracterizam-se, ainda, pela hiperatividade e grande capacidade física e intelectual. Por vezes são impulsivas.

Crianças Cristal – Esta geração corresponde a uma nova fase de colonização espiritual do nosso planeta, sendo essas crianças muito poderosas moral e intelectualmente. O principal objetivo destes seres maravilhosos que irradiam paz e amor e que começaram a encarnar nos princípios do século XXI – tendo algumas surgido antes –, é ajudar no progresso do homem, como parte da corrente evolutiva de mudança de mentalidades da humanidade para um mundo melhor.

Crianças Arco-íris – Correspondem à terceira geração de crianças especiais que encarnam no nosso planeta e que visam ajudar o homem a evoluir. Atualmente ainda há poucas Crianças Arco-íris no seio da humanidade. Estes seres, extraordinariamente dotados, são muito alegres e trazem harmonia e amor nas famílias onde nascem. Possuem grandes capacidades mediúnicas e o seu Espírito é muito elevado, pelo que o amor e a sabedoria são qualidades que lhes são intrínsecas.

[← 32]

A Psicologia Transpessoal estuda estados de consciência que transcendem o conceito de “individual”, facilitando a pessoa a atingir níveis de consciência elevada (...) num encontro com as manifestações mais profundas de seu próprio inconsciente (...) A Psicologia Transpessoal é usada para o tratamento de neuroses, psicoses (...), um maior aperfeiçoamento pessoal (...), afetividade e criatividade da pessoa e tem sido aplicada na área de saúde mental, especialmente nos EUA e Europa (...) A Psicologia Transpessoal pode ser definida como a psicologia que estuda num contexto científico o mundo espiritual e através de suas práticas facilita o aperfeiçoamento psicológico e espiritual. (In: Associação Brasileira de Psicologia Transpessoal - Dr. Léo Matos, Ph.D).

[← 33]

Pensamento de Claude Bernard, citado na obra “O Espiritismo e o Clero Católico”, de Léon Denis.

[← 34]

Teosofia – Doutrina que procura sintetizar a religião e a ciência numa perspectiva filosófica. Sistematizada e apresentada ao mundo moderno por Helena Blavatsky (1831-1891) no final do século XIX – uma mística russa que associou o espiritismo e o budismo tibetano –, a Teosofia pretende assumir-se como repositório da sabedoria universal. Muitos dos seus conceitos são inspirados em princípios filosóficos e religiosos orientais. Para Blavatsky, “Teosofia é conhecimento divino ou ciência divina.”

[← 35]

Famílias cármicas – São espíritos vinculados por compromissos cármicos e que podem provir das mais diferentes épocas e regiões.

[← 36]

Esse esquecimento não impede que em certas circunstâncias, como nas TVP (Técnicas de Vidas Passadas), possa ser permitida a divulgação de alguns episódios de existências anteriores, apenas com fins terapêuticos e que sejam úteis no tratamento de traumas e doenças do paciente. Outros casos, também excepcionais, são os das crianças que morreram muito novas e que, na vida atual, têm recordações relacionadas com essa vida passada.

[← 37]

“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

[← 38]

Pai Joaquim de Angola, da falange dos Pretos-velhos da Umbanda. Estas entidades são maravilhosos espíritos de Luz que trabalham para o bem e a caridade. Calmos, pacientes, com extrema sabedoria, ajudam os consulentes a resolver muitos dos problemas que os levam aos terreiros.

[← 39]

Declaração do Caboclo das Sete Encruzilhadas ao anunciar a fundação da Umbanda, numa sessão Kardecista em Niterói, Rio de Janeiro. Na referida sessão, esta entidade de elevada hierarquia espiritual, apareceu aos videntes com as vestes de um padre jesuíta – o padre italiano Miguel Malagrida, martirizado na fogueira em Lisboa, por ordem do Marquês de Pombal em 1761, sob a falsa acusação de ter feito parte da conspiração dos Távolas. Este sacerdote jesuíta distinguiu-se como missionário em terras brasileiras, junto de várias comunidades indígenas. Posteriormente, Miguel Malagrida, reencarnou como caboclo (índio brasileiro), tendo sido essa a sua última encarnação.

[← 40]

Os publicanos eram cobradores de impostos do Império Romano, sendo odiados por judeus e fariseus. Alguns, como Mateus, converteram-se ao cristianismo e tornaram-se apóstolos. Jesus usou nas suas parábolas a figura dos publicanos, porque eram tidos pelo povo como pecadores.

[← 41]

Miasmas ou Larvas astrais – São formas-pensamento malévolas ou obsessivas, geradas por ideias, sentimentos e estados emocionais levados ao extremo. De todas as larvas astrais, as mais perigosas são as criadas conscientemente e que são usadas como instrumento para a prática do mal (ver Capítulo VIII, Miasmas ou Larvas Astrais).

[← 42]

Os Quiumbas são espíritos atrasadíssimos que se comprazem na realização do mal. Perversos, intrigistas, falsos e astutos, são o que há de mais semelhante à ideia que os cristãos fazem do demónio.

[← 43]

Médium de passagem ou de transporte, termo que designa um médium que incorpora um espírito para ser encaminhado, geralmente, para hospitais espirituais e campos de doutrinação.

[← 44]

Os Guardiões são admiráveis combatentes que lutam contra as forças trevas, pelo que são uma espécie de polícia astral ao serviço das hierarquias espirituais de Luz. São eles que prendem e conduzem os espíritos atrasados para os campos de correção, ou seja, para os “lugares de que se fazem merecedores”, onde cada um é levado de acordo com o tipo de delito cometido.

[← 45]

⁴⁵ Allan Kardec, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

[← 46]

Vovó Maria Conga é um espírito muito querido dos umbandistas, sendo os seus conselhos valiosas pérolas de ensinamento, e o amor que tem pelos “filhos”, uma preciosa dádiva de carinho e consolação. Profundamente identificada com o amor e a veneração a Jesus Cristo, Vovó Maria Conga trabalha nas falanges dos “Pretos-velhos” da Umbanda e é um espírito que realiza maravilhosos trabalhos quando “o filho se faz merecedor”. Como todos os espíritos evoluídos, esta simpática “velhinha” prima pela humildade, sentando-se num modesto banquinho de madeira ou num toco de árvore para dar consultas.

[← 47]

Os Elementais ou Espíritos da Natureza são seres etéreos dotados de individualidade e inteligência. Desempenham um papel de fundamental importância na dinamização das energias e na construção organizada dos elementos naturais (ver capítulo VII, Espíritos da Natureza).

[← 48]

O médium, para um melhor desempenho dos trabalhos que assumiu no plano astral, apresenta na glândula pineal e nos chakras algumas particularidades diferentes do indivíduo comum. Os chakras são pequenos vórtices que funcionam como retransmissores energéticos dos corpos espirituais para o sistema nervoso do corpo físico. Essa energia é essencial para a manutenção da vida de qualquer organismo, daí designar-se por fluido vital ou prana.

[← 49]

Incorporação é um tipo de mediunidade que permite a um espírito servir-se do corpo físico do médium para comunicar através dos movimentos e da fala, assumindo características da personalidade – arquétipos – da entidade incorporante.

[← 50]

Guias espirituais, Mentores, Protetores, Falangeiros e Guardiões são espíritos que trabalham nas diversas linhas religiosas e espirituais, praticando o bem e a caridade.

[← 51]

Cambono ou médium de sustentação – É o médium que participa nas giras como auxiliar dos Guias espirituais. Tem de ser discreto e respeitador, não comentando com ninguém os diálogos entre as entidades que incorporam no médium e o consulente. Compete-lhe, ainda, cuidar dos apetrechos de cada um dos Guias ou Guardiões (bebidas, fumo, ervas etc.). Contrariamente à ideia que muitos consulentes têm (e, até alguns médiuns menos informados), os espíritos que trabalham na Umbanda – como todas as entidades de Luz – não fumam, não bebem, nem comem, mas essas substâncias têm propriedades físicas e extrafísicas que, quando necessárias, podem ser usadas na cura, limpeza e desobsessão dos pacientes. O facto de em determinadas giras as entidades parecerem usufruir de prazeres carnais, como fumar e ingerir bebidas alcoólicas, podem ser aspetos relacionados com os seus arquétipos ou, o que é mais frequente, excessos atribuíveis ao comportamento do médium, ou seja, manifestações de animismo na incorporação.

[← 52]

Muitos indivíduos que têm uma postura persecutória contra as religiões espiritualistas, são aliados – conscientes ou inconscientes – dos poderosos Magos Negros e de outras entidades igualmente maléficas. Os magos comandam as forças do mal e vivem nas regiões umbralinas, chefiando os seus exércitos de Quiumbas. Conscientes de que certas correntes espiritualistas – como a Umbanda e o Kardecismo, entre outras – são uma ameaça para os intentos do baixo astral, servem-se dos chamados “imbecis úteis” e dos falsos religiosos para denegrir a sua imagem.

Alexander Moreira de Almeida. Psiquiatra, residência e doutorado em Psiquiatria pela FMUSP, pós-doutorado em Psiquiatria pela Duke University, EUA. Professor Adjunto de Psiquiatria e Semiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. Fundador e coordenador do NUPES (Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde da UFJF). Tese de Doutorado (2004) sobre “Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas”. Orientador da Tese de Doutorado: Prof. Dr. Francisco Lotufo Neto, professor livre-docente do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Examinadores: Prof. Dr. Paulo Dalgalarro, Doutor pela Universidade de Heidelberg (Alemanha), livre-docente em Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas); Prof. Dr. Leonardo Caixeta, psiquiatra, doutor em Neurologia pela Universidade de São Paulo, professor da UFG (Universidade Federal de Goiás); Prof. Homero Vallada, livre-docente, Professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP e da Universidade de Londres, maior especialista em genética psiquiátrica no Brasil e pelo Prof. Dr. Paulo Rossi Menezes, psiquiatra e epidemiologista, doutor pela London University, livre-docente da faculdade de Medicina da USP.

[← 54]

A Ordem Rosacruz ou Rosacrucianismo foi provavelmente fundada nos primeiros anos do século XVII e reporta-se a diferentes ordens místicas e esotéricas conhecidas por fraternidades. A par do misticismo e rituais iniciáticos, o Rosacrucianismo dedica-se a trabalhar pelo progresso espiritual da humanidade por via dos ensinamentos que ministra e das ações de assistência e caridade que promove junto dos mais necessitados.

[← 55]

Apometria – Técnicas de desdobramento para curas espirituais e desobsessões, não vinculadas a correntes e cultos religiosos, muito embora sejam usadas em alguns terreiros umbandistas e centros kardecistas.

[← 56]

Reiki – Terapia japonesa que utiliza a energia vital universal a que dá a designação de Ki e que pode ser manipulada através das mãos e do uso de símbolos para proporcionar cura e equilíbrio físico, emocional e espiritual ao paciente. Estas energias atuam preferencialmente nos chakras, limpando-os e energizando-os.

[← 57]

Pela Leitura da Aura é possível avaliar e reconhecer o tipo de energia existente no campo áurico de um consulente e a forma como está a afetar a sua saúde, os seus relacionamentos familiares e sociais, assim como os projetos que tem em mente. No decurso da consulta, o terapeuta (leitor da aura) pode ir a algumas vidas passadas do consulente. As imagens e situações vividas pelo paciente nessas existências pretéritas, transmitem mensagens úteis para o momento presente. Finalmente, o terapeuta faz a limpeza energética, com a remoção de bloqueios e reequilíbrio dos chakras.

[← 58]

Yoga - De origem indiana, o Yoga caracteriza-se pela prática de exercícios físicos (posturas) e respiratórios que visam o controle da mente e do corpo físico, de forma a proporcionar o bem-estar e a iluminação da consciência.

[← 59]

As glândulas endócrinas segregam importantes substâncias químicas denominadas hormonas e que entram diretamente na corrente sanguínea ou através de outros fluídos corporais.

[← 60]

A clarividência é uma aptidão psíquica que permite o acesso imediato a imagens visuais ou mentais de espíritos, formas-pensamento e outros fenômenos que estão fora das capacidades dos sentidos do homem.

[← 61]

Entrevista com o doutor Sérgio Felipe de Oliveira, psiquiatra e mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo, Diretor-clínico do Instituto Pineal Mind e Diretor-presidente da AMESP (Associação Médico-Espírita de São Paulo). Artigo de Paula Calloni de Souza, publicado na Revista Espiritismo e Ciência - Vol.3.

[← 62]

Os plexos são concentrações de muitas ramificações do sistema nervoso, sendo que as glândulas endócrinas situam-se nessas regiões.

[← 63]

O prana ou fluido vital, também chamado de princípio vital, é responsável por todas as formas de vida física existentes no nosso orbe. Resulta da transformação do fluido cósmico universal – existente em todo o Universo – quando entra na atmosfera solar e se expõe à radiação das energias físicas e extrafísicas do Sol.

[← 64]

Robson Pinheiro (1961) é um médium brasileiro que se tem destacado pela produção de vasta obra psicografada de natureza espiritualista, de que se salientam, entre muitas outras, “Tambores de Angola”, “Energia” e “Aruanda”. Fundou a editora “Casa dos Espíritos” e o “Núcleo de Expansão de Consciência”, um organismo responsável pela divulgação da doutrina espírita, além de outras iniciativas de carácter cultural e doutrinário. Atua na “Sociedade Espírita Everilda Batista, onde desenvolve atividades mediúnicas e sociais.

[← 65]

Pétalas etéreas – Um chakra, para muitos clarividentes, assemelha-se a uma flor com pétalas em movimento constante e regular. Cada chakra tem um determinado número de pétalas, também chamadas de raios.

[← 66]

A pituitária ou hipófise é uma glândula endócrina localizada na base do crânio, com ligação ao hipotálamo e que regula grande parte das suas funções. É uma das mais importantes glândulas do corpo humano, produzindo numerosas hormonas que intervêm na regulação da atividade de outras glândulas e em várias funções do organismo. Está associada ao Chakra frontal (ou Ajna) do terceiro olho, da visão interna ou espiritual.

[← 67]

O inglês Charles Webster Leadbeater (1847-1934) foi sacerdote da Igreja Anglicana e Bispo da Igreja Católica Liberal. Clarividente, escritor, orador, teósofo e maçom é reconhecido como uma das mais respeitadas personalidades da “Sociedade Teosófica”. Da sua vasta obra, “Os Chakras” e o “Mundo Astral”, são alguns dos seus mais conhecidos livros.

[← 68]

A coroa de um médium refere-se ao conjunto de entidades espirituais com quem o espírito estabeleceu compromissos antes de encarnar, todos eles relacionados com a prática do bem, da caridade e de resgates cármicos.

[← 69]

Citado do livro “Diversidade dos Carismas”, de Hermínio C. Miranda.

[← 70]

Bezerra de Menezes, de seu nome completo Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti (1831-1900), nasceu em Riacho do Sangue (com o atual nome de Jaguaratama), no Estado do Ceará. Foi médico, militar, escritor, político, jornalista e um dos maiores expoentes da doutrina espírita no Brasil, sendo considerado o “Kardec brasileiro”. Agiu a favor do abolicionismo e da integração dos negros na sociedade civil através de uma formação educativa sem preconceitos nem discriminações. Distinguiu-se, também, como emérito autor de artigos e livros publicados, tendo sido presidente da Federação Espírita Brasileira. Como espírito desencarnado continua a trabalhar na cura e tratamentos espirituais em muitos centros espíritas e locais onde a sua benemérita ação se faz necessária.

[← 71]

Yvonne do Amaral Pereira (1900-1984) foi uma famosa médium brasileira, tendo sido autora de diversas obras psicografadas. Esperantista, autodidata e possuidora de invejável cultura, deixou importante acervo de livros psicografados e de obra própria, nomeadamente artigos na imprensa.

[← 72]

In “Portal do Espírito” (www.espirito.org.br).

[← 73]

O Espírito Emmanuel teve grande influência na vida e na produção literária de Chico Xavier, sendo considerado como seu orientador espiritual. A sua colaboração na obra psicografada por Chico Xavier ascende a várias dezenas de livros.

[← 74]

Citado do livro “Missionários da Luz”, do Espírito André Luiz, psicografado por Chico Xavier.

[← 75]

O médico e professor universitário Dr. José Tomás de Sousa Martins (1843-1897), popularmente conhecido por Dr. Sousa Martins, nasceu em Alhambra, Portugal. Licenciado em Farmácia e Medicina, foi um dedicado trabalhador da saúde que, na maioria dos casos, consultava sem cobrar, nomeadamente quando se tratava de doentes pobres. Foi pioneiro na luta contra a tuberculose que, na época, fazia inúmeras vítimas, tendo-se empenhado na construção de sanatórios em locais de clima apropriado. Devido a ter sido um médico brilhante, um homem caridoso e um orador eloquente, almejou enorme prestígio nacional e internacional, tornando-se uma referência inestimável para colegas e alunos e numa figura popular muito amada. Decorridos mais de um século sobre o seu falecimento, o Dr. Sousa Martins continua a ser procurado e venerado por todos aqueles que, em prece ou nas consultas espíritas, a ele recorrem pedindo ajuda para os seus males.

[← 76]

“Rezar resolve?”, por Peter Maass. Artigo da “Revista Superinteressante”, setembro 2000.

[← 77]

Trecho do livro “Vozes de Aruanda”, dos Espíritos Ramatís e Vovó Maria Conga, psicografado por Norberto Peixoto.

[← 78]

Sugere-se a leitura da obra: “Ablaze! The Mysterious Fires of Spontaneous Human Combustion”, de Larry E. Arnold.

[← 79]

Citado da obra “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec.

[← 80]

Allan Kardec, na obra “O Livro dos Espíritos”, utilizou a chamada “cesta de bico”, um processo de escrita mediúnica muito lento e que foi posteriormente substituído pela psicografia mecânica. Médiuns como as irmãs adolescentes Julie e Caterine Baudin, assim como Ruth Japhet e Ermance Dufaux, psicografaram grande parte das obras de Kardec.

[← 81]

Extraído de artigo de Maria Madalena Naufal, IPPB - Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas.

[← 82]

Setenário significa que contém ou vale sete elementos ou unidades. No sentido aqui atribuído, refere-se à existência de uma lei universal em que o número sete está presente nas suas diferentes manifestações, como nos sete principais chakras, nos sete dias da semana, nas sete cores do arco-íris, etc.

[← 83]

Sensitivos – São indivíduos capazes de sentir a presença de espíritos ou vibrações provocadas por estes. Os sensitivos, também considerados médiuns, conseguem frequentemente diferenciar os espíritos mais desenvolvidos dos mais atrasados.

[← 84]

Centelhas divinas ou mónadas – São princípios divinos, incorruptíveis e sujeitos a evolução. A centelha divina, ao assumir uma individualidade quando encarna no ser humano, converte-se num Espírito.

[← 85]

Lobsang Rama é o pseudónimo do inglês Cyril Hoskin (1910-1981), autor de vasta obra literária consagrada ao ocultismo e aos mistérios do Além. Parte da sua vida foi no Tibete onde adquiriu profundos conhecimentos que transmitiu através dos seus livros, sendo “A Terceira Visão” a obra mais conhecida. Segundo Cyril Hoskin, o seu corpo passou a ser “ocupado” pela alma de Lobsang Rama, um Lhama tibetano que tomou a sua individualidade física.

[← 86]

Carlos Torres Pastorino (1910-1980), nascido no Rio de Janeiro, foi padre católico, convertendo-se mais tarde ao espiritismo. Possuidor de grande inteligência e de sólida cultura, publicou diversas obras, sendo as mais conhecidas “Minutos de Sabedoria” e “Técnica da Mediunidade”.

[← 87]

Extraído do livro “Ação e Reação”. Comunicação do Espírito André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier.

[← 88]

Extraído do livro “Libertação”. Comunicação do Espírito André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier.

[← 89]

A origem de Ramatís perde-se nos confins do tempo e do espaço, pois esse espírito luminoso provém, segundo alguns autores, do sistema solar de Sírius. Encarnando na Terra, esteve presente nos momentos mais cruciais da história do homem, vivendo no Egípto, Índia, China e Grécia, entre outros países e regiões. A sua última encarnação foi no século X, na Indochina. O Mestre Ramatís representa a síntese do conhecimento das culturas oriental e ocidental, desempenhando um papel muito importante na evolução da consciência crística da humanidade terrena, sendo os seus notáveis trabalhos psicografados por médiuns como Hercílio Maes e Norberto Peixoto, entre outros.

[← 90]

Norberto Peixoto (1963) é um médium brasileiro e escritor umbandista que se notabilizou pela psicografia das recentes obras do espírito Ramatís. Fundou a “Editorial Triângulo da Fraternidade” e é médium e dirigente da “Choupana do Caboclo Pery”, em Porto Alegre.

[← 91]

A linha de esquerda da Umbanda é formada por Exus e Pombagiras de Lei. São espíritos de Luz que trabalham ativamente em prol do bem e da caridade, desempenhando um papel muito importante no combate às forças trevosas, daí serem igualmente conhecidos como polícias do Astral.

[← 92]

Trecho da obra “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda”, de Leal de Souza. Jornalista e crítico literário, Leal de Souza (1880-1948), de nacionalidade brasileira, foi um profícuo escritor, tendo sido autor da obra “No Mundo dos Espíritos”, o primeiro livro sobre a Umbanda, publicado em 1925. Conviveu com o médium Zélio de Moraes. Como poeta, após o seu falecimento, foi psicografado por Chico Xavier.

[← 93]

Hercílio Maes (1913-1993), advogado e contabilista de origem brasileira, foi um famoso médium que psicografou diversos livros do Espírito de Ramatís, salientando-se, entre outros, “Mensagens do Astral”, “A Vida Além da Sepultura” e a “A Sobrevivência do Espírito”.

[← 94]

Extraído da letra do hino oficial da Umbanda, composto por José Manuel Alves, um português radicado no Brasil.

[← 95]

Citado de o “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

[← 96]

Um estudo publicado pelo Instituto Astrofísico de Paris considera a possibilidade de existirem 160 mil milhões de planetas na Via Láctea, o que é assombroso. É qualquer coisa como 22 planetas da nossa galáxia por cada habitante terrestre! Por outro lado, se considerarmos que o Universo observável deverá ter cerca de 100 mil milhões de galáxias, então o número de planetas é... incomensurável! O referido estudo defende, ainda, que a maioria dos planetas da nossa galáxia deverão ter uma estrutura pequena e rochosa semelhante à da Terra.

[← 97]

Nas fileiras do bem também há magos e bruxos, mas que trabalham com a chamada magia branca, ou seja, praticam os seus conhecimentos mágicos respeitando as leis divinas e combatendo, muitas vezes, a magia negra.

Um macumbeiro pode ser alguém que faz feitiços (macumbas) para a prática do mal através da magia negra. Mas a palavra macumba reporta-se igualmente ao nome de um instrumento musical africano, assim como aos rituais religiosos de origem africana, com influência cristã, que são acompanhados de danças e cantos ao som de tambores.

[← 98]

Citado da obra “O Consolador”, do Espírito Emmanuel. Livro psicografado por Chico Xavier.

[← 99]

Matta e Silva (1917-1988), também conhecido como Mestre Yapacani, nasceu no Rio de Janeiro. Distinguiu-se como escritor, médium e foi o fundador da chamada “Umbanda Esotérica”. Escreveu importantes obras como “Umbanda de Todos Nós”, “Umbanda e o Poder da Mediunidade” e “Doutrina Secreta da Umbanda”, entre outras. Procurou, através das suas pesquisas e trabalhos publicados, defender a Umbanda como uma religião com bases científicas e filosóficas.

[← 100]

Citado da obra “O Consolador”, pelo Espírito Emmanuel. Livro psicografado por Chico Xavier.

[← 101]

Extraído de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

[← 102]

Citado de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

[← 103]

Alexandre Cumino é editor-chefe do Jornal de Umbanda Sagrada, tendo criado a primeira turma de “Teologia de Umbanda Sagrada”, responsável pela formação de milhares de umbandistas.

[← 104]

Citado de “A Missão da Umbanda”, do Espírito Ramatís. Obra psicografada por Norberto Peixoto.

[← 105]

Exú Mirim e Pomba Gira Mirim – Seres Encantados que se manifestam com o arquétipo de adolescentes. São entidades espirituais muito úteis nos trabalhos de amor e caridade da Umbanda.

[← 106]

Jurema – Tradição religiosa nordestina que utiliza uma variedade de acácia (chamada Jurema) como elemento sagrado no seu culto, além de cultuar os Orixás do panteão africano. Como muitas das religiões de origem popular, a Jurema sincretiza rituais indígenas, catolicismo e práticas de magia, entre outros. Os Mestres da Jurema são Encantados que se dedicam ao aconselhamento e cura dos pacientes que a eles recorrem. Diversos terreiros de Umbanda integram elementos da Jurema nas suas giras.

[← 107]

Catimbó – Originário das regiões nordestinas brasileiras, o Catimbó agrega um conjunto de ritos de pajelança, com práticas europeias de magia e de crenças fundadas no catolicismo. Nas sessões são cultuados os Santos católicos e Jesus Cristo, assim como as ervas sagradas e a árvore da Jurema.

[← 108]

José Bairrão é docente de Psicologia Social no Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Entre os diversos trabalhos de pesquisa e desenvolvimento de José Bairrão, são de salientar os estudos de etnopsicologia de comunidades religiosas afro-brasileiras.

[← 109]

Citado da obra “Opúsculos” - Volume V - Etnologia (Parte 1), de Leite de Vasconcelos. Considerado o maior filólogo português, Leite de Vasconcelos (1858-1941), notabilizou-se igualmente como etnógrafo, linguista, arqueólogo e escritor.

[← 110]

Cultos xamânicos – Conjunto de crenças ancestrais com o emprego de magia por parte de um xamã (curandeiro).

[← 111]

In: A Missão da Umbanda”, psicografado por Norberto Peixoto.

[← 112]

Paracelso (1493-1541), de seu verdadeiro nome Philipus T. B. von Hohenheim, foi um médico, alquimista e investigador suíço renascentista. A sua doutrina procura defender as afinidades existentes entre o corpo humano e o mundo exterior, baseando-se em métodos tidos como científicos, juntamente com outros do foro místico. Paracelso é considerado o pai da medicina, tendo sido um profundo conhecedor das energias da Natureza e na sua manipulação para fins benéficos.

[← 113]

Lívio Vinardi, doutorado em Física e Engenharia, é membro da Sociedade Científica Argentina e fundador da Biopsicoenergética. Profícuo investigador, conferencista e membro de diversas organizações internacionais relacionadas com a parapsicologia e o esoterismo, tem igualmente contribuído para o estudo da aura humana, mediante a criação de equipamentos eletromagnéticos destinados a esse fim.

[← 114]

Teósofo, médico, historiador e filósofo, Jorge Angel Livraga (1930-1991), nasceu em Buenos Aires. Dedicou-se ao longo da vida «a promover a fraternidade entre os indivíduos e os povos, a combater a miséria material e moral dos seus contemporâneos e a defender a liberdade de consciência e de expressão onde estas se vissem ameaçadas ou restringidas». Foi fundador da “Organização Internacional Nova Acrópole”, uma ONG consagrada à formação filosófica dos jovens e que está presente em mais de cinquenta países. Este distinto professor humanista publicou vários trabalhos sobre as antigas culturas e civilizações, romances, assim como ensaios filosóficos e reflexões sobre o mundo atual, além de diversos artigos.

[← 115]

Do livro “Mensagens do Grande Coração”, dos Espíritos Ramatís, Nikanor e Akenaton. Obra psicografada por América Paoliello Marques e Wanda B. P. Jimenez.

[← 116]

Obeah - Sistema religioso afro-caribenho que inclui ritos africanos, cubanos e do candomblé brasileiro. A prática do vodu haitiano e a influência do cristianismo estão igualmente presentes nesta religião. Os rituais incluem o uso de substâncias alucinogénias e de práticas ocultistas, como a magia.